



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**HÉLIO SOUZA DE CRISTO**

**JUVENTUDE E MEIO AMBIENTE:  
NARRATIVAS DE JOVENS AMBIENTALISTAS DO ESTADO  
DA BAHIA**

Feira de Santana-BA  
2017

**HÉLIO SOUZA DE CRISTO**

**JUVENTUDE E MEIO AMBIENTE:  
NARRATIVAS DE JOVENS AMBIENTALISTAS DO ESTADO  
DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de concentração Culturas, Formação e Práticas Pedagógicas.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Leandro Barzano

Feira de Santana-BA  
2017

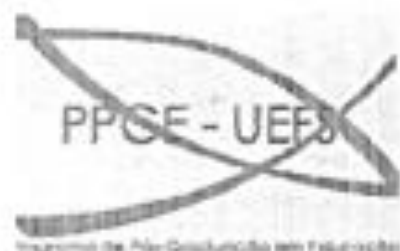
## Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Cristo, Hélio Souza de  
C951j Juventude e meio ambiente: narrativa de jovens ambientalistas do  
estado da Bahia. /Hélio Souza de Cristo. Feira de Santana, 2017.  
244f.

Orientador: Marco Antonio Leandro Barzano  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana.  
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

1.Juventude – Engajamento militante. 2.Meio ambiente. 3.Socialização  
política. I.Barzano, Marco Antonio Leandro (orient.). II.Universidade  
Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU : 504



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
Autorizada pelo Decreto Federal Nº 77.496 de 27/04/76  
Reconhecida pela Portaria Ministerial Nº 874/86 de 19/12/86  
Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 9271 de 14/12/04

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

HELIO SOUZA DE CRISTO

JUVENTUDE E MEIO AMBIENTE: NARRATIVAS DE JOVENS  
AMBIENTALISTAS DO ESTADO DA BAHIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, na área de Culturas, Formação e Práticas Pedagógicas como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação.

Feira de Santana, 10 de março de 2017

Prof. Dr. Marco Antonio Leandro Barzani - Orientador

Prof. Dr. Paulo Cesar Rodrigues Carraro - Primeiro Examinador

Prof. Dr.ª Denise Helena Pereira Laranjeira - Segunda Examinadora

RESULTADO: APROVADO

Dedico esta dissertação aos Davis, Elens, Jéffersons, Laíses, Laises, Lorranas, Melindas, Rafaéis, Uendersons e Vanessas que se encontram espalhados pelo mundo fazendo das suas trajetórias de vida porta-vozes e pontes para a construção de sociedades mais justas, democráticas e esperançosas. À juventude que milita, luta e resiste aos golpes e retrocessos dos tempos temerários e, sobretudo, acredita que um outro mundo é possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer é reconhecer que a caminhada valeu a pena. Então, aqui registro os meus mais sinceros e verdadeiros agradecimentos a todos que fizeram dessa caminhada mais leve, significativa e prazerosa.

Porque os primeiros passos são os mais importantes, minha gratidão inicia por Alessandra Ribeiro, que me apresentou o edital de seleção do mestrado, incentivou e torceu a cada etapa da seleção. Sou, imensamente, grato!

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, especialmente pela qualidade docente e empenho de seus funcionários técnico-administrativos, que viabilizaram a travessia e a minha construção profissional durante o Mestrado. É uma honra ser aluno dessa instituição!

Ao meu estimado orientador, Prof. Dr. Marco Antonio Leandro Barzano, pela oportunidade de compartilhar saberes, conhecimentos e experiências durante esses dois anos. Agradeço pelas falas e escutas respeitadas e comprometidas em cada orientação, sobretudo por confiar em mim e em meu trabalho. Agradeço pela leveza, sorriso e paz de espírito com que conduziu as orientações e a produção deste trabalho. Características que, a meu ver, são fundamentais por permitirem que a caminhada e a travessia acadêmicas aconteçam sem perder o rigor científico e o pulsar da intensidade da vida.

À banca examinadora, composta pelo Prof. Dr. Paulo Cesar Rodrigues Carrano, Prof. Dr. Nei Nunes Neto e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Helena Pereira Laranjeira, agradeço pela disponibilidade e acolhimento para avaliar e contribuir com este trabalho. Agradeço por cada fala e ponderações feitas à época da qualificação que, em seu conjunto, deram conteúdo e forma aos objetivos da pesquisa.

Aos membros do Grupo de Pesquisa Rizoma, especialmente ao Prof. Dr. Marco Antonio Leandro Barzano, pela seriedade e competência como coordena este grupo e, sobretudo, dedica-se para que a formação humana, crítica, reflexiva, libertadora e ética seja uma realidade no cenário educacional em suas interfaces políticas, culturais, ideológicas, econômicas, ambientais e sociais. Enfim, agradeço a cada membro do Rizoma pelas aprendizagens compartilhadas.

À Prof<sup>a</sup>. Mirela Figueiredo Santos Iriart, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Helena Pereira Laranjeira e aos colegas do componente curricular “Juventude e Educação” agradeço por possibilitarem maior aproximação com as leituras, reflexões e vivências sobre a temática Juventude.

Agradeço, também, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena da Rocha Besnosik e ao Prof. Dr. Miguel Almir Lima de Araújo por cada aula e pelas contribuições para minha formação enquanto professor e pesquisador. Com certeza, levarei muito dos seus ensinamentos.

Aos colegas de turma, por todos os momentos e saberes compartilhados, inclusive pelo compartilhamento de angústias e alegrias via grupo no WhatsApp. Agradeço, em especial, a André Nunes Bispo, Clebson dos Santos Mota, Gilmara dos Santos Belmon Bomfim, Gracielia Novaes da Penha, Janaina da Conceição Santos Dias Almeida, Jussiana Silva dos Santos Rebouças, Nadjane Gonçalves de Oliveira e Sara Soares Costa Mamona pelas nossas conversas, trocas de conhecimentos, compartilhamento de textos e laços de amizades construídos.

Aos jovens ambientalistas que acolheram a pesquisa e abriram suas vidas ao narrarem suas trajetórias e percursos nos movimentos ambientalistas. Agradeço tanto pela disponibilidade de cada jovem que tão bem me acolheu quanto pela aprendizagem pessoal e acadêmica adquirida ao longo da pesquisa.

A Maria Solange dos Santos e Joel dos Santos, agradeço pelo acolhimento em Feira de Santana, as ajudas e formas carinhosas como me receberam e trataram durante o período em que fui seu inquilino e, especialmente, pelo carinho maternal e paternal dispensado a mim.

Ao amigo, companheiro e parceiro Teófanés Assis, agradeço por estar ao meu lado desde os primeiros momentos dessa trajetória, pela companhia sempre presente, pelos silêncios compreendidos e, sobretudo, pela escuta sempre atenciosa e disponível. Com certeza, sem você, esse processo seria mais difícil.

A Valmer Argolo e sua família pelo incentivo e ajudas necessárias, especialmente no processo de mudança para Feira de Santana e pelo cuidado dispensado à minha irmã enquanto me encontrava distante.

Aos colegas, amigos e alunos do Colégio Municipal de Morro de São Paulo/Zimbo pelo incentivo e vibrações positivas.

Ao prefeito Fernando Brito, à Secretária de Educação do município de Cairu-BA – Isabela Brito – e à Secretária de Governo, Ariana Coutinho, que dividiram comigo a alegria da aprovação no Mestrado e não tergiversaram quanto à liberação de sala de aula para cursá-lo. Agradeço pelo compromisso e responsabilidade com que tratam os processos de formação de professores.

Às amigas Júlia Rodrigues, Luana Figueiredo e Renata Magalhães, bem como ao amigo Joselito Silva pelas palavras de estímulo, por acreditarem no meu potencial, pelas ausências compreendidas e demonstrações de carinho.

Às amigas Elidiana de Jesus e Ilma Ângela Nunes pelo amor e demonstrações de cuidado.

À minha irmã, Anne Gabrielle de Cristo, por sua presença em minha trajetória, seu apoio, amor e paciência com as minhas ausências e tensões. Agradeço pela sua



atenção e escuta sensível, que possibilitaram o cumprimento de mais essa etapa da minha vida.

À minha tia, Iêda Maria Barbosa de Cristo e aos primos, Mariana Cristo Silva e Daniel Cristo Silva pelos deliciosos bolos que recebia quando chegava em Valença, mas principalmente por estarem sempre presentes e comporem os melhores e mais significativos momentos de minha vida.

À minha mãe, Celina Maria de Souza e à minha avó, Floripes Barbosa de Cristo (ambas *in memoriam*), agradeço pelos ensinamentos, experiências e amor tão acolhedores que continuam vivos e presentes dentro de mim, servindo de inspiração para a minha trajetória.

A Deus, por proporcionar a honra e graça deste momento, pelo seu amor incondicional e, sobretudo, pelo dom da vida.

Enfim, traduzo meus agradecimentos nos versos de Ana Vilela:

É saber se sentir infinito num universo tão vasto e bonito. É saber sonhar e, então, fazer valer a pena cada verso daquele poema sobre acreditar.

Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu. É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu. É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações. E assim ter amigos contigo em todas as situações.

A gente não pode ter tudo, qual seria a graça do mundo se fosse assim? Por isso, eu prefiro sorrisos e os presentes que a vida trouxe pra perto de mim.

“A juventude? É uma maravilha. A juventude é quase tudo. É a humanidade e a esperança, recomeçando.”

(Guimarães Rosa)

## RESUMO

O presente estudo busca compreender e refletir os processos de socialização que figuram os percursos e trajetórias juvenis como disposições ao engajamento na militância em grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas. Neste sentido, pensa-se também na imbricação da escola enquanto espaço educativo formal e de socialização das gerações no que tange às discussões sobre meio ambiente. A pesquisa é de cunho qualitativo e se estrutura, em duas etapas, quais sejam: a primeira, com a aplicação de questionário de perfil socioeconômico e, posteriormente, a realização de entrevistas semiestruturadas, enquanto eixo-chaves para a construção das narrativas orais dos jovens sujeitos da pesquisa. A relação entre juventude e meio ambiente é estudada – nesta pesquisa - considerando as categorias engajamento militante e socialização política como ferramentas que contribuem para a formação e construção dos projetos e trajetórias de vida dos jovens ambientalistas enquanto sujeitos sociais e políticos, partindo da natureza histórica e plural subjacente ao conceito de juventude. Dada à peculiaridade das categorias abordadas, a pesquisa é realizada com jovens do estado da Bahia que participam, ativamente, de movimentos, grupos e projetos ambientalistas situados em diferentes municípios baianos. Por isso, a pesquisa é tecida em uma perspectiva sócio-histórica, em que o meio ambiente é entendido como campo de lutas e conflitos perpassado por questões sociais, políticas, culturais, éticas e econômicas. O caminho de chegada até os processos de socialização que levam ou motivam os jovens a se engajarem na militância ambientalista é marcado, neste trabalho, pela discussão de questões que interceptam o encontro entre a temática juventude e meio ambiente como identidade e projeto de vida, ética e educação ambiental, condição juvenil e influência das agências socializadoras na formação dos sujeitos ecológicos. Para tal, a pesquisa se debruça nas ideias e pressupostos teóricos que se constituem como campo amplo e significativo à construção de diálogos entre teorias sociológicas e pedagógicas, que permitem perceber quais processos de socialização tecem e constroem as disposições juvenis no campo do engajamento militante ambientalista. Por meio das narrativas, percebeu-se que as relações escolares, familiares, com grupos de sociabilidades, participação em sindicatos, associações e pastorais da juventude influenciam no engajamento militante juvenil ambientalista, bem como há necessidade de refletir e desenvolver ações que evoquem a participação política institucionalizada da juventude ambientalista.

**Palavras-chave:** Juventude. Meio Ambiente. Engajamento Militante. Socialização Política.

## ABSTRACT

This paper aims to understand and reflect on processes of socialization that represent the paths and juvenile trajectories as dispositions to engage in militancy in groups, collectives, organizations and environmental movements. Therefore, the imbrication of the school is considered as a space of formal education and socialization of the generations regarding the discussions about the environment. The research is qualitative and structured in two stages: first, with the application of a socioeconomic profile questionnaire; later, semi-structured interviews, as key points for the construction of oral narratives of young people research subjects. The relationship between youth and the environment is studied - in this research - considering the categories militant engagement and political socialization for tools that contribute to the formation and construction of projects and life trajectories of young environmentalists like social and political subjects, starting from the historical and plural concept underlying the concept of youth. Because of the peculiarity of the categories discussed, the research is conducted with young people from the state of Bahia who actively participate in movements, groups and environmental projects located in different municipalities of Bahia. Thus, research is made from a socio-historical perspective, in which the environment is understood while a field of struggles and conflicts permeated by social, political, cultural, ethical and economic issues. The path of arrival to the processes of socialization that lead or motivate young people to engage in environmental activism is marked in this paper by the discussion of issues that intersect the encounter between youth and the environment as identity and life project, ethics and environmental education, youth condition and influence of socializing agencies in the training of ecological subjects. For this, the research focuses on the theoretical ideas and assumptions that constitute a broad and significant field for the construction of dialogues between sociological and pedagogical theories, which allow us to perceive which socialization processes compose and construct the juvenile dispositions in the field of militant environmentalist engagement. Through the narratives, it has been observed that school, family, social groups, participation in unions, youth associations and youth ministries influence the youth environmental activism engagement, as well as it has been shown that reflecting and developing actions that evokes the institutionalized political participation of youth environmentalist are needed.

**Keywords:** Youth. Environment. Activist Engagement. Political Socialization.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BA	Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEJCS	Colégio Estadual João Cardoso dos Santos
CO <sub>2</sub>	Dióxido de Carbono
COM-VIDA	Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola
COP	Conferência das Partes
EA	Educação Ambiental
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciências
GAAJE	Grupo Aventura Ambiental de Jeremoabo
GAASB	Grupo Aventura Ambiental de Santa Brígida
GAMBÁ	Grupo Ambientalista da Bahia
GT	Grupo de Trabalho
IFBaiano	Instituto Federal Baiano
JPV	Juventude do Partido Verde
LGBTTTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
NTICs	Novas Tecnologias da Informação e Comunicação
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PJ	Pastoral da Juventude
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PT	Partido dos Trabalhadores
PV	Partido Verde
REJUMA	Rede da Juventude pelo Meio Ambiente
RJ	Rio de Janeiro
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SE	Sergipe
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SINAJUVE	Sistema Nacional de Juventude

TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCAM	Universidade Cândido Mendes
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Faculdade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UnB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	17
<b>1. PERCURSOS E ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b>	30
1.1. TRAJETÓRIA DA PESQUISA	30
1.2. POR QUE NARRATIVAS?	35
1.3. OS SUJEITOS DA PESQUISA	38
<b>2. JUVENTUDE: ANTIGAS QUESTÕES, NOVAS ABORDAGENS</b>	59
2.1. DE QUEM SE FALA QUANDO SE USA O TERMO JUVENTUDE?	59
2.2. JUVENTUDE: UMA CATEGORIA DE SUJEITOS PLURAIS	65
2.3. PROJETOS DE VIDA: CATEGORIA-CHAVE DA CONDIÇÃO JUVENIL	76
2.4. MEIO AMBIENTE: NOSSO VELHO (DES)CONHECIDO	86
2.5. ÉTICA AMBIENTAL	101
2.5. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA ALTERNATIVA (?)	120
<b>3. O QUE SE PODE ESPERAR DOS JOVENS AMBIENTALISTAS?</b>	134
3.1. ENGAJAMENTO JUVENIL: A PRÁXIS DO SER JOVEM-AMBIENTALISTA	134
3.2. SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA JUVENIL: UMA CATEGORIA EM DISPUTA	154
<b>4. DA SOCIALIZAÇÃO AO ENGAJAMENTO MILITANTE: QUE BASES SUSTENTAM OS PERCURSOS DA JUVENTUDE AMBIENTALISTA?</b>	180
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	218
<b>REFERÊNCIAS</b>	227
<b>APÊNDICES</b>	237

## INTRODUÇÃO

Como podemos pensar em Meio Ambiente sem considerar os jovens<sup>1</sup>? É possível refletir sobre Sustentabilidade sem pensar neles? De que maneira os programas e políticas de educação podem contribuir para estreitar as discussões entre Meio Ambiente e Juventude? Como discutir a forma que a geração atual tem suprido suas necessidades e o seu compromisso com a sobrevivência das gerações futuras? Que efeitos sociopolíticos uma juventude ambientalista engajada produz?

Responder a essas questões não é tarefa fácil! Até mesmo porque as produções de pesquisas que perpassam o campo da juventude e meio ambiente não possuem um número significativo, especialmente no que tange ao que os jovens pensam e sabem sobre meio ambiente e o seu papel na construção de sociedades sustentáveis. Por isso, educação aqui é entendida como um processo amplo e dinâmico que se dá para além dos processos formais da escola.

Importante destacar que a aproximação com a temática juventude e meio ambiente está muito relacionada com o meu percurso profissional, especialmente ao período em que ministrei aulas em um curso Técnico em Meio Ambiente entre 2012 e 2013 no Colégio Estadual João Cardoso dos Santos - CEJCS, situado no município de Valença-BA. Essa experiência suscitou questionamentos sobre as motivações que impulsionam e influenciam a juventude a se engajar em questões ambientais, assim como ingressar e militar em movimentos ambientalistas.

Nesse sentido, embora as primeiras inquietações tenham surgido das experiências docentes em espaços formais de educação, o desejo de estudo foi se encaminhando por compreender as disposições juvenis para o engajamento na militância ambiental em que os jovens estão imersos, também, em outros espaços educativos como grupos, coletivos, movimentos e organizações ambientalistas.

Daí que a aproximação e aprofundamento com o tema foram se solidificando na tentativa de compreender as seguintes questões: o que desperta ou atrai o interesse dos jovens em participarem de organizações, grupos ou coletivos ambientalistas? De quais ações ambientalistas participam ou estão envolvidos? Como se dá o ritual de ingresso nessa participação e envolvimento? Como a

---

<sup>1</sup> Para efeitos desse trabalho, consideram-se “jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”, conforme o artigo 1º da Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE (BRASIL, 2013).



militância e o engajamento ambientalistas estão relacionados às suas trajetórias e seus projetos de vida? A participação em movimentos ambientalistas auxilia na construção tanto das suas identidades quanto de uma sociedade mais justa, igualitária e comprometida com as gerações futuras? Qual relação os jovens estabelecem entre suas experiências e aprendizagens na militância ambientalista e outros espaços educativos?

Diante dessas questões – digamos paralelas – o presente trabalho debruça-se no seguinte problema de pesquisa, que se constitui a sua questão-chave: *“Quais processos de socialização levam os jovens a se engajarem em movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas?”*.

A problemática acima busca compreender quais eventos, experiências, ensinamentos, processos de socialização e sociabilidades estão presentes nas trajetórias de vida da juventude ambientalista que motivaram a sua aproximação junto aos movimentos ambientalistas. E desse modo, através de suas narrativas, aparecem também os aspectos referentes ao tempo em que tais experiências aconteceram e os significados delas para a disposição ao engajamento na militância ambiental, como a relação entre a educação familiar, a formação escolar, a lembrança de paisagens, pessoas, livros e aulas às suas experiências e construção de percurso no engajamento militante ambientalista.

Ao conceber relações, representações e considerações que os jovens constroem de si e do meio ambiente, enquanto espaço de vivências e produções, parte-se da premissa de que o possível envolvimento de muitos jovens com diferentes espaços de socialização representa especificidades que podem estar ou não relacionadas às suas pré-disposições ao engajamento militante ambientalista. E, nesse sentido, é que a problemática dessa pesquisa busca descobrir quais processos de socialização influenciam na construção do percurso de jovens no engajamento militante ambientalista, haja vista que ninguém nasce engajado e militante e, portanto, acredita-se na existência de processos de socialização que são portas de entrada dos jovens para o engajamento militante no universo ambientalista.

Pressupõe-se que a militância – nas suas mais diversas modalidades de engajamento – é fruto de processos de aprendizagens, transmissão de valores, condutas, posturas, redes de contatos e vivências. Portanto, de processos de

socialização política que, na maioria das vezes, estão relacionados aos núcleos escolar e familiar, por serem estas as primeiras e, geralmente, mais fortes instituições de contatos e criação de vínculos da juventude.

Assim, partindo do princípio que no limiar do século XXI a concepção de que escola e família já não são as únicas agências socializadoras das gerações mais novas, o presente trabalho surge no pensamento de que nesses processos de socialização que ocorrem dentro e fora dos espaços escolares e familiares, bem como em um cenário da sociedade atual em que o próprio desenvolvimento científico-tecnológico tem apontado e denunciado, cada vez mais, a necessidade e importância de pensar em ações sustentáveis que garantam a sobrevivência das gerações futuras, parece-me que a juventude atual se encontra engajada com as questões e causas ambientalistas.

E é nessa percepção que se torna emergente a necessidade de mergulhar nas narrativas desses jovens, a fim de compreender que campos e aspectos de socialização estão por trás ou subsidiam a efervescência de uma juventude que se engaja e desenvolve processos de militância ambiental na contemporaneidade, sem perder de vista as relações de lutas das gerações passadas, que se configuram como solo para as gerações presentes e horizonte para as gerações futuras<sup>2</sup>.

Novaes (2006) sinalizou que, mesmo em face aos trabalhos desenvolvidos pelas escolas nas interlocuções entre a Política Nacional de Educação Ambiental e o Ministério da Educação e do Ministério do Meio Ambiente, estes ainda eram incipientes ao desenvolvimento de consciências ecológicas e atitudes ambientalistas que avançassem inclusive nas discussões sobre esta temática. Após uma década, não se nega o fato de que há uma diversidade de jovens participando e atuando em movimentos e organizações, alguns deles estudantes de cursos técnicos em Meio Ambiente, que têm construído experiências, conhecimentos e narrativas no campo juventude e meio ambiente.

Pensar sobre esse “ser jovem em um tempo em que se dissemina o ideário ecológico” (NOVAES, 2006, p. 07) e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento

---

<sup>2</sup> Importante destacar que a histórias de lutas, engajamento e militância da juventude pelas questões ambientais se constitui um marco histórico e social de gerações anteriores, nas quais alguns ambientalistas brasileiros se destacaram, a exemplo de Chico Mendes, cuja influência do trabalho nos seringais com seu pai se constituiu como processo de socialização política às suas disposições ao engajamento e militância ambientalista (MILANEZ, 2013).

tecnológico atrai a juventude e corrobora para a produção de uma série de “lixo tecnológico” (cada vez mais descartável), se constitui um dos marcos principal da geração contemporânea pós-surgimento da ecologia<sup>3</sup>, enquanto potencialidade de refletir sobre o lugar que os jovens ambientalistas ocupam, de onde eles falam, o que os mobilizam e motivam a se envolverem em questões ambientalistas, quais imagens constroem de si e do seu contexto, identificando-se como atores e transformadores de si e da sociedade; transitando e rompendo, de acordo com Freitas (2013) com a ideia de “jovem problema” para “sujeitos de direitos”.

De acordo com Novaes (2015), os jovens da contemporaneidade têm vivido momentos históricos e sociais em que as tensões e conflitos entre o local e o global apresentam diferentes formas entre o viver o presente e construir o futuro, caracterizado por antigos e emergentes desafios que perpassam as discussões ambientalistas.

É nesse espaço entre o passado, o presente e o futuro que os diferentes processos de socialização vão construindo determinados modos de ser jovem-ambientalista. Nesta perspectiva, este trabalho parte da premissa que a juventude contemporânea vive um momento de conhecimento sobre as degradações ambientais, que apontam o quão intensa tem sido as dificuldades para a vida em sociedade e a necessidade de enfrentar as ameaças decorrentes da ação transformadora do ser humano. São nas narrativas dos jovens – sujeitos da pesquisa – que os acontecimentos e catástrofes ambientais adquirem uma dimensão muito mais ampla do que pode ser observado nos noticiários midiáticos, por exemplo<sup>4</sup>. Nelas, é possível perceber o quanto o engajamento militante ambientalista está associado a questões de cunho social, política, econômica, cultural, ideológica, religiosa e ética.

Isso mostra a relevância de colocar as questões ambientais como elementos centrais nas agendas políticas educacionais, dos movimentos sociais, governamentais e sindicalistas. Novaes (2006) alerta que é preciso dar visibilidade

---

<sup>3</sup> O termo “pós”, neste trabalho, não faz referência à ideia de oposição ao que seja atrasado ou passado. Ele apenas sinaliza que estamos falando de uma geração surgida “depois” da difusão das ideias ambientalistas que, de acordo com o Programa Juventude e Meio Ambiente (2006), faz menção aos jovens nascidos a partir do final dos anos 70.

<sup>4</sup> A exemplo do vazamento de óleo da Chevron na Bacia de Campos, no Rio de Janeiro (RJ), em 16 de novembro de 2011; e, mais recentemente, o rompimento da barragem da Samarco em Mariana (MG), em 05 de novembro de 2015.

às questões ambientais, porque elas sempre foram vistas como questões de menor importância e relegadas, especialmente pelos ideais “desenvolvimentistas”, como concepções românticas que poderiam gerar redução nos investimentos e lucros, apresentando-se como um empecilho à superação do atraso econômico.

É somente a partir da geração de 1968, com os chamados militantes ecológicos, que a legitimação e a preocupação com as questões ambientais tornam-se mais consistentes e busca-se romper com a ideia de que elas não dizem respeito a problemas sociais de cunho estrutural.

Dessa forma, através das discussões trazidas por Novaes (2012) sobre “as juventudes e a luta por direitos”, percebe-se que mesmo diante de um ideário ecológico já construído pelas antigas gerações a partir de movimentos de sensibilização realizados por organizações não-governamentais (ONGs) e coletivos de direitos humanos, a juventude contemporânea encontra-se perante e dentro de questões ainda não solucionadas e que, por vezes, não têm sido alvo de luta nos debates das agendas políticas e educacionais como reflexo da preocupação com o desenvolvimento sustentável, como a produção de lixo, a contaminação do ar e da água, a escassez da água, as queimadas e destruição das florestas.

Essas questões nos parecem antigas. Em contrapartida, existe aí a necessidade de investigar como tem ocorrido a práxis ecológica da abordagem dessas discussões no âmbito das reflexões e ações, ou seja, é preciso problematizar a realidade ambiental considerando os sujeitos ecológicos da contemporaneidade, conforme propõe Carvalho (2001). Se os problemas ambientais são antigos, o que tem movimentado as agendas dos jovens ambientalistas? Serão eles, simplesmente, os ditos romancistas dessa época? Quais são suas reais preocupações ao se debruçarem e dedicarem suas vidas às questões ambientais? Quais as bandeiras levantadas pela juventude contemporânea que luta por uma sociedade sustentável? Quais são os temas ambientais que a juventude tem atuado com mais frequência? Que processos de socialização atuam como fortes propulsores do imbricamento da juventude atual com as questões ambientais?

Logicamente, este trabalho não esgotará a discussão sobre todas essas questões, visto que sua questão central diz respeito aos processos de socialização que exercem influência na disposição juvenil ao engajamento na militância ambiental. No entanto, por um lado, são questões paralelas que estão nas

entrelinhas da problemática da pesquisa. E, por outro lado, são âncoras analítico-discursivas que chamam a atenção para o fato de que não se deve negar a validade e importância das gerações mais velhas, inclusive enquanto instâncias socializadoras das novas gerações, carregadas de sentidos, significados e modos de ser e estar no mundo.

Por isso, é preciso pontuar que a responsabilidade, o compromisso e a consciência acerca das questões ambientais não são atribuições restritas à geração juvenil contemporânea. O Estatuto da Juventude, por meio da Lei nº 12.852/13, assinala no artigo 34 que “o jovem tem direito à sustentabilidade e ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida, e o dever de defendê-lo e preservá-lo para a presente e as futuras gerações”.

O referido artigo reforça o caráter educativo e pedagógico dos processos de socialização intergeracional, bem como reconhece, como condição *sine qua non* do diálogo entre as gerações, o direito e o dever da juventude à participação ativa nos aspectos relacionados à efetividade da cidadania, da sustentabilidade, do desenvolvimento equilibrado e sadio do meio ambiente. Sobretudo, a conscientização de que “[...] desenvolvimento sustentável significa suprir as necessidades do presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprirem as próprias necessidades” (BENEVIDES, 2010, p. 01).

Neste aspecto, há que se considerar a posição privilegiada da escola enquanto instituição socializadora e, ao mesmo tempo, questionar sua função formadora das novas gerações no que diz respeito ao desenvolvimento da criticidade e consciência nas interlocuções entre Juventude e Meio Ambiente. Enquanto instituição socializadora de conhecimentos e formadora de opiniões e saberes, a escola exerce um papel nesse diálogo, já que o meio ambiente se constitui, na transversalidade, como elemento que perpassa os componentes curriculares, especialmente nos cursos técnicos de Meio Ambiente, onde a educação ambiental está no centro das propostas curriculares.

No período em que atuei como professor no curso Técnico em Meio Ambiente, pude perceber como os jovens experimentavam as possibilidades de propor ações que visavam melhorias e transformações do meio social numa

perspectiva político-sustentável, buscando problematizar, refletir e dialogar com os mais diversos problemas do seu contexto.

Nesse universo com jovens do Ensino Médio, o contato fez perceber que as questões ambientais que os motivam, não são necessariamente comuns a todos, como uma preocupação relacionada ao futuro, o que acaba se tornando o caminho escolhido por esses jovens para construção de seus sentidos juvenis. Isso inquietou-me à seguinte indagação: que acontecimentos, circunstâncias, fenômenos, aspectos ou experiências estão presentes nos percursos e repertórios de vidas desses jovens que os encaminharam ou despertaram suas disposições para o engajamento na militância ambientalista? Enfim, o que move os jovens a se tornarem militantes ambientalistas? Teriam em suas bases de disposições ao engajamento razões pessoais, familiares, escolares, acadêmicas, de grupos de amigos?

Compreender os arquétipos de socialização que se articulam para construir os percursos de engajamento na militância ambientalista significa considerar que os desafios postos à relação entre juventude e meio ambiente são constantes e complexos, especialmente no que tange à construção do diálogo entre as gerações, objetivando mudanças socioambientais de cunho intergeracional e intrageracional. Por isso, a articulação entre educação e meio ambiente se apresenta como um forte canal promissor à construção de seres críticos, reflexivos e protagonistas da efetiva sustentabilidade social.

Se por um lado, é preciso superar a visão romântica e superficial de meio ambiente que, por vezes, retira ou anula as questões sociais, culturais, econômicas, políticas, éticas e ideológicas que perpassam o campo das políticas públicas para juventude e o meio ambiente; cuja visão também contribui para que o engajamento militante ambiental juvenil não seja, na maioria das vezes, levado a sério e assumo o lugar da invisibilidade, conforme pode ser visto nas declarações dos jovens durante os capítulos desse trabalho. Por outro lado, a juventude contemporânea deve ser instigada a pensar no meio ambiente colocando o homem como ser atuante, transformador e consciente desse espaço.

Por isso, o presente trabalho parte da premissa que é função da educação, seja ela formal ou não-formal através das agências ou instituições socializadoras, possibilitar a formação de uma juventude que não apenas se preocupa, mas que é ativa. Não basta educar os indivíduos teoricamente, faz-se necessário educar *na* e

para a reflexão e ação correlacionadas às suas vivências cotidianas. A ação pela ação (sem consciência), assim como a reflexão sem a ação não constituem, significativamente, o desenvolvimento dos indivíduos e da sua capacidade de dialogar, conhecer e perceber o mundo.

Quanto a este aspecto, Freire (2011, p. 44) ressalta que “[...] esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blábláblá [...] não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação”.

Quando se questiona “quais processos de socialização levam os jovens a se engajarem em movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas?”, à luz das reflexões e desenvolvimento do trabalho metodológico, mais do que responder a um problema de pesquisa, tem no campo das intencionalidades e ações chamar a atenção para os possíveis hiatos e aproximações existentes entre o poder exercido pelos processos de socialização que incidiram com maior intensidade nos percursos de vida juvenis e as disposições dos jovens para o engajamento militante ambientalista. Ou seja, busca-se também desvelar a maneira como a temática ambiental tem sido ofertada e construída pela juventude contemporânea por meio da influência de agências socializadoras, principalmente entre aqueles que estão envolvidos em movimentos ou organizações ambientalistas.

Isso se constitui como um desafio, pois as discussões que permeiam neste trabalho, em torno das relações entre juventude e meio ambiente, buscam refletir para além da ideia de “engajamento juvenil”. A compreensão das interfaces ambientais possibilita uma percepção maior acerca da sociedade, servindo como “uma espécie de lente para as juventudes, na medida em que amplia concepções, expande ideias e visões de mundo, questiona e propõe novos valores, procurando perceber e integrar diferentes assuntos, questões e problemas ambientais” (NOVAES, 2006, p. 13).

Dessa maneira, considerando as lacunas na literatura acadêmica da discussão entre juventude e meio ambiente – que passa a ter maior visibilidade a partir da Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013<sup>5</sup> – o presente estudo nasce, justifica-se e vai se tecendo ao longo da sua investigação com o sentido de compreender

---

<sup>5</sup> Lei que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE (BRASIL, 2013).

como os jovens imersos em questões ambientalistas e dotados de processos de socialização atuam, intervêm e constroem seus percursos de militantes engajados em movimentos, grupos, coletivos e organizações ambientalistas.

Assim, há uma perspectiva de entender como o envolvimento com questões ambientalistas – através de processos de socialização política – constituem um espaço de construção de discursos e articulação de práticas que corroboram tanto para transformação dos jovens, ao pensarem sobre a posição que ocupam na sociedade, como causam modificações na maneira com que se aproximam e passam a visualizar o universo ambiental pela ótica de sujeitos sociais e não apenas pela lente de estudantes ou telespectadores sociais.

A perspectiva de juventude assumida neste trabalho tem um caráter cultural e parte da consideração de que os jovens são seres políticos, históricos e sociais capazes de intervir e propor alternativas às questões ambientais que têm sido alvo de inquietações e preocupações nas agendas mundiais. Assim, a interação da juventude com os processos ambientais possibilita a construção de suas trajetórias de vida, ao mesmo tempo reflete que “ser jovem não é tanto um destino, mas escolha de transformar e dirigir a existência” (CARRANO, 2013, p. 99).

Por isso, ao refletir sobre os processos de socialização que se articulam como fundamento às disposições juvenis ao engajamento na militância ambientalista, demarca-se que o jovem-ambientalista não nasceu com esse destino. Pelo contrário, a sua atuação engajada e militante é fruto de processos de construção, escolhas, aprendizagens e posturas, que tiveram maior incidência em sua tomada de decisões do que nos percursos de vida de outros jovens que militam em outras modalidades de engajamento. Dessa maneira, torna-se importante pensar sobre esses processos de socialização que tecem os percursos de vida juvenis e fazem da juventude uma categoria plural (juventudes), por estar situada em contextos sociais, políticos e culturais diferenciados que, por sua vez, constituem campos que oferecem bases para os jovens tenderem para esta ou aquela modalidade de engajamento, ou ainda para nenhum tipo de engajamento específico.

Abad (2006), ao discutir sobre a crise de gerações e os efeitos dos processos de socialização juvenil, coloca que a participação dos jovens na vida pública não depende apenas de suas vontades e das oportunidades que lhe são oferecidas, mas do lugar que eles ocupam na estrutura social e das relações que mantêm com as



gerações mais velhas. Por isso, ao apontar as relações existentes entre os processos de socialização política às disposições juvenis para o engajamento militante ambientalista, este trabalho parte da ponderação de que

a forma como as sociedades incorporam as novas gerações tem a ver, também, com as relações de poder entre gerações adultas e jovens: a participação juvenil não resulta somente de um encontro feliz entre a vontade de participar dos jovens (o que nos remete às suas percepções individuais sobre custos e benefícios) e as oportunidades que lhes são abertas para fazê-lo, mas também de um complexo sistema de hábitos, regras, regulamentos, instituições e práticas destinadas a negociar os conflitos da reprodução das gerações. Isso nos remete a um aspecto fundamental da participação da juventude: a sua relação com a mudança social. A cultura muda quando muda o sujeito que é construído nela. Portanto, é relevante analisar a dimensão subjetiva da participação do jovem relacionando-a à questão das gerações (ABAD, 2006, p. 28).

Destarte, a abordagem das relações entre juventude e meio ambiente, considerando o sentido mais amplo dos processos de educação (visto que ocorrem dentro e fora dos espaços escolares), aponta a juventude como atriz-chave na contribuição tanto de ações promotoras de desenvolvimento sustentável, quanto no diálogo com as velhas e novas gerações, onde não somente atuam como sujeitos de suas próprias vidas como também criam processos de socialização dos novos modos de ser e estar num mundo que vem enfrentando grandes e sérios problemas ambientais.

A responsabilidade com que os jovens contemporâneos, especialmente aqueles imbricados em coletivos ambientalistas, se deparam de conviver com antigos problemas e ter, ao mesmo tempo, que realizar novas abordagens e alternativas de sobrevivência ecológica pressupõe a transposição do ideário romancista de meio ambiente e da ideia de juventude como lugar de moratória<sup>6</sup>. Neste ideário, por vezes, restringe-se o meio ambiente como o espaço natural do qual o homem deve retirar os meios para sua sobrevivência e marginaliza a existência de militantes juvenis contemporâneos que, de fato, são conscientes, refletem e lutam por problemas locais globais. Jovens que, inclusive, desconfiam da própria política institucionalizada e buscam diversificar suas formas de atuação e participação nas esferas da vida pública.

---

<sup>6</sup> Nas palavras de Abad (2006, p. 28), a ideia de moratória juvenil é um “presente de grego”, visto que “a moratória juvenil é um tempo vazio, não legitimado nem valorizado socialmente, de impotência, raiva e estigmatização, que muitas vezes os empurra para a marginalidade”.

Tanto as narrativas dos jovens ambientalistas – sujeitos dessa pesquisa – quanto os autores com os quais mantenho diálogo (especialmente nas discussões sobre meio ambiente, ética e educação ambiental)<sup>7</sup> apontam que o grande equívoco desse ideário é não situar o ser humano como ser pertencente e transformador desse espaço, é não conceber o meio ambiente como espaço amplo onde congregam movimentos de lutas, resistências, sentidos e significados que perpassam os atos de cuidar, preservar e utilizar conscientemente os recursos naturais, sem perder de vista que o homem é ser ativo, construtor e transformador. Conseqüentemente, ao não situar o ser humano nessa lógica, quaisquer ações, formas de engajamento, participação e militância juvenil é vista como desnecessária, ilusória e blá-blá-blá de uma juventude que “não tem o que fazer”.

Diante disso, a tessitura desse trabalho visa compreender as experiências juvenis com a temática meio ambiente, levando em consideração suas condutas, escolhas e sentidos atribuídos às suas trajetórias de vida, a partir das suas disposições ao engajamento militante em questões ambientalistas.

Daí surgem alguns questionamentos causadores de reflexão: Qual o lugar das questões ambientais nas histórias de vida dos jovens? A participação em movimentos ou organizações ambientalistas produzem diferenças em seus projetos de vida? Qual a importância dos espaços não-formais de educação que discutem questões ambientais? Que razões despertam ou atraem os jovens?

A intenção é abordar as possíveis respostas a essas questões no decorrer da investigação, a partir das leituras e trabalho empírico, tendo como foco principal compreender as relações que os jovens estabelecem entre seus processos de socialização e o engajamento militante ambientalista, enquanto artefatos capazes de produzir sujeitos sociais e ecológicos; sobretudo, considerando a investigação acerca dos processos de socialização que levam os jovens a se engajarem em movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas, cuja problemática a pesquisa ganha forma e conteúdo.

Assim, tendo em vista as finalidades que norteiam este trabalho, o mesmo está estruturado da seguinte forma: inicia-se por uma Introdução, em que apresento a aproximação com o objeto de pesquisa; a justificativa; problemática, relevância e

---

<sup>7</sup> Dentre os quais, pode-se citar Carvalho (2001), Leff (2006, 2009), Tristão (2013), Siqueira (2002), Grün (1996, 2007), Nalini (2010) e Aristóteles (2007).

os objetivos propostos. Em seguida, no primeiro capítulo intitulado *“Percurso e aspectos teórico-metodológicos da pesquisa”*, apresento as questões teóricas e metodológicas da pesquisa, onde é dado destaque à trajetória da pesquisa no que tange aos referenciais teóricos utilizados ao longo do trabalho, à justificativa do uso de narrativas enquanto procedimento metodológico e aos critérios para a seleção dos jovens entrevistados. Além disso, sucintamente, apresento a biografia dos sujeitos da pesquisa, cuja caracterização se baseia nos questionários de perfil socioeconômico e nas suas narrativas orais, através dos quais relataram sobre suas origens; aproximações com a temática meio ambiente e os movimentos, coletivos, organizações ou grupos ambientalistas; e as suas visões sobre a situação ambiental no Brasil e no mundo.

No segundo capítulo, *“Juventude: antigas questões, novas abordagens”*, busca-se discutir a natureza plural e histórico-social do termo juventude, levando em consideração as questões que perpassam a condição juvenil na atualidade, entendendo os jovens enquanto sujeitos sociais e políticos que possuem trajetórias e projetos de vida. Além disso, são tecidas discussões sobre o conceito de meio ambiente em suas interfaces com as discussões de ética e educação ambiental enquanto tópicos recorrentes nos relatos dos jovens entrevistados, considerando o papel dos diferentes espaços educativos e pedagógicos (formais e não-formais) que podem contribuir no processo de socialização e formação da consciência crítica, problematizadora e ecológica juvenil, concebendo o meio ambiente como problema social por ser um campo de lutas, conflitos, disputas e movimentos perpassados por questões políticas, culturais, sociais e econômicas.

No terceiro capítulo, *“O que se pode esperar dos jovens ambientalistas?”*, são abordadas, a partir das narrativas dos jovens, discussões sobre o caráter conceitual e prático de engajamento militante e socialização política, enquanto categorias-chave que foram selecionadas para a compreensão de como os processos de socialização política podem subsidiar as disposições dos percursos juvenis ao engajamento e militância em grupos, coletivos, movimentos e organizações ambientalistas.

No quarto capítulo, denominado: *“Da socialização ao engajamento militante: que bases sustentam os percursos da juventude ambientalista?”*, apresento e discuto os processos de socialização que motivam e levam os jovens a se

engajarem em movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas, segundo a problemática que orienta esta pesquisa. Para melhor compreensão e conforme os relatos dos jovens entrevistados, optamos por caracterizar e dividir os processos de socialização de acordo com os pontos em comum que aparecem nas narrativas. Desse modo, dividiu-se em: jovens oriundos de famílias com alguma preocupação com o meio ambiente; jovem oriundo de família sem interesses com as problemáticas ambientais; jovens de famílias engajadas e jovens com experiências escolares/acadêmicas que socializaram ou não para as problemáticas ambientais.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, que buscam reforçar as questões principais da pesquisa e que, embora simbolizem a conclusão desse ciclo, não se constituem o término desse diálogo e das narrativas que compõem um recorte dos percursos, trajetórias e repertórios de jovens que, cotidianamente, enfrentam, dinamizam e movimentam os debates ambientais e legitimam seus lugares enquanto sujeitos sociais e políticos.

## 1. PERCURSOS E ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

### 1.1. TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Situar o contexto da pesquisa e o lugar de onde se fala se constituem como processos importantes para compreender que a dissertação “*Juventude e Meio Ambiente: narrativas de jovens ambientalistas do estado da Bahia*”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – tem como objetivo analisar narrativas de jovens baianos engajados em movimentos ambientalistas, buscando nessas narrativas os processos de socialização que motivam e impulsionam as disposições juvenis para o engajamento na militância ambiental.

A Lei nº 12.852/2013 instituiu o Estatuto da Juventude como um instrumento que busca dar visibilidade às demandas da juventude brasileira, situando-a como instância portadora de direitos, conflitos, identidades, autonomia e formada por uma diversidade que se dá tanto individual quanto coletivamente.

Ao apontar o Estatuto da Juventude como um documento legal que visa agregar as discussões sobre juventude em seus variados matizes, não se quer afirmar com isso que a ideia de juventude tenha nascido ou se configurado a partir dele, até mesmo porque o conceito de juventude, conforme apontam Pais (2006) e Novaes (2006) não se restringe a uma especificação cronológica de idade, que começa aos 15 e termina aos 29 anos, como no caso do Brasil.

Para Novaes (2006) e Pais (2006) este conceito envolve, também, relações geracionais e de classe, que apontam para novos significados sobre os estudos de juventude, percebendo o jovem como sujeito protagonista de uma conjuntura de possibilidades e desafios. Por isso, para os autores, a juventude não representa apenas a promessa de um futuro, mas a construção desse futuro depende da percepção cultural de juventude no presente.

No entanto, há que se considerar que o referido estatuto significou uma importante iniciativa e os primeiros passos na agenda nacional voltados para a valorização de uma parcela social que durante muito tempo foi colocada à margem, especialmente pelas políticas públicas, dos processos de discussões, reflexões e produção do desenvolvimento político-cultural do Brasil, conforme assinala Alves (2013).

Compreende-se a importância e relevância da Lei nº 12.852/2013 que vislumbra, inicialmente, a possibilidade de a juventude brasileira ganhar e assumir com maior propriedade a participação na vida social e política, enquanto representação cidadã consciente, capaz de tomar decisões, fazer escolhas, construir e intervir em seus projetos e trajetórias de vida, no entrecruzamento da vida pública e privada.

Todavia, partindo do levantamento bibliográfico que realizei acerca da literatura sobre Juventude e Meio Ambiente, percebi a existência de pouca produção acadêmica, se considerado às outras temáticas de que tratam o Estatuto da Juventude, como educação, profissionalização, trabalho, diversidade, saúde, cultura, comunicação, território e mobilidade.

É válido reforçar que, no bojo das inquietações, a dissertação *“Juventude e Meio Ambiente: narrativas de jovens ambientalistas do estado da Bahia”* tem como pressuposto maior refletir sobre as relações entre processos de socialização e disposições ao engajamento juvenil na militância ambiental, considerando os discursos e ações de jovens engajados em questões ambientalistas, suas vivências e representações juvenis construídas em movimentos, grupos, coletivos e organizações ambientalistas à luz dos processos de socialização incidentes nos seus percursos de engajamento militante. Desse modo, para tecer e aprofundar as reflexões, a problemática *“Quais processos de socialização levam os jovens a se engajarem em movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas?”* se constitui o ponto central do trabalho.

Diante da problemática, é preciso dizer que, embora juventude seja um tema que, segundo Novaes (2006), vem assumindo grande relevância nas pesquisas acadêmicas desenvolvidas no Brasil nos últimos anos, tive a surpresa de, como já foi mencionado, encontrar poucas produções acadêmicas que discutem sobre juventude e meio ambiente, especialmente no acervo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e do banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), considerando o levantamento das produções acadêmicas dos últimos 10 anos.

Assim, em virtude da inexistência ampla de referências e publicações sobre o campo juventude e meio ambiente, o desafio e a novidade que este trabalho pode trazer é refletir em que medida uma pesquisa sobre juventude e meio ambiente

pode, de fato, contribuir e avançar nos debates que interceptam a temática juventude e meio ambiente, tomando os termos engajamento militante e socialização política como categorias-chave pra se pensar essa relação.

Assim, na perspectiva do levantamento de pesquisas acadêmicas sobre juventude e meio ambiente, foram consultadas as seguintes bases de pesquisa: Scielo (*Scientific Electronic Library Online*); Portal da ANPEd<sup>1</sup>; banco de dissertações e teses da CAPES; Observatório Jovem do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense (UFF); Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e o Portal Ensino Médio EMdiálogo (apoiado pelo MEC e desenvolvido, articuladamente, por oito universidades federais - UFF, UFMG, UFSM, UFC, UFAM, UFPA, UnB, UFPR). A partir dos descritores juventude contemporânea e condição juvenil; juventude e meio ambiente; meio ambiente e sociedade; educação ambiental e juventude; engajamento militante e socialização política juvenis foram encontrados 113 trabalhos entre artigos, dissertações, teses e livros digitais/eletrônicos e impressos.

Importante destacar que, ao utilizar os descritores nas bases de pesquisas citadas, foram encontrados apenas alguns trabalhos acadêmicos que tratavam especificamente dessa temática, em especial, nos últimos dez anos. Dentre esses trabalhos, destacam-se: os artigos *“Um breve olhar sobre o Programa Nacional de Juventude e Meio Ambiente”*, de Batista *et al* (2015) e *“Educação ambiental para a escola básica: contribuições para o desenvolvimento da cidadania e da sustentabilidade”*, de Kondrat e Maciel (2013); a obra *“EcoJustice, Citizen Science and Youth Activism: Situated Tensions for Science Education”*, de Dias e Callahan (2014); a tese *“‘Anticorpos de Gaia no encontro das águas’: trajetórias de aprendizagens de jovens nas trilhas do ambientalismo”*, de Gonçalves (2010); a obra *“Juventude, cidadania e meio ambiente: subsídios para elaboração de políticas públicas”* (BRASIL, 2006).

Em contrapartida, em face de pouca quantidade de trabalhos que discutem juventude e meio ambiente como eixo central, foi encontrado um acervo maior de trabalhos abordando a temática meio ambiente, ética e educação ambiental e, principalmente, as categorias engajamento militante e socialização política; através

---

<sup>1</sup> O mapeamento bibliográfico foi realizado nos seguintes Grupos de Trabalho: GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos, GT14 - Sociologia da Educação, GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas e GT22 - Educação Ambiental.

dos quais foi possível tecer e fazer as interlocuções entre juventude e meio ambiente, conforme as finalidades desse trabalho. Dentre os trabalhos encontrados mencionam-se, segundo suas temáticas:

- Meio ambiente, ética e educação ambiental:

Merecem destaque as obras: *“A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil”*, de Carvalho (2001); *“Epistemologia ambiental”*, *“Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder”*, *“Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza”* e *“Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental”*, de Leff (2002, 2004, 2006, 2009)<sup>2</sup>; *“Educação ambiental no Brasil: formação, identidades e desafios”*, de Lima (2011); o artigo *“Produção coletiva de conhecimentos sobre qualidade de vida: por uma educação ambiental participativa e emancipatória”*, de Janke e Tozoni-Reis (2008); o artigo *“Uma abordagem filosófica da pesquisa em educação ambiental”*, de Tristão (2013); o livro *“Ética e meio ambiente”*, Siqueira (2002); o artigo *“Ética ambiental e crise ecológica: reflexões necessárias em busca da sustentabilidade”*, de Wolkmer e Paulitsch (2011); o texto *“Ética e educação ambiental”*, de Lopes e Costa (2013); a monografia *“Ética e educação ambiental: considerações filosóficas”*, de Battestin (2008); o livro *“Ética e Educação Ambiental: a Conexão Necessária”*, Grün (1996); o artigo *“A Pesquisa em Ética na Educação Ambiental”*, de Grün (2007); a obra *“Ética ambiental”*, de Nalini (2010); o texto *“Ainda uma vez a ética e a ética ambiental”*, de Azevedo (2010); e a obra *“Ética a Nicômaco”*, de Aristóteles (2007).

- Engajamento Militante

Quanto a essa categoria destacam-se: a obra *“Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais”*, de Carrano e Fávero (Orgs, 2014); a tese *“Militância de jovens em partidos políticos: um estudo de caso com universitários”*, de Brenner (2011); a monografia *“Levante juventude, juventude é prá lutar: a relação entre esferas de vida e identidade na construção do engajamento juvenil”*, de Ruskowski (2009); a dissertação *“‘Jovens de projetos’ nas ONGs: olhares e vivências entre o engajamento político e o trabalho no ‘social’”*, de Sobrinho (2012); o ensaio *“Territórios jovens: técnica e modos de vida”*, de Ribeiro (2014); os livros *“Medo e ousadia”* e *“Pedagogia do oprimido”*, de Freire (2011); o texto *“Engajamento e investimentos militantes: elementos para discussão”*, de Seidl

<sup>2</sup> Respectivamente.



(2014); a obra *“Experiências de participação social de jovens e sentidos atribuídos às suas vidas”*, de Perondi (2015); o artigo *“Jovens e participação no Brasil: para além das políticas públicas”*, de Souza (2013); a obra *“Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude”*, de Abramo (2014); e o texto *“Ação coletiva, jovens e engajamento militante”*, de Sposito (2014)

- *Socialização Política*

Destacaram-se o texto *“O jovem como sujeito social”*, de Dayrell (2007); a monografia intitulada *“Um estudo de socialização política: jovens e suas noções de democracia e cidadania”*, de Marçal (2004); o texto *“Participação política, quando o jovem entra em cena”*, de Almeida (2008); o livro *“Sociologia dos movimentos sociais”*, de Gohn (2014); o artigo *“Capital social e socialização política dos jovens no Brasil”*, de Nazzari (2006); a obra *“Jovens brasileiros, espaços e tempos de participação política”*, de Tommasi (2007); o artigo *“Juventude e socialização política: atualizando o debate”*, de Castro (2009); o texto *“Jovens e militância política”*, de Brenner (2014); a obra *“Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio”*, de Schmidt (2001); o artigo *“Formas e conteúdos da participação de jovens na vida pública”*, de Carrano e Brenner (2008); o artigo *“Até onde vai a participação cidadã?”*, de Teixeira (2008); a *“Quebrando mitos: juventude, participação e políticas”*, de Castro e Abramovay (2009); o texto *“A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes”*, de Carrano (2012); as obras *“A juventude de hoje: (re) invenções da participação social”*, *“Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias”* e *“Nada será como antes: notícias das juventudes sul-americanas”*, de Novaes (2005, 2006, 2007)<sup>3</sup>; e o texto *“Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum”*, de Castro (2008).

Os materiais encontrados e consultados contribuem, significativamente, às reflexões e aprofundamento sobre o conceito de juventude numa perspectiva singular e plural, enquanto categoria caracterizada por aspectos particulares e especificidades que não se detém às delimitações de faixa etária, mas imbricam-se com questões sociais, políticas, culturais, econômicas e geracionais que fazem sempre da juventude um conjunto diversificado de concepções e representações

---

<sup>3</sup> Respectivamente.

relacionadas às diferentes socializações e sociabilidades, conforme à época e o período em que os jovens estão imersos e movimentam-se.

As obras destacam, também, os novos arranjos de sociabilidades e socialização juvenis que solicitam da família e da escola outras formas de conceberem a noção de juventude, visto que estas não são mais as únicas e privilegiadas instâncias de tutela da socialização das gerações mais novas.

Considerando os descritores que sustentam as relações entre juventude contemporânea, condição juvenil e meio ambiente, pode-se afirmar que estes trazem a questão da juventude com grande centralidade e visibilidade para se pensar a construção e transformação da sociedade contemporânea por meio da participação política juvenil, tendo o engajamento e a socialização como elementos essenciais. Dessa forma, a maioria das obras discute a complexidade do termo juventude e como a condição juvenil é perpassada e construída em diferentes épocas e contextos pelo leque de concepções do que significa ser jovens em diferentes contextos, projetos, trajetórias de vida e agências socializadoras.

Portanto, os autores – com quais dialogo neste trabalho – contribuem para se pensar acerca da formação das identidades juvenis no seio dos movimentos ambientalistas, bem como os desafios e possibilidades do mundo social e político, que os convocam a refletir, posicionar-se e intervir. Enfim, viabilizam a oportunidade da construção e ampliação dos olhares acerca da relação entre juventude, sociedade contemporânea e meio ambiente.

## **1.2. POR QUE NARRATIVAS?**

A intrínseca relação entre teoria e prática tem orientado, cada vez mais, os estudos e pesquisas, especialmente no campo educacional. A indissociabilidade da prática com a teoria tanto tem despertado a atenção de estudiosos de diferentes temáticas relacionadas à educação, quanto motivado à escolha de processos de investigação que articulem e aproximem os caminhos metodológicos e os modos de se fazer pesquisa com as práticas e vivências sociais.

Ao trabalhar com as experiências cotidianas dos indivíduos, segundo Bruner (2001), colocam-se diante do pesquisador conhecimentos paradigmáticos e narrativos, que são essenciais à compreensão de suas concepções de práticas sociais e os caminhos tomados como referência para o processo de investigação.

Esses conhecimentos, para o autor, não são dicotômicos, contribuem à organização das pesquisas em educação e delineiam as variadas formas do pesquisador trabalhar com a experiência.

Bruner (2001) aponta que o modelo de investigação baseado puramente nos conhecimentos paradigmáticos se situa nos métodos positivistas de conceber a realidade e as experiências a partir de regras e prescrições, que atribuem legitimidade apenas ao conhecimento de cunho formal, acadêmico e científico, estabelecendo uma rigidez linear que, por vezes, afastam e não permitem o diálogo entre pesquisador, sujeitos da pesquisa e suas vivências sociais.

Por outro lado, o modelo de investigações fundamentado em conhecimentos narrativos, ainda que dialogue com uma perspectiva de ciência mais crítica, configura-se em métodos que valorizam a hermenêutica, a interpretação e as narrações. As narrações são conhecimentos práticos, provenientes de saberes populares e que estão presentes nos discursos carregados de ações, histórias, sentimentos, emoções, imagens, estórias, vivências, sentidos e significados.

Neste sentido é que o presente trabalho busca se fundamentar na investigação narrativa como uma modalidade de pesquisa que tem como marco principal o diálogo e a valorização de expressão dos pensamentos dos indivíduos. Goodson e Gill (2015) assinalam que as narrativas não representam o exercício da palavra pela palavra, da imagem pela imagem, da expressão pela expressão; não se trata de uma questão de mero verbalismo. As narrativas compreendem um conjunto de elementos que articulam pensamento, ação e reflexão que se constroem no processo de interação social e que, por meio delas, os indivíduos transformam suas experiências em significados.

As narrativas, segundo Bolívar (2002), possibilitam a compreensão das histórias e diferentes formas que os indivíduos possuem de pensar acerca da vida, seus conflitos, desafios, experiências, anseios, perspectivas e maneiras de atuar no mundo. Essa compreensão permite ao pesquisador situar as narrativas em contextos políticos, econômicos, culturais, históricos e sociais, onde os significados das experiências humanas são construídos e visibilizados (GILL; GOODSON, 2015).

É por meio das narrativas que questões implícitas se tornam explícitas, trazendo uma série de detalhes sobre o objeto da pesquisa, à medida que os indivíduos podem reconstruir suas trajetórias de vida a partir da reflexão sobre as

experiências vividas, as tomadas de decisões e as expectativas que surgem entre o mundo vivido e o mundo narrado.

Ao narrar, os indivíduos não falam apenas de si. As palavras expressam suas subjetividades imbricadas numa temporalidade articulada com seus contextos, diferentes pontos de vista, com as narrativas particulares de outros indivíduos ou instituições que compõem a sua história e que, portanto, tiveram e têm importância na constituição e construção da sua realidade. Portanto, narrar é posicionar-se diante de si e do mundo, é compreender a si e ao mundo; por isso as narrativas são sempre culturais, históricas, sociais e pessoais (GILL; GOODSON, 2015).

O objetivo da análise narrativa é mostrar como as pessoas compreendem a sua experiência vivida e como a narração desta experiência lhes dá condições de interpretar o mundo social e sua atuação dentro dele. Geralmente não se trata de revelar a “verdade” dos relatos (GILL; GOODSON, 2015, p. 219).

As narrativas como investigação não se constituem apenas de enredos e histórias. Ela está alicerçada no poder que a linguagem, a comunicação, a reflexividade e a interpretação exercem nas interações e percepções de si e do outro. É preciso lembrar que, ao narrarem, além dos indivíduos elucidarem, criarem e recriarem explicações que esclareçam ou justifiquem suas maneiras de agir e pensar; eles também falam de onde seus pés pisam e, ao mesmo tempo, constroem uma relação participativa com os objetivos que sustentam a pesquisa.

Por assim afirmar, o pesquisador deve ter ciência de que a narrativa não é uma produção livre, ela se concretiza como caminho de investigação pautado em interpretações, objetivos, sistematizações, razões de ser e construções de significados e sentidos. “É um relato feito no presente por um narrador, sobre o processo de construção de um protagonista que tem o seu nome e existiu num passado, desembocando a história no presente, onde o protagonista se une com o narrador” (RABELO, 2011, p. 176).

Portanto, eleger as narrativas dos jovens ambientalistas como matriz metodológica dessa pesquisa, significa considerar a pertinência e relevância de suas trajetórias e percursos no engajamento e militância com questões ambientais. Significa entender a importância dos enredos de suas experiências como elo entre teoria e prática, fruto da práxis que lhes constroem enquanto sujeitos sociais e, ao mesmo tempo, permite refletir e compreender os seus percursos no engajamento

militante ambientalista e o papel de socialização exercido pelas instituições no que tange às disposições juvenis para tal engajamento, num cenário em que “as definições sobre ‘o que é ser jovem?’, ‘quem e até quando pode ser considerado jovem?’ têm mudado no tempo e são sempre diferentes nas diversas culturas e espaços sociais” (NOVAES, 2006, p. 105).

### 1.3. OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os jovens participantes desta pesquisa constituem a parcela substancial para que ela tenha sentido, significado e relevância, visto que são suas trajetórias, projetos e percursos biográficos – a partir das suas experiências de socialização e engajamento militante em movimentos ambientalistas – que dão conteúdo e forma às discussões e diálogos teórico-práticos que justificam e sustentam a pesquisa e a escrita dessa dissertação.

Assim, considerando as narrativas juvenis como expressão de marcas que perpassam e constroem esses sujeitos enquanto portadores de vozes, foram selecionados 10 jovens de diferentes municípios do estado da Bahia, com idades entre 15 a 29 anos, tendo o engajamento e/ou a militância em grupos, coletivos, organizações ou movimentos ambientalistas como um dos principais critérios para a participação nesta pesquisa.

As primeiras aproximações com os jovens foram construídas a partir de visitas a ONGs e levantamento tanto na rede social Facebook quanto no Google<sup>4</sup> de grupos, coletivos ou movimentos ambientalistas onde os jovens participassem ativamente. A partir daí passei a entrar em contato com as coordenações dos grupos, coletivos, organizações e movimentos, a fim de averiguar a efetiva existência de jovens compatíveis com os critérios da pesquisa<sup>5</sup>, assim como a

---

<sup>4</sup> Para a pesquisa de grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas por meio das redes sociais e Google foram utilizados os seguintes descritores: juventude e meio ambiente; jovens ambientalistas na Bahia; coletivos ambientalistas na Bahia; ONGs, juventude e meio ambiente na Bahia.

<sup>5</sup> Os critérios foram: jovens com idade entre 15 a 29 anos, que estão engajados na militância ambientalista através da participação ativa, tanto nas discussões, quanto nas ações desenvolvidas pelos grupos, movimentos, organizações e coletivos ambientalistas. Especificar o engajamento militante como uma das condições *sine qua non* à participação na pesquisa se constituiu como um critério fundamental, visto que nos contatos com os grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas, alguns deles informaram que tinham jovens em seus quadros de membros; no entanto, a atuação desses jovens estava restrita a atividades administrativas e, por isso, não se enquadravam no perfil de jovens à pesquisa, já que não tinham experiências efetivas de engajamento e militância ambientalista.

possibilidade de contar com a participação desses jovens durante as etapas da pesquisa.

Desse modo, o quadro de jovens participantes dessa pesquisa é constituído por 10 jovens (6 mulheres e 4 homens), sendo 2 jovens do Grupo Aventura Ambiental de Santa Brígida – GAASB, localizado no município de Santa Brígida; 1 jovem do Grupo Ambientalista da Bahia – GAMBÁ, localizado no município de Salvador; 1 jovem do Partido Verde, cuja sede está localizada no município de Salvador; 1 jovem do Grupo Aventura Ambiental de Jeremoabo – GAAJE, localizado no município de Jeremoabo; 1 jovem estudante do curso Técnico Subsequente em Agropecuária pelo Instituto Federal Baiano – IFBaiano e membro da Pastoral da Juventude do município de Serrinha; 1 jovem do Engajamundo, que atua no núcleo local do EngajaBahia, localizado no município de Cachoeira; 3 jovens da Organização Greenpeace, localizada no município de Salvador.

Importante mencionar que alguns jovens possuem vínculos em mais de um grupo ou organização ambientalistas, conforme pode ser visto abaixo na apresentação de seus perfis. No entanto, por fins metodológicos, optou-se por apresentar e especificar, acima, a quantidade de jovens de acordo com os vínculos de origem nas organizações e grupos ambientalistas.

Metodologicamente, este trabalho se configura como de caráter qualitativo, subsidiado por revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Convém ressaltar que a pesquisa de campo foi realizada em dois momentos: primeiro, com a aplicação de questionário a fim de conhecer o perfil socioeconômico dos jovens e ter noções iniciais do lugar que esses jovens falam. Segundo, a partir das respostas obtidas por meio dos questionários, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas como caminho propício à construção das narrativas juvenis. Os questionários de perfil socioeconômico foram aplicados entre 31 de maio a 15 de agosto de 2016. Já as entrevistas foram realizadas entre 24 de agosto a 10 de outubro do mesmo ano, por meio da gravação de vozes.

Vale mencionar que o processo de encontros com os jovens foi caracterizado por certas dificuldades, especialmente pelo tempo disponível dos jovens para realização das entrevistas, uma vez que suas vidas se dividem entre trabalho, estudos, lazer, família e atividades dos grupos, coletivos, organizações ou movimentos ambientalistas nos quais estão inseridos.

Essas atribuições juvenis, inclusive, aparecem em suas narrativas como um dos principais fatores que, às vezes, não permitem que os jovens se sintam plenamente realizados em relação ao tempo que dedicam ou têm disponível para atuar na militância ambientalista. Ou seja, em suas narrativas, embora reconheçam a importância e positividade das ações e trabalhos que desenvolvem por meio do engajamento militante nos movimentos ambientalistas, muitos jovens afirmam que, em virtude de outras responsabilidades e atribuições cotidianas, não atuam o quanto gostariam de estarem envolvidos nas problemáticas ambientais.

Despertou-me atenção, nesses processos de organização e negociações para a realização das entrevistas, a maneira como esses jovens encaram as responsabilidades que possuem e como transitam entre diferentes espaços sociais. Além disso, passei a observar também como se percebem enquanto jovens ambientalistas e como enfrentam os preconceitos, discriminações e visões negativas no que tange às suas condições juvenis, principalmente numa sociedade em que juventude ainda é vista, por uma boa parcela da sociedade, como sinônimo de desorientação, bagunça, desordem, instabilidade e imaturidade.

O olhar sobre os percursos de engajamento militante desses jovens mostra o quão impressionante suas narrativas – embora sejam um recorte dos percursos biográficos desses jovens – trazem a noção de uma juventude ativa, reflexiva e preocupada com os rumos da sociedade. Uma juventude que não se porta como fantoches ou marionetes de grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas, mas que atuam ativamente dentro de suas possibilidades, limites e desafios.

Os primeiros contatos com os jovens através de conversas informais, da aplicação dos questionários e observação dos trabalhos realizados por eles divulgados nas redes sociais possibilitaram perceber que, apesar de algumas semelhanças de suas disposições ao engajamento e militância ambientalistas, suas narrativas mostram as particularidades e singularidades de como se aproximam e apropriam-se do universo ambientalista.

Nesse universo, fui adentrando na figura de pesquisador que almejava entender – por meio das narrativas juvenis – um recorte tão significativo das experiências e trajetórias de vida desses jovens: “suas disposições ao engajamento militante ambientalista”. Assim, os relatos se constituíram como ponte para

compreender quais processos de socialização exerceram influência na entrada desses jovens nos grupos, coletivos, organizações ou movimentos ambientalistas.

É a partir dessa compreensão que se pode chegar a um entendimento mais próximo tanto das agências socializadoras que incidiram sobre o percurso de entrada dos jovens ao engajamento militante na modalidade ambientalista, como também os motivos e sentidos atribuídos pelos jovens que servem de balizadores para a permanência nesses espaços.

Dessa maneira, tomando como norte a problemática e os objetivos que delineiam essa pesquisa, convém ressaltar que optou-se – com a devida aquiescência dos jovens entrevistados – pelo não anonimato de seus nomes por se tratar de sujeitos que possuem certa visibilidade pública como consequência de suas atuações políticas e sociais, em virtude dos seus engajamentos na militância ambiental. Procedimento semelhante é adotado na exposição dos nomes de grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas citados nas narrativas, isto é, utilizam-se em todo o trabalho os nomes reais das organizações<sup>6</sup>.

Abaixo, apresento o perfil sucinto dos jovens, de acordo com as respostas dadas ao questionário de perfil socioeconômico e às entrevistas semiestruturadas, considerando que durante os próximos capítulos serão explorados e melhor detalhados os relatos dos jovens em articulação com o referencial teórico que fundamenta este trabalho:

### **DAVI**

**Davi Maia Rocha**, 21 anos na data da entrevista<sup>7</sup>, negro, solteiro, vegano, mora em Salvador-BA com sua família, estuda Psicologia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC. Atuou como anfitrião na Plataforma Greenwire do Greenpeace e é membro voluntário do Greenpeace<sup>8</sup> em Salvador. Destaca a

---

<sup>6</sup> Importante destacar que não se constitui objetivo deste trabalho problematizar questões relativas à natureza, estrutura, organização e funcionamento dos grupos, coletivos, organizações e movimentos nos quais os jovens estão inseridos. Por esta razão, o presente trabalho, embora reconheça a importância da reflexão sobre os debates que as formas de atuação dos movimentos, grupos, coletivos e organizações sociais, não adentrou às discussões acerca da atuação e dos ideais que sustentam os movimentos, grupos, coletivos, organizações e partidos nos quais estão imersos os jovens entrevistados; por não ser o objeto que embasa a problemática desta pesquisa.

<sup>7</sup> A entrevista com Davi foi realizada no dia 08 de outubro de 2016.

<sup>8</sup> Segundo informações fornecidas via site do Greenpeace Brasil (2016), disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/quemsomos/Missao-e-Valores-/>>, o Greenpeace é uma organização ambientalista global e independente, cuja finalidade é defender o meio ambiente e inspirar mudanças de pensamentos, atitudes e comportamentos das pessoas. Constitui-se enquanto



importância e o papel exercido pela sua família para as inclinações ao engajamento militante ambientalista e como se deu o encantamento pelo Greenpeace desde as primeiras observações e contatos que teve com este grupo.

Em seus relatos, Davi faz associações entre os estudos no campo da Psicologia e o engajamento militante nos movimentos e organizações ambientalistas, especialmente por meio dos pressupostos de Skinner. Seu despertar para a problemática ambiental se deu, inicialmente, através das relações familiares, reforçando com o conhecimento e ingresso no Greenpeace.

Com renda mensal entre 01 e 02 salários mínimos (até R\$ 1.760,00), Davi trabalha, mas não é independente financeiramente. O transporte coletivo é o principal meio de transporte que utiliza, porém – sempre que possível e viável – prefere utilizar bicicleta por acreditar que seja uma forma de locomoção mais sustentável.

Davi se considera um jovem muito interessado pelos assuntos relacionados ao meio ambiente, por isso sempre procura se informar da situação ambiental no país e no mundo por meio da internet, discussões na organização, leitura de informações, artigos e pesquisas. Parte do princípio que a solução para os problemas ambientais depende das pequenas ações de todos, no seu dia-a-dia, que inclusive servem como ponto de partida para compreender e questionar as decisões tanto governamentais como das grandes empresas.

Para ele, o ambientalismo é um movimento de cunho social que se entrelaça com questões políticas, culturais, ideológicas, educacionais e éticas. Davi acredita que o ponto-chave para se alcançar a conscientização e reversão dos problemas ambientais, especialmente para as gerações futuras, está no processo educação realizado no tempo presente pelos espaços formais e não-formais de educação. Por essa razão, há quatro meses se tornou coordenador do GT Escola do Greenpeace, no qual é responsável por organizar palestras e ações em colégios.

Para Davi, infelizmente, é muito dura a realidade da situação ambiental no Brasil e no mundo pois, cada vez mais, o mundo tem sofrido com as consequências

---

instituição sem fins lucrativos e independente, portanto não é adepta a doações governamentais, empresariais ou oriundas de partidos políticos. O trabalho desenvolvido pela organização é fruto do financiamento de milhões de colaboradores espalhados pelo mundo. A sua independência econômica é vista como um dos meios mais eficazes de garantir transparência e liberdade de posicionamento, lutas e expressão nos processos de investigação, exposição, denúncia e confronto frente aos crimes ambientais e o seu compromisso com a construção de sociedades sustentavelmente equilibradas.

do consumismo desacelerado que os seres humanos têm causado. Para ele, os principais problemas ambientais da atualidade são o consumo de carne, o desmatamento e os nossos governantes, que não têm a consciência ambiental necessária para tomar medidas preventivas e imediatas para salvar o meio ambiente.

### **ELEN**

**Elen Bárbara Pereira Marques**, 21 anos na data da entrevista<sup>9</sup>, parda, solteira, natural de Salvador-BA, onde mora com sua família, não possui filhos, trabalha e é independente financeiramente com renda mensal entre 01 e 02 salários mínimos (até R\$ 1.760,00). Possui graduação em Gestão Ambiental e, atualmente, está cursando Engenharia Ambiental e Sanitária. É coordenadora de Meio Ambiente da Juventude do Partido Verde (PV)<sup>10</sup> estadual, em cujo grupo político começou a participar das reuniões aos 17 anos de idade.

Elen afirma que seu interesse pelas questões ambientais é anterior ao seu ingresso no Partido Verde, onde iniciou como membro da juventude e, atualmente, assume a coordenação de Meio Ambiente da Juventude. A jovem Elen diz que uma das razões que mais instigaram para que ela permanecesse no Partido é o fato de que os princípios dele muito se assemelham aos seus ideais de vida quanto à sua relação com as problemáticas ambientais, visto que ela possui uma trajetória marcada por participação em movimentos e mobilizações ambientalistas, desde a sua infância.

Para Elen, a solução das problemáticas ambientais depende das pequenas ações cotidianas, por isso o seu engajamento se debruça em processos de conscientização em educação ambiental; o que, para ela, é a parte mais complicada, porque é difícil tentar mudar o pensamento das pessoas e os conceitos que elas têm sobre meio ambiente. Nessa perspectiva, dentre as ações desenvolvidas e em seus relatos, Elen dá grande relevância aos projetos desenvolvidos em orfanatos,

---

<sup>9</sup> A entrevista com Elen foi realizada no dia 24 de setembro de 2016.

<sup>10</sup> Segundo informações fornecidas via site do Partido Verde (2016), disponível em: <<http://pv.org.br/opartido/programa/>>, o PV é um instrumento da ecologia política. Enquanto um de seus princípios, o Partido Verde luta pelo fortalecimento do movimento ecologista, funcionando como um canal de ação política, no campo institucional, para servir o ambientalismo, sem pretensões hegemônicas ou instrumentalizantes. Partem da concepção que buscam na ecologia política novos caminhos para os problemas do planeta e, nesse cenário, a juventude se constitui como peça-chave muito importante para a denúncia das problemáticas ambientais, conscientização e construção de uma sociedade mais verde, mais sustentável e democrática.

trabalhos de requalificação no bairro da Ribeira (Salvador-BA) e plantio de árvores para requalificar uma área de Lauro de Freitas (Salvador-BA). Ela relata de que, durante a realização dessas ações, percebeu que se identifica com ações relacionadas à educação ambiental, gestão de resíduos e conscientização da população, sendo que a maioria das ações começou com trabalhos de faculdade como o da Ribeira.

Na sua visão, a humanidade, infelizmente, ainda pensa que pode extrair tudo do meio ambiente sem se preocupar com as gerações futuras. Por isso, há que considerar o fato de que o ambientalismo é uma questão perpassada por fatores sociais, políticos, econômicos, culturais e ideológicos. Ressaltando que, para Elen, a educação – não apenas formal – é, por um lado, o ponto-chave para a construção de sociedades mais sustentáveis formadas por pessoas conscientes, ambientalmente éticas e equilibradas. Por outro lado, a sua ausência é o ponto de partida para o aumento da degradação ambiental brasileira e mundial.

### **JÉFFERSON FELIPE**

**Jéfferson Felipe Alves do Nascimento**, 21 anos na data da entrevista<sup>11</sup>, pardo, solteiro, poeta, ativista, natural de Paulo Afonso-BA, não possui filhos. Morador de Jeremoabo-BA, atualmente, reside em Aracaju-SE em habitação coletiva alugada (residência de estudantes), onde cursa Relações Internacionais na Universidade Federal de Sergipe (UFS). É fundador do Grupo Aventura Ambiental de Jeremoabo (GAAJE)<sup>12</sup> e membro do Engajamundo<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> A entrevista com Jéfferson foi realizada no dia 31 de agosto de 2016.

<sup>12</sup> Segundo informações fornecidas via site do Grupo Aventura Ambiental de Jeremoabo (2016), disponível em: <<https://greenwire.greenpeace.org/brazil/pt-br/groups/gaaje-grupo-aventura-ambiental-jeremoabo>> e <<http://gaajebio.blogspot.com.br/>>, o GAAJE é um grupo ambientalista composto por jovens que gostam de aventuras e que desejam uma sociedade mais sustentável e, por isso, os jovens se engajam em ações práticas voluntárias que, além de possibilitar a diversão e o lazer entre eles, têm o objetivo de maior de desenvolver a consciência ambiental dos jeremoabenses no que diz respeito às relações entre ser humano e meio ambiente. Para isso, o GAAJE se estrutura no tripé “mobilização social, educação ambiental e aventura” como fundamento da sua missão de conscientizar, aventurar e aprender.

<sup>13</sup> Segundo informações fornecidas via site do Engajamundo (2016), disponível em: <<http://www.engajamundo.org/o-engajamundo/>>, o Engaja – como também é conhecida – é uma organização constituída por uma liderança jovem e criada *por* e *para* jovens. É uma organização sem fins lucrativos e desvinculada de partidos políticos, representações governamentais e empresariais. O Engajamundo acredita, sobretudo, na importância da atuação e engajamento da juventude na esfera global e, por isso, busca formar jovens conscientes de seu impacto social e ambiental, capazes de participar efetivamente das decisões que podem impactar as suas comunidades, o país e o mundo. Portanto, a organização parte do princípio que as juventudes são peça fundamental para enfrentar e propor estratégias de solução aos desafios sociais e ambientais pelos quais passam o Brasil e o

Neste ano, foi escolhido para compor a delegação brasileira da organização Engajamundo enquanto membro participante da COP22 sobre Clima da ONU, que aconteceu em Marrakech, Marrocos. O Engajamundo se constitui uma organização composta por jovens, sem fins lucrativos que representa a juventude brasileira nos espaços locais, nacionais e internacionais, onde são tomadas decisões importantes sobre o presente e futuro do planeta.

Jéfferson trabalha, mas não é independente financeiramente; possuindo uma renda mensal individual inferior a um salário mínimo (menos de R\$ 880,00). O transporte coletivo é o principal meio que utiliza, devido – especialmente – às suas atividades e trajetos para a universidade.

Desde os 17 anos, participa de movimentos ambientalistas através da coordenação de ações, captação de recursos, divulgação e organização interna. Tendo como base o uso do conhecimento que adquire na universidade fazendo uma aplicação prática, de modo que se sente parte de todo o processo de conscientização externa e no desenvolvimento das organizações.

Começou seu percurso de engajamento no Grupo Aventura Ambiental de Santa Brígida – GAASB, cuja finalidade era se aproximar mais das discussões sobre juventude e meio ambiente e, a partir daí, criar um grupo em Jeremoabo. Desse modo, pelo processo de incentivo, divulgação e fomento das discussões e ações em Jeremoabo, os jeremoabenses começaram a querer saber do movimento e Jéfferson foi convidando alguns amigos até que surgiu a ideia de criar o Grupo Aventura Ambiental de Jeremoabo – GAAJE.

Jéfferson se qualifica como um jovem muito interessado pelas questões e assuntos que envolvem meio ambiente e, por essa razão, acredita que para atuar nos movimentos ambientalistas é necessário estar sempre atualizado. Assim, busca atualizar através da leitura de artigos, acesso a sites e participação em discussões e debates em ONGs. As principais atividades que gosta de desenvolver são aquelas

---

mundos. Por isso, busca a participação efetiva, engajada, protagônica e militante dos jovens tanto nas decisões quanto nas ações por meio de formações, mobilização e ações de ativismo, que têm também a finalidade de empoderar a juventude brasileira para compreender, participar e incidir em processos políticos internacionais. Além disso, a organização reivindica mais acesso e representação da juventude nestes processos, para que os jovens conquistem mais espaço para articular suas demandas, especialmente, nos âmbitos políticos. Assim, a organização atua com foco em quatro temas, conforme propostos pelos voluntários, a saber: Clima, Habitat 3, Gênero e Desenvolvimento Sustentável.

relacionadas às ações práticas, como coletas de lixo, plantar árvores e fazer palestras de Educação Ambiental.

Embora tenha uma visão bem otimista acerca da participação e engajamento dos jovens nos movimentos ambientalistas e acreditar que os movimentos ambientalistas a nível nacional e internacional têm um grande potencial, Jéfferson parte da ideia que esse potencial não é utilizado, porque apesar de ter muita gente interessada, as ações práticas ainda são muito poucas.

Para Jéfferson, a situação ambiental atual do Brasil e do mundo vem deteriorando-se a cada dia, sendo que, na atualidade, pode-se observar que a poluição do ar, dos rios, e o desmatamento são os três maiores problemas ambientais pelos quais as sociedades devem para tentar resolver. Segundo ele, os Estados representam em sua maioria o interesse dos mais ricos, o fim econômico de suas ações serve às forças econômicas com total subserviência, de modo a deixar que os problemas ambientais sejam camuflados e postos de lado. O Brasil devido a sua formação, devido a Amazônia e toda a diversidade do país, deveria tomar a voz e a liderança nesses processos de decisão sobre os problemas ambientais que tem sua localidade, porém são globais. Por isso, a seu ver, a problemática ambiental se refere a uma questão de caráter social, política, educacional, ética e cultural.

De acordo com ele, apesar das pessoas da sua comunidade (Jeremoabo) o ver como um jovem que é ativo, que busca tentar mudar o que está de errado na comunidade e na sociedade, com certo otimismo, há pouca visibilidade das relações em meio ambiente e juventude. No que tange à universidade, ele diz que o seu curso de Relações Internacionais, as pessoas têm uma visão bem pessimista em relação ao seu engajamento militante, especialmente quanto às questões ambientais, uma vez que ele é visto como um jovem que luta por certa utopia, por pensar que o homem possa dar importância ao desenvolvimento sustentável em detrimento do lucro e do desenvolvimento econômico.

No entanto, ele afirma não se deixar abater por certas posturas e posicionamentos contrários ao seu engajamento militante nos movimentos ambientalistas, haja vista que são notórias essas relações de poder que existem nas conferências internacionais relacionadas a meio ambiente, nas relações de poder entre estados e negociações.

Em seus relatos, Jéfferson afirma a existência da relação entre seu engajamento militante nos movimentos ambientalistas e seu projeto de vida. Seu desejo é concluir o curso em Relações Internacionais e poder trabalhar em organismos internacionais ou organizações não-governamentais ligadas à participação política, a juventude, a meio ambiente por se tratarem de áreas que ele mais se identifica e está diariamente envolvido e realizando ações. Então, em relação ao seu projeto de vida, ele diz que há uma relação intrínseca porque esse desejo, também, o motiva no movimento ambientalista, possibilitando mais experiências e dotando de mais conhecimentos para que, no futuro, possa trabalhar e dar o seu máximo em relação à temática e às ações que envolvem juventude, meio ambiente, engajamento e participação política.

### **LAÍS**

**Laís Bezerra de Souza**, 21 anos na data da entrevista<sup>14</sup>, parda, solteira, natural de Paulo Afonso-BA, não possui filhos. Atualmente, mora em Santa Brígida-BA com os pais, não trabalha e não participa da vida econômica familiar. Estuda Psicologia no Centro Universitário Ages, é membro do Grupo Aventura Ambiental de Santa Brígida (GAASB)<sup>15</sup> na Bahia. Além disso, participa também de ações desenvolvidas pelo Engajamundo em parceria com o GAASB.

Considera-se uma jovem muito interessada pelos assuntos relacionados ao meio ambiente, cuja solução das problemáticas ambientais depende das pequenas ações humanas cotidianamente. No seu ponto de vista, o engajamento militante juvenil nos movimentos ambientalistas se justifica à medida que o ambientalismo se constitui como movimento social, que extrapola a visão romântica e natural de meio

---

<sup>14</sup> A entrevista com Laís foi realizada no dia 02 de setembro de 2016.

<sup>15</sup> Segundo informações fornecidas via site do Grupo Aventura Ambiental Santa Brígida (2016), disponível em: <<http://www.gaasb.com.br/p/o-gaasb.html>>, o GAASB é um grupo feito *por* e *para* jovens, sem fins lucrativos, com caráter apartidário, que não aceita doações de partidos políticos ou empresas, a fim de que sua neutralidade seja mantida e a representação dos reais interesses da organização prevaleça. Define-se como um grupo composto por jovens residentes no município de Santa Brígida - Bahia, que dispõem o seu tempo a fazer trabalhos voluntários visando a prática de lazer e conservação ambiental. Por meio de ações voluntárias, projetos e ativismo, incentiva o protagonismo e o engajamento juvenis para chamar atenção da sociedade e governo, especialmente quanto ao grave quadro que se encontra o meio ambiente, procurando compreender, participar e monitorar as tomadas de decisões políticas, assim como também reivindica mais acesso à representação de jovens nestes processos e espaços públicos. Vale ressaltar que a criação do Grupo Aventura Ambiental de Jeremoabo (GAAJE) foi inspirada no Grupo Aventura Ambiental Santa Brígida (GAASB), a partir das interlocuções, diálogos e parcerias entre seus idealizadores, Jéfferson Felipe Alves do Nascimento e Rafael de Lisboa Deveza, respectivamente.

ambiente e, ao mesmo tempo, insere o ser humano como ser ativo e integrado às relações ambientais em sua conjuntura social, política e cultural.

Aos 19 anos de idade, passou a participar mais ativamente de movimentos ambientalistas. No GAASB, promove passeios e, nesses passeios, faz coletas de lixo. No local que escolhem, realizam alguns projetos de intervenção na cidade, criação de lixeiras com material reciclado, implantação dessas lixeiras, projetos de educação ambiental nas escolas para crianças e adolescentes. Além disso, participa de projetos da gestão do município, da Secretaria de Educação e realiza – semanalmente ou quinzenalmente – encontros para elaboração de ações em Santa Brígida.

Em seus relatos, afirma que, desde quando entrou no grupo, foi uma experiência que foi se construindo cada vez melhor e o que mais a instigava era o desejo pela aventura, principalmente pelo fato de ser muito aventureira e as ações do grupo instigavam a descoberta e conhecimento de novos lugares, de entrar numa trilha, ver como é, ver o pôr do sol, subir uma serra. Esse conjunto de possibilidades trazido pelo GAASB fez com que se tornasse integrante do grupo, já que há uma articulação entre prazerosa de aproximar a juventude aos assuntos relacionados ao meio ambiente.

Laís acredita que o primeiro passo para que as mudanças ambientais ocorram é tentar conscientizar as pessoas, chamar primeiro a atenção delas para o movimento e, a partir daí, poder criar ações e saber dessas pessoas, também, como elas queriam que fosse. Assim, ela relata que participou do Projeto Cidade dos Sonhos, a fim de que as pessoas pudessem se expressar e, a partir do que elas verbalizassem, os jovens viam o que poderia fazer em prol da melhoria da qualidade de vida ambiental da comunidade onde mora.

Conforme Laís, Cidade dos Sonhos é um projeto que está sendo feito para ir à praça pública, onde os jovens coletam a informações com a população sobre “a cidade dos seus sonhos”. No caso do GAASB integrado com o Engajamundo, todo o processo é voltado para o meio ambiente, de onde emergem temas como coleta seletiva e uso de outros tipos de combustíveis. Depois de coletar as informações com a população, os jovens ambientalistas elaboram um documento e entregam para representantes governamentais de seu município ou para os candidatos a prefeito da cidade (em ano de eleição) para que eles se comprometam em trazer

alguma melhoria para Santa Brígida, de acordo com os anseios da população. Na sua forma de interpretar, essa ação se constitui como um caminho viável à construção de diretrizes e políticas públicas de meio ambiente, que não só o município de Santa Brígida necessita.

Segundo Laís, a situação de degradação ambiental no Brasil e no mundo é extremamente preocupante, visto que já estamos sofrendo a consequência dessas intervenções catastróficas na natureza e, por isso, é preciso conscientizar a população do Brasil e do mundo para que as pessoas se atentem ao grito de socorro do Planeta. No seu ponto de vista, o aquecimento global sem dúvida é o pior dos problemas ambientais que estamos enfrentando, pois ele está alterando o clima e com isso o aparecimento de outras catástrofes, o derretimento das geleiras, o aumento de chuvas em cidades chuvosas, maior seca em cidades onde predomina a caatinga, e com isso afeta também a produção de alimentos em diversas regiões, o que acaba afetando a população planetária de forma direta.

Diante desse cenário, acredita que uma das funções dos jovens que integram o GAASB é informar e alertar sobre o que está acontecendo no Planeta através de palestras e discussões sobre as causas, efeitos e estratégias de melhorias em relação às problemáticas ambientais. Para isso, Laís afirma que por meio de internet, jornais e revistas busca, também, ter acesso a informações e construir conhecimentos sobre o que está acontecendo no mundo em relação ao meio ambiente.

### **LAISE**

**Laise Santos Barbosa**, 19 anos na data da entrevista<sup>16</sup>, parda, solteira, natural de Serrinha-BA, onde mora com seus pais e irmãos no Povoado de Mombaça de Valentina, não possui filhos. Atualmente, não trabalha e faz o curso Técnico Subsequente em Agropecuária pelo Instituto Federal Baiano – IFBaiano, em Serrinha.

Laise não é membro de nenhum grupo, organização ou movimento ambientalista específico. No entanto, sempre participou e continua participando ativamente de movimentos e ações ambientalistas – especialmente em sua comunidade – pelo fato de estar envolvida em associações e sindicatos rurais, bem

---

<sup>16</sup> A entrevista com Laise foi realizada no dia 25 de agosto de 2016.



como em ações desenvolvidas pelo grupo da Pastoral da Juventude da Igreja Católica, o que se reforçou com o ingresso no curso Técnico Subsequente em Agropecuária.

Pelas ações desenvolvidas, experiências adquiridas e seu engajamento nas questões ambientais, Laise se identifica como uma jovem que tem grande interesse pelos assuntos relacionados com o meio ambiente por compreender, inclusive, que as problemáticas ambientais se inserem num conjunto de questões sociais, políticas, culturais e educacionais, cujas soluções dependem muito das pequenas ações das pessoas no dia-a-dia.

Laise narra que sempre teve interesses individuais pela luta da preservação do meio ambiente e tentava sempre influenciar tanto o grupo de jovem Pastoral da Juventude (PJ) quanto a associação da comunidade em estarem envolvidos em pequenas ações. E, depois que entrou no IFBaiano, começou a participar diretamente de assuntos envolvidos com o desenvolvimento sustentável e agroecologia, a fim de pensar em estratégias que visem a produção de forma sustentável e a garantia de uma boa relação entre o homem e a natureza, especialmente em sua comunidade, por ser esta campesina.

Embora não esteja vinculada a um movimento específico, nos espaços em que está inserida ela tem construído seu percurso de engajada militante nos movimentos ambientalistas através de ações práticas, lutas, trabalhos de conscientização e participação em curso e oficinas voltados ao tema meio ambiente. Ela acredita que um dos fatores que mais favorecem à degradação ambiental no Brasil e no mundo é a falta de consciência das pessoas e, principalmente, das empresas que visam o lucro. Com isso, muitas espécies de animais e plantas estão sumindo, o que vem causando um desequilíbrio enorme da natureza. Isso, por sua vez, tem contribuído para o aumento da luta dos ambientalistas frente aos problemas ambientais da atualidade que, na sua concepção e conforme sua realidade, são: lixões sem os cuidados necessários, desmatamento, degradação do solo devido o uso de agrotóxicos e contaminação dos rios.

Laise acredita que a construção e agregação de valores tanto para ela quanto para as pessoas que estão ao seu redor, assim como a conscientização e mudança de hábitos no dia-a-dia das pessoas em suas múltiplas relações com o meio ambiente são os principais efeitos do seu engajamento na militância ambiental.

## LORRANA

**Lorrana Santos Sapucaia**, 19 anos na data da entrevista<sup>17</sup>, parda, solteira, natural de Salvador. Atualmente, mora em Castro Alves-BA com seu pai, não possui filhos. Trabalha, mas não é independente financeiramente, sendo sua renda mensal individual entre 01 e 02 salários mínimos (até R\$ 1.760,00). Está cursando o 3º ano do Ensino Médio da Educação Básica, na modalidade Formação Geral no Colégio Polivalente de Castro Alves. É membro voluntária do Grupo Ambientalista da Bahia (GAMBÁ)<sup>18</sup> e da Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola (COM-VIDA)<sup>19</sup> na condição de estudante do Colégio Polivalente.

Engajada nos movimentos ambientalistas desde os 15 anos de idade, Lorrana acredita que os movimentos ambientalistas são de extrema importância para geração atual e as próximas, visto que os seres humanos estão destruindo com a fauna, com a flora e com tudo que faz parte do meio ambiente. Por isso, os movimentos ambientalistas se apresentam como instrumentos capazes de promover a compreensão acerca da realidade ambiental, bem como proporcionar a criação de estratégias para reagir frente a diversas situações entre o ser humano e o meio ambiente, seja na realidade local ou global.

Na sua visão, lixos nas ruas que ocasionam as enchentes, desmatamento para construção de prédios, casas e comércios são os principais problemas que

---

<sup>17</sup> A entrevista com Lorrana foi realizada no dia 24 de agosto de 2016.

<sup>18</sup> Segundo informações fornecidas via site do Grupo Ambientalista da Bahia (2016), disponível em: <<http://www.gamba.org.br/instituicao/quem-somos>>, o GAMBÁ é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, constituída com a finalidade de promover a conservação do Meio Ambiente, o desenvolvimento sustentável e a formação da cidadania, baseada em princípios democráticos e de justiça social. Sua fundação ocorreu em 14 de abril de 1982, a partir da iniciativa de um grupo de técnicos e profissionais liberais preocupados com o avanço da degradação ambiental na Bahia. Em sua trajetória, o Gambá denuncia irregularidades ambientais, discute a legislação, assume cargos de representação de ONGs ambientalistas nos espaços de controle público, desenvolve campanhas e ações de mobilização social, elabora e executa projetos, além de realizar trabalhos de pesquisa, monitoramento e recuperação da fauna e da flora.

<sup>19</sup> Segundo informações fornecidas via documento dos Ministérios da Educação e Meio Ambiente (2004), disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/\\_arquivos/com-vida.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/com-vida.pdf)>, a Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (COM-VIDA) é uma resposta ao pedido dos jovens delegados e delegadas da Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente ocorrida em 2003, que escreveram uma Carta pedindo a criação de conselhos jovens e Agendas 21 nas escolas como espaços de participação em defesa do meio ambiente. Desse modo, a COM-VIDA se constituiu como uma nova forma de organização na escola e se baseia na participação de estudantes, professores, funcionários, diretores, comunidade. O principal papel da COM-VIDA é contribuir para um dia-a-dia participativo, democrático, animado e saudável na escola, promovendo o intercâmbio entre a escola e a comunidade. Por isso, a COM-VIDA é vista como instrumento capaz de somar esforços com outras organizações da escola, como o Grêmio Estudantil, a Associação de Pais e Mestres e o Conselho da Escola, trazendo a Educação Ambiental para todas as disciplinas.

afetam as relações entre o ser humano e o meio ambiente na atualidade, especialmente para satisfazer os anseios das sociedades capitalistas.

Ela parte do princípio que o ambientalismo se trata de um movimento de ordem social que envolve questões das esferas política e cultural, cuja solução dos problemas ambientais, no seu ponto de vista, depende das decisões dos governos e das grandes empresas; embora não descarte a importância e necessidade das pequenas ações humanas no dia-a-dia, como forma de respeito, cuidado, preservação e relação ética com o meio ambiente.

Fazer trilhas, participar das ações e eventos do Gambá, desenvolver atividades com alunos falando da importância do meio ambiente são as principais ações realizadas por Lorrana enquanto membro dos grupos em que está inserida. Para ela, existe a necessidade de maior e melhor conscientização das pessoas, porque as pessoas ainda não se preocupam com o meio ambiente o quanto deveriam, elas não sabem sobre a importância dele.

Em seus relatos, ela explica que o seu engajamento em movimentos ambientalistas está muito relacionado ao seu projeto de vida à medida que tal engajamento despertou o desejo para cursar Biologia, assim que concluir o Ensino Médio.

### **MELINDA VICTÓRIA**

**Melinda Victória Carvalho dos Santos**, 22 anos na data da entrevista<sup>20</sup>, negra, solteira, natural de Salvador-BA, onde mora com sua família, não possui filhos. Trabalha, mas não é independente financeiramente, sendo sua renda mensal de menos de um salário mínimo (menos de R\$ 880,00). Atualmente, reside em Cachoeira-BA, onde estuda Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). É integrante há 3 anos do Engajamundo, no qual atua como coordenadora do GT de Desenvolvimento Sustentável no núcleo local do EngajaBahia em Cachoeira e há mais de 1 ano e meio do Greenpeace de Salvador, como membro do grupo de voluntários.

Melinda afirma que desde pequena os temas relacionados ao meio ambiente são alvo de sua preocupação e interesse, mas que só veio a se vincular a uma instituição ou organização ligada a esses temas em 2013, quando conheceu o

---

<sup>20</sup> A entrevista com Melinda foi realizada no dia 06 de setembro de 2016.

Engajamundo e, desde então, tem se dedicado – especialmente – à formação ética e ambiental de crianças, adolescentes e jovens em espaços de educação formal, bem como tem desenvolvidos vários projetos e campanhas para além dos espaços formais, a exemplo da formação “Moças pelo Clima”, realizada pelo Engajamundo com mulheres marisqueiras e em unidades escolares do município de Cruz das Almas-BA. Pelo Greenpeace, destaca-se a participação e engajamento nas campanhas “Salve o Coração da Amazônia”, “Desmatamento Zero”, “Campanha Solar” e “Carne ao Molho Madeira”.

A jovem Melinda participa ativamente dos movimentos ambientalistas realizando ações para conscientizar a população sobre os efeitos das mudanças climáticas e os prejuízos que a falta de conscientização sobre o meio ambiente pode trazer a população. Além disso, por acreditar que a solução para a grande maioria dos problemas ambientais depende das decisões governamentais e empresariais, ela faz *Lobby* e *Advocacy* para pressionar representantes de grandes empresas e chefes de estados a pensarem em pautas que não prejudiquem tanto o meio ambiente, e realiza formações com jovens do Brasil para torná-los mais conscientes sobre os processos nacionais e internacionais relacionados ao desenvolvimento sustentável, meio ambiente, gênero e mudanças climáticas.

Na sua forma de avaliar a situação de degradação ambiental no Brasil e no mundo, ela parte do princípio que, infelizmente, o Brasil é um país que ainda está focado no agronegócio, os representantes brasileiros ainda estão preocupados em gerar lucros e não estão ligando para a degradação do meio ambiente, o cultivo da soja ainda devasta grande parte da Floresta Amazônica e extração de madeira ainda é legal no nosso país, os mecanismos do governo para reparar esses processos ainda são falhos e sem um acompanhamento efetivo.

Mundialmente, ela acredita que alguns países já sentem consideravelmente os impactos das mudanças climáticas e já estão preocupados em reverter esses processos, porém maiores países emissores do CO<sub>2</sub>, como os EUA, ainda tentam justificar e burlar esses processos. No entanto, para ela, algo em comum entre todos os países que compõem a ONU é o compromisso assumido em 2015 na COP21 em Paris, que traz como meta reduzir as emissões dos gases do efeito estufa e não deixar que a temperatura suba mais de 1,5° dentro de 50 anos.

Nesse sentido, pelas suas experiências e engajamento militante, Melinda considera que os principais problemas ambientais da atualidade são as emissões de gases do efeito estufa que provocam a alteração da temperatura do planeta e a falta de conscientização das grandes organizações, as maiores causadoras desses impactos. Frente a essas problemáticas, ela afirma que no Engajamundo participa ativamente dos processos de negociações internacionais acompanhando as conferências da ONU sobre as mudanças climáticas e o posicionamento de cada país, sendo que anualmente a organização leva uma delegação de jovens para a conferência, a fim de acompanhar de perto todos os processos.

### **RAFAEL**

**Rafael de Lisboa Deveza**, 21 anos na data da entrevista<sup>21</sup>, negro, solteiro, natural de Santa Brígida-BA, onde mora com sua família, não possui filhos. Trabalha, mas não é independente financeiramente, sendo sua renda mensal de menos de um salário mínimo (menos de R\$ 880,00). Atualmente, cursa o 3º ano do Ensino Médio em Santa Brígida. É o fundador do Grupo Aventura Ambiental de Santa Brígida – o GAASB e articula ações, campanhas e projetos em parceria com o Greenpeace e o Engajamundo, dos quais também se considera integrante.

Por conceber o ambientalismo como uma questão social e política, assim como por acreditar que a solução para os problemas ambientais depende muito – e não exclusivamente – das decisões e posturas tomadas pelos governos e grandes empresas, Rafael afirma que aos 18 anos de idade participou da primeira Conferência Municipal do Meio Ambiente na cidade de Santa Brígida e, desde então, vem buscando se informar sobre os acordos do meio ambiente global, as ações de ONGs, a militância e ativismo dos movimentos ambientalistas, atuação dos órgãos governamentais (seja municipal, estadual ou federal), bem como manifesta grande interesse por seminários, conferências e encontros, cuja temática em foco seja meio ambiente.

Além das aproximações com as esferas governamentais de seu município – em especial com a Secretaria de Meio Ambiente –, ele participa de ações diretas, com palestras nas escolas, coleta de resíduos sólidos, reflorestamento, voluntariado, gestão de equipes e projetos, petições, mobilização social, reciclagem entre outras

---

<sup>21</sup> A entrevista com Rafael foi realizada no dia 04 de setembro de 2016.

ações, que desenvolve junto a grupos de jovens que promovem ações voluntárias em prol do meio ambiente.

Para Rafael, a situação ambiental tanto nacional quanto global é crítica e na esteira dos principais problemas ambientais da atualidade está o aumento da temperatura do planeta, o desmatamento das florestas (com a perda da biodiversidade), o acúmulo do lixo no solo e nos mares, o uso excessivo da energia oriunda dos fósseis, a poluição de rios pelos agrotóxicos e redes de esgoto e empresas.

Na sua visão, o retrato desses problemas deve-se ao fato de que, embora o governo e as empresas estejam cada vez mais preocupados com o Planeta, de certa forma não deixa de ser apenas “uma prestação de contas às ONGs, sociedade civil, ONU e afins”. Por isso, ele acredita que os acordos firmados são pouco ambiciosos e as mudanças em médio e longo prazo não garantem a conservação do meio ambiente, nem que a Amazônia irá alcançar o desmatamento zero ou que a matriz energética do Brasil daqui a 30 anos seja gerada a partir de fontes renováveis. O que ele vê são leis de licenciamento ambiental sendo descartadas, dando legalidade para empresas praticar seus atos sem os devidos cuidados e senso de responsabilidade, apenas maquiando uma realidade que pode ser mudada.

### **UENDERSON**

**Uenderson Nunes da Paixão**, 28 anos na data da entrevista<sup>22</sup>, branco, solteiro, natural de Senhor do Bonfim-BA, não possui filho. Atualmente, não está trabalhando e depende, financeiramente, da família; mora em Salvador-BA em habitação coletiva, onde cursa Geologia pela Faculdade Federal da Bahia – UFBA. Há 2 anos é coordenador do Greenpeace em Salvador-BA, de cujo grupo é membro há 7 anos, sendo que começou a participar de movimentos ambientalistas aos 16 anos de idade.

Em seus relatos, Uenderson pontua que o seu percurso de vida militante nos movimentos ambientalistas – inclusive com ações desenvolvidas em outras ONGs para além do Greenpeace – possibilitou uma visão mais ampla acerca das questões e problemáticas ambientais, para quem, tais questões são de natureza social, política, cultural e econômica. Por isso, para ele, é preciso considerar que a solução

---

<sup>22</sup> A entrevista com Uenderson foi realizada no dia 06 de outubro de 2016.

dos problemas ambientais não está, necessariamente, nas mãos dos grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas; dependem, sobretudo, das posturas do ser humano nas relações diárias e, ao mesmo tempo, do teor e objetivos das decisões empresariais e governamentais – sejam elas municipais, estaduais ou federais.

Dentre as ações e atividades de engajamento realizadas por Uenderson, destacam-se trabalhos voluntários, nos quais exerce o papel de levar ideias, campanhas e informações referentes ao Greenpeace, especialmente em unidades escolares. Além disso, ele se considera como um semeador do pensamento sustentável, não só pela ONG, mas também pela sua vida social, profissional e pelos ideais de sociedade com quais comunga acerca da intrínseca relação entre ser humano, meio ambiente e equilíbrio sustentável.

Uenderson considera que a situação ambiental nacional e internacional é muito preocupante, principalmente, pelo fato de que muito é falado, planejado e quase nada é cumprido, efetivamente. E, na maioria das vezes, isso ocorre porque o sistema governamental pensa muito mais nas relações capitalistas de obtenção de lucros através da exploração exacerbada do meio ambiente, especialmente das fontes e recursos naturais.

Nessa perspectiva, na visão do jovem Uenderson, os principais problemas ambientais enfrentados pela humanidade atualmente são a produção de energia associada à construção de hidrelétricas, usinas termoeletricas e nucleares; a intensificação da exploração e uso da terra; e a ausência de atitudes cotidianas sustentáveis, que estejam comprometidas com a redução do consumo de energia, da geração de lixo e outras posturas simples, mas que – em seu conjunto – fazem grande diferença para a construção de sociedades mais limpas, sustentáveis e equilibradas.

Uenderson afirma que, após se formar em Geologia, pretende continuar no Greenpeace, porque tendo conhecimento sobre os estudos da terra e sobre as questões ambientais poderá fazer um trabalho mais conciso com mais embasamento, visto que tem conhecimento de ambos os lados. E, desse modo, poderá unir um campo ao outro e realizar seu trabalho, em consonância com o desejo de continuar engajado e militando nos movimentos ambientalistas articulado com o trabalho na área de geologia ambiental.

**VANESSA CINTHIA**

**Vanessa Cinthia Guimarães Silva**, 26 anos na data da entrevista<sup>23</sup>, parda, solteira, natural de Alagoinhas-BA, onde mora com sua família, não possui filhos. Atualmente, não está trabalhando. Graduiu-se em 2014 no curso de Engenharia Ambiental pela Faculdade Área 1 em Salvador-BA, tem 5 anos no Grupo Ambientalista Greenpeace Brasil de Salvador. Concluiu, em junho de 2016, o curso de pós-graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho pela UCAM e, no momento, está cursando uma pós-graduação em Soluções e Tecnologias Ambientais pelo SENAI CIMATEC, com término previsto para março de 2017.

Vanessa Cinthia deu os primeiros passos no percurso de engajamento militante aos 19 anos de idade, a partir da realização de uma atividade solicitada pela faculdade, na qual membros do Greenpeace fizeram o acompanhamento. Ela narra que a sua primeira participação – enquanto integrante do Greenpeace – foi uma limpeza de praia, na qual tinha a função de sensibilizar os banhistas em relação às questões ambientais. Apesar de parecer – para algumas pessoas – uma ação simples, Vanessa Cinthia relata que se constituiu como um “ritual” importantíssimo e significativo para o seu desenvolvimento enquanto ser humano e profissional e, inclusive, para perceber o quanto os componentes curriculares do seu curso de graduação trabalhavam uma visão, por vezes, superficial, romântica e deslocada tanto da realidade quanto da discussão de meio ambiente como lugar de conflitos, onde se vive, luta, dinamiza a vida e é perpassado, constantemente, por questões de ordem social, cultural, econômica, ideológica e política.

Possuidora de uma visão bastante otimista acerca da atuação engajada e militante dos jovens nos movimentos, coletivos, grupos e organizações ambientalistas, para ela, as questões ambientais estão ganhando, cada vez mais, centralidade e força no campo social, político e econômico, por isso acredita num futuro melhor a partir das ações desencadeadas no tempo presente.

Embora parta da premissa que a solução ou, pelo menos, a amenização dos problemas ambientais estejam relacionados às decisões e formas de concepção ambiental dos governos e das empresas, ela não descarta que é preciso maior conscientização das pessoas no que tange às pequenas atitudes – especialmente

---

<sup>23</sup> A entrevista com Vanessa Cinthia foi realizada no dia 10 de outubro de 2016.



éticas – do dia-a-dia que fazem também diferença para a construção de sociedades mais sustentáveis, limpas e comprometidas com a sobrevivência das gerações nos tempos presente e futuro.

Considera que a degradação dos recursos hídricos, a destinação inadequada dos resíduos e a poluição do ar são os principais problemas ambientais da atualidade, dos quais se desencadeiam os demais problemas; cujas estratégias de solução podem ser pensadas a partir da criação e efetivação de políticas públicas comprometidas com o bem-estar do meio ambiente, sem desvincular o ser humano desse lugar. Além disso, entende que são necessários mais investimentos e maior fiscalização da real aplicabilidade das políticas públicas existentes, uma vez que, no cenário brasileiro, temos uma grande biodiversidade e uma legislação avançada comparada a outros países.

Dessa maneira, tomando como ponto de partida a natureza plural e singular da categoria juventude, razão pela qual se considerou importante apresentar cada sujeito desta pesquisa por possuírem especificidades de serem jovens situados em seus tempos e contextos sociopolíticos, no capítulo a seguir será discutida a perspectiva histórico-social do termo juventude, bem como o conceito de meio ambiente correlacionado às reflexões sobre ética e educação ambiental.

## 2. JUVENTUDE: ANTIGAS QUESTÕES, NOVAS ABORDAGENS

### 2.1. DE QUEM SE FALA QUANDO SE USA O TERMO JUVENTUDE?

Ser jovem é uma coisa muito relativa. Bourdieu já falava [...] Ser jovem tem várias nuances, eu não posso definir, eu não posso dar uma definição completa do que é ser jovem. Não é uma coisa só, é muito relativo... (Melinda).

A atenção dada aos jovens pelos meios de comunicação, pelos estudos desenvolvidos na educação superior, por instituições (não) governamentais vem crescendo nas últimas décadas brasileiras, segundo Abramo (2014). A fala da jovem Melinda coloca em evidência a plasticidade do conceito de juventude e, ao mesmo tempo, re/afirma que, notadamente, há de considerar o fato de que a ideia de juventude, marcada por um determinado período de idade (com começo e fim), não pode ser concebida apenas pelos vieses biológicos e psicológicos, porque historicamente o aparecimento desse termo é alvo de diferentes sentidos e significados, especialmente sociológicos.

Falar de juventude na contemporaneidade requer situá-la como fenômeno cultural, histórico-social e político, afinal a condição juvenil é fortemente caracterizada pelo contato original das novas gerações com um meio cultural preestabelecido. A ausência dessa concepção mais abrangente sobre juventude, de acordo com Abramo (2014), é perceptível no percurso histórico da sociedade brasileira quando se observa a inexistência de políticas públicas pensadas e voltadas de maneira específica para a juventude, políticas essas que contemplem os dilemas e anseios perpassantes às culturas juvenis brasileiras.

Neste ínterim, a fala de uma outra jovem – Laise – é muito emblemática ao se referir à percepção que possui sobre a maneira como os jovens ambientalistas são vistos e, ao mesmo tempo, como o engajamento de jovens por uma questão global e de responsabilidade de todos, por vezes, é desconsiderada e ainda não se constitui ponto central das políticas públicas:

Como jovens, somos capazes de mudar, de transformar muitas coisas tanto pela nossa garra, dinamismo e pela energia que os jovens têm. Somos capazes de mudar outros jovens, mudar os pensamentos até mesmo das futuras gerações, das crianças... os jovens ambientalistas são taxados assim de maluco, que o que a gente está fazendo é loucura, muitas vezes ficam debochando, rindo, quando tentamos desenvolver algo. Muitas vezes, alguns adultos, não acreditam naquilo que nós falamos, achando que é bobagem.

---

Mesmo que a gente explique, ficam sempre com aquele “pé atrás”, com aquela concepção preconceituosa sobre a juventude.

Enquanto categoria sociológica e pensando nas narrativas trazidas pelos jovens entrevistados que fazem e refazem suas experiências e histórias de vida, que não se dão no vazio histórico, social e político; comunga-se com a ideia de que a diversidade conceitual do termo “juventude” se insere como

consequência de determinadas condições sociais e de diferentes representações produzidas para e pelos jovens. Isso porque é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado e, no seu interior, cada grupo social vai lidar e representar esse momento. Existe uma tendência em nomear a juventude a partir de um modelo que usa como referência determinadas representações sociais que veem o jovem segundo a perspectiva de um ser em construção cujos elementos constitutivos são dados de acordo com os valores ideais das classes média e alta (MARTINS; CARRANO, 2011, p. 51).

Acerca das fases da vida numa perspectiva histórica, Ariès (2014) salienta que o entendimento de juventude que se tem nos dias de hoje não é o mesmo da sociedade pré-industrial, onde a infância estava muito ligada ao mundo adulto. Nesse contexto, a juventude é formada por pessoas de 6 a 40 anos de idade, pois não havia uma institucionalização que classificasse as idades.

A partir do século XV, de acordo com Àries (2014), começam a surgir as primeiras abordagens teóricas e práticas de ordem humanista e religiosa, a fim de fazerem a distinção entre infância, juventude e vida adulta. Essa divisão, inclusive, terá mudanças na organização do ensino, pois tende-se a separar as crianças, jovens e adultos.

No entanto, o termo juventude ganha maior consolidação e precisão, a partir da obra *Emílio*, de Rousseau, publicada no século XVIII. Nela, o filósofo produz, teoricamente, concepções modernas de infância e adolescência, fornecendo as bases para compreender o que viria a ser denominada juventude no século XIX.

A compreensão histórica sobre a ideia de juventude possibilita perceber que essa categoria é construída socialmente e sofre mutações tanto no tempo quanto nos espaços sociais, o que revela não ser homogênea. De acordo com Pais (2009), organizar as fases da vida por segmentos etários não diz respeito a um aspecto inerente às sociedades, essa característica tem suas origens nos processos de construções sociais.

Desse modo, nas duas últimas décadas, a juventude passa a ganhar certa visibilidade no cenário brasileiro, especialmente por meio das políticas governamentais, que buscam colocá-los numa posição de centralidade na formulação e efetivação das políticas e programas públicos (CARRANO, 2013).

Daí que não se podem desconsiderar os aspectos históricos que perpassam as trajetórias dos jovens ambientalistas na atualidade, como foi apresentado por Rafael:

primeiramente, pra falar sobre o engajamento de jovens nas questões ambientais, a gente tem que voltar um pouquinho atrás, porque antes a questão da comunicação, de você saber quais eram os problemas enfrentados no país e nisso você conseguir saber por onde poderia ajudar era um tanto mais difícil. Hoje em dia com a globalização, com a internet, há facilidade. Você vê sempre uma organização, um comercial alertando sobre algum problema e, às vezes, também dizendo como você pode ajudar. Hoje têm ONGs que abrem espaços pra que jovens desenvolvam as suas habilidades. [...] Tudo isso influencia pra que o jovem tenha mais espaço e, principalmente, pra que ele tenha voz. Hoje, têm algumas políticas que já fazem com que o jovem comece a pensar essas questões de meio ambiente. Têm conferências que trazem jovens pra fazer parte, tem a Conferência da Juventude, também. Enfim, tem vários programas do governo, que fazem com que a juventude se engaje mais nessas temáticas. A gente percebe que a educação ambiental já é algo pra estar trabalhando na escola, interdisciplinar. Isso, também, já é um ponto a mais pra que a juventude se engaje [...] A juventude está mais engajada do que anteriormente, porque os ambientalistas antes eram pessoas mais velhas. No sentido das gerações passadas, eram meus tios, meus avós... E hoje, a geração de 13 anos em diante já está super engajada nas questões e fazendo o trabalho de gente grande.

Ainda assim, Abramo (2007, 2014) adverte que, mesmo em face dos jovens ocuparem certa centralidade enquanto sujeitos de pesquisas nos temas de dissertações e teses nas academias, as investigações ainda se pautam numa perspectiva restrita a discussões sobre

[...] os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens (notadamente as instituições escolares, ou a família, ou ainda os sistemas jurídicos e penais, no caso de adolescentes em situação “anormal” ou de risco), ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens, poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações (ABRAMO, 2007, p. 74).

É possível perceber, em relação à fala de Abramo (2007) e a partir de um mapeamento que realizei a partir dos trabalhos apresentados na ANPEd<sup>1</sup>, tanto o crescimento dos estudos desenvolvidos considerando as interlocuções no campo da juventude e o quanto esse campo tem se tornado área de interesse e inquietação de muitos pesquisadores e estudiosos que se debruçam não nos limites do conceito de juventude, mas na reflexão e entendimento do jovem enquanto ser social, político, histórico, ator, construtor e transformador de suas experiências, visões de mundo e percepções.

Enfim, as pesquisas mais atuais – especialmente dos últimos dez anos – revelam, de certa forma, um deslocamento dos estudos centrados nos processos de socialização para os processos de sociabilidade e atuação juvenis nos diferentes espaços, tempos e contextos sociais. Quanto a este aspecto, cabe ressaltar que

a juventude é como um espelho retrovisor da sociedade. Mais do que comparar gerações é necessário comparar as sociedades que vivem os jovens de diferentes gerações. Ou seja, em cada tempo e lugar, fatores históricos, estruturais e conjunturais determinam as vulnerabilidades e as potencialidades das juventudes. Os jovens do século XXI, que vivem em um mundo que conjuga um acelerado processo de globalização e múltiplas desigualdades sociais, compartilham uma experiência geracional historicamente inédita (NOVAES, 2011, p. 02).

A ideia de juventude, com a qual comunga esse trabalho, pensa os jovens como atores e sujeitos sociais com diferentes modos de ser e estar jovens, englobando a compreensão de que esses jovens são afetados, constantemente, pelas transformações, assim como são agentes das transformações sociais em diferentes contextos e instâncias seja na vida política, familiar, escolar ou envolvido em questões de sexualidade, meio ambiente, gênero, movimentos sociais, dentre outras conjunturas que fazem e refazem a juventude contemporânea.

Por outro lado, Dayrell (2007) aponta as diferentes imagens que circulam no cotidiano que assumiram e ainda assumem efeitos de verdade sobre a maneira como os jovens são compreendidos, inclusive pelas instituições sociais e instâncias

---

<sup>1</sup> Destaca-se que no mapeamento realizado nos trabalhos da ANPEd, mais especificamente no GT 03 – Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos (8 trabalhos), pode-se perceber uma maior valorização nos últimos anos dos estudos sobre juventude como categoria plural, possuidora de uma identidade e o deslocamento da centralidade dos estudos apenas voltados para a família e a escola, passando a considerar os diversos aspectos que perpassam as juventudes. A exemplo desse deslocamento, foram encontrados trabalhos que abordam as relações juvenis com os movimentos sociais, as expressões culturais, as culturas e saberes juvenis, a construção da autonomia juvenil.

socializadoras. Uma dessas imagens reflete a ideia de juventude como condição de transitoriedade para o mundo adulto e o jovem é visto pela perspectiva do “vir a ser”.

Numa perspectiva mais atual e concordando com Salem (1986), Abramo (2014, p. 14) reforça que “o período juvenil não deve ser pensado como uma mera transição, mas como um período de desenvolvimento que tem a mesma importância que as demais etapas do ciclo vital, que nunca foram chamadas de transitórias”.

A contraposição à ideia de juventude como intervalo de transitoriedade, conforme trazida por Dayrell (2007) e Abramo (2014), aparece de maneira forte na fala da jovem Melinda, para quem, essa ideia é um dos fatores que dá margem para os conflitos e embates geracionais e, por vezes, é utilizada como justificativa para obstruir a participação efetiva da juventude ambientalista nos processos de decisão política, social e ambiental:

É bem pouca a participação política dos jovens dentro dos processos. Poucos conseguem chegar lá, a entrar nos espaços, a participar dos espaços e, os que conseguem entrar nesses espaços e participar não têm voz ativa, porque eles não têm credibilidade. É muito difícil você ser um jovem ativo politicamente nos processos ambientais, que possa dizer: “não, eu acho que deve ser assim por esses e esses motivos”. Que a primeira coisa que os caras dizem é: “Ah, mas você não viveu nada. Como é que você sabe disso?”. A justificativa é que o tempo e a idade dão mais experiência e dá entendimento, e nem sempre funciona desse jeito. Acho que a cabeça do jovem, o mecanismo da juventude de conseguir se moldar às coisas vão ajudar muito mais esse processo, do mesmo jeito que a vivência também ajuda, dos caras que têm 40, que têm 50, que têm 60 anos e que já viveu bastante coisa.

A visão romântica de juventude é outra imagem construída e surgida por volta dos anos de 1960, no bojo do nascimento da indústria cultural com um mercado de consumo efervescente, que buscava se expandir e solidificar-se entre os jovens por meio da moda, revistas, músicas e lazer. Enfim, por uma série de atrativos pensados e criados para despertar o interesse da juventude e, sobretudo, garantir a efetivação dos princípios de uma sociedade industrial emergente.

Nessa visão, a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil (DAYRELL, 2007, p. 156).

A visão romântica vai, paulatinamente, situando a juventude como lugar de cultura. No entanto, esse lugar é pertencente e atribuído aos jovens que curtem a vida e sua condição juvenil em atividades de cunho cultural e de entretenimento nos finais de semana.

Uma terceira imagem apontada que, segundo Dayrell (2007), está presente nas visões anteriores é a ideia muito recente de juventude como etapa de crise da vida humana, caracterizada como período difícil, repleto de problemas, conflitos, instabilidades, baixa autoestima, dificuldades de aceitação, identificação e construção da personalidade.

Especialmente em virtude dessa terceira imagem, por vezes, justifica-se a tendência da distância criada entre o jovem e a família, bem como em relação ao trabalho e à escola enquanto instâncias socializadoras que nos últimos anos têm perdido o lugar privilegiado, sem perder a sua importância, de campos específicos de sociabilidades e únicas instâncias capazes de transmitir os valores das gerações mais velhas às gerações mais novas, principalmente com o advento das tecnologias digitais e a grande expansão da cultura de massa, conforme Setton (2002) e Sousa, Leão e Pinto (2013) alegam.

Se por um lado o panorama dessas imagens, que reflete diferentes visões sobre juventude, permite analisar os jovens de maneira positiva; por outro lado, sublinha as questões culturais e sociais como principais aspectos que elucidam a complexidade para definir juventude e os modos de ser jovem presentes no cotidiano.

Os estudos de Peralva (2007) trazem a juventude como condição social, onde as transformações físicas e psicológicas próprias do desenvolvimento do corpo em relação à faixa etária não se configuram como determinantes das representações construídas nas sociedades acerca da categoria juventude. Ou seja, não existe uma maneira única das sociedades compreenderem esse momento e nem esse momento se configura por uma unicidade.

A entrada, a saída, as representações subjacentes aos significados do ser/tornar-se jovem variam de uma sociedade para outra e até dentro de uma mesma sociedade, em algumas inclusive celebram-se rituais como sinônimos de “passagem”, transição, renovação e esperança do novo.

A esse respeito, Martins e Carrano (2013, p. 44) afirmam que

uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, seria a de contribuir para que os jovens pudessem realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais. O peso da tradição encontra-se diluído e os caminhos a seguir são mais incertos.

O fato é que os jovens vivem, de certa forma, nos conflitos entre os antigos valores e as novas relações provenientes da sociedade. Ser jovem, por exemplo, “crescendo em uma família ‘nuclear tradicional’, com irmãos biológicos, é diferente de sê-lo em uma família recasada, coabitando com padrasto e irmãos não biológicos” (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 23).

Essa multiplicidade se alicerça em conjunturas sociais como aquelas de classe, geracionais, identitárias, étnicas, de gênero, políticas, religiosas, históricas, geográficas, familiares, dentre outros fatores que reverberam nas diferentes maneiras e modos de ser jovem sócio-historicamente.

## **2.2. JUVENTUDE: UMA CATEGORIA DE SUJEITOS PLURAIS**

Se por um lado juventude é uma categoria inventada pelos adultos, onde a idade não é suficiente para refletir sobre esse momento da vida, por outro lado é importante conceber juventude pelo seu caráter, eminentemente, heterogêneo, visto que a idade é o único aspecto comum entre os sujeitos dessa categoria.

É precisamente neste aspecto que surge a necessidade de diferenciar juventude e jovens. Para Souza (2013), juventude é a fase da vida e jovens são os sujeitos imersos na diversidade social, que por sua vez terão diferentes maneiras, desejos, gostos e posturas na vivência com as tensões sociais e essa fase da vida.

Dessa forma, é possível afirmar que a juventude – enquanto categoria criada pelo ser humano – não se altera como fase da vida. As transformações ocorrem de fato nos diferentes modos e maneiras com que os sujeitos (jovens) vivem essa fase e constroem suas identidades, atuam, comportam-se e posicionam-se frente ao dinamismo social de cada época. Conforme mencionam Levi e Schmitt (1996, p. 17),

de um contexto a outro, de uma época a outra, os jovens desenvolvem outras funções e logram seu estatuto definidor de fontes diferentes: da cidade ou do campo, do castelo feudal ou da fábrica do século XIX... Tampouco se pode imaginar que a condição juvenil permaneça a mesma em sociedades caracterizadas por modelos demográficos totalmente diferentes.



O jovem do século XXI não é o mesmo jovem do século XIX, pois as demandas contextuais são outras, os problemas sociais já não são os mesmos, as experiências de inserção na estrutura social forjam a formação de outras identidades e subjetividades, solicitam dos jovens outras formas de lidar com os desafios e anseios sociais.

Afinal, como afirma Melinda, ser jovem

não é uma coisa só, é muito relativo... se você é um jovem negro, se você é um jovem de classe média, se você é um jovem de escola pública, se você é um jovem de escola privada. Então, a categoria juventude está muito mais relacionada a vários outros temas [...] Eu posso dizer assim: “Ah, ser jovem é estar conectado, é ter acesso à internet”. Mas, tem jovem que não tem isso e eles não deixam de ser jovens. Eles não deixam de fazer ativismo, de fazer ações dentro da comunidade.

Compreender o caráter social e histórico da categoria juventude, cujos sujeitos vêm passando por constantes mudanças e transformações, permite avançar no sentido de não reduzir a “uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta” (DAYRELL, 2007, p. 158).

A juventude é marcada por processos abrangentes que extrapolam a visão superficial e restrita a uma noção de idade, embora essa noção assuma um significativo papel também para a definição e destino de políticas públicas para a juventude, conforme sinaliza o Estatuto da Juventude – instituído pela Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013 – para o qual a juventude vai dos 15 aos 29 anos de idade, enquanto para a Organização das Nações Unidas dos 15 aos 24 anos. Além disso, “a idade não é somente um conjunto de anos que se vai agregando num processo linear, mas determina expectativas e comportamentos, podendo tornar o tempo um inimigo” (SOUZA, 2004, p. 49).

Carrano (2013, p. 100) enfatiza que “a definição pelo corte de idade é uma maneira de se definir o universo de sujeitos que habitariam o tempo da juventude. Este é um critério variável e muda de país para país. Na América Latina vai se estabelecendo o consenso de que os jovens devem ser considerados até os 29 anos”.

Torna-se necessário refletir sobre como os jovens, em seus cotidianos e imersos em diferentes culturas sociais, constroem maneiras de ser jovem e quais

significados e sentidos atribuem às experiências e descobertas provenientes *do* e *no* seu contexto.

Como afirma Dayrell (2007), discutir e compreender a noção de juventude numa perspectiva mais ampla e na interação com o contexto social requer o “desapego” de definição e delimitação de critérios rígidos acerca do que seja juventude. Esse “desapego” não marginaliza a importância dos critérios que subsidiam a ideia de juventude, mas busca compreendê-la numa conjuntura que prestigia as potencialidades juvenis para além da maturação biológica.

Melucci (2004) ressalta que o desenvolvimento biológico (marcado por questões corporais e psicológicas) implica, na maioria das culturas, na demarcação do princípio da juventude através do processo de inserção e reconhecimento dos potenciais juvenis a partir de mudanças como a capacidade de procriar, as responsabilidades que os jovens passam a adquirir, a necessidade de demonstrar auto-suficiência, os primeiros sinais de busca por menos proteção familiar como sinônimo de certa independência, a aproximação e formação de grupos de sociabilidades, onde se desenvolvem relações afetivas, criam-se os referenciais de modelos a serem seguidos.

No entanto, a juventude não deve ser vista como momento ou processo de passagem dissociado do meio social em que se engendram as relações entre os indivíduos, visto que não existe uma maneira única de ser jovem porque o jovem está inserido em sociedades que são dinâmicas, que privilegiam e legitimam determinadas práticas em detrimento de outras. Por isso, o ideal é pensar a juventude no seu pluralismo, ou seja, juventudes, conforme enfatiza Dayrell (2007, 2013) e Carrano (2013) ao discutirem sobre a natureza plural e diversa da noção de juventude e a condição dos jovens como sujeitos sociais.

Transitando pelos significados de sujeitos sociais, Charlot (2000) aponta que se constitui como sujeito o ser humano que dialoga com o mundo, com sua própria história, com as pessoas, constrói e é construído pelo mundo. O sujeito possui vontades, elabora e constrói projetos de vida, é um ser ativo inserido num determinado grupo familiar, numa dada sociedade e, portanto, ele ocupa um lugar social dentro das relações sociais. Ao mesmo tempo em que é constituído das múltiplas relações que o inserem no contexto social, o sujeito tem caráter singular no

que tange às suas particularidades, emoções, história de vida, peculiaridades, formas de ver e interpretar o mundo.

Numa perspectiva antropológica, onde a condição de espécie humana é o que de fato aproxima os sujeitos entre si, Charlot (2000) sinaliza as interdependências entre a multiplicidade e as singularidades que constituem os sujeitos sociais enquanto espécie humana, situando-os como fruto de construções alicerçadas em fundamentos sociais, históricos, políticos e culturais que se dão ao longo da vida dos sujeitos.

Isso significa afirmar que, essencialmente, os sujeitos sociais se constroem e legitimam suas práticas nas relações sociais. A esse respeito, refletindo sobre os processos de socialização e atuação juvenis, bem como partindo do princípio que todo ser humano (nesse caso, o jovem) é sujeito, Dayrell (2007, p. 160) sinaliza que “o homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere”.

No diálogo entre a dimensão natural (biológica) e a cultural (social) é fato que os jovens nasceram numa sociedade preexistente, que estruturalmente não dependeu dele para ser produzida. No entanto, à medida que esses jovens vão fortalecendo seus laços de sujeitos sociais, eles vão sendo convocados a perceber, refletir e posicionar-se perante os conflitos, contradições e problemas emergentes e presentes na sociedade. “Nessa perspectiva, nosso grande desafio é compreender como os jovens constroem seus modos de ser e viver, educam-se e são educados no contexto de uma sociedade que mudou muito nas últimas décadas” (LEÃO, 2011, p. 102).

Como sujeitos e representantes de uma geração mais nova, é sobre os jovens que, na maioria das vezes, depositam-se as esperanças de mudanças e transformações sociais. Ainda que o nascimento dos problemas da atualidade, a exemplo dos ambientais, não sejam frutos das ações juvenis, a juventude é convocada ou despertada a se apropriar da sua realidade (local e global) e pensar em alternativas que viabilizem melhores condições de vida humana.

Nesse sentido, refletindo sobre o seu papel enquanto sujeito social e o engajamento juvenil em problemáticas ambientais que, na escala espaço-temporal,

são frutos de ações anteriores ao nascimento da sua geração, Lorrana reconhece que

é importante os jovens estarem nos movimentos ambientalistas. As pessoas vão ver que os jovens estão interessados no meio ambiente, uma geração que vai fazer a diferença e que eles mesmos vão precisar do meio ambiente, e que têm que lutar por isso. Só tenho 19 anos, isso aí é meu futuro. Se eu não cuidar agora, o que vai ser do meio ambiente futuramente?

Ao colocar-se como membro de “uma geração que vai fazer a diferença” a partir de suas ações no tempo presente, essa jovem coloca em xeque que a defesa da perspectiva do jovem como sujeito, capaz de uma *práxis* social, não se trata de uma mera opção teórico-conceitual que pode cair no erro de atribuir à juventude a condição de objetos, mas entrelaça-se com a dimensão que situa o tempo presente como espaço de reflexão e atuação juvenil. Nesse sentido, concebe-se a juventude para além dos pressupostos basilares da ideia de transitoriedade, que coloca o jovem como probabilidade do “vir-a-ser”.

Nas narrativas dos jovens entrevistados, fica muito claro que é atuando no presente vivido que os jovens constroem as capacidades de refletir acerca do futuro, esse processo não pode ser visto como característica singular e nascente apenas no adentramento à vida adulta. Nas falas dos jovens ambientalistas é muito presente a ideia de que, embora haja certa ausência de reconhecimento por uma parte das instâncias sociais do papel ativo da juventude, o tempo presente é o tempo da juventude. Ou seja, os jovens ambientalistas partem da perspectiva que suas ações não se constituem como transitórias e pontuais, eles são jovens do tempo presente que levantam bandeiras pensando, também, nos seus futuros.

Davi, jovem ambientalista que coordena o Grupo de Trabalho (GT) Escola do Greenpeace, considera que um dos pontos principais que deve ser compreendido tanto pelos jovens ambientalistas quanto pela sociedade de um modo geral é que as ações da juventude engajada em movimentos ambientalistas buscam refletir sobre a herança deixada pelo homem nas suas diferentes formas de atuar no meio ambiente, entrelaçando presente e futuro e, portanto, a juventude não é o mero espaço da preparação e do “vir-a-ser”.

Dessa maneira, pensando no papel da juventude ambientalista na atualidade, ele diz:

O Skinner fala que quando a resposta é muito longe, dificilmente a pessoa vai ser reforçada a fazer determinado comportamento. No caso, a resposta de preservar o futuro agora pra ter uma resposta no futuro, de poder sobreviver no futuro é muito mais difícil de conseguir. Então, eu tento passar pra esses jovens coisas do nosso dia a dia mesmo. Tipo: “Se você jogar aquele lixo no chão, onde é que ele vai parar? Porque não tem fora. Tem o planeta, mas não tem fora do planeta. Ele vai ficar em algum lugar. Ele vai acabar entupindo algum bueiro, ele acaba fazendo alguma coisa que vai prejudicar você mesmo”. A gente tenta mostrar isso. É muito difícil você levar pra criança, adolescente ou jovem que você tem que preservar para o futuro, tem que mostrar pra ele a realidade agora e reforçar de forma social.

Para Sarti (2004), o mundo social e a compreensão do lugar que ocupam são construídos pelos jovens por meio dos processos de socialização e interação social que viabilizam tanto a tomada de consciência dos conflitos, desafios e possibilidades existentes em seu contexto como a consciência das expectativas criadas entorno das novas gerações como sinônimos de vigor, luta e manifestações de anseios.

No entanto, não se pode cair na falsa ideia ou na ingenuidade que a juventude por si só é fonte de resolução dos problemas sociais articulados com questões políticas, econômicas, culturais e ideológicas. A juventude, mediante as problemáticas ambientais, deve ser vista como parte da solução e não como responsável total e absoluta pela resolução e amenização dos problemas ambientais.

Rafael, Davi e Uenderson, por exemplo, acreditam que a solução para os problemas ambientais e o efetivo resultado do engajamento juvenil ambientalista não dependem apenas das pequenas ações das pessoas no dia a dia. Embora acreditem na importância dessas ações, eles colocam que é preciso um movimento maior, mais consistente e positivo por parte das esferas governamentais e das empresas, especialmente em sua tomada de decisões na sociedade capitalista que tem seu foco nas relações de produção e consumo, por vezes, desenfreadas.

Para eles, a existência de grupos, organizações e coletivos ambientalistas por si só não terão efeitos significativos se não conseguirem atingir positivamente os modos de pensar e ser ambientalistas dos governos e grandes empresas. Por essa razão, na perspectiva de Rafael – tomando como referência o grupo que coordena, o GAASB – os grupos, coletivos e organizações ambientalistas são vistos

como uma evolução, um empoderamento de jovens. É uma coisa nova, porque a gente sempre vê a questão de falar sobre meio

ambiente nas escolas; mas, na prática, as escolas deixam muito a desejar. E quando a gente trabalha na questão da coleta de resíduos sólidos, do ativismo ambiental, de participar de fóruns, conferências, de plantar ideia na mente, principalmente dos jovens, e mostrar pra eles que a nossa realidade é precária e que a gente não deve se acomodar com isso; então, as pessoas começam a ficar inquietas, elas começam a ver problemas e elas querem, também, fazer parte da solução. Então, é isso que a gente quer. A gente não quer apenas apontar um erro, mas também quer unir forças e conseguir uma solução pra aquilo [...] É toda essa questão mesmo que envolve, que engloba e faz com que a gente sonhe, cada dia mais, em ter um mundo melhor para a gente e para as futuras gerações.

Acreditar na juventude como campo potencial à amenização dos problemas e desafios enfrentados pela sociedade significa compreender que esse processo ocorrerá mediante o imbricamento das instâncias sociais aliadas à efetivação de políticas públicas que legitimem os jovens como cidadãos e sujeitos, capazes de transitar e intervir nos espaços e tempos sociais.

É preciso assinalar, conforme Sposito (2014), que no plano das políticas públicas<sup>2</sup> a temática juventude tem ganhado mais visibilidade nos últimos anos e, com isso, os jovens têm assumido a condição de sujeitos de direitos, que lhes confere maior autonomia e legitimidade para suas intervenções no campo social e cultural, inclusive por meio dos vários programas e projetos criados no Brasil com intuito de desenvolver o caráter social e humano juvenis, principalmente a partir do governo Lula.

Nesse sentido, a natureza plural das juventudes contemporâneas traz como ponto-chave a necessidade de fortalecer e promover espaços de diálogos entre gerações e compreender a juventude como partícipe do contexto econômico, político, cultural e social em que estão imersos. Desconsiderar essa peculiaridade presente na juventude significa desconsiderar, também, o papel ativo e consciente que muitos jovens-estudantes brasileiros expressam ao realizarem, por exemplo, manifestações em prol de uma educação pública de qualidade, como aquelas que ocorreram no estado de São Paulo, em 2015 e 2016.

Não pretendo descrever ou aprofundar a discussão sobre políticas públicas e juventude, mas ao pontuá-la (ainda que brevemente) busca-se elucidar que ser

---

<sup>2</sup> Política pública é aqui entendida como “o conjunto de diretrizes e ações encaminhadas pelo poder público para atender a determinados interesses e necessidades coletivas, as quais podem ser implementadas pelo próprio Estado ou em conjunto com a sociedade civil” (SILVA; SILVA, 2011, p. 663).

jovem no contexto da sociedade contemporânea é diferente do ser jovem de algumas décadas passadas, porque cada período traz suas singularidades e desafios, que interferem nas posturas dos jovens frente aos graus de mudanças na sociedade.

Sposito (2002) e Carrano (2008) afirmam que é preciso desmistificar os discursos que ainda estão muito presentes na contemporaneidade, especialmente nas práticas educacionais, que caracterizam os jovens como rebeldes, desocupados, indivíduos em crise, problemáticos, inconstantes, imaturos, violentos, desordeiros, mal-educados, dentre outros termos e adjetivos que acabam por “anular” o caráter de sujeitos tão intrínseco às juventudes.

Essa caracterização, também, é muito presente no universo da juventude ambientalista. Há quase que um consenso nas narrativas dos jovens de que a maioria dos jovens ambientalistas é vista com descrédito, especialmente, pelas pessoas adultas através de discursos do tipo:

É maconheiro, é vagabundo. Tem muito isso! “Ah, você faz o quê?” Faço trabalho voluntário. “Ah, rapaz, isso não é pra mim não”. “Ah, você é novo. Vá fazer alguma coisa de verdade. Vá trabalhar, vá estudar”. Sim, estou fazendo o quê? Trabalho, estudo e faço voluntariado. Não é porque estou fazendo isso que sou vagabundo. Existe muito isso de pessoas mais velhas principalmente, assim de 40, 50 anos que já vêm de outra vida. Já de jovem pra jovem é mais de boa, mas de adulto, de pessoa mais velha pra jovem tem muito preconceito (Uenderson).

No grupo [se referindo ao Greenpeace], eu sou tipo um cabeça. Eu acho que tem a questão também da gente gostar de poder ser alguém no grupo, ser alguma coisa importante no grupo. Acho que é natural do ser humano poder ser valorizado. Fora do grupo, geralmente, me chamam de louco [sic]. Primeiro, porque meu tempo é ambiental, sempre estou em busca de alguma coisa. Todo mundo se revolta um pouquinho, às vezes, com isso porque, além de ser do Greenpeace, eu sou vegano. O povo acha que eu sou chato por isso, que eu sou irritante por isso. [...] Mas assim, é uma paixão minha. No trabalho pelas pessoas que a gente tenta parar, porque eu sou captador de recursos do Greenpeace, sempre que a gente vai parar, alguém fala: “Ah, vocês são desocupados” e não sei o que... Na minha família, direto tem alguma piadinha, tipo: “Ah, não tem o que fazer”, “é falta do que fazer” (Davi).

A jovem Elen ratifica que embora existam os discursos negativos de que “jovem é bagunceiro. Jovem é isso, é aquilo, é baderneiro. Mas, não é! Quando eles

querem alguma coisa, eles colocam a cara pra bater e dizem: ‘Oh, eu estou aqui! Eu quero isso, me escutem’”.

É preciso, pois, abandonar essa visão negativa acerca da juventude e passar a compreender os jovens como produtores de história, culturas e de territórios individuais/coletivos. Para Leão, (2011, p. 99), “os jovens são atores plurais, abertos à experimentação e propensos a assumir diferentes identidades dependendo do contexto e das relações sociais em que estão inseridos”.

Leão (2011) parte do pressuposto de que refletir sobre quem é esse jovem e como ele se tornou quem é se constituem uns dos aspectos principais para compreendê-lo como sujeito dentro de uma multiplicidade de experiências e papéis sociais que assume. Por isso, para Melucci (2004), ser jovem não se fundamenta na ideia de destino; para ele, a juventude está atrelada à capacidade de fazer escolhas, transformações e construir caminhos de autonomia e responsabilidade.

Dayrell, Moreira e Stengel (2011) apontam que a pluralidade das juventudes contemporâneas implica na necessidade de compreendê-las sob olhares múltiplos para além dos demarcadores etários e enquanto formadas por sujeitos *de* e *em* transformação, entendendo juventude como categoria social cuja complexidade é perpassada por questões de gênero, etnia, geração, política e classe social.

Desse modo, as discussões tecidas nesse trabalho, no conjunto das reflexões acerca da juventude contemporânea e seu imbricamento com a problemática ambiental, consideram

os jovens como sujeitos em construção, mas sujeitos também do tempo presente e não somente como um “vir-a-ser” adulto. Os jovens vistos como portadores de direitos e seres políticos capazes de intervir no espaço coletivo revelam no cotidiano as contradições, os impasses e os antagonismos nas relações com os próprios pares e com os demais segmentos sociais, tornando visível, como um *iceberg*, a complexidade da sociedade contemporânea (DAYRELL *et al*, 2011, p. 12).

Concordando com o pensamento de Leão (2011), acredito que seja importante entender a condição juvenil na contemporaneidade distante das visões e imaginários preconcebidos que, por vezes, criamos e utilizamos para categorizar de forma fechada as múltiplas possibilidades de vivências e atuação juvenis, esquecendo-se que os jovens são sujeitos portadores de voz e que é preciso oportunizar aos jovens a condição de ser ouvidos e posicionar-se frente às



condições sociais, culturais, econômicas e políticas que os transformam e, ao mesmo tempo, são transformadas por eles. Por essa razão, é arriscado falar de juventude numa perspectiva universal, pois além de perder a sua dimensão histórica e social, pode-se cair no engano de que os jovens vivem e compartilham as mesmas experiências, independente de seus contextos sociais.

Castro (2011), ao fazer o seguinte questionamento: “os jovens podem falar?”, apresenta caminhos para refletir sobre a atuação juvenil enquanto uma construção histórica e, ao mesmo tempo, complexa porque a atuação dos jovens na contemporaneidade é fruto de enfrentamentos e conquistas diante da cortina do silêncio imposta aos jovens.

Enquanto portadores de vozes e sujeitos sociais, a juventude engajada ambientalmente parte do princípio de que ser jovem e ambientalista, na atualidade, não significa apenas levantar a bandeira por uma causa ou grupo ambiental. Para eles, estar imbricado nos movimentos ambientalistas não representa ociosidade, perda de tempo, falta de expectativas ou anulação dos seus direitos de ser ouvidos e posicionar-se frente ao mundo. Ao contrário, a juventude engajada nas problemáticas ambientais acredita que ser jovem ambientalista

é ser ousado, porque tem que ter muita ousadia pra bater de frente com pessoas que estão ali dispostas a lhe impedir de fazer seu trabalho. Pessoas que ficam tentando fazer você desacreditar no que você pensa. Então, você tem que ter a cabeça muito centrada e força de vontade pra lutar pelo objetivo que se quer. Acho que ser jovem e ser ambientalista tem um pouco dessa ousadia: você querer e você correr atrás do que você quer (Laís).

Historicamente, os jovens assumiram a condição muito mais de indivíduos falados do que de falantes, salienta Castro (2011). Nesse sentido, a autora reforça que a “fala” em sua dimensão múltipla e social representa a própria constituição dos jovens enquanto sujeitos políticos e capazes de promover transformações na vida social coletiva. Castro (2011) afirma que é preciso superar a visão decorrente do século XIX que concebe os jovens como seres passivos e meros aprendizes que nada sabem, cuja construção de mundo e de si mesmos dependem unicamente da sua submissão aos adultos, através dos quais poderão adquirir todos os conhecimentos das gerações passadas, desconsiderando a juventude como categoria formada por questões peculiares e diferenciadas contextualmente.

Neste aspecto, enquanto coordenadora da juventude do Partido Verde em Salvador-BA e gestora ambiental, Elen ao fazer referência à condição juvenil e ambientalista da juventude atual, pontua que nos interstícios das gerações não se deve desconsiderar que “o jovem tem direito a ter uma boa qualidade de vida e a maioria sabe que é um dever proteger o meio ambiente para as futuras gerações”.

Concomitantemente, Dayrell e Corrochano (2009, p. 119) chamam a atenção que é

importante considerarmos os jovens enquanto pertencentes a uma geração que vive em determinado contexto social, econômico e político – o do início do século XXI com todas as suas mutações e desafios a ele inerentes, mas, ao mesmo tempo, em sua diversidade de pertencimento de classe social, sexo, cor/raça e trajetórias de vida. E, tal como alerta Martuccelli (2004), por detrás de posições estruturais semelhantes, evidencia-se uma diversidade de estados sociais.

Condição social e representação se configuram como os principais pilares para se entender o conceito de juventude na contemporaneidade a partir da noção de que existe uma diversidade dos modos de ser jovem como reflexo da própria pluralidade das diferentes juventudes que se constroem e constituem através de experiências e vivências diversificadas. Ser jovem, por exemplo, pertencente à classe média é diferente de ser jovem pertencente às classes menos favorecidas.

Sem dúvidas, as condições sociais, econômicas, as disparidades entre o capital cultural, econômico e social influenciam na formação de diferentes perfis juvenis que, por sua vez, podem atuar como indicadores decisivos e não determinantes das relações sociais juvenis inscrevendo sobre os jovens posições de prestígio, oportunizando ou não o acesso a determinados meios culturais.

Por isso, o processo de vivência da juventude deve ser visto pelo prisma tanto social quanto subjetivo, pois é uma falácia considerar que a participação e inserção dos jovens na sociedade se dão de forma horizontal, como se todos tivessem as mesmas oportunidades de acesso e garantia dos seus direitos enquanto sujeitos sociais dotados de autonomia, consciência, desejos, valores, sentimentos e anseios.

O desenvolvimento pleno do jovem até alcançar a idade adulta e perceber-se, sobretudo, como cidadão depende das experiências que os jovens constroem no processo de suas juventudes, onde o descobrimento e fortalecimento de suas potencialidades por meio das relações estabelecidas com os diferentes espaços e

tempos são de fundamental importância para que os jovens desenvolvam sua capacidade crítica, entendam-se como agentes de transformação social e possam se posicionar diante do mundo com uma efetiva participação social.

### **2.3. PROJETOS DE VIDA: CATEGORIA-CHAVE DA CONDIÇÃO JUVENIL**

Quando eu realmente entrei pra esse mundo ambientalista, a princípio, o que eu pensava era apenas terminar os estudos e seguir um cursinho qualquer, alguma coisa que me rendesse alguma grana pra que pudesse me manter. Mas, depois que eu comecei ir a fundo no GAASB, a participar de outras organizações, eu percebi que eu tinha que me especializar na área para poder ajudar outras pessoas, para que eu pudesse crescer na organização e, conseqüentemente, para que eu tirasse dali o meu sustento. Eu não consigo mais distinguir o que é o meu lado ambientalista e o que é o meu lado da minha vida social, porque tudo já é uma só. Eu consigo fazer essa mistura. E hoje, depois de tantas influências boas que, é claro, foram muito positivas na minha vida e foi um divisor do que realmente eu quero ser, eu vou ser – com fé em Deus – um biólogo. Eu quero me especializar na área de ecologia [...] eu quero trabalhar nessa área, eu quero me especializar melhor. E também, claro, minha paixão, quero seguir com ela que é ser fotógrafo. Na verdade, eu já sou fotógrafo, mas eu quero ter muito mais conhecimento para conseguir fazer esse casamento biologia e fotografia [...] Dizer o que significa GAASB é um pouco complicado, porque na maior parte do tempo já está fazendo parte de uma vida, porque eu não consigo mais separar o que é trabalhar com a organização e o que é a vida comum. Então, já se tornou uma coisa única, uma coisa que eu tenho me empenhado bastante, me dedicado muito (Rafael).

A fala de Rafael permite perceber que o universo de possibilidades, limites e desafios colocados frente aos jovens, que contribuem para seu desenvolvimento muito além da ideia de juventude restrita a uma delimitação etária, são influenciados e, ao mesmo tempo, influenciam na formação da identidade e das perspectivas de projeto de vida dos jovens.

Nesse ínterim, Dayrell (2013) enfatiza a estreita relação entre identidade e projeto de vida, uma vez que o projeto de vida pode ser compreendido como o poder de decisão e escolha dos jovens acerca dos seus desejos, anseios e fantasias quanto ao futuro, assim como a representação de seus objetivos e visão de mundo sobre as estratégias a ser utilizadas a fim de alcançar a vida que pretende construir.

A formação da identidade juvenil tem nos contextos sociais, econômicos e culturais a principal base onde se estruturam as primeiras possibilidades dos seus projetos de vida, que dependem das considerações que os jovens constroem de si e

das experimentações que vão tecendo nesses contextos que viabilizam o descobrimento de seus gostos, desejos e prazeres.

No discurso de Elen, por exemplo, aparece de maneira muito forte o entrelaçamento da sua perspectiva de vida com as atividades que desenvolve no engajamento ambientalista, que extrapolam a conclusão de um curso em nível superior e relaciona-se com visão ética e de responsabilidade social que possui no que tange à sua função social e política:

Eu sou uma Gestora Ambiental e futura Engenheira Ambiental e Sanitária. Então, os projetos que eu atuo, que eu ajudo, os movimentos que eu contribuo estão entrelaçados com a minha vida pessoal, porque é algo que eu tenho interesse, é algo que eu busco pra estar melhorando a minha qualidade de vida; não só minha, mas de toda a população. É um jeito que eu busco em estar melhorando a minha partezinha que estou fazendo pra melhorar o mundo [sic]. Mas enfim, essas ações são importantes e elas fazem parte do que eu quero na minha vida, dos meus ideais, dos meus projetos e, futuramente, eu pretendo estar engajada muito mais em relação a isso, em estar colocando os projetos, que eu ainda penso, na rua.

Logicamente, a abordagem de identidade aqui não se limita à noção do “eu interior” relacionada ao conjunto de características inerentes aos indivíduos quando nascem. Pelo contrário, a identidade, no campo das discussões e reflexões até aqui trazidas, é entendida como processo de construção que se dá nas relações que os jovens mantêm consigo, com os outros e com o mundo.

Como disse Viana (2009), a identidade juvenil poder ser entendida pelo prisma do “conceito de si” ou “representações de si” que os jovens constroem como falas individuais e dos grupos sociais que fazem parte ou pertencem. Nessa construção, gradativamente, os jovens vão tomando consciência de si e do seu papel nas múltiplas relações que estabelecem com o meio.

No campo da juventude ambientalista, os conflitos que perpassam os diferentes processos de construção da identidade juvenil são mais emergentes em virtude da invisibilidade juvenil ambientalista que, por vezes, essa juventude é colocada à margem das interações e interrelações sociais, é como se os jovens estivessem sozinhos e lutando por causas que não são levadas a sério. E essa invisibilidade, por sua vez, não permite que o envolvimento da juventude em problemáticas ambientais seja compreendido como o percurso em que, na reflexão e ação, eles constroem suas identidades e seus repertórios de vida. É preciso sinalizar

que essa invisibilidade tem em suas raízes a concepção de que “cuidar do meio ambiente já é visto, por muita gente, como falta do que fazer” (Davi).

Logo, numa sociedade capitalista a luta ambientalista ocupa muito mais o lugar da “desordem” do que de reflexo de uma juventude que, imersas nos movimentos ambientalistas, constroem e ressignificam suas biografias através das interações sociais na busca por sentidos de vivências, experiências de vida e formação das suas identidades. Portanto, vistos pela perspectiva da interação social e enquanto sujeitos sociais, os jovens ambientalistas não se fundamentam em “oba-oba”, em ações estanques. Há sentidos e significados atribuídos às suas maneiras de ver, interpretar e atuar no mundo.

Além disso, é importante perceber que as diferentes experiências vividas pelos jovens, desde a infância, mostram que o que acontece na infância não permanece na infância, mas se estende para o resto da vida dos indivíduos em suas diferentes fases. E, nesse sentido, desconsiderar as relações sociais construídas pelos jovens como formatadoras das suas identidades significa desconsiderar o quanto as relações familiares, escolares, entre amigos e outras instâncias sociais exercem influência na formação identitária juvenil. A esse respeito, vejamos o que disse Laise:

Quando eu era criança, eu tinha uma vontade de ser bióloga pra poder cuidar dos animais, mas isso eu já mudei. Hoje, com meu curso técnico em Agropecuária, eu pretendo fazer Agronomia e continuar com meus dois projetos que eu estou desenvolvendo de pesquisa, dentro do IF, que é voltado também à questão de agroecologia, desenvolvimento sustentável e eu pretendo estar, daqui em diante, participando de mais e mais projetos ou movimentos. Mas, o meu trabalho mesmo é na área de Agronomia com ênfase na Agroecologia, porque eu quero aproveitar a minha permanência e a minha experiência através do meu avô, que é agricultor, e também minha paixão por trabalhos voltados pra meio ambiente, e juntar o útil ao agradável para construção de uma sociedade melhor, de estar de certa forma ajudando, contribuindo para o futuro. Não só pensando na questão financeira, mas também no melhor para nossa sociedade. O interesse pela Agronomia surgiu a partir do meu envolvimento com o sindicato dos trabalhadores rurais, vendo a experiência, o dia a dia dos meus tios, avós... tudo voltados à agricultura familiar. E eu pretendo utilizar isso em favor da alimentação saudável e utilizar métodos mais adequados para produção desses agricultores. O sindicato dos trabalhadores rurais significa construção de saberes, de lutas e de histórias também da minha comunidade dentro do município de Serrinha, perceber que a autonomia que eles tinham na sua produção, hoje se perdeu com o uso de agrotóxicos e coisas que o mercado financeiro oferece. E

hoje, a Agroecologia vem surgindo através disso, é o retorno dessas formas tradicionais para que não danifiquem tanto o solo e o espaço que eles vivem, valorizando assim as sementes crioulas e o alimento que eles estão produzindo e os agricultores e moradores estão adquirindo.

Percebe-se que o encadeamento dado por Laise no tocante aos seus estudos, à busca e produção de conhecimentos, bem como à sua visão de projeto de vida estão muito fortemente ligadas às suas relações familiares e à participação de reuniões em sindicatos e associações rurais com seus avós e tios; enfim, a identidade de Laise foi construída nesses processos de interação. Isso permite lembrar o que Dayrell (2013) ressalta que a identidade juvenil se constitui como um processo de formação fundamentado na interação social, que não é possível sem o contato e o relacionamento dos jovens com outros sujeitos e as variáveis que formam o contexto onde estão inseridos, visto que a identidade diz muito sobre os laços de pertencimento individual e coletivo que os jovens passam a ter no bojo de suas relações. Por isso, “fica evidente a importância do grupo de amigos, das esferas culturais, das atividades de lazer, da escola, entre outros, como espaços que podem contribuir na construção de identidades positivas” (DAYRELL, 2013, p. 02).

As diferentes maneiras como os jovens constroem suas identidades, leem e interpretam o mundo orientam e justificam suas escolhas por este ou aquele projeto de vida, bem como sinalizam os desejos, envolvimento e sentidos de pertencimentos que atribuem por se interessarem e participarem de determinados grupos sociais, por se imbricarem em determinadas causas e questões cotidianas. Assim, a identidade pode ser entendida como uma variável basilar na formação dos projetos de vida juvenis.

No entanto, é fato que a construção de um projeto de vida, que não está necessariamente relacionado às perspectivas de cunho profissional, depende do processo de aprendizagem de escolhas e decisões pelo qual os jovens passam, que contribui para a sua formação autônoma à medida que aprender a escolher e decidir se relaciona à tomada de responsabilidade e compromisso sociais.

Importante destacar que, a depender do meio social em que os jovens estão imersos, seu desejo e engajamento em grupos, coletivos ou movimentos ambientalistas são mais ou menos aceitos, mal ou bem vistos, especialmente pelos familiares. Diferentemente da fala de Laise, na maior parte das narrativas dos jovens

é muito comum aparecer o relato de que, embora muitos tenham despertado sua vontade pelas problemáticas ambientais por meio dos pais, há certo descontentamento (ou a princípio existiu) da família em virtude de os jovens seguirem seus projetos de vida dentro dos movimentos ambientalistas, principalmente por causa do pouco retorno financeiro. Dos jovens entrevistados, é possível perceber que da juventude que mora na zona urbana, as famílias esperam que eles tenham desejo por cursos de alto prestígio ou que busquem construir suas vidas de modo que sejam mais reconhecidos social e financeiramente, como podemos observar:

Minha família fica muita preocupada, minha mãe acha que eu não tenho o que fazer. Ela não entende muito a fundo sobre o grupo [...] Enfim, minha família super apoia, só ficou meio assim quando eu disse que ia fazer Biologia pra ser professor. Ficaram meio... “ah, porque existem tantos outros cursos que podem dar uma melhor vida pra você no futuro”. Mas, isso aí passou, eles entenderam que essa é minha vontade [...] Então, digamos que esses movimentos são incentivo, influência e foi um divisor de pensamentos. E hoje, já é uma decisão minha: assim que terminar o colégio, já vou procurar fazer alguma coisa, um vestibular relacionado a Ciências Biológicas. A princípio, queria fazer um bacharelado porque minha intenção é trabalhar com organizações. Mas, caso não consiga, é licenciatura mesmo, não tem problema (Rafael).

A minha vida, na infância, eu comecei com a questão de família. Sempre tem a questão de família. Minha mãe sempre falou: “Não jogar o lixo no chão. Não fazer isso, não fazer aquilo outro”. E eu fui adquirindo esse repertório aos poucos, apesar de minha família não acreditar nesse altruísmo de se engajar em uma coisa sem fins lucrativos (Davi).

Meus colegas de faculdade me achavam besta, burra [sic], louca por estar trabalhando voluntária, enquanto poderia estar procurando mais estágios pra ganhar dinheiro. Eles não sabiam como era estar envolvida nesse grupo, que gera até um ciclo de amizades também. Tem outra visão de tudo que está acontecendo no nosso meio (Vanessa Cinthia).

No caso de Laise, moradora do campo, a questão financeira não é o balizador da sua decisão de abranger as problemáticas ambientais enquanto projeto de sua vida. Na família de Laise não houve certa rejeição ou estranhamento no tocante à sua motivação e desejo pelas questões ambientais e, como ela mesma afirmou, essa decisão foi motivo de orgulho “por eu vir e ser uma menina do campo, querer crescer, me desenvolver perante o local onde eu vivo, sem ter que precisar ir pra fora”.

O “ir pra fora”, inclusive, remete à ideia errônea que, historicamente, foi construída de que o jovem do campo deve projetar sua vida desconsiderando suas raízes campesinas<sup>3</sup>; visto que, nessa linha de pensamento, o campo é o lugar do atraso e da contemplação da natureza. Portanto, essa visão corrobora para a negação e invisibilidade da identidade juvenil (LEÃO, 2015).

Nesse sentido, compreende-se que seja “tarefa do mundo adulto e suas instituições garantir aos jovens momentos e situações em que se coloquem como interlocutores, promovendo uma relação intergeracional” (DAYRELL, 2013, p. 03). O cumprimento dessa tarefa em sua plenitude e efetividade requer o rompimento com o conjunto de representações negativas e preconceituosas que, ainda, circundam no imaginário, discursos e relações mantidas com a noção de juventude.

Compreender a juventude como categoria constituída por sujeitos sociais que possuem autonomia, capacidade de escolha, condições de decidir e perspectivas de diferentes projetos de vida não invalida nem nega o importante papel que as instituições sociais podem exercer no diálogo intergeracional, como forma de orientação e mediação entre as gerações passadas e presentes. Neste aspecto, Dayrell (2013) enfatiza a necessidade de romper com a visão de juventude atrelada à noção de incompletude, despreparo, ausência, incerteza e desconfiança.

Melinda considera que o intervalo entre a esperança e a falta de credibilidade dada aos jovens contribui para os conflitos entre gerações, uma vez que na maioria das vezes não se concebe a existência da juventude sem a tutela das gerações mais velhas e, dessa forma, é retirada do jovem sua autonomia de sujeito; bem como se reforça a ideia que os jovens são indivíduos despreparados, problemáticos, inexperientes, instáveis e, se são incapazes de pensar sobre as suas próprias trajetórias de vida, que condições têm de decidir sobre a relação entre sociedade e meio ambiente?

Por essa razão, sem desconsiderar sua importância, Melinda afirma que inclusive nos próprios movimentos ambientalistas se faz presente tanto a visão da

---

<sup>3</sup> Novaes (2006, p. 10) destaca que “via ecologia, os jovens rurais e urbanos se conectam com as questões de seu tempo, fazendo dialogar velhos problemas com novas motivações. Hoje, no campo e na cidade, há grupos de jovens ambientalistas. E ao mesmo tempo, o tema é quase obrigatório nas demais organizações juvenis. Os grêmios estudantis, as juventudes partidárias e as pastorais da juventude católica e evangélica se veem na obrigação de colocar um item ecológico em seus projetos, programas e agendas [...] Nesse contexto, em que a violência se banaliza e a natureza está ameaçada, o ideário ecológico pode ser uma amálgama para a construção de sentido e utopias juvenis”.



juventude como categoria formada por sujeitos pensantes e críticos quanto à visão de uma juventude amorfa e agregadora de instabilidades em relação ao seu engajamento e projetos de vida. Para ela, essa falta de visibilidade e credibilidade dada às vozes juvenis corrobora para as dissensões geracionais e, ao mesmo tempo, para que alguns jovens não consigam transpor seus próprios limites e cheguem à vida adulta com uma visão de mundo mais ampliada.

E por isso, de maneira bem geral, pensando nos anseios juvenis dentro dos movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas, ainda se vê que

a maioria dos jovens é usada como mecanismo pra desenvolver o processo, mas eles não são parte da construção do processo. É por isso que a gente tem poucos jovens engajados nos processos, porque pra eles não é interessante só ir pra rua e fazer e acontecer. Eles querem desenvolver tudo (fazer e acontecer, não. Ir pra rua e botar em prática). Eles querem fazer a coisa acontecer, eles querem construir junto. Nem sempre o que é prioridade pra um cara de 50 anos, é prioridade pra um jovem. Então, o que a gente precisa desses movimentos é a participação efetiva da juventude, porque a juventude é criativa (Melinda).

E complementa:

Esse é o diferencial do Engajamundo: a gente não usa o jovem como objeto, a gente é jovem e chama o jovem pra pensar junto com a gente os processos. A gente vai pensar o que é melhor para a gente, porque é a gente quem vai estar aqui daqui a 20 anos, daqui a 30 anos, daqui a 40 anos vivenciando isso. Então, vamos parar pra refletir do nosso ponto de vista? Não adianta ter um discurso bem legal [...] É importante ter movimento, sim. Não quero desacreditar os movimentos, eu acho que a atividade que eles fazem, as ações que eles desempenham, é muito importante. Mas, é importante que a gente insira o jovem nesse processo [...] O jovem tem total consciência para distinguir o que vai ser bom ou não para eles (Melinda).

Logo, não há dúvidas da necessidade de reconhecimento do jovem enquanto sujeito que

ama, sofre, se diverte, pensa a respeito das suas experiências, interpreta o mundo, tem desejos e projetos de vida. Torna-se necessário escutá-los, considerá-los como interlocutores válidos e, na perspectiva do protagonismo juvenil, tomá-los como parceiros na definição de ações que possam potencializar o que já trazem de experiências de vida (DAYRELL, 2013, p. 03).

É através do conhecimento e reconhecimento das potencialidades juvenis, percebendo o jovem como sujeito dotado de sentimentos, criatividade, autonomia,

consciência e não como mero corpo em estado de transformação, que as identidades juvenis são construídas, bem como são postos os alicerces à elaboração de projetos de vida de maneira mais segura, positiva e imbricada com a sua própria formação humana.

Viana (2009) salienta que a formação da identidade juvenil é um processo, eminentemente, social que se inicia pela ação socializadora dos adultos e, aos poucos, os jovens vão construindo de modo mais efetivo suas autoimagens e aprendendo a escolher e decidir.

Nesse processo, há que se tomar cuidado para que essa influência, principalmente das instâncias socializadoras, não acabe por projetar nos jovens uma espécie de adulto-padrão por julgá-los incompletos, problemáticos, inconstantes, transitórios e necessitados de chegar a um modelo ideal de adulto, desconsiderando suas trajetórias de vida, suas vozes, suas diferentes realidades, as peculiaridades de sua geração e as ambiguidades existentes de suas experiências e os projetos que embasam, dão sentido, significado e ressignificam suas vidas.

Para Novaes (2011, p. 01),

na sociedade moderna, embora haja variação dos limites de idade, a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro. Por isto mesmo, de maneira geral, a juventude é a fase da vida mais marcada por ambivalências. Ser jovem é viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação. Para a juventude acena-se com uma espécie de “moratória social”. Isto é, a juventude é vista como etapa de preparação, em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social, a saber: responsabilidade com família própria, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania. Certamente, entre os jovens contemporâneos, há diferenças culturais e desigualdades sociais. Hoje já é lugar comum falar em “juventudes”, no plural. Em uma sociedade marcada por grandes distâncias sociais, são desiguais e diferentes as possibilidades de se viver a juventude como “moratória social”, tempo de preparação. A condição juvenil é vivida de forma desigual e diversa em função da origem social; dos níveis de renda; das disparidades socioeconômicas entre campo e cidade, entre regiões do mesmo país, entre países, entre continentes, hemisférios.

Esta mesma autora deixa evidente que a condição juvenil, no que tange à formação de sua identidade e construção de seus projetos de vida, não se dá unilateralmente e ramifica-se em virtude dos diferentes gostos, da participação em

grupos religiosos, associativos e políticos que dão sentido e atribuem significados à formação identitária dos jovens.

Enquanto sujeitos sociais, históricos e políticos, os jovens constroem seus próprios espaços de socialização e na produção de seus territórios de sociabilidades vão elaborando suas identidades. São nesses territórios que os jovens vão descobrindo sua autonomia, construindo noções de responsabilidade e compromisso a partir do momento em que o envolvimento com seus grupos passam a despertar neles o desejo de conhecer-se e, ao mesmo tempo, de questionar-se sobre a contribuição de sua existência *no e para o mundo*.

Nessa perspectiva, é possível perceber nas narrativas dos jovens ambientalistas certa multiplicidade de questões que perpassam seus primeiros contatos com a temática meio ambiente e a solidificação com o engajamento ambiental, que vão desde a influência da família, passando pela escola até a participação em sindicatos, associações, igrejas e grupos de amigos; o que, de certa forma, mostra também o forte papel que as instâncias socializadoras tendem a exercer na constituição identitária juvenil, conforme pode ser percebido na fala de Laise:

Não é à toa que, desde os oito anos, eu participo de movimentos no sindicato, associação, de vários e vários outros grupos tanto de igreja como da sociedade civil; porque eles têm um peso grande, além de das experiências compartilhadas, das lutas, trazem também a construção de amizades que é fundamental para esses movimentos saber que existem pessoas que pensam igual a você, que querem compartilhar as mesmas coisas, que querem construir algo melhor para o mundo, para o futuro. Esses motivos que fizeram estar no IFBaiano, para estar fazendo um curso voltado para Agroecologia, para assim eu poder ser a multiplicadora de saberes para os agricultores de forma agroecológica, sustentável, incentivando eles a planejar suas produções de forma que não prejudiquem o meio ambiente.

É nesse sentido que Martins e Carrano (2011, p. 44) ressaltam que, apesar dos jovens possuírem certa autonomia em relação ao mundo adulto na construção de suas identidades culturais, “há uma via de mão dupla entre aquilo que herdamos e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais”. Nessa via, é preciso estar atento para os riscos e as incertezas que perpassam a formação dos projetos de vida juvenis, especialmente em virtude desses jovens estarem imersos

---

numa sociedade globalizada e caracterizada, fortemente, por relações assimétricas de oportunidades.

Com isso, não se nega a forte influência e poder exercido pelas estruturas e instituições sociais na formação das identidades juvenis. Mas, é preciso considerar que nessa influência e poder não reside, puramente, uma imposição de determinados modos de ser jovem e construir a identidade juvenil na contemporaneidade. Há, também, de considerar que os jovens expressam seu poder de escolha e veem as estruturas sociais como elementos que condicionam, mas não determinam e vetam sua capacidade de escolha, decisão e posicionamento diante do mundo.

Quanto a este aspecto, Martins e Carrano (2011, p. 44) pontuam que

os jovens fazem seus trânsitos para a vida adulta no contexto de sociedades produtoras de riscos – muitos deles experimentados de forma inédita, tal como o da ameaça ambiental e do tráfico de drogas –, mas também experimentam processos societários com maiores campos de possibilidades para a realização de apostas diante do futuro.

Compreender os jovens como sujeitos e atores sociais é um dos primeiros passos ao estabelecimento do diálogo entre diferentes gerações onde o conjunto de representações, dos acervos culturais e as trocas simbólicas ganham forma, visibilidade, sentido e articulam-se na construção das identidades e legitimação dos projetos de vida juvenis no processo de interação, nem sempre harmoniosa, entre a comunicação e socialização exercidas pelas gerações mais velhas em relação aos diferentes processos de sociabilidades que engendram as vivências e experiências das gerações mais novas.

A juventude não deve ser vista como uma categoria passiva e amorfa sobre a qual se depositam todos os problemas sociais, históricos, políticos e culturais na tentativa e esperança de que sejam solucionados pelos “jovens futuros adultos”, sem que essa categoria não seja vista igualmente como de natureza política, social e cultural.

De nada adianta pensarmos “o jovem como a possibilidade de um futuro melhor, mas não constituímos as oportunidades de a juventude se reconhecer como tal potencialidade concreta de mudança no tempo presente” (MARTINS; CARRANO, 2011, p. 50). Isto é, a concretude de mudanças provenientes da atuação juvenil não

será efetiva sem a devida credibilidade dada a essa categoria e sem que sejam oferecidas as condições necessárias para que os jovens possam compreender sua realidade e participar ativamente na transformação do seu contexto.

Nesse cenário de intersecções entre as múltiplas identidades juvenis, seus projetos de vida e os paradoxos da atual condição juvenil, Abramo (2014, p. 13) adverte que

a condição juvenil refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, refere-se a uma dimensão histórico-geracional, ao passo que a situação dos jovens revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.

Portanto, a formação e construção da identidade e dos projetos de vida juvenis concatenadas com as expectativas das gerações mais velhas que, por vezes, veem nas novas gerações as possibilidades de mudanças dos problemas sociais que, historicamente, não são frutos da geração atual, passam pelos diferentes modos como os jovens veem e são vistos pela sociedade, bem como pelo conjunto de valores e significados que atribuem às suas responsabilidades e compromissos perante os desafios que lhes são apresentados e que, na maioria das vezes, representam questões sociais, políticas, econômicas e culturais preexistentes à sua geração.

Isso, por sua vez, faz com que não se pense a juventude apenas como um momento de passagem, mas a conceba como categoria formada por sujeitos que são habitantes de uma sociedade dinâmica e em constante transformação, que traz em seu bojo problemas, conflitos, incertezas e possibilidades de atuação.

#### **2.4. MEIO AMBIENTE: NOSSO VELHO (DES)CONHECIDO**

Infelizmente é uma realidade muito dura a situação ambiental no Brasil e no mundo. Cada vez mais, o mundo sofre as consequências de um consumismo desacelerado que nós seres humanos causamos (Davi).

A situação ambiental atual do Brasil e do mundo vem deteriorando-se a cada dia. Percebe-se que os Estados representam, em sua maioria, o interesse dos mais ricos, o fim econômico de suas ações serve as forças econômicas com total subserviência, de modo a deixar que os problemas ambientais sejam camuflados e postos de lado. O Brasil – devido a sua formação, devido a Amazônia e toda a diversidade do país – deveria tomar a voz e a liderança nesses

processos de decisão sobre os problemas ambientais que tem sua localidade, porém são globais (Jéfferson Felipe).

Aquecimento global sem dúvida é o pior dos problemas que estamos enfrentando, pois ele está alterando o clima. Com isso, o aparecimento de outras catástrofes: o derretimento das geleiras, o aumento de chuvas, maior seca em cidades onde predomina a caatinga. E, com isso, afeta também a produção de alimentos em diversas regiões, o que acaba nos afetando de forma direta (Laís).

Se por um lado as falas de Davi, Jéfferson Felipe e Laís ilustram que é inegável o fato que o planeta Terra está enfrentando sérias mudanças e grandes transformações, que têm afetado a vida dos indivíduos na sua forma de produção, consumo e interação com os recursos naturais e demais seres vivos. Por outro lado, diante desse cenário, é igualmente inegável que as questões ambientais no que tange à relação homem-natureza têm ganhado grande importância na sociedade atual, pois as ações humanas sobre o meio ambiente se constituem por diferentes e diversas intencionalidades que, por vezes, não se caracterizam de maneira harmoniosa e ecologicamente saudáveis e têm levado a geração atual suprir suas necessidades comprometendo a capacitação e sobrevivência das gerações futuras.

Neste aspecto, digamos que o engajamento da juventude ambientalista não tem apenas como foco resolver as dívidas ambientais criadas e deixadas pelos seus pais e avós, assim como não se coloca nos ombros dessa juventude a inerência da responsabilidade de solucionar os problemas ambientais como se dependesse apenas dela. Mas, existe um desejo deles próprios não aumentarem essa dívida no que tange às relações com o meio ambiente e, ao mesmo tempo, lutam para que as gerações futuras possam conviver de forma harmoniosa e sustentável. Ou seja, a perspectiva da juventude ambientalista é, sobretudo, construir um mundo de pessoas mais éticas ambientalmente, bem como deixarem um mundo melhor com pessoas melhores, que não sejam simplesmente levadas pela corrente e fluxo das prescrições capitalistas, que vê o meio ambiente como espaço de exploração.

E, nesse sentido, são bastantes comuns afirmativas, tais como:

Eu não quero que um filho ou um neto meu não possa ver o que eu tenho a oportunidade de ver. Tipo, eu moro num lugar que tem bastante árvores, tem pássaros, tem tudo isso. E, assim, está ficando urbanizado, mas pelo menos eu tive a oportunidade de conhecer e eu não quero que as próximas gerações não tenham a oportunidade de conhecer as coisas como são de verdade ou conviver num mundo

---

pior do que já está. Eu quero ajudar mesmo e mudar, tentar mudar de alguma forma o mundo, melhorando ele em si (Elen).

Para Leff (2002, p. 17), ambiente “não é a ecologia, mas a complexidade do mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes de conhecimento”.

Assim, de uma sociedade para outra ou dentro de uma mesma sociedade, os indivíduos podem perceber e considerar a temática meio ambiente de maneiras diferenciadas a depender das relações que mantêm e valores que atribuem à natureza, como por exemplo as diferenças existentes entre as sociedades indígenas e as sociedades industriais.

O conceito de meio ambiente, entendido nesse trabalho, não se resume a uma noção contemplativa da natureza, reduzida à ideia de vida no campo e distante dos centros urbanos ou ainda considerar que apenas os lugares que não são/foram explorados e degradados pelo ser humano podem ser denominados como meio ambiente.

O conceito de meio ambiente está além dos elementos naturais:

A questão ambiental aparece como uma problemática social e ecológica generalizada de alcance planetário, que mexe com todos os âmbitos da organização social, do aparato do Estado e todos os grupos e classes sociais. Isso induz um amplo e complexo processo de transformações epistêmicas no campo do conhecimento e do saber, das ideologias teóricas e práticas, dos paradigmas científicos e os programas de pesquisa (LEFF, 2006, p. 282).

Essa visão, que situa o meio ambiente numa perspectiva entrelaçada com a ideia de problemática social, é apontada pelos jovens como elemento fundamental trazido nos processos de formação (palestras, seminários, oficinas) que desenvolvem com crianças, jovens e adultos, a fim de descortinar a falsa ideia de que meio ambiente se resume ao mundo das coisas naturais e que, por vezes, exclui o ser humano enquanto sujeito integrante e atuante desse espaço:

A visão que os jovens de Ensino Médio têm de meio ambiente é bem relativa. Uns acham que “ah, meio ambiente é plantar árvore, não jogar o lixo na rua”. A gente questiona: “você acha que colabora para a poluição do meio ambiente?”; “não, de jeito nenhum” [...] Pra eles, é plantar árvore, tudo verdinho, bonitinho, aquilo ali é meio ambiente. Cuidar dos bichinhos... que não é nunca responsabilidade minha, é sempre o outro que vai fazer; que é bonitinho quando alguém planta

---

uma árvore, mas não precisa fazer isso [...] Não adianta ensinar o que é o meio ambiente e não conscientizar. É preciso conscientizar. É preciso dizer que somos parte disso, não à parte. Não estamos avessos a esse processo, não estamos separados disso (Melinda).

Percebe-se, a partir do relato de Melinda, que os jovens consideram que é cada vez mais urgente e necessário que a problemática ambiental assuma posição de relevância e a temática meio ambiente seja tratada como prioridade pelos projetos, ações e políticas públicas brasileiras, principalmente educacionais. Mesmo com os avanços de estudos sobre diferentes concepções ambientais, ainda é preciso avançar da noção reducionista de meio ambiente atrelado apenas à ideia de fauna e flora, o que por vezes corrobora para o fato de situar o ser humano fora dessa percepção limitada e equivocada de meio ambiente.

Atualmente, conforme Machado (2014), já não cabe mais a visão fechada de meio ambiente como o essencialmente natural. É preciso fomentar o caráter holístico desse conceito numa perspectiva que busca refletir sobre as relações entre o homem, o mundo, a natureza e os demais seres vivos, sem perder de vista as implicações das relações humanas na construção da vida em sociedade marcada por diferentes formas de relacionamentos com os recursos naturais.

É urgente sair das reflexões que apenas apontam relações de causas e efeitos como se as ações humanas sobre a natureza fossem naturais, imparciais, imprevisíveis e neutras. Se por um lado, é preciso assumir posturas mais efetivas que possibilitem o desenvolvimento de consciências críticas dispostas a mudar a realidade de degradação, exploração e comprometimento de vida das gerações futuras. Por outro lado, é necessário também dar visibilidade e atenção aos coletivos e grupos de pessoas que têm se debruçado na busca por alternativas que garantam a nossa sobrevivência sem maltratar a natureza.

Vistos por este prisma, os relatos dos jovens ao mesmo tempo em que justificam e trazem à tona as suas mobilizações de inserção em grupos ambientalistas, especialmente as ONGs, também denunciam a necessidade de uma integração ativa da juventude nos movimentos ambientalistas:

As ONGs, de um modo geral, trazem uma importância muito grande e muito significativa pra sociedade. Os papéis que elas desenvolvem são de extrema importância, tanto na área social, na área educacional, na área ambiental, também. Todas elas têm sua importância e é sempre voltada pra causas dos menos favorecidos. No caso das causas ambientalistas, vejo como uma forma de buscar



melhorias, de acreditar num mundo melhor e de tentar conscientizar as pessoas sobre o que acontece no planeta (Laís).

Eu tenho admiração pelos trabalhos que eles fazem, em saber que eles estão buscando melhorias e formas mais adequadas de preservar o ambiente... eu não sei pela experiência de outros movimentos ambientalistas, mas o daqui de Serrinha, pelo que eu percebi em uma conferência no Dia do Meio Ambiente, só tem pessoas mais velhas, adultas e tem poucos jovens participando (Laise).

Neste íterim, é importante considerar e reconhecer o papel desempenhado por muitas organizações governamentais e não-governamentais que buscam interligar contextos históricos e sociais enquanto produções humanas para compreender as intencionalidades das transformações ocorridas na natureza por intermédio das intervenções do homem. Há a necessidade de tratar as questões ambientais desde seus aspectos físicos e biológicos àqueles que dizem respeito às diferentes maneiras do homem interagir com a natureza. Por isso, refletir sobre meio ambiente na contemporaneidade é atentar-se para a complexidade que essa temática engloba, que vai desde as noções de cuidado, preservação, interação ser humano-natureza às ideias que sustentam as práticas desenvolvimentistas sociais.

Nesse processo de interação, o ser humano não pode ser extraído ou desapropriado da natureza como se fosse um elemento à parte dela, ele também é natureza, faz parte do meio ambiente, se constrói e reconstrói a partir de suas intervenções. A juventude ambientalista, especialmente dos anos 2000, dada à multiplicidade de questões que perpassam as relações humanas busca entrelaçar as discussões de meio ambiente com questões políticas, sociais, econômicas, culturais e de gênero; reforçando que a discussão acerca das problemáticas ambientais não deve se fundamentar numa visão dicotômica entre meio ambiente e ser humano, como se o segundo não compusesse o primeiro. A ruptura dessa visão pode ser percebida no relato de Melinda sobre uma ação desenvolvida pelo Engajamundo:

A última formação que a gente fez foi o “Moças pelo Clima”, que teve duas etapas: a primeira foi com mulheres marisqueiras, para entender os impactos das mudanças climáticas na vida dessas mulheres e passar para elas o que eram mudanças climáticas, como elas entendiam isso; porque muitas nem sabem o que são as mudanças climáticas. São mulheres de uma comunidade quilombola de Santo Amaro, que trabalham e vivem da pesca e da mariscagem. E a segunda etapa, a gente fez numa escola de Cruz das Almas, que foi exatamente pra mostrar aos alunos da escola a relação de clima e gênero. Como as mulheres são as mais afetadas pelas mudanças

climáticas [...] Sim, mulheres e clima têm tudo a ver. Então, a gente mostrou para esses alunos de forma bem dinâmica, fez alguns jogos e sempre questionava pra eles: “se chove demais e sua casa inunda, quem é que vai limpar a casa?”. E eles sempre respondiam: “Minha mãe”. E aí a gente ia mostrando para eles: “Olha como isso está relacionado?!”. “Se você fica doente, tem dengue ou chikungunya, ou pega uma leptospirose, quem cuida do filho? A mãe”.

Os jovens ambientalistas partem do princípio que as abordagens acerca de temáticas ambientais devem refletir sobre a importância do meio ambiente em sua conjuntura macrossocial<sup>4</sup>, considerando as representações dos impactos de cuidado ou degradação sobre o planeta vinculado à sobrevivência na Terra. O relato de Melinda, por exemplo, coloca em evidência que o agir juvenil nas causas ambientais não deve ser confundido como mera ação pela ação. Os relatos juvenis enfatizam a natureza política, cultural e social do meio ambiente enquanto lugar de conflitos, lutas, disputas e representações que fazem percebê-lo não como um espaço inerte, exterior à vida humana, disponível à degradação, fonte de exploração e acúmulo de capital.

Por essa razão, comungando com os postulados de Leff (2002), o presente trabalho parte da premissa de que

a complexidade ambiental é pensada como construção social que emerge da reflexão (a intervenção, o efeito, o impacto) do conhecimento sobre o real e sobre a natureza, para além da visão objetiva das ciências da complexidade e da visão ecologista do pensamento complexo. A complexidade ambiental emerge da hibridação entre a ordem físico-biológica, tecnológico-econômica e simbólico-cultural (LEFF, 2002, p. 19).

Por um bom tempo meio ambiente e ser humano foram vistos como categorias que, embora estivessem relacionadas, o primeiro assumia uma posição de subserviência em relação ao segundo. Além da capacidade de retirar da natureza os meios para proverem seu sustento e sobrevivência, em nome do desenvolvimento e progresso, o ser humano à medida que as sociedades foram se desenvolvendo, passou a deter certo poder para agir sobre o meio ambiente. Já não bastava apenas extrair da natureza seus alimentos, o próprio desenvolvimento tecnológico impulsionou para que o homem explorasse e transformasse a ordem, organização e funcionamento da natureza.

---

<sup>4</sup> Macrossocial refere-se à ideia de entender numa perspectiva ampla e mais abrangente a relação estabelecida entre ser humano e natureza, que não se limita às denúncias de causas e consequências da atuação do homem sobre o meio ambiente.

Embora Cruz e Silva (2010) sinalizem que o campo de conhecimento mais sistemático sobre meio ambiente, especialmente no que tange ao surgimento dos movimentos ambientais, ainda se configure como recente, é importante considerar que a arena em que se constituem e consolidam-se os estudos acerca de meio ambiente, para além de uma visão superficial, romântica e contemplativa da natureza, fundamenta-se numa concepção política e histórica, o que faz pensar que a preocupação e abordagem sobre questões ambientais não são atributos especificamente da época presente.

Machado (2014) aponta que as primeiras discussões em torno de questões ambientais fazem parte das sociedades mais remotas e vem se intensificando a partir do processo da Revolução Industrial e a formação de sociedades cada vez mais urbano-industriais. Dessa forma, o autor chama a atenção que se constitui uma falácia considerar que apenas o momento atual pode ser caracterizado como um período marcado pela desarmonia existente entre o ser humano e a natureza, visto que desde os tempos mais remotos não existia uma relação harmoniosa perfeita entre homem-natureza.

Neste aspecto, Leff (2002) enfatiza que as problemáticas ambientais como a poluição, degradação e exploração excessiva de recursos naturais passam a se configurar nas décadas finais do século XX como principais elementos que caracterizam a crise de civilização trazida pelo processo dominante da racionalidade econômica e tecnológica, passando a representar não somente uma crise ambiental no sentido restrito, mas – dada a sua complexidade – a crise ambiental é sinônimo da própria crise civilizatória.

Se por um lado, para Leff (2002), a crise de civilização é resultante da desproporcionalidade entre o crescimento da população e o uso dos recursos naturais pouco disponíveis; por outro lado, ele atribui que tal crise é também resultante dos processos capitalistas que se fundamentam na exploração da natureza a fim de manter a tríade capital-consumo-produção, o que tem gerado o esgotamento das reservas de recursos naturais, tornando muitos solos inférteis e atingindo a sobrevivência dos ecossistemas.

Pensando no papel da juventude dentro dos movimentos e grupos ambientalistas correlacionados às expectativas que recaem sobre os jovens no tocante às problemáticas ambientais, os jovens ambientalistas partem do

pressuposto que os problemas ambientais não são recentes e que suas lutas se tornam mais urgentes na atualidade, especialmente, por causa do avanço desenfreado da sociedade capitalista:

A gente também vê que esses movimentos não são novos, não foi de 2000 para cá que começaram os movimentos ambientalistas. Então, muito atrás, já dá pra perceber que já tinha um movimento se criando, já tinha pessoas preocupadas com a caça de baleias, com o aquecimento global. Tudo isso só foi gerando e se desenvolvendo ao longo que o planeta ia ficando um pouco mais doente do que já está e você vê que as pessoas começaram a ficar preocupadas (Rafael).

Portanto, é na sociedade moderna que se tornam mais nítidos e perceptíveis os efeitos provenientes da possibilidade de o homem intervir na natureza, especialmente aqueles advindos da chamada Revolução Industrial. É inegável os sinais de crise ambiental que a sociedade moderna vem enfrentando nos últimos anos, que, de modo geral, tanto numa perspectiva local quanto global, o meio ambiente vem apresentando sinais de grande degradação em virtude da exploração excessiva dos recursos naturais, bem como da destruição dos ecossistemas e biomas, alguns com tendência a desaparecer devido a mudanças climáticas, desvios de curso de rios, queimadas, desmatamento, uso indevido de agrotóxicos, entre outros.

Esse cenário, fruto dos usos e abusos do comportamento humano sobre a natureza, possui reverberações de cunho social, político, econômico e cultural, o que contribui para que na atualidade as questões ambientais assumam, sobretudo, um caráter político na esteira das políticas de lutas dos movimentos sociais, dos grupos governamentais e coletivos ambientalistas que, diante da realidade de degradação e contínua ação negativa do ser humano sobre o meio ambiente, têm se esforçado a desenvolver trabalhos de conscientização em diferentes espaços e por meio de diferentes estratégias, a fim de reverter algumas situações e garantir a preservação dos ecossistemas.

E, nesse sentido, Siqueira (2002, p. 09) adverte que

inserida profundamente nos diferentes contextos sociais, políticos e econômicos da sociedade pluralista contemporânea, entre acertos e desacertos, a temática do meio ambiente passou a integrar de maneira significativa as preocupações do Estado e da sociedade na formação da cidadania.

Pode-se afirmar que o ponto de vista de Siqueira (2002) em muito se aproxima da perspectiva ambiental das novas gerações que partem da consideração de que as problemáticas ambientais, dadas às dificuldades de relações harmoniosas e ecologicamente corretas entre sociedade e natureza, sinalizam tanto a ausência histórica quanto a necessidade de construção de uma visão sistêmica e holística que perceba a integralidade entre sociedade, homem e natureza. Isso não é tarefa fácil, pois não dá para tentar reverter ou amenizar a crise ambiental em que as sociedades contemporâneas vivem sem considerar que essa crise tem raízes históricas e que vem se alastrando no decorrer dos últimos séculos.

Por isso, a reflexão sobre caminhos ecológicos que possibilitem melhores condições de vida às gerações futuras significa, também, conhecer os interesses e integrar os processos sociais, políticos, econômicos e históricos, que deram principais suportes às problemáticas ambientais, aos projetos de sustentabilidade ecológica a fim de que seja possível questionar esses processos e, ao mesmo tempo, provocar mudanças em suas estruturas.

Considero importante destacar que o conceito de sustentabilidade<sup>5</sup>, neste trabalho, comunga com a ideia de que a

sustentabilidade está intrinsecamente relacionada ao uso dos recursos renováveis de forma qualitativamente adequada e em quantidades compatíveis com sua capacidade de renovação, em soluções economicamente viáveis de satisfação das necessidades, além de relações sociais que permitam qualidade adequada de vida para todos. Em outras palavras, deve-se ter como prioridade o uso apropriado de tecnologias e ferramentas para fins de conter, reverter e conservar o uso dos recursos naturais, sem, no entanto, olvidar o benefício à espécie humana (WOLKMER; PAULITSCH, 2011, p. 219).

---

<sup>5</sup> Vale lembrar que o conceito de sustentabilidade difere do conceito de desenvolvimento sustentável. De acordo com Sartori *et al* (2014), a sustentabilidade tem como objetivo maior atingir o equilíbrio entre as relações humanas e o meio ambiente, procurando inclusive delinear os limites quanto ao uso dos recursos naturais. Por outro lado, o desenvolvimento sustentável se pauta na ideia de preservação dos ecossistemas, mas dá maior relevância em satisfazer as relações socioeconômicas e, sobretudo, manter o modelo de desenvolvimento econômico capitalista. Assim, Sartori *et al* (2014) salientam a forte relação do capitalismo e o neoliberalismo com a ideia de desenvolvimento sustentável. Ou seja, as autoras enfatizam que o termo desenvolvimento sustentável, principalmente na contemporaneidade, está a serviço dos princípios capitalistas e que, portanto, fere ao ideário da construção de uma sociedade sustentável; visto que o desenvolvimento sustentável está associado ao discurso socioeconômico de degradação ambiental e foge da ética ambiental pautada em valores. Por essa razão, segundo os objetivos que norteiam este trabalho, será considerada a ideia de sustentabilidade.

Tanto Jacobi (2003) quanto Wolkmer e Paulitsch (2011) consideram que a noção de sustentabilidade se constitui o pilar principal para pensar e repensar as relações e impactos do ser humano no meio ambiente em proporções quantitativas e qualitativas. A sustentabilidade, nesse sentido, engloba questionamentos e alternativas viáveis perante a crise ambiental, objetivando delimitar, inclusive, o uso dos recursos naturais como meros apêndices da busca pelo desenvolvimento e crescimento econômico desenfreado e sem responsabilidade ética com as gerações presentes e futuras.

Valorizar a sustentabilidade como pressuposto importante à construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fundamentada em valores éticos norteados pelo equilíbrio entre homem e meio ambiente significa, mais do que evocar mudanças de comportamentos, promover mudanças de pensamentos que transitem da ideia de meio ambiente como lugar de exploração e uso excessivo, para uma visão holística que acredita e defende o meio ambiente acima dos interesses e objetivos individuais subjacentes à sociedade tecnológica e industrial, situando-a como mero objeto.

Batista, Becker e Cassol (2015, p. 168) afirmam que

a crise ambiental é, na verdade, uma crise de pensamento, na qual os ideais da modernidade, aplicados ao sistema dominante, comprometem a visão holística do ambiente, fragmentam a realidade e conduzem a um processo de contínua exploração e destruição da vida.

Nesta perspectiva, o racionalismo científico (e econômico) permitiu a fragmentação dos saberes, especializando-os e reduzindo a capacidade de compreensão do todo, das inter-relações e da organização do espaço. Também se instaurou a divisão corpo e alma, sociedade e natureza, razão e emoção, o que levou o homem a uma visão de superioridade sobre os demais seres e, conseqüentemente, à introdução da degradação ambiental e da injustiça social, pois o indivíduo passa a ser considerado o elemento mais importante do contexto no qual está inserido, esquecendo-se do cuidado com o ambiente.

Dessa forma, mudar pensamentos implicará, também, em posturas novas na intrínseca relação ser humano-natureza, o que não significa necessariamente que as próximas gerações terão condições de vida cada vez melhores em relação à geração atual. No entanto, dar visibilidade à discussão sobre meio ambiente pode ser um prelúdio para garantir o futuro das novas gerações.

Isso mostra que cada sociedade possui uma visão singular de natureza, que vai desde a visão mágica de meio ambiente até à visão dualista oriunda da revolução científica que se fundamenta em binarismos, tais como: homem *versus* natureza, homem *versus* animal e sociedade *versus* natureza. Tal visão coloca em pauta que outro aspecto a ser observado é o fato de que os problemas ambientais não dizem respeito apenas a uma discussão sobre degradação e preservação dos recursos naturais, mas busca também perceber as questões ambientais como um problema de caráter ético.

Vistos por essa ótica, uma alternativa a enfrentar e amenizar os problemas ambientais da atual sociedade talvez esteja na própria superação das relações antropocêntricas, que colocam tanto o homem em condição de dominação total sobre a natureza como sobre si mesmo. Essa superação requer mudanças crítico-reflexivas acerca dos paradigmas científicos, sociais e culturais que sustentam os valores, conhecimentos, percepções e atitudes do homem no espaço.

Desse modo, coloca-se em xeque a construção de uma sociedade que seja, de fato, cidadã e democrática, onde as questões ambientais assumam a condição de opção política ao refletirem sobre visões de mundo, valores, comportamentos, injustiças sociais, questões de saúde e maneiras de viver dos indivíduos, desde as gerações mais velhas às mais novas.

Isso perpassa pela compreensão da responsabilidade, compromisso e do papel que cada indivíduo, enquanto sujeito social, possui na produção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde seja possível viver de maneira equilibrada, percebendo-se tanto como ser integrante da natureza quanto como sujeito que deve procurar e descobrir soluções aos problemas ambientais que a própria sociedade moderna criou e tem dificuldades de conviver com eles.

Quanto a este aspecto, Machado (2014, p. 139) ressalta que meio ambiente deve ser visto como uma categoria de “esfera pública, espaço por excelência da ação humana como convivência com os outros humanos e partilha nas decisões sobre os destinos dos bens comuns, isto é, se orientada pela preservação do mundo e não pela defesa do eu”.

Este mesmo autor elucida as interlocuções estabelecidas entre meio ambiente e dinâmicas sociais, uma vez que a compreensão do papel dos atores sociais nessas interlocuções perpassa pelo conhecimento da real situação dos problemas

ambientais e da tomada de decisões perante a preservação, cuidado e conservação dos recursos naturais. Por isso, quando se fala da atuação humana na natureza é preciso provocar reflexões que suscitem pensar sobre os sentidos e significados do meio ambiente para o homem.

É importante destacar que a utilização dos recursos naturais pelos homens pode se dar adequada ou inadequadamente, tornando-se responsável pelos processos de degradação ou sustentabilidade social, econômica e política. No entanto, a ação humana não é neutra e imparcial, por isso não se deve esquecer que os problemas ambientais enfrentados pelos homens na atualidade são decorrentes das próprias relações que eles, visando atender às suas necessidades, mantiveram e mantêm com os recursos naturais.

A problemática ambiental não é ideologicamente neutra nem é alheia a interesses econômicos e sociais. Sua gênese dá-se num processo histórico dominado pela expansão do modo de produção capitalista, pelos padrões tecnológicos gerados por uma racionalidade econômica guiada pelo propósito de maximizar lucros os lucros e os excedentes econômicos a curto prazo, numa ordem econômica mundial marcada pela desigualdade entre nações e classes sociais. Este processo gerou assim efeitos econômicos, ecológicos e culturais desiguais sobre diferentes regiões, populações, classes e grupos sociais, bem como perspectivas diferenciadas de análises (LEFF, 2002, p. 64).

Esse talvez seja um dos maiores desafios da sociedade atual: percebe-se como natureza, colocar-se como atriz e autora dos processos de degradação ou de desenvolvimento sustentável. Isso implica em perceber a relação bidirecional entre os seres humanos e a natureza, onde as noções de cuidado e respeito são basilares ao entendimento de que não existe supremacia do ser humano sobre o meio ambiente, por isso a necessidade de construir uma relação de equidade, respeito e equilíbrio ambiental.

Nesse sentido, é possível afirmar que a natureza exerce certa influência sobre a vida das pessoas, ao mesmo tempo em que é por elas também atingida. Nessa relação, os indivíduos constroem uma série de representações sociais que expressam seus conhecimentos e concepções sobre meio ambiente, considerando a realidade dos recursos naturais no planeta. Importante frisar que as representações construídas pelos indivíduos podem muito variar, porque dependem do que pensam, quais leituras fazem do mundo e suas problemáticas, como se posicionam frente às



questões ambientais, quais relações estabelecem entre suas rotinas cotidianas e o meio ambiente, quais sentidos e relevância atribuem à importância e necessidade de refletir sobre o diálogo homem-natureza.

Pensar as dinâmicas sociais e representações que os indivíduos constroem de si mesmo e os demais numa perspectiva ecológica significa, também, não desvencilhar o permanente e contínuo diálogo dessa relação com o papel das ciências, em especial, com o crescente desenvolvimento das tecnologias, no que tange à sua responsabilidade de viabilizar meios ao entendimento das consequências ecológicas correlacionadas ao poder humano de intervenção e transformação.

A verticalização presente na produção e disseminação do saber teve sérias e grandes consequências quanto ao conhecimento e interpretação que o chamado “progresso tecnológico” poderia representar para a sociedade e natureza, uma vez que o certo ocultamento das repercussões do desenvolvimento tecnológico sobre o meio ambiente não permitiu a visão do todo social, o que significou o aumento da crise ambiental e a busca atual por outras maneiras não somente de ver e compreender o mundo com também de intervir nele.

Assim, conforme Junges (2010), a estratégia viável à crise ambiental que se alastra pelo século XXI está no estudo da natureza em sua integralidade, ou seja, a natureza não pode ser estudada pelas ciências de forma fragmentada, reduzida e dissociada das suas múltiplas relações com as esferas sociais, políticas, ideológicas, econômicas, tecnológicas, culturais e ecológicas.

Crescer, desenvolver e explorar foram e continuam sendo palavras de ordem que legitimam as ações insustentáveis do homem sobre a natureza em contrapartida a coletivos ambientalistas que lutam pela efetivação de um processo de mudanças não apenas na maneira do homem pensar a sua relação com o meio ambiente, mas sobretudo de compreender e viver ecologicamente bem como sinônimo de qualidade de vida.

Em contrapartida às palavras de ordem da sociedade industrial-capitalista, para os jovens ambientalistas, as palavras de ordem – tardiamente – da contemporaneidade e mais necessárias são: responsabilidade, esperança e mudanças de mentalidade desta e das próximas gerações, de maneira que as mudanças voltadas para a efetiva inseparabilidade do espaço social e do espaço

ambiental em suas dimensões culturais, políticas, sociais, biológicas e econômicas sejam o objetivo de toda a sociedade.

Esse pensamento, inclusive, aparece fortemente, entre os jovens, associado a uma perspectiva otimista frente às problemáticas ambientais e à forma como avaliam seus engajamentos nos movimentos ambientalistas. Para eles, o engajamento juvenil ambientalista não é em vão, há sentidos e significados atribuídos às lutas, formas de pensar e ações. E, por isso, os jovens acreditam nos efeitos positivos do seu engajamento:

Acredito na mudança tanto da pessoa como do planeta também. Eu espero que isso aconteça, que as pessoas, principalmente os governantes caiam em si e ajudem a gente; porque o que eles mais fazem é criar mais indústrias, mais fábricas e fazem de tudo pra poder fazer com que as coisas piorem, com que a devastação da Amazônia, o desmatamento, o aquecimento global só aumentem. Eles contribuem para a desgraça de todo mundo. Então, eu espero que a gente consiga, todos que fazem parte dos movimentos ambientalistas consigam um dia conscientizar essas pessoas e trazer melhoria para o mundo (Laís).

Penso que, futuramente, vai ter mais gente se preocupando com o meio ambiente. Vai ter mais gente protegendo o meio ambiente de forma geral, tanto os animais como as plantas. Vai ser totalmente diferente como é hoje, porque hoje algumas pessoas se preocupam e outras não, e aí fica difícil para a gente trabalhar desse jeito (Lorrana).

Hoje, em pleno século XXI, a gente vê o movimento ambientalista como algo que é realmente importante pra sociedade, que ele tem que existir, até porque é a partir deles que a gente começa a fazer as pressões pra que as empresas, o governo e as pessoas se conscientizem e sejam, realmente, parte daquilo que elas querem ver no futuro mais próximo. Vejo o seguinte: que a cada ano que passa, as pessoas se tocam mais em relação ao ambientalismo, elas veem que um dia, uma hora ou outra, elas vão ter que se preocupar com isso. Então, muitos estão acordando agora e nunca é tarde para parar e pensar nas questões ambientais (Rafael).

Os relatos de Laís, Lorrana e Rafael chamam a atenção e, ao mesmo tempo, ratificam que o entendimento acerca da problemática ambiental não pode esbarrar meramente no plano das ideias. São primordiais o desenvolvimento e a efetivação de estudos que se tornem em ações reais e as práticas em possíveis soluções frente aos problemas de cunho ambiental que as diferentes sociedades vêm enfrentando. Por isso, apesar da sua importância, apenas a consciência das problemáticas

ambientais não é suficiente para que ocorram mudanças efetivas seja numa perspectiva local, seja global.

O engajamento de jovens ambientalistas evidencia que conectar a tomada de consciência com a importância da tomada de ação no envolvimento com a problemática ambiental não significa adotar uma postura individualista, pois “é algo que todo mundo, na verdade desde o pequenininho até o senhor mais velho, deveria ser preocupado porque é algo que implica na nossa vida de tal forma, que muitas pessoas não têm nem noção” (Rafael). Envolver-se com as questões ambientais é uma opção política necessária que não pode recair como responsabilidade exclusiva dos coletivos ambientais, cientistas, técnicos e especialistas; como se fossem deles o papel de resolver os problemas do meio ambiente, conforme reforçam Kondrat e Maciel (2013) e Tristão (2013).

Tristão (2013) sinaliza que a temática meio ambiente não deve assumir a conotação de interesse e preocupação de algumas pessoas ou coletivos sociais. Para ela, essa questão é de todos os indivíduos, pois enquanto sujeitos sociais somos produtores de formas de consumo, exploração, degradação, preservação ou conservação da natureza e, nesse sentido, não há imparcialidade de nenhum indivíduo na sua relação com o meio ambiente.

Para esta autora, compreender as questões ambientais em sua complexidade deve-se partir do princípio de que essa é uma questão, sobretudo, social, que não está ancorada essencialmente nos pressupostos científicos. A ausência dessa compreensão pode gerar a falsa ideia de que os assuntos e a solução dos problemas ambientais são de responsabilidade do campo técnico-científico, quando na verdade eles possuem uma natureza social, política, econômica e cultural que extrapola a atuação técnica-científica.

Por essa razão, há que se considerar a importância de uma visão mais crítica e reflexiva sobre as imbricações entre relações sociais e ambientais, visto que

a politização dos problemas ambientais não só é mais recente como ainda não foi incorporada às atividades ambientais. Entre outros motivos, essa politização é barrada pela dificuldade de entender problemas urbanos e sociais cotidianos relativos a saneamento, saúde, marginalização, consumo, produção, energia, transportes, entre outros temas, como questões ambientais. Essa dissociação entre o social e o ambiental também se deve ao predomínio de concepções que confundem meio ambiente com natureza e tendem

a ver os problemas ambientais como problemas ecológicos desvinculados da sociedade e da cultura (SOUZA, 2016, p. 132).

Portanto, defende-se que a questão ambiental se constitui como um problema social, que expressa e traz problematizações sobre os diferentes modos, sentidos e significados de viver, estar, conviver e relacionar-se com o planeta. A natureza política e social das questões ambientais permite ir além da concepção naturalista de meio ambiente e situá-lo no campo da cidadania, justiça social, sustentabilidade e ética que está subjacente às relações socioambientais como pressupostos fundamentais à construção de uma sociedade sustentável. Na próxima seção, discorreremos mais sobre esse assunto.

## 2.5. ÉTICA AMBIENTAL

É fato que os movimentos ambientalistas, as experiências e motivações que sustentam o engajamento ambiental juvenil, bem como os pressupostos que embasam a ideia de educação ambiental na contemporaneidade não podem distanciar-se da ideia de ética, sobretudo, ambiental. Para Pelizzoli (1999, p. 22),

falar em ética é, pois tentar dizer de um equilíbrio ou convivialidade e um conjunto de ações, mas, também, de fundamentos que perpassam ou que possam vir a perpassar o que se infere deste modelo civilizacional e sua correspondente produção de subjetividade em tempos de mutação.

Os jovens contemporâneos, assim como os movimentos ambientalistas, têm vivido cada vez mais um período histórico-social marcado pela aceleração do processo de produção-consumo, o que por sua vez tem reverberado na grande degradação ao meio ambiente numa perspectiva de desenvolvimento sustentável – por vezes, disfarçada pelos preceitos da sustentabilidade – que reforça e tenta legitimar a soberania do capitalismo e do consumo desequilibrado como elementos necessários e naturais à sobrevivência na Terra.

Nessa conjuntura, Wolkmer e Paulitsch (2011, p. 213) alertam que,

atualmente, verificam-se, em todo o mundo, diversos indicadores que denotam um crescimento exponencial das agressões ao meio ambiente e a ameaça crescente de uma ruptura do equilíbrio ecológico, configurando um quadro catastrófico que coloca em questão a própria sobrevivência humana. A pressão sobre os recursos naturais e as matérias primas é preocupante, pois o bem-estar econômico e a qualidade de vida das nossas sociedades se

---

assentam na exploração destes mesmos recursos e matérias-primas advindas do meio ambiente.

É nesse cenário marcado por conflitos éticos, onde as relações entre o meio ambiente e a sociedade fazem emergir os sinais de uma crise ecológica, que estes mesmos autores sinalizam o importante papel da juventude na luta contra o consumo desenfreado, a degradação e a poluição, percebendo as questões ambientais como variáveis que estão imersas num contexto mais amplo que envolve relações econômicas, políticas, sociais, culturais e ideológicas.

Os movimentos ambientalistas, nesse sentido, vêm sinalizando a importância e necessidade de refletir sobre o que é possível fazer e ser para superar a crise ambiental e construir uma relação homem-natureza pautada em mudanças oriundas da educação e ética ambientais. Para Wolkmer e Paulitsch (2011), a superação dessa crise está contida na construção de uma ética ambiental que reorienta as condutas humanas no que tange ao meio ambiente, haja vista que, se o futuro do meio ambiente em toda sua amplitude diz respeito a um a questão de ordem ética, logo se presume a necessidade de mudanças de condutas – seja a nível local ou global.

De acordo com Boff (2004), os reflexos da crise ecológica e o reforço ao nascimento de uma ética frente à contemporaneidade se tornam mais agravantes e emergentes, respectivamente, quando os alertas de que a continuidade do uso desenfreado e desequilibrado dos recursos naturais produzirão grandes colapsos ambientais, especialmente às gerações futuras, são subestimados pelas gerações presentes.

Boff (2004) afirma que é preciso repensar acerca dos modelos tradicionais que ainda sustentam a lógica de uso dos recursos naturais, cujos modelos se fundamentam na crença ilusória e errônea de dois infinitos como expressão de uma lógica de ética utilitarista: o primeiro que se baseia na ideia de que os recursos terrestres são ilimitados e o segundo na ideia de que o crescimento pode ser, igualmente, infinito. Para ele,

a Terra não é infinita, pois se trata de um planeta pequeno com recursos limitados, muitos deles não renováveis, e o crescimento não pode ser infinito e indefinido porque não pode ser universalizado, pois, como foi calculado, precisaríamos outros três planetas iguais aos nosso (BOFF, 2004, p. 15).

Nas palavras do autor, fica evidente tanto a finitude dos recursos ambientais como a noção de que a preservação do meio ambiente e o redimensionamento das condutas humanas dependem, sobretudo, de maior entendimento acerca do caráter ético e social das problemáticas que perpassam as questões ambientais; visto que o ser humano não somente interage como também integra o meio ambiente e, portanto, nele sofre e provoca transformações e, por isso, é essencial questionar e refletir sobre a postura e o papel desempenhado pelo ser humano nas suas múltiplas relações com o meio ambiente.

Paralelamente, Nalini (2010) afirma que a ética ambiental se estrutura na mudança de consciência face às problemáticas ambientais a partir da efetividade de novas atitudes que agreguem formas de pensar, ser e agir desde as posturas individuais às coletivas. Ou seja, a ideia de ética ambiental traz em seu bojo os modos de ser, pensar e agir que os homens constroem entre si e com os demais seres vivos, sem estabelecer uma hierarquia.

Para o autor, isso significa uma mudança de paradigmas que, na atualidade, busque também corrigir os erros das gerações passadas tendo em vista a busca por novos rumos cada vez mais sustentáveis, onde haja a compreensão ética e social do verdadeiro sentido de “respeitar a natureza, respeitar a vida, empenhar-se na reposição das espécies, plantar uma árvore, cuidar de um jardim, não poluir, alimentar pássaros, libertar-se do consumismo” (NALINI, 2010, p. 536).

Nalini (2010) traz à tona a unicidade e o dinamismo das interrelações e interdependência existentes entre o ser humano e o meio ambiente como constitutivos da intervenção ambiental deste primeiro, como também denuncia o surgimento dos conflitos decorrentes da utilização seja do espaço ou dos recursos ambientais. Logo, para o autor, o conceito e materialização da ética ambiental ultrapassam a simples ideia do certo ou errado, mas se corporifica à medida em que se extrai dela a perspectiva utilitarista de meio ambiente e amplifica para uma perspectiva em que o ser humano é visto como parte integrante desse espaço e, por isso, ao intervir nele se constitui como fruto de sua própria intervenção.

Partindo desse princípio, Battestin (2008, p. 05) afirma que

o objetivo de repensar a relação homem-natureza, em profunda integração com o processo histórico, é necessário para não se perder o sentido da existência, o sentido de ser um ser humano. Estruturar uma nova concepção de mundo, através de mudanças do

agir e do pensar exige um entendimento dos problemas globais, e um agir nos problemas locais. A crise ambiental decorrente desta relação é uma crise que faz com que busquemos razões profundas para refletir e produzir novos modos e estilos de vida que possam educar para um mundo futuro de seres vivos.

A autora adverte que repensar a relação homem-natureza é uma questão, sobretudo, filosófica que não se encerra com a perspectiva romântica, contemplativa e utilitarista que ao longo dos anos vem sendo atribuída pelo ser humano ao meio ambiente, especialmente com o processo de desenvolvimento e intensificação industrial-tecnológica. Para ela, há uma emergência de trazer as questões éticas para as discussões e reflexões que perpassam os diferentes campos que transitam os estudos sobre meio ambiente, considerando a dimensão social, histórica e cultural que articulam a compreensão acerca da sustentabilidade, responsabilidade e racionalidade humana, sem perder de vista o caráter, eminentemente, histórico da relação entre o homem e a natureza, assim como sua relação ética com o meio ambiente.

De acordo com Battestin (2008), a conduta humana deve ser direcionada por uma ética que seja capaz de repensar modos de ser e agir frente às problemáticas ambientais, que traga para o centro das reflexões os princípios e problemas que regem a nossa sociedade. Enfim, uma ética que não esteja alheia à responsabilidade da conduta humana enquanto fato primordial para se pensar, repensar e efetivar as mudanças necessárias no cenário de uma sociedade que, por um lado, vem crescendo cada dia mais no campo da tecnologia, do conhecimento, da informação e exercendo um forte poder de transformação sobre o meio ambiente, mas que, por outro lado, as relações entre o homem e o meio ambiente têm se mostrado frágeis no que tange ao aumento de degradações ambientais visando, sobretudo, satisfazer aos apelos e à lógica de produção e consumo capitalistas.

Por isso, a ética de responsabilidade tanto com esta quanto com as gerações futuras é um dos possíveis caminhos que deve ser trilhado como princípio social capaz de perceber a ética ambiental como um preceito que situa o ser humano no mesmo plano dos demais seres vivos e que, portanto, há a necessidade de construir relações mais respeitadas, cuidadosas e próximas com plantas, animais e ecossistemas, segundo Battestin (2008) e Wolkmer e Paulitsch (2011).

Embora o termo “ética ambiental” tenha surgido na década de 1960, de acordo com Lopes e Costa (2013), até os dias atuais a variante dessa ética tem se mostrado complexa e merecido maior atenção por parte dos pesquisadores e especialistas por se tratar de uma especificidade ética que deve buscar meios e estratégias que possibilitem ao ser humano a capacidade de se relacionar com o meio ambiente de forma integrada, mais consciente, positiva, menos destrutiva, menos utilitarista. Para os autores, a grande falha da humanidade no decorrer dos anos foi a percepção de meio ambiente enquanto lugar externo, enquanto recurso disponível para obtenção de suas riquezas.

A esse respeito, Wolkmer e Paulitsch (2011, p. 215) dizem que,

nos últimos séculos, um modelo de civilização se impôs, alicerçado na industrialização, com uma nova forma de produção e organização do trabalho, a mecanização e produção industrial, a mecanização da agricultura e uso intenso de agrotóxicos e a concentração populacional nas cidades [...] Nesse contexto, conferiu-se à natureza um valor puramente utilitário.

Wolkmer e Paulitsch (2011) chamam a atenção para o fato de que, especialmente na cultura do mundo ocidental, há uma predominância histórica das relações de mercado como eixo basilar das interações entre o ser humano e o meio ambiente, o que expressa o caráter de uma ética essencialmente utilitarista que teve seu maior momento de intensificação no período da Revolução Industrial, onde a visão de meio ambiente como objeto de exploração dos recursos naturais foi articulada com o desenvolvimento tecnológico e os interesses de atendimento ao mercado.

Portanto, usando do argumento de promoção de desenvolvimento econômico, a ética utilitarista se constitui como um conjunto de posturas e atitudes voltadas para a satisfação do mercado, das relações de consumo e produção, dos interesses de determinados e pequenos grupos ainda que, a fim de alcançar os objetivos econômicos, os recursos naturais estivessem a serviço da exploração e, conseqüentemente, da degradação e destruição ambiental.

Neste sentido, ao falar em ética ambiental numa época em que se tem uma juventude engajada em questões ambientalistas – seja em movimentos, grupos, coletivos ou organizações – significa afirmar primeiramente que os impactos da ação humana no meio ambiente são reais e, ao mesmo tempo, que essa juventude tem



sido porta-voz da conscientização tanto da importância do senso ético na relação ser humano e meio ambiente quanto dos efeitos negativos face à ausência desse senso.

Importante destacar que a luta por uma sociedade sustentável, equilibrada e que preze por uma ética que valorize a interdependência entre o ser humano e o meio ambiente não é algo recente, assim como também não o é a atuação dos movimentos ambientalistas. Conforme Wolkmer e Paulitsch (2011, p. 216),

historicamente, a preocupação com o meio ambiente aumentou a partir da década de 60, quando ficou claro que a humanidade rumava aceleradamente para o esgotamento e/ou a inviabilização dos recursos naturais, indispensáveis à sobrevivência no planeta. Assim, criaram-se movimentos em defesa do ambiente, com o objetivo de diminuir o ritmo acelerado de destruição da natureza, construindo alternativas que conciliassem a conservação efetiva do meio ambiente com a qualidade de vida da sociedade em geral.

As autoras apontam que as problemáticas ambientais advindas, em especial, do processo de intensificação industrial-tecnológico colocaram em xeque a perspectiva utilitarista de meio ambiente à medida que a articulação positiva entre qualidade de vida e avanço científico e tecnológico passou a ser questionada. Ou seja, até que ponto a solução para os problemas econômicos e sociais estavam, de fato, no processo de exploração dos recursos naturais?

A partir daí, Wolkmer e Paulitsch (2011) afirmam que o próprio conceito de desenvolvimento, inclusive sustentável, passou a ser alvo de interrogações; sendo que, a partir dos encontros, convenções e reuniões mundiais, principalmente a Convenção de Estocolmo (em 1972) e a Rio-92 (em 1992), a temática ambiental começa a ser vista sob um novo prisma ético, no qual a qualidade de vida está associada à ideia de conservação do meio ambiente de modo que seja possível garantir a sobrevivência das gerações presentes sem comprometer a qualidade de vida das gerações futuras, considerando a essência do conceito de sustentabilidade, fazendo-se, portanto, “[...] necessária uma ruptura frente ao modelo utilitarista e consumista adotado, com um novo fundamento ético” (WOLKMER; PAULITSCH, 2011, p. 219).

Mesmo diante dos avanços no que tange às formas de pensar os modelos éticos que regem a problemática ambiental, Wolkmer e Paulitsch (2011) reiteram que muito ainda precisa ser feito para que, de fato, a ética ambiental subsidiada nos princípios da sustentabilidade se efetive. As autoras sustentam a ideia de que, ainda,

é muito presente em nossa sociedade posturas e ações paliativas, porque o contrário implica numa grande e complexa transformação social que caminhe (quem sabe!) na contramão dos modelos industriais e tecnológicos tão amplamente disseminados, propagados e consagrados como essenciais à sobrevivência e subsistência humanas.

Por isso, segundo Wolkmer e Paulitsch (2011), cumpre às gerações atuais refletir sobre o processo histórico lesivo da relação entre o ser humano e o meio ambiente, buscando repensar o *modus vivendi* da sociedade como um todo frente à crise ecológica e a necessidade de construir *modus operandi* ético ambiental.

Neste íterim, Leff (2006) também avalia que há uma subestimação por parte do ser humano quanto aos impactos de sua ação no planeta e, por isso, o assunto ética ambiental tem se mostrado tão preocupante em relação ao futuro.

Lopes e Costa (2013, p. 01) afirmam que

a ética ambiental pode ser considerada um ponto focal no trato das questões ambientais. Somente o comportamento ético com o meio, ou seja, que as ações antrópicas sobre a natureza sejam executadas levando-se em conta os princípios da sustentabilidade, podem garantir que os recursos naturais sejam mantidos para as futuras gerações indefinidamente. Dessa forma, pode-se evitar que os elementos naturais sejam dilapidados pela ação humana.

Não há como negar, em Lopes e Costa (2013), que a ética ambiental diz respeito a uma ordem de conduta pessoal imbricada com a maneira responsável de como se deve agir com o meio ambiente, englobando os organismos humanos, não humanos, as diferentes espécies, ecossistemas e recursos naturais. Para os autores, a ética ambiental em sua essência deve, sobretudo, reconhecer a inerência do valor presente no ambiente. Valor não consequencialista ou utilitarista, uma vez que são tipicamente formados nos moldes das sociedades capitalistas, mas a ideia de valor que pense o meio ambiente como direito, que tem a sua importância pelo que é e não por aquilo que, porventura, possa oferecer como preconiza a visão instrumental de meio ambiente como mero recurso a serviço dos interesses humanos e de grupos, especialmente, mercadológicos/econômicos.

Desse modo, fica perceptível que a crise ecológica da atualidade é, sobretudo, uma crise de cunho ético e, nesse sentido, configura-se como uma crise de valores enquanto reflexo da maneira como o ser humano vem se relacionando com o meio ambiente. Logo, compreender a natureza das problemáticas ambientais

como de ordem ética é um dos primeiros e grandes passos orientadores do universo de decisões e escolhas humanas na tomada de consciência para a construção de sociedade sustentável, a adoção de posturas responsáveis e efetivação de uma ética subsidiada por valores que não sobreponham o ser humano ao meio ambiente.

Tal sobreposição se constitui como uma armadilha e um sofisma à medida que

a crise ambiental é também a crise do ser humano em sua subjetividade. Isso porque o respeito e a consideração devidos ao meio ambiente estão intimamente relacionados com o respeito e o equilíbrio do ser humano consigo mesmo, exigindo uma mudança conceitual de paradigma no que tange à concepção de bem-estar do homem, à questão das gerações futuras e à consideração da natureza como detentora de um valor intrínseco a ser respeitado (WOLKMER; PAULITSCH, 2011, p. 221).

Se por um lado, de acordo com Wolkmer e Paulitsch (2011), a ética ambiental coloca em evidência a interdependência existente entre o ser humano e o meio ambiente, por outro lado, ela também expõe as fragilidades dessa relação à medida que a maioria dos projetos das sociedades contemporâneas não adota a ideia de natureza com valor intrínseco. E, nesse sentido, a questão ambiental – por vezes – se apresenta de forma dicotômica no que tange à relação sociedade e meio ambiente.

No que se refere à ideia de valor intrínseco e a perspectiva de refutar a natureza como recurso ou valor instrumental, na visão de Grün (2007, p. 192),

a mudança radical ocorreria quando as pessoas, governos e empresas parassem de valorizar tanto os recursos e passassem a admirar mais “a Natureza em seus próprios termos” e não a perturbassem nem a desvalorizassem tanto. Isso não quer dizer que uma pequena parte da Natureza não possa ser transformada em recurso, mas teríamos de aprender a não valorizar somente os recursos e sim toda uma parte da Natureza que aparentemente não tem valor. Nós valorizamos apenas aquilo que processamos – madeira, água represada, minérios, etc –, deixando de lado o valor intrínseco da Natureza. A nossa civilização Ocidental parece ser capaz de conferir apenas valor instrumental à Natureza, valor de uso e de negociação. Simplesmente, não concebemos que uma enorme área da Natureza pode não servir ao mero interesse utilitário da maioria dos seres humanos.

Partindo desse pressuposto, Grün (2007) considera que para romper com o modelo da natureza como mero recurso natural é de suma importância uma nova teoria que, aliada aos ideais da sustentabilidade, fundamente-se numa perspectiva

não-antropocêntrica. Desse modo, a ética ambiental não pode ser vista como fator inatingível e abstrato às relações entre os seres humanos e o meio ambiente. Ao contrário, ela deve ser interpretada como elemento primordial para repensar e ressignificar os valores, posturas e princípios que têm orientado as diferentes maneiras de relacionamento do ser humano com o meio ambiente, visto que apenas a consciência individual não é suficiente para as transformações e construção de sociedades sustentáveis pautadas na ética dos valores, como aponta Aristóteles (2007), é preciso, sobretudo, redefinir o cenário ético e social que vem sustentando as relações ser humano-sociedade-natureza.

Para Wolkmer e Paulitsch (2011), na esteira das correntes éticas – utilitarista, aristotélica, da lei natural e antropocêntrica – a própria história dos movimentos ambientalistas e as causas ambientais sobre as quais a juventude contemporânea tem se debruçado, oferecem pistas da urgência de ruptura com a ética ambiental antropocêntrica, que concebe o ser humano como sujeito absoluto e único. Tal ruptura significaria uma concepção de ética ambiental onde o ser humano deixa de ser visto como o centro das relações com o meio ambiente e passa a ser considerado como integrante desse meio no espaço e no tempo.

A esse respeito, Leff (2006) afirma que urge a necessidade de uma racionalidade ambiental capaz de gerar um rompimento com o princípio da racionalidade instrumental, segundo o qual, a ética se fundamenta na ideia de que o fim justifica os meios, ainda que esse fim tenha resultados degradantes ao meio ambiente, uma vez que a centralidade de todo o processo é satisfazer aos interesses do ser humano sem levar em consideração a relação intrínseca entre ser humano-natureza. A natureza, nesse sentido, serve apenas como instrumento propício aos anseios humanos.

A visão de Leff (2006) permite retomar o pensamento de Grün (2002) quando este último parte do pressuposto que o predicado “ambiental” dentro da discussão “ética e educação ambiental” tem suas raízes, sobretudo, nas bases filosóficas cartesianas, que contribuíram para que a Natureza fosse objetificada e vista apenas com valor instrumental. Para o autor, o fato de – quase sempre – concebermos a natureza como elemento exterior a nós pode ser explicado pela lógica cartesiana e antropocêntrica desenvolvida pelas sociedades, especialmente renascentistas, onde as questões éticas passam a estar centradas no ser humano e muito fortemente

ligadas ao paradigma cartesiano-mecanicista que se estrutura numa visão de natureza enquanto máquina.

Desse modo, Siqueira (2002, p. 11) afirma que a ética ambiental se refere a uma questão de ordem axiológica, cujos valores, visões e paradigmas predominantes nas diferentes sociedades num período histórico-social contribuíram para a crise ética ambiental vivida na atualidade. Em razão disso, para o autor,

a crise nas relações homem-natureza deve ser buscada nos modelos axiológicos que, sustentados por fundamentações filosóficas, marcaram as diferentes concepções de natureza, algumas das quais são hoje profundamente questionadas [...] A partir do Renascimento dois tipos distintos de interpretação da natureza surgiram: um ligado ao ideal galileano-cartesiano de ciência, com forte acento na quantificação e formalização matemática da natureza e outro relacionado com a dimensão qualitativa e valorativa da natureza.

Tanto Siqueira (2002) quanto Grün (2002) partem do princípio que a atual crise ambiental é fruto de um processo histórico que privilegiou muito mais o desenvolvimento social, cultural e econômico na perspectiva da racionalidade quantificada da natureza do que da racionalidade qualitativo-axiológica. E, vista pela ótica cartesiana, a natureza assume condição de objeto humano e de instrumento quantitativo da maioria das ciências.

Neste aspecto, é importante assinalar que nas experiências e relatos dos jovens ambientalistas é bastante frequente a concepção de que o meio ambiente não se restringe ao lugar da contemplação de elementos naturais nem do espaço divinamente criado, intocável e harmônico; assim como não deve ser visto, cartesianamente, como máquina a serviço da satisfação e dos interesses pessoais e de pequenos grupos, especialmente com cunho econômico:

A gente começa conscientizando ambientalmente, daqui a pouco o jovem está com uma consciência política, com outro tipo de consciência porque ele vai se envolver naquilo e ele vai ver que não é só aquilo, que tem outras coisas relacionadas. Que meio ambiente não é só planta ou o lugar onde é muito lindo e belo. Então, quando ele começa a criar consciência ambiental, ele vai ver que essa consciência ambiental está ligada à consciência política também. Então, ele começa a pensar: “em quem eu vou votar?”, “esse cara que vou votar pensa nas questões ambientais?”, “ele está ligado a isso?” (Melinda).

Eu comecei o projeto GAASB, que empodera jovens para que participem dos locais onde são decididos o seu futuro, porque a gente tem essa ilusão de que meio ambiente é só planta, é só animal

e esquece que a gente também tem um espaço nele [...] No início, toda ideia era que a gente formasse um grupo pra fazer aventuras aí no meio ambiente, mas disso tudo a gente percebeu que não só dava pra aproveitar da natureza, mas a gente também teria que retribuir de alguma forma (Rafael).

Os relatos dos jovens ambientalistas, juntamente com as falas dos autores chamados para essa discussão, colocam em evidência que a questão ética ambiental está relacionada ao processo de desenvolvimento da consciência social e política dos seres humanos no sentido de romper com os valores, modelos e paradigmas cartesianos e antropocêntricos que não atribuem ou percebem na natureza o seu valor intrínseco e sobre os quais se apoiam a crise ambiental na contemporaneidade.

A maneira peculiar com que os jovens percebem as relações entre o ser humano e o meio ambiente se configura como um sinalizador de que as relações humanas e ambientais estão com problemas, que não serão resolvidos pela ótica cartesiana, mecanicista e antropocêntrica. A juventude ambientalista chama a atenção para o fato que é necessário uma nova concepção ética fundamentada numa nova visão de mundo.

Esse olhar mais sensível da juventude faz lembrar a obra “*O Ponto de Mutação*” de Capra (2004), à medida que o contato com os jovens ambientalistas faz perceber o quanto eles acreditam ser necessário o rompimento com a ideia de meio ambiente separado do ser humano e, ao mesmo tempo, do quanto é importante a construção da consciência coletiva para que as mudanças aconteçam e uma nova ética possa conectar, sustentavelmente, o ser humano e o meio ambiente.

Assim, os jovens ambientalistas têm dado o sinal de alerta no sentido de que o modelo atual em que vem se sustentando as relações ser humano-natureza-sociedade não é viável, visto que a vida não deve ser concebida de maneira mecânica, comparada ao funcionamento de um relógio, conforme pressupõe a lógica cartesiana. É preciso a compreensão de que homem e natureza constituem uma teia inseparável e interconectada de relações.

Na verdade, bem distante dos preconceitos que circundam o ativismo e engajamento juvenil ambientalista, o contato com esses jovens deixa claro que há nos seus engajamentos a intenção de alertar as pessoas que a crise ambiental é uma verdade, não se trata de conversa desprezível nem de discurso infundado.

Nesse plano entre realidade, visão e perspectivas, não se pode esquecer que, ao falar de meio ambiente equilibrado tendo como norte a ética das virtudes trazida por Aristóteles em contrapartida às correntes cartesiana e antropocêntrica, parte-se do pressuposto de que esse equilíbrio está imbricado com a melhoria e garantia da saúde, qualidade de vida e bem-estar do ser humano nessa e para as próximas gerações.

No tocante à realidade brasileira, essa questão se encontra presente, enquanto dispositivo legal, no artigo 225 da Constituição de 1988, que faz menção ao meio ambiente como fundamental importância para existência da vida:

todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 2016, p. 01).

Tomando como ponto de referência o que afirma o artigo acima, tanto Pelizzoli (1999) quanto Wolkmer e Paulitsch (2011) ressaltam que a problemática ambiental e a construção de uma ética fundamentada em valores não dizem respeito apenas a uma questão de engajamento, visto que a teoria não pode ocupar o lugar de abstração. Para os autores, a ética numa perspectiva de valores deve estar associada tanto às mudanças comportamentais quanto à criação de novas maneiras de se portar perante a natureza no que tange à ressignificação de como o ser humano pensa e interpreta a sua existência, presença e atuação no meio ambiente.

Portanto, quer seja pelo processo de engajamento, quer seja pelas discussões teóricas, refletir sobre os valores éticos que subsidiam a multiplicidade de relações com o meio ambiente regidas por questões políticas, econômicas, sociais e culturais significa considerar que é através de uma base tanto teórica quanto prática da ética ambiental que será possível a construção de relações mais harmoniosas e sustentáveis entre o meio ambiente, o ser humano e a sociedade.

Nesta perspectiva, Nalini (2010, p. 2-3) considera que

somente a ética pode resgatar a natureza, refém da arrogância humana. Ela é a ferramenta para substituir o deformado antropocentrismo num saudável biocentrismo. Visão biocêntrica fundada sobre quatro alicerces/convicções: a) a convicção de que os humanos são membros da comunidade de vida da Terra da mesma forma e nos mesmos termos que qualquer outra coisa viva é membro de tal comunidade; b) a convicção de que a espécie humana, assim

como todas as outras espécies, são elementos integrados em um sistema de interdependência e, assim sendo, a sobrevivência de cada coisa viva bem como suas chances de viver bem ou não são determinadas não somente pelas condições físicas de seu meio ambiente, mas também por suas relações com os outros seres vivos; c) a convicção de que todos os organismos são centros teleológicos de vida no sentido de que cada um é um indivíduo único, possuindo seus próprios bens em seu próprio caminho; d) a convicção de que o ser humano não é essencialmente superior às outras coisas vivas. Esse o verdadeiro sentido de um “existir em comunidade”.

Nalini (2010) ressalta que um dos pontos fortes do exercício da ética ambiental, pensando no biocentrismo como elo entre o ser humano e a natureza, é criar e fortalecer a conscientização de que o meio ambiente ou a natureza não é simples objeto da ação humana e que, portanto, deve se fundamentar em valores ecológicos que exaltem e empreendam esforços, sobretudo para a existência da vida no planeta por meio da efetividade de condutas racionais, sustentáveis, reguladoras e ecologicamente equilibradas.

Para ele, é preciso retomar ou empreender esforços no sentido de aproximar o ser humano da natureza de forma saudável, sustentável e respeitosa, de modo que o ser humano compreenda-se como sujeito de valores. Por isso, segundo o autor, a maior finalidade da ética ambiental é articular essa relação do ser humano com a natureza e, por meio dela, será possível superar a crise ambiental no planeta; sem perder de vista que

[...] a crise que se vivencia hoje é uma questão eminentemente ética, que tem levado a questionamentos sobre a racionalidade dos sistemas sociais, do modo de produção, dos valores e dos conhecimentos que o sustenta. Urge uma reflexão e uma premente alteração na conduta social e em seus valores éticos e morais (WOLKMER; PAULITSCH, 2011, p. 226).

Wolkmer e Paulitsch (2011) e Nalini (2010) compartilham da mesma crença em acreditarem que a ética ambiental pode ser traduzida pela efetividade e carência de uma ética social comprometida com os valores de uma sociedade sustentável e equilibrada. Noutras palavras, para os autores, a crise não é necessariamente do meio ambiente, ela é parte do reflexo de uma crise maior que tem suas raízes na própria crise dos valores humanos. Por isso, antes de ser uma crise ética ambiental, ela nasce e alastra-se enquanto crise ética social e, portanto, “a esperança é que as crianças e jovens sejam o freio à insensatez e sirvam de consciência para seus avós” (NALINI, 2010, p. 07).



E, nesse sentido, a juventude ambientalista vem afirmando, por meio de suas ações (ainda que com pouca visibilidade), que a análise das problemáticas ambientais e suas questões éticas não são simples de ser realizadas. Pelos relatos dos jovens ambientalistas, é possível perceber o quanto as relações entre o ser humano e o meio ambiente se encontram em um cenário multidimensional, complexo, multifacetado e interligado. Para eles, falar em crise e ética ambientais significa extrapolar a visão romântica de meio ambiente e juventude e compreender que a luta, os conflitos e embates que perfazem seus engajamentos em movimentos, coletivos, organizações ou grupos ambientalistas estão muito mais associados à ideia de que a falta de uma ética ambiental sustentável afeta a saúde da humanidade, os modos de vida das pessoas, as relações econômicas, culturais, políticas, tecnológicas e, sobretudo, a própria qualidade do meio ambiente.

Desse modo, a abordagem sobre a ética ambiental deve, também, partir da premissa que a crise não é *do* meio ambiente, mas *no* meio ambiente, uma vez que a conjuntura em que ela toma consistência tem implicações éticas sociais das tensões, conflitos, possibilidades, desafios, comportamentos e formas de pensar dos seres humanos face ao planeta. Assim, parte-se do princípio que a questão de fundo dos problemas ambientalistas é, especialmente, ética.

Por essa razão, Azevedo (2010, p. 01) afirma que “quanto à visão de mundo e de vida, a sociedade humana atravessou três fases (paradigmáticas) e hoje as três convivem conosco e em nós: a teocêntrica, a antropocêntrica e a biocêntrica. Bom seria se tivéssemos tido sempre uma só fase – a *eticocêntrica*...”<sup>6</sup>. Para ele, a ética é o ponto-chave para repensar as problemáticas ambientais, ela é o ponto de partida e de chegada dos problemas ambientais que o planeta vem enfrentando.

Para Azevedo (2010), os movimentos ambientalistas da atualidade têm refletido, cada vez mais, a necessidade de uma ética ecocêntrica ou biocêntrica, por se tratar de uma perspectiva mais democrática e humana no tratamento das relações entre o ser humano e o meio ambiente. O autor salienta que se deve ter

---

<sup>6</sup> Para Azevedo (2010), a fase teocêntrica tem sua origem com base na Bíblia, mais especificamente no livro de Gênesis, tendo como marco principal a criação do homem, que encerra a criação do universo. Azevedo (2010) ressalta que nas narrativas bíblicas no livro de Gênesis, o homem assume a figura de dominador, superior às demais criações e, portanto, está numa condição inferior apenas em relação ao Criador. Dessa forma, tudo lhe é ético diante da natureza, ordem era crescer e multiplicar por meio dos recursos disponíveis. “Portanto, tínhamos o homem senhor da natureza submetido apenas ao Deus senhor do Universo” (AZEVEDO, 2010, p. 01).

muito cuidado para não cair no erro de focar no meio ambiente e retirar o ser humano desse cenário que, legitimamente, o homem pertence. O ecocentrismo ou biocentrismo, nesse caso, partem de uma concepção ética de interdependência e interconexões de todos os seres que compõem a natureza.

Desse modo, o ecocentrismo opõe-se tanto à ética utilitarista quanto à ética antropocêntrica, uma vez que em sua concepção de ética busca compreender os aspectos intrínsecos do meio ambiente e construir uma ética

menos *egóica* e um pouco mais *ecóica* [...] passagem de uma ética ambiental antropocêntrica para uma ética ambiental biocêntrica ou ecocêntrica significa um esforço enorme para a sociedade humana atual porque implica em reconstrução de crenças, condutas e quereres [...] Primeiro fomos seres animais e só depois seres sociais. E para criar sociedades e seus valores morais os seres humanos habilitaram-se a intervir e interferir no ambiente natural, desenvolveram tal capacidade. Contudo, este ambiente natural aqui já estava, foi-nos oferecido, não é produto de nossa criação, logo é ético mantê-lo, ainda que nele interfiramos. Não é moral destruir o que não criei e, portanto, não é meu. Aliás, quem sabe nem seja ético destruir mesmo o que criei. Essa linha de raciocínio talvez possa ser uma boa base para nossa ética ambiental. É ético viver. Mais do que isso, é ético viver e deixar viver. Ainda mais, é ético viver, deixar viver e promover a vida (AZEVEDO, 2010, p. 02, 07).

Para o autor, a ética ambiental se efetiva no hiato entre a palavra e a ação, é aquilo que o ser humano pratica e as posturas que adota frente a si e ao meio social, desenvolvendo a consciência da necessidade do cuidado ambiental e comprometendo-se com o espaço e tempo da sua geração e das gerações futuras. Por isso, segundo Azevedo (2010), a ética – vista pelo prisma dos cuidados ambientais – exerce uma forte influência na qualidade de vida ambiental e intergeracional, sendo que, antes de existir socialmente, o ser humano já existe ambientalmente.

E nesta questão, pensando no engajamento ambientalista juvenil da contemporaneidade, Nalini (2010) faz um adendo no sentido de reforçar que a construção e efetividade da ética ambiental pautada em valores sociais e ecológicos requer a participação ativa dos indivíduos em movimentos ecológicos. Para ele, ter simpatia pelas discussões éticas ambientalistas e dizer-se preocupado com o meio ambiente sem ações, posturas, práticas e o devido engajamento não se constituem ferramentas suficientes para barrar ou amenizar a destruição e degradação do meio ambiente.

Tomando a discussão trazida tanto por Lopes e Costa (2013) quanto por Siqueira (2002), torna-se importante destacar a ideia de ética das virtudes de Aristóteles, que leva em consideração a maneira como o homem deve viver e o que deve fazer a fim de que alcance o bem e a felicidade, o que não quer dizer que a felicidade seja um bom emprego, ganhar muito dinheiro ou adquirir muitos bens materiais. Na perspectiva da ética das virtudes, a ética é o substrato importantíssimo que oferece condições aos seres humanos de avaliarem de forma crítica o meio em que vivem, bem como as decisões tomadas e posturas adotadas.

Silva (2008) afirma que a ética das virtudes trazida por Aristóteles é originária da Grécia Antiga e tinha, sobretudo, o objetivo de responder ao questionamento socrático-platônico sobre como o homem deve viver. Se para Aristóteles (2007) a finalidade última da vida humana é alcançar a felicidade, na perspectiva de Sócrates e Platão – antecessores à visão de ética aristotélica – a vida ética estava direcionada pelo conhecimento, que estava associado à ideia de um mundo das sombras, da ilusão e do desprezível.

Na filosofia aristotélica há uma inversão da lógica de conhecimento presente na filosofia platônica: para Aristóteles (2007), a origem do conhecimento está ligada ao mundo material, que é regido por uma causa final (finalidade da existência). Logo, a ética de Aristóteles, ou ética das virtudes, tem o pressuposto no campo da realidade concreta por meio do *éthos* e da *práxis* humana, que dizem respeito ao conjunto de costumes e ações humanas, respectivamente.

A ética das virtudes, nesse sentido, considera que as decisões sobre a melhor maneira de viver não devem apenas se situar na ideia do que seja necessário para tornar o mundo melhor ou, ainda, basear-se em normas que devem ser obedecidas sem o devido entendimento e apropriação do sentido e significado dessas normas para a vivência em sociedade. Logo, a ética das virtudes parte do princípio que é de fundamental importância ter clareza acerca do tipo de ser humano que queremos ser e, portanto, a ética aristotélica centra-se nos aspectos que dizem respeito ao caráter moral, enquanto expressão de uma ética que reflete muito mais o que o ser humano é do que, simplesmente, o que ele faz.

O que seria, então, a ética para Aristóteles? O conceito de ética para Aristóteles (2007) parte do princípio que esta é algo a ser conquistada via *eudamonia*, que é sinônimo de felicidade. Isto é, na lógica da ética aristotélica há

uma preocupação, um debruçar-se sobre o que é, no próprio agir da sociedade, viver uma vida boa, que princípios e fundamentos sustentam essa vida em sociedade. Quanto a isso, Aristóteles (2007) coloca que o caminho propício à *eudamonia* é a prática da *aretê* (virtude). Para ele, a virtude é o caminho do meio, é o meio termo, constitui-se como o campo da moderação e, portanto, a virtude expressa a ação equilibrada.

Por isso, em sua obra *Ética a Nicômaco*, o autor deixa claro que a ética das virtudes se opõe à ideia de extremidades entre as paixões, apetites e inclinações humanas que podem gerar falta ou excesso de atitudes e daí, seja por falta ou excesso de atitude, Aristóteles (2007) afirma que nascem os vícios. Qual é a virtude, então? A virtude é, justamente, o agir moderado, a ação equilibrada entre a falta e o excesso de atitudes frente às paixões, necessidades e inclinações do ser humano. Dessa forma, a ética aristotélica parte do pressuposto que ser virtuoso significa empreender esforços em determinada ação de maneira comedida e necessária. Essa, para ele, é a verdadeira expressão do equilíbrio da ação entre o homem e a sociedade.

Desse modo, a concepção de ética presente nas reflexões que tecem esse trabalho está subjacente à perspectiva de ética das virtudes trazida por Aristóteles (2007), uma vez que parte do princípio que a interferência e intervenção do ser humano, ou seja, as causas e finalidades da sua ação devem seguir o “caminho do meio”, considerar o meio termo das suas ações. Ou seja, as interações do ser humano com o meio ambiente precisam ser equilibradas, moderadas e é necessário que o ser humano aprenda a agir no meio termo com justiça e equidade.

Para a ética das virtudes aristotélica, de acordo com Silva (2008), é no *éthos*, ou seja, no costume que a ética se fundamenta. A ética aristotélica possibilita questionarmos a concepção de homem que socialmente construímos na realidade concreta e, ao mesmo tempo, refletir sobre a concepção de ser humano que almejamos. Nesse aspecto, é possível também pensar sobre as relações existentes entre a ética das virtudes de Aristóteles e a ética ambiental, uma vez que a ética apontada por Aristóteles (2007) gira em torno de como o homem deve ser e comportar-se, da maneira como ele age dentro da comunidade política (*pólis*).

Daí que, pensando na ética ambiental a partir da ética das virtudes, surge o questionamento: as ações dos movimentos e jovens ambientalistas (sem

desconsiderar a importância das ações dos demais indivíduos) têm contribuído para alcançar a *eudamonia*? As ações humanas têm convergido para atingir a felicidade na perspectiva de Aristóteles do equilíbrio entre suas necessidades e a sobrevivência da coletividade, visto que as situações, decisões e posturas particulares/individuais têm fortes implicações no bem-estar maior da sociedade?

Quanto a essas interrogações, na obra *Ética a Nicômaco* é possível perceber que, em Aristóteles (2007), a ética da virtude assume um caráter, sobretudo, teleológico por natureza. Dessa maneira, a ética aristotélica tem centralidade nos objetivos e fins que orientam as ações humanas e no modo de ser do homem. É possível perceber, também, que a ideia teleológica presente na ética das virtudes se difere da ideia que subsidia a ética utilitarista, visto que a ética da virtude está concentrada no propósito que deve direcionar a vida de modo geral, que se refere ao objetivo do ser humano de viver bem a fim de almejar experiência e excelência enquanto ser humano.

Na visão aristotélica, o ser humano somente atingirá a felicidade por meio da virtude, sendo que para o filósofo o homem bom é aquele instruído e educado, ou seja, a pessoa só será justa, boa, equilibrada e moderada em suas ações se ela for educada e instruída a agir dessa maneira – educação essa que não tem relação com a ideia de educação formal tal qual como distinguimos na contemporaneidade<sup>7</sup> – caso contrário, a tendência é que viva segundo os seus vícios.

Daí, a partir da ética aristotélica, surge o seguinte questionamento:

Como se chega à felicidade? O meio para consegui-la são as virtudes, ou seja, os hábitos ou disposições humanas graças aos quais realizará as obras que lhe são próprias. O homem deve se impor o exercício, firme e constante, da **virtude**. Não basta um ato virtuoso de quando em quando. A virtude é a atualização do que lhe é próprio (NALINI, 2009, p. 53 – grifo do autor).

Nalini (2009) chama a atenção para o fato que refletir sobre o conceito de vida se constitui a base da ética das virtudes, visto que tem como objetivo maior alcançar o desenvolvimento da boa pessoa e a plenitude da boa vida, onde as virtudes são

---

<sup>7</sup> É preciso dizer e lembrar que Aristóteles viveu em outro contexto social e, a partir dele, elaborou seus pensamentos e teorias, o que não significa dizer que não tenham sentido para refletir e compreender aspectos da sociedade atual. Mas, é preciso tomar cuidado a fim de que não seja feita uma transposição dos nossos conceitos e preconceitos, da nossa forma de ver o mundo hoje para a compreensão acerca das teorias aristotélicas.

elementos do caráter capazes de fornecer ao ser humano as condições para alcançar a felicidade, como sinônimo de estado de bem-estar consigo e com a vida.

A ética das virtudes representa um prelúdio para refletir sobre a ética ambiental à medida que o caráter e o hábito são vistos por ela como elementos de grande importância, uma vez que tem como norte principal os pensamentos, desejos, sentimentos e ações que podem potencializar e habilitar o ser humano para a excelência e bem-estar frente às suas experiências de vida. Desse modo, na concepção aristotélica, a ética está diretamente associada à vontade humana, depende dessa vontade para que seja desenvolvida e, portanto, a virtude – por ser um hábito – é adquirida através do exercício.

Segundo Nalini (2009), a ética das virtudes parte do pressuposto que a vida se constitui como um processo de escolhas e tomada de decisões com a finalidade de que o ser humano alcance a felicidade por meio da construção de uma sociedade justa. Dessa forma, ela preconiza a harmonia entre a natureza humana e a moral social, de modo que Aristóteles (2007) compreende que o ser humano é dotado da capacidade de pensar e, portanto, é um ser político e social que necessita viver em sociedade e nela praticar seus princípios morais. Logo, para Aristóteles (2007), o homem virtuoso é aquele que sabe ponderar seus desejos em relação ao seu meio social e as virtudes são adquiridas através do hábito enquanto prática contínua, que se concretiza principalmente através do exemplo.

Quanto a este aspecto, Nalini (2009, p. 68) ressalta que

os valores dão dignidade à vida e “são imprescindíveis para o homem. Que é este sem a consciência dos valores? Em que se fundamentaria o homem ao perde-los, ou deles duvidar? Sem o valor desaparece o homem”. É a adequada consciência valorativa que propiciará à criatura se definir pela melhor opção quando se encontrar diante de uma escolha.

Nalini (2009) considera que, a partir da ética aristotélica, é possível perceber os valores como forças que impulsionam os comportamentos, condutas e posturas humanas. Virtudes, nesse caso, são as ações praticadas subsidiadas por determinados valores considerados muito bons para convivência em sociedade.

Portanto, a ética das virtudes parte do princípio que a virtude (o hábito) não se restringe ao campo das intenções e, nesse sentido, é que se pode afirmar que a perspectiva de ética aristotélica muito se aproxima das discussões e reflexões que

atravessam a atuação dos jovens engajados em problemáticas ambientais; pois não se trata de um envolvimento ou participação que se encerra no campo das intenções e verbalismo. A juventude ambientalista estaria muito ligada à concepção da ética das virtudes à medida que seu engajamento engloba intenção mais ação. A intenção pela intenção, sem o agir – de acordo com Aristóteles (2007) – não se constitui em virtude, representa apenas vício e omissão.

Assim, numa sociedade onde ainda é muito forte a concepção cartesiana e, por sua vez, o paradigma mecanicista se constitui como uma barreira entre as relações do ser humano e meio ambiente, Grün (2002, 2007) aponta que um dos caminhos viáveis à superação dessa visão que coloca a natureza como objeto passivo, e dela retira-se o ser humano – colocando-o na condição de estudioso, cientista e dominador do meio ambiente – encontra-se na educação ambiental, enquanto eixo capaz de quebrar a dicotomia ser humano *versus* meio ambiente. Sobre tal questão, discutiremos na seção a seguir.

## **2.6. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA ALTERNATIVA (?)**

A contínua ação, por vezes desenfreada, do ser humano sobre o meio ambiente, bem como o exercício de uma ética que pondere e valorize o equilíbrio da ação humana são as principais causas da crise ambiental que o planeta vem enfrentando nas últimas décadas. Frente a essa realidade, Wolkmer e Paulitsch (2011, p. 227) ressaltam que

o primeiro desafio para nova Ética Ambiental é a necessidade de uma adequada *educação ambiental*, a qual desempenha função fundamental no processo de conhecimento, nas modificações dos valores e das condutas pró-ambientalistas e, principalmente, no moroso processo de conscientização social, ao capacitar para uma consciência dos atos praticados.

Wolkmer e Paulitsch (2011) não negam que, face aos problemas ambientais e a busca por alternativas que solucionem e/ou amenizem as atitudes e comportamentos que expressam a ausência de consciência ecológica, a educação ambiental tem assumido a condição de uma das estratégias capazes de reverter algumas situações de degradação ambiental e, sobretudo, construir uma sociedade mais justa, sustentável e fundamentada nos princípios que norteiam a ética das virtudes (enquanto aporte teórico que mais se aproxima das reflexões trazidas neste trabalho).

Tendo em vista que a crise ambiental expressa muito mais a crise da própria subjetividade humana,

o desafio que se coloca é de formular uma educação ambiental que seja crítica e inovadora... O seu enfoque deve buscar uma perspectiva de ação holística que relaciona o homem, a natureza e o universo, tendo como referência que os recursos naturais se esgotam e que o principal responsável por sua degradação é o homem (JACOBI, 2003, p. 189).

A fala deste autor torna emblemático o fato que a problemática ambiental deve ser encarada como uma questão de cunho ético ambiental e social que tem requerido das sociedades novas maneiras de pensar e agir seja na esfera individual ou coletiva, de modo que estejam comprometidas com a criação de caminhos mais sustentáveis e justos para a satisfação das necessidades humanas e redução do cenário de desigualdades quanto às diferentes maneiras como os seres humanos têm sido “vítimas” da ausência de garantia da sustentabilidade ecológica.

De acordo com o autor, a construção de uma ordem social requer mudanças de valores e concepções, cujos obstáculos podem ser ultrapassados por meio do desenvolvimento da ideia de meio ambiente enquanto direito por um planeta melhor, o que será possível através do papel importantíssimo da educação ambiental, enquanto mola propulsora de discussões, reflexões e que não ocorre, necessariamente, nos espaços formais de educação.

Segundo Leff (2009), a manifestação com maior nitidez da crise ambiental que o planeta Terra se encontra envolvido tem suas raízes na década de 1960, quando começam a surgir as primeiras discussões sobre a necessidade de mudanças da vida em sociedade como um dos caminhos propícios à garantia da biodiversidade. Para Leff (2004, 2006), as mudanças necessárias à construção de uma sociedade sustentável e, de fato, envolvida com a solução dos problemas ambientais passa, sobretudo, pela produção de um saber ambiental fundamentado na capacidade dialógica que compreenda a educação ambiental como processo permanente, contínuo e importante ao desenvolvimento de uma racionalidade ambiental.

É da Constituição Federal de 1988 o artigo 225 onde afirma-se que

todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo



e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 2012, p. 127).

Esse artigo, em seu inciso VI, oferece maior status à educação ambiental ao apresentá-la como condição importante à qualidade de vida por meio da preservação do meio ambiente. Assim, pode-se afirmar que, embora a luta pela preservação e conservação do meio ambiente seja anterior à existência de um marco legal, constitucionalmente esse marco significou o reconhecimento e a renovação de esperança especialmente dos ambientalistas.

Legalmente, a instituição da educação ambiental ocorre a partir da aprovação da Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999, sendo que através do Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, foi estabelecida a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA).

As reflexões sobre Educação Ambiental (EA) trazidas por Sorrentino e Trajber (2007) colocam também em questão o papel da escola na construção da justiça ambiental. Os autores sinalizam que o grande desafio da escola no século XXI é, através de seus conceitos e práticas, transitar da ideia simplista de meio ambiente enquanto natureza e alcançar um patamar mais amplo que perceba o meio ambiente como lugar da diversidade, do valor ético e político comprometido com as gerações presentes e futuras.

Nos relatos dos jovens ambientalistas, embora reconheçam a importância da escola na formação dos cidadãos, a maioria dos discursos critica negativamente a maneira como a escola trabalha a temática meio ambiente. Para alguns jovens, tomando como referência suas experiências enquanto estudantes e jovens que desenvolvem ações em escolas, a escola discute de maneira superficial, desinteressada e distante da realidade dos alunos:

A escola exerce um papel importante em relação a tudo na formação dos jovens e o ensino não tem um foco em relação ao ambiental, o que eu acho errado. Deveríamos ter uma matéria ligada à educação ambiental no colégio, desde a primeira série até a conclusão de tudo [...] Educação é base! É pela educação que se formam as pessoas. Então seria muito importante que houvesse, como obrigação, a matéria de Educação Ambiental em todos os colégios (Elen).

As escolas pousam, botam os meninos de florzinha, de árvore, de não sei o quê, tira foto... mas, na prática, não ensinam, não conscientizam. Ensinou tudo, menos a consciência! E as escolas trabalham como se aquilo não fosse a realidade [...] A escola deixou muito a lacuna desses processos, eu não tenho recordação de ter

trabalhado questões relacionadas ao meio ambiente como a gente trabalha hoje com Engajamundo e com o Greenpeace (Melinda).

A escola, sinceramente, precisa desenvolver mais essa parte de Educação Ambiental, visto que não tem. Acredito que no lugar de ter religião, que só ensina o Catolicismo, deveria ter Educação Ambiental pra que as crianças, desde pequenas, tivessem consciência do que está acontecendo no mundo e se preocupassem e cuidassem mais do meio ambiente. A escola durante o Fundamental e Médio nunca teve essa preocupação em passar para os jovens esse conhecimento (Laís).

Em contrapartida, mesmo criticando a forma como a temática é abordada pelos currículos escolares, alguns jovens reconhecem também que a escola exerceu e continua exercendo um papel importante na formação da juventude ambientalista, porque geralmente é nesses espaços que crianças, jovens e adultos têm contato com as discussões sobre meio ambiente, em especial pelos projetos que são desenvolvidos na escola:

*[Lorrana se referindo ao projeto COM-VIDA, realizado no colégio onde estuda]:* A COM-VIDA significa algo bem importante para mim. Foi na COM-VIDA que eu participei mais das discussões sobre meio ambiente; que eu descobri o valor do meio ambiente e que a COM-VIDA me ensinou que devemos falar sempre, conversar, dialogar, explicar a realidade para a nossa comunidade. Eu amo a COM-VIDA! *(grifos meus)*.

A escola foi um instrumento muito importante pra mim e ainda é, porque foi onde eu tirei toda minha inspiração, eu vou ser bem generoso mesmo, e foi lá onde eu aprendi muita coisa, principalmente essa questão de como se relacionar melhor com o meio ambiente, com a sua cidade, sobre as mudanças climáticas, que é um tema que eu estou super engajado no momento [...] A escola foi um espaço onde eu consegui absorver muita coisa bacana e, com certeza, ela conseguiu trazer esse espírito ambientalista não só pra mim, mas eu acredito que pra muitas pessoas também. E a forma como ela trouxe foi a melhor porque sempre nesses espaços educativos a gente tem palestras que motivam a ser uma pessoa melhor, a se relacionar melhor e também nos projetos que a escola desenvolve. Tem a semana do meio ambiente, que é super trabalhada as questões de meio ambiente, então você tem contato com muitas iniciativas bacanas que são feitas na cidade, você também desenvolve iniciativas na escola. E são esses projetos que fazem a formação da pessoa (Rafael).

Os relatos da maioria dos jovens dão indícios que a ideia de educação ambiental está muito vinculada a uma responsabilidade delegada às escolas, cuja visão é reflexo do fato de ser a escola uma instituição formal e uma das primeiras instâncias de socialização humana. No entanto, para que a visão de meio ambiente

seja ampliada e ressignificada, tanto Sorrentino e Trajber (2007) quanto Lima (2011) partem do princípio que é necessário que o meio ambiente seja entendido pela escola como problema social, uma questão de debate social e como um movimento social. Por isso, para os autores, é urgente a necessidade de desconstruir a ideia de meio ambiente como mero conteúdo disciplinar que, por vezes, não assume um comprometimento com as transformações de comportamentos, posturas, atitudes e, na maioria das vezes, não acompanham as lutas dos sujeitos sociais que estão imbricados em questões ambientalistas.

Nesse sentido, Sorrentino e Trajber (2007) acreditam que há um grande potencial presente tanto nas práticas dos educadores das instituições formais de ensino quanto dos educadores ambientais populares<sup>8</sup>, tendo a escola como lugar privilegiado, encontra-se neste e noutros espaços terreno fértil para que a educação ambiental seja permanente, contínua e articulada com as diversas modalidades de ensino ao longo da vida dos sujeitos.

A concepção de Educação Ambiental numa perspectiva crítica deve estar imbricada com movimentos ambientalistas que denunciem e expressem preocupação com os primeiros sinais da intervenção humana no meio ambiente, em especial com a possibilidade de extinção de espécies. Ao mesmo tempo, os movimentos ambientalistas devem começar a exigir limites para a exploração das espécies e recursos naturais, o que causa certo incômodo no processo econômico e financeiro industrial.

Em seus relatos, os jovens expressam os sentidos e significados de estarem engajados em movimentos ambientalistas, enquanto campo de educação, construção de aprendizado, obtenção de experiências e lugar de luta:

Os movimentos ambientalistas são de extrema importância, porque se a minoria preocupada não lutar pelo que se quer, o que já está ruim vai piorar cada vez mais. É como todos os grupos de classe inferior que tentam lutar pelos seus direitos, nós, ambientalistas, que lutamos por um ambiente melhor, por um mundo mais sustentável, que nos dê mais saúde e oportunidade de uma melhor qualidade de vida. É de extrema importância e significado pra sociedade que existam esses movimentos para que chame a atenção de outras pessoas a participar e tentar mudar o que está acontecendo no Planeta (Laís).

---

<sup>8</sup> Sorrentino e Trajber (2007) utilizam esse termo ao se referirem ao papel educativo e pedagógico desenvolvido por grupos, coletivos e organizações ambientalistas, enquanto espaços não-formais de educação.

Desse modo, a partir da fala de Laís é possível pensar que a crise ambiental

apresenta-se a nós como um limite no real, que ressignifica e reorienta o curso da história: limite do crescimento econômico, e populacional; limite dos desequilíbrios ecológicos e das capacidades de sustentação da vida; limite da pobreza e da desigualdade social (LEFF, 2002, p. 191).

Acredita-se que um dos pressupostos essenciais à efetivação de transformações na sociedade atual, que provoquem a passagem de uma sociedade baseada na exploração do meio ambiente para uma sociedade sustentável, passa justamente pelo processo de uma educação que privilegie a formação cidadã e ecológica como de fundamental importância ao direito à sobrevivência das gerações futuras. Educação que não seja meramente instrumental, mas que esteja comprometida com o processo de desconstrução e reconstrução de pensamentos quanto à complexidade que envolve a crise ambiental e civilizatória.

A mobilização de coletivos ambientalistas e de algumas esferas governamentais de diferentes nações ampliou a agenda das discussões sobre a problemática ambiental, colocando-a enquanto questão de valores, modos de vida, comportamentos e preocupação mundial. Os eventos, encontros e conferências internacionais, a exemplo da ECO-92<sup>9</sup>, bem como a produção de documentos a partir desses eventos como a Agenda 21<sup>10</sup> e os Tratados das ONG's se constituíram como importantes elementos estruturantes para se pensar em ações estratégicas, princípios, finalidades e diretrizes voltadas à discussão ambiental de ordem mundial.

Desse modo, os pressupostos da Educação Ambiental fortalecidos sobretudo na ECO-92, têm se desenvolvido no Brasil nos últimos anos e têm ganhado importante papel, especialmente, na formação das novas gerações. Importante destacar que a educação ambiental tem se tornado elemento de grande necessidade à medida que tem suprido as lacunas de formação ambiental deixadas

---

<sup>9</sup> Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada entre os dias 3 e 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro-Brasil, que contou com a presença de organizações governamentais e não-governamentais. Na ECO-92 ou Rio-92 foram feitas discussões sobre os problemas ambientais existentes e progressos alcançados. Além disso, nessa Conferência, foram elaborados documentos de referência às principais discussões e reflexões ambientais, inclusive foi aprovada a Declaração do Rio ou Carta da Terra, cujo documento afirma que os países ricos possuem maior responsabilidade na conservação e preservação do planeta.

<sup>10</sup> Consiste num plano de ações com metas e estratégias acordadas entre 179 países, que visam a melhoria das condições ambientais do planeta e o alcance da sustentabilidade.

pela educação tradicional, por isso ela não se dá necessariamente nos espaços formais de educação.

Não há como negar o fato que a Educação Ambiental surge e vai se solidificando na perspectiva de promover transformações sociais que assegurem a vida no planeta tanto da espécie humana como das demais espécies. A Educação Ambiental, em sua essência, tem como princípio maior construir e manter o diálogo e debates rumo à efetivação de diferentes formas de se relacionar com o planeta através de novas posturas e comportamentos do homem com o meio ambiente, considerando tanto suas redes de relacionamentos locais como globais, vistas pelo viés da responsabilidade e compromisso individual e coletivo.

E, quanto a este aspecto, Wolkmer e Paulitsch (2011, p. 230) reconhecem

a urgência de uma consciência ambiental potencializada pela educação ambiental. Sem dúvida, palavras e ideias não têm a virtude de por si só produzirem a realidade almejada; mas, pelo menos, contribuem sobremaneira para tal, na medida em que as práticas tomam como referência conceitos, teorias, filosofias que formam a compreensão da realidade. Sendo assim, a emergência de uma Ética Ambiental requer inicialmente a estruturação de uma nova consciência através da educação ambiental.

Conforme as autoras, educar ambientalmente não se trata de uma perspectiva individual, isolada e com experiências pontuais de tomadas de consciência ambiental e ecológica. Essa é, com certeza, uma tarefa que se propõe a toda humanidade, independente de classe social, gênero, faixa etária e concepções político-sociais; razão pela qual as discussões e debates entorno da temática meio ambiente apontam a problemática ambiental como campo de interesse mundial das presentes e futuras gerações.

De caráter abrangente, dinâmico, social e político, a Educação Ambiental se caracteriza pela sua responsabilidade e compromisso com a tríade ser humano-tempo-meio ambiente, onde presente e futuro se constituem as matérias-primas de sua função de formar para e na cidadania. A educação ambiental parte do princípio que a problemática ambiental não é uma questão do futuro, mas que se faz e refaz no tempo presente.

No âmbito da perspectiva das novas gerações, acredita-se que

embora com as contradições existentes entre o ideal intelectual e a vivência cotidiana do real, no que se refere à questão ecológica, as novas gerações são educadas, em nível formal e informal, para uma

maior sensibilidade em relação aos problemas ambientais, gerando assim posturas éticas extremamente sérias e importantes para o futuro. A experiência [...] sobretudo com os jovens, revela essa realidade e nos abre uma esperança muito grande em relação à mudança de mentalidade das gerações futuras (SIQUEIRA, 2002, p. 79).

A formação para a cidadania é uma emergência do tempo presente e essa formação, por sua vez, não é uma atribuição específica da escola, uma vez que deve estar presente nos planejamentos estratégicos políticos, coletivos e organizacionais em prol de uma sociedade onde as pessoas possam viver ecologicamente bem.

Isso significa dizer que, situar a educação ambiental para além dos processos de formação escolares tradicionais, reflete também o *déficit* do sistema educacional brasileiro na abordagem da temática meio ambiente, que na maioria das vezes é abordada de maneira superficial e romantizada nas aulas de Ciências e Biologia, quando na verdade deve proporcionar aos futuros cidadãos condições de refletirem sobre o seu presente e propor meios para enfrentarem as mais variadas situações cotidianas.

Embora toda educação tivesse que ter o caráter ambiental o uso do adjetivo ambiental na terminologia “educação ambiental”, para Janke e Tozoni-Reis (2008), serve para reforçar o fato que a educação tradicional, por muitos anos, sonou a oportunidade e acesso a um trabalho efetivo com a temática meio ambiente, dando prioridade sobretudo às visões antropocêntrica, utilitarista e individualista das relações entre meio ambiente e sociedade.

Nesse sentido, a educação ambiental deve ser vista como um conhecimento de cunho público e acessível a todos os indivíduos com consciência ambiental, por isso não se trata de uma área própria de especialistas, mas “surge como parte de uma proposta em busca de soluções aos problemas ambientais e de mudanças de paradigmas da sociedade atual” (SOUZA, 2016, p. 123).

Loureiro (2006) explica que, na verdade, não há um tipo específico e determinado de educação ambiental e que o ideal seria falar em educações ambientais, visto que em diferentes momentos e épocas os indivíduos foram e são educados ambientalmente, cujas educações estiveram subjacentes a diferentes visões sobre a temática meio ambiente e muito fortemente ligadas a concepções políticas de sociedade, mundo, meio e homem.

O meio ambiente, enquanto campo social e político, não fica isento dos planejamentos estratégicos capitalistas de mercantilização, que reforçam o espírito de competitividade, o uso excessivo e desordenado dos recursos naturais e a própria desvalorização da vida e das espécies no planeta. Assim, refletir sobre o processo de educação ambiental significa indagar sobre os reais interesses que estão nas estrelinhas do desenvolvimento alardeado pelas políticas de mercado e pelas empresas, por exemplo.

É preciso questionar a favor de quem e do quê esse desenvolvimento tem se mantido, quais são os conflitos e impactos ambientais que podem causar em nome dos lucros e exploração desenfreada dos recursos naturais, que podem comprometer o bem-estar das gerações em virtude da falta de uma consciência socioambiental preocupada, sobretudo, com as minorias sociais que, na maioria das vezes, são as mais atingidas e prejudicadas pelo uso inadequado e indevido dos recursos naturais em nome do desenvolvimento e progresso industrial-tecnológico.

Dessa maneira, a Educação Ambiental se apresenta como um caminho propício a se pensar e refletir sobre as velhas questões ambientais por meio de novas abordagens que se configuram pela responsabilidade adotada pelas instâncias governamentais nacionais e internacionais, pelas ONG's, movimentos e coletivos sociais imbricados com as demandas e desafios que perpassam a construção de uma sociedade capaz de oportunizar e garantir melhores condições de vida às diferentes espécies do planeta. É preciso garantir e efetivar a ideia de uma sociedade planetária justa, que respeite e valorize a diversidade da vida e a riqueza dos bens naturais se efetive, sem estar submissa aos objetivos de exploração e ação descuidada da sociedade capitalista-industrial.

Não há dúvidas de que o alcance dessa sociedade comprometida com as problemáticas ambientais passa por um processo contínuo, permanente e progressivo de formação das gerações atuais e futuras, as quais são convocadas a perceber o quão é importante e necessária a conservação e preservação do meio ambiente, bem como a importância de compreendê-lo de modo integrado e articulado com a diversidade dos seres.

Historicamente, a Educação Ambiental, vista pela perspectiva da emancipação e transformação social, não se limita a apresentar o cenário de degradação e desgastes ambientais provocados pelo homem a fim de atingir os

objetivos que embasaram a organização e funcionamento das diferentes sociedades em seus mais variados contextos. Pelo contrário, diante dessa realidade, a Educação Ambiental se debruça na busca de estratégias que viabilizem a reflexão do que ainda pode ser feito com o intuito de garantir qualidade de vida planetária.

Compreende-se, portanto, que Educação Ambiental não pode ser entendida como um mero conceito ou simples opção filosófica, com o intuito de suavizar as preocupações que perpassam as agendas e documentos interessados com as relações conflitantes entre homem, sociedade e meio ambiente. Ela se constitui como um novo horizonte que desponta os limites, as possibilidades e os desafios das relações interdependentes entre sociedade, meio ambiente, justiça social e modos de viver e estar num mundo marcado, especialmente, pelo anseio ao desenvolvimento tecnológico-industrial que, na maioria das vezes, tem caminhado na contramão de uma sociedade sustentável e, eminentemente, comprometida com a qualidade de vida no planeta.

À “questão ambiental”, entendida como principal alvo da Educação Ambiental, é dada uma visibilidade maior que entrelaça a problemática ambiental a fenômenos sociais e ecológicos que expressam tanto as múltiplas relações construídas pelos homens com o ambiente como aquelas estabelecidas na vida em sociedade. Por isso, destaca-se que a degradação a que está sujeito o planeta, não diz respeito apenas a uma questão ambiental, mas há, sobretudo, uma relação de interdependência entre os processos de degradação ambiental, social e humana.

A compreensão acerca dessa interdependência serve como ponto de partida primordial para entender a multiplicidade e pluralidade de elementos que dão sentido e significado à concepção de meio ambiente enquanto categoria sociológica, que não está esvaziada de condições políticas, ecológicas, econômicas, tecnológicas, culturais, sociais e ideológicas. Somente por meio da devida análise dessas condições torna-se mais possível chegar a um entendimento aprofundado sobre o processo de onde emerge e solidifica-se a crise ambiental planetária.

Portanto, a construção de um saber ambiental – fundamentado numa consciência crítica, emancipatória e de transformação social – é basilar à superação das dicotomias existentes entre ser humano e ambiente, que historicamente os situavam como se fossem pertencentes a mundos separados, ao invés de aproximá-



los através de uma formação cidadã crítica comprometida com o bem-estar socioambiental.

Nesse sentido, o grande desafio colocado à humanidade na esteira da crise ambiental é buscar, no seio dos debates e movimentos sociais, possíveis respostas e caminhos que problematizem as relações entre meio ambiente e sociedade com o objetivo maior de estimular o espírito sensível, as ideias, valores e posturas direcionadas e preocupadas com a preservação da vida no planeta.

Isso, por sua vez, torna-se inatingível sem uma educação e consciência ambiental que ampliem essa noção de vida planetária enquanto aspecto humano, natural, cultural e social. Essa noção permite, inclusive, questionar a própria função da cultura dominante e das relações humanas que, por vezes, produzem efeitos de degradação ambiental, sem considerar a necessidade de uma intervenção que amenize os problemas ambientais e, ao mesmo tempo, esteja associada a uma mudança de mentalidade quanto ao compromisso de todos os sujeitos sociais com as problemáticas ambientais.

Mesmo com a atuação de diversos segmentos sociais como a mídia, a representação de movimentos sociais e de ecologistas envolvidos com militâncias, ainda é muito presente o processo de “terceirização” no que tange ao ato de assumir a responsabilidade com as questões ambientais. Ou seja, muitas pessoas ainda consideram que é de responsabilidade dos cientistas, das ONG’s, das representações governamentais e dos ecologistas militantes a função de prover meios que subsidiem a sobrevivência das espécies no planeta.

Desse modo, ainda é um muito presente o deslocamento e transferência desse comprometimento para os coletivos ambientalistas, como se a problemática ambiental estivesse situada na esfera de um mundo particular e restrito à reflexão, compreensão e problematização de pequenos grupos, que deverão dar respostas e soluções a uma crise ambiental que se configura como global e vem atingindo o planeta de ponta a ponta.

É mais do que urgente o desenvolvimento consciente de que o enfrentamento à crise ambiental é uma necessidade humana e que não pode ser transferida ou delegada a pequenos grupos que, embora desempenhem um importante papel de conscientização e alerta da real situação do planeta, não possuem a total condição de reverter os problemas ambientais, visto que não se trata de uma mera questão de

ativismo ecológico, mas as mudanças necessárias estão situadas na própria estrutura e superestrutura da sociedade, o que requer mudanças de valores, comportamentos e mentalidades frente à relação homem e meio ambiente.

Leff (2002, p. 191) ajuda-nos a compreender que “a crise ambiental é a crise do nosso tempo. O risco ecológico questiona o conhecimento do mundo” e, portanto, a problemática ambiental deve ser considerada para além de uma questão social e natural, visto que o conceito de meio ambiente não deve se situar apenas como categoria biológica, mas é preciso perceber a abrangência e dinamicidade desse conceito através da construção de um novo significado que vislumbre ambiente enquanto categoria plural e sociológica permeada por uma racionalidade social que se constitui em sua essência por saberes, conhecimentos, valores e modos de se comportar.

A mudança do panorama ambiental contemporâneo requer a efetividade de ações conjuntas direcionadas à prática e vivência da Educação Ambiental como processo de transformação de valores e comportamentos na construção do saber ambiental, enquanto saber necessário à tomada de consciência sobre a situação planetária e a implementação de estratégias voltadas a criar melhores condições de vida e comprometidas com a qualidade de vida dessa e das próximas gerações, bem como com a garantia da existência das espécies.

Assim, no limiar do século XXI, a educação ambiental impulsionada por diferentes órgãos aparece como um dos caminhos viáveis à formação e efetiva construção de uma sociedade mais consciente, justa, sustentável e solidária, onde o caráter ativo e protagonista dos sujeitos seja estimulado. Dessa maneira, tendo em vista os desafios que perpassam a problemática ambiental e que balizam as ações dos movimentos ambientalistas, há a necessidade de pensar sobre

como colocar em prática a Ética Ambiental, incrementando os meios de informação, aprofundando a reflexão sobre as alternativas possíveis para alterar o quadro de degradação ambiental. Se o futuro é fruto das ações praticadas no presente, hoje ele se mostra preocupante, daí o desafio para a política, a economia, o direito e outras áreas, de, através de um diálogo de saberes, buscarem alternativas que promovam a Vida em nosso planeta (WOLKMER; PAULITSCH, 2011, p. 230-231).

O alerta acerca do futuro ambiental, trazido por Wolkmer e Paulitsch (2011), parte da premissa que a proposição de estratégias que evoquem um novo

relacionamento do ser humano com o planeta não pode se dar distante do pensar e refletir sobre o processo histórico das relações entre ele e o meio ambiente, decisivamente, caracterizado pela poluição de diferentes modos e contextos e pela exploração dos recursos naturais que refletem, historicamente, o acirramento das desigualdades sociais, culturais e econômicas.

Nesse sentido, Leff (2006, 2009) explica que é preciso ultrapassar a racionalidade econômica que subsidiou a formação e perpetuação das sociedades não sustentáveis especialmente na América Latina e que, por vezes, reforça e tenta justificar erroneamente o processo de desenvolvimento social atrelado às ações de degradação ambiental e alcançar uma racionalidade ambiental fundamentada em saberes ambientais que reflitam e questionem a problemática ambiental pelos vieses econômicos, tecnológicos, políticos, sociais e ecológicos.

Para Leff (2009),

a deterioração ambiental, a devastação dos recursos naturais e seus efeitos nos problemas ambientais globais (perdas de biodiversidade, desmatamento, contaminação da água e solo, erosão, desertificação e, inclusive, a contribuição da América Latina ao aquecimento global e diminuição da camada de ozônio), são em grande parte consequência dos padrões de industrialização, centralização econômica, concentração urbana, capitalização do campo, homogeneização do uso do solo e uso de fontes não renováveis de energia (2009, p. 42).

Frente ao colapso ecológico, o saber ambiental coloca de um lado a necessidade de mudanças planejadas e organizadas por meio dos diversos organismos e organizações sociais sejam elas governamentais ou não; e, por outro lado, aponta a necessidade de por limites à visão desenfreada de crescimento econômico e social em detrimento ao bem-estar da relação ser humano-meio ambiente, que coloca em xeque o próprio discurso de justiça social e cidadania.

A racionalidade ambiental não desconsidera o poder criativo e transformador do homem como elemento capaz de provocar melhorias nas condições de vida humana. No entanto, essa racionalidade privilegia a construção de uma nova ética que reorienta as relações entre ser humano, desenvolvimento sócio-econômico e meio ambiente, onde “os princípios de racionalidade ambiental reorientam as políticas científicas e tecnológicas para o aproveitamento sustentável dos recursos, visando a construção de um novo paradigma produtivo e de estilos alternativos de desenvolvimento” (LEFF, 2009, p. 30).

Dessa forma, as novas reconfigurações em busca de uma sociedade mais democrática e sustentável pressupõem mudanças nas estruturas política, cultural e econômica através da transformação humana de consciência e comportamento, que tragam em seu bojo o desejo de conhecer o meio e de encaminhar ações que tenham como pressupostos novos valores, visões de mundo e modos de ser, estar e estabelecer as relações em todas as esferas da vida com o planeta.

Nessa perspectiva, pensando nas convergências entre juventude e meio ambiente, no capítulo a seguir são tecidas algumas reflexões sobre aspectos conceituais e práticos do engajamento militante e socialização política juvenis como portas de entrada dos jovens ao engajamento e militância em grupos, coletivos, movimentos e organizações ambientalistas.

### 3. O QUE SE PODE ESPERAR DOS JOVENS AMBIENTALISTAS?

#### 3.1. ENGAJAMENTO JUVENIL: A PRÁXIS DO SER JOVEM-AMBIENTALISTA

Ser jovem já é um processo tão forte, porque a gente tem um potencial incrível de energia, criatividade, inovação. Nós queremos mudar. Nós queremos fazer a diferença. Então, já é uma parte que ajuda no movimento. É mais por isso que os jovens se identificam tanto com os movimentos ambientalistas, porque é uma tentativa de mudar o *status quo*, de tentar mudar a situação atual. E, com isso, o forte instinto de rebeldia, de revolução da juventude atrai mais gente, em sua maioria, mais jovens. Ser jovem e ser ambientalista são querer mudar o *status quo*, a situação atual em âmbito local, regional, nacional, global. É mais nessa *vibe* mesmo, as características da juventude já propiciam uma boa atuação no movimento ambientalista (Jéfferson).

Os olhares das pesquisas sobre jovens em seus mais diversos territórios e formas de relações que expressam sua participação social, sua atuação protagônica e seu engajamento seja no contexto social, político, ambiental, econômico e cultural partem da premissa, segundo Ribeiro (2014), de que esses jovens não devem ser separados da condição de sujeitos da ação, das suas relações e dos seus vínculos geracionais, dinâmicos, relacionais e territoriais.

Daí que o engajamento ambientalista, conforme o relato de Jéfferson, pode ser considerado como uma categoria que insere e socializa os jovens politicamente na conjuntura social. Uma inserção e socialização política que está imbricada com os processos de ativismo, como o ativismo ambientalista. Ou seja, por essa perspectiva, a ação e reflexão *na* e *sobre a* ação se constituem como pilares fundamentais que dão sentido, significado e consistência ao engajamento de jovens nos movimentos ambientalistas, visto que “sem engajamento dos indivíduos enquanto sujeitos, nada acontecerá nem haverá progresso” (GOHN, 2014, p. 26).

O imbricamento entre ação e reflexão *na* e *sobre a* ação como fator preponderante para o engajamento de jovens ambientalistas aparece de maneira intensa no relato de Davi ao expressar certo descontentamento pela ausência de compreensão de alguns jovens sobre o verdadeiro sentido do termo “engajamento juvenil ambientalista”:

Um problema que tem muito forte no Greenpeace é a questão do Greenpeace ter grande nome. Então, muitas vezes eu sinto que são pessoas que se preocupam com o meio ambiente, mas entram pro Greenpeace pra dizer que são do Greenpeace. Eu acredito que 70%

do pessoal que está no Greenpeace, pelo menos no grupo de voluntários, não são pessoas totalmente engajadas. Na verdade, são pessoas que fazem alguma coisa e tal. Mas, se colocar pra elas tomarem atitude, não são todas que fazem isso. Falta muito engajamento nos jovens, às vezes, eles entram por nome, por amizade.

E hoje em dia, têm muitos que entram pra fazer parte de um grupo, alguns não estão ali por estarem lutando pelo meio ambiente. E me incomoda um pouco isso. Têm uns que, quando chegam lá, não sabem o que foi a ECO-92, não sabem quase nada sobre meio ambiente, que é uma coisa básica. Se você está numa organização ambiental, você tem que saber sobre o meio ambiente.

O engajamento vai muito além de estar na rua. Ser engajado é participar de forma ativa, mas sabendo o porquê você está participando daquilo. Têm pessoas engajadas que não fazem parte de um grupo. Eu mesmo, antes de entrar para o Greenpeace, eu já era uma pessoa engajada, eu já tentava fazer coisas por conta própria. O grupo só agrega a um movimento, experiências, trocas.

O relato de Davi vem carregado da ideia de que engajamento envolve propriedade de conhecimento das causas pelas quais os jovens ambientalistas lutam, os objetivos que impulsionam a participação nos grupos ou movimentos ambientalistas e a capacidade de atuar ativamente nas ações e reflexões. Na fala dele, ainda, é presente a sinalização que o engajamento, por vezes, não está associado à inserção em grupo. Pela sua experiência, o engajamento é anterior à entrada no Greenpeace e este, por sua vez, possibilitou a construção de conhecimentos mais sistemáticos, a troca de experiências e a socialização política.

A esse respeito, Sobrinho (2012, p. 60) traz alguns questionamentos que oferecem pistas para refletir sobre a categoria engajamento juvenil:

os jovens que consideram seu envolvimento nas ONGs como engajamento, que sentido dão ao termo? Como vivem esse engajamento? Até que ponto suas atividades nos projetos sociais podem ser consideradas engajamento? Afinal, estão engajados em que? Para que? Para quem?

Por esse espectro, estar engajado significa ter conhecimento e consciência das partes e do todo que formam o mosaico de possibilidades da sua ação e reflexão. Dizer-se engajado e ocupar, fragmentadamente, o lugar daquele que reflete sobre a realidade (sem propor estratégias e participar da execução delas), ou daquele que cria as estratégias (sem executá-las), ou ainda daquele que executa as estratégias (mas não participa das reflexões e elaboração delas) representa a forma mais abstrata do termo teórico-prático de engajamento de jovens em suas mais

variadas modalidades. Engajar-se requer tácito conhecimento sobre suas ações e participação em sua totalidade, onde não cabem a segmentação entre quem pensa a realidade, quem cria as estratégias e quem as executa.

Quanto a este intervalo entre quem pensa, executa e reflete as ações, Melinda – enquanto jovem-coordenadora do Engajamundo – pontua que, na contemporaneidade, é preciso revisitar ou repensar o conceito de engajamento militante juvenil dentro dos movimentos ambientalistas, especialmente naqueles que não são formados majoritariamente por jovens. Ou seja, sem desconsiderar a importância do diálogo entre as novas e velhas gerações, para ela, nos grupos, coletivos, movimentos e organizações que não são construídos de jovens para jovens há certa ausência do engajamento juvenil em sua essência, enquanto reflexo da falta de protagonismo juvenil.

Desse modo, a jovem Melinda afirma que, embora haja uma valorização do engajamento juvenil nos discursos proferidos pelos adultos em debates, conferências e eventos ambientalistas, a realidade que ainda prevalece é que o jovem – a galera, como ela chama –,

não é protagonista das ações. Ele é, meramente, o mecanismo de execução. O engajado robzinho. Já que eu não tenho a força pra ir pra rua correr, colar *lambe*<sup>1</sup>, fazer as coisas, a gente vai usar aquela galera lá. Mas, pra sentar com aquela galera pra pensar junto e estruturar, não funciona. A galera não pensa junto, ela não estrutura o processo. Eles são só a galera que vai participar na hora, depois vai embora e acabou. Eu vou usar o jovem (eu não gosto de usar esse termo pra não ficar como massa de manobra, que acho que é um termo muito forte), mas eles usam mesmo. Usam os jovens como objeto de colocar aquela ação em prática. E, mais uma vez, esse é o diferencial do Engajamundo: a gente não usa o jovem como objeto, a gente é jovem e chama o jovem pra pensar junto com a gente os processos.

Numa visão bem próxima à de Melinda, a jovem Elen – coordenadora da Juventude de Meio Ambiente do Partido Verde a nível estadual – pondera que

Os movimentos ambientalistas são importantes. É importante mesmo, porque a maioria deles busca preservar o meio ambiente, evitar a extinção de espécies como o WWF, o Greenpeace, o SOS Mata Atlântica. Os jovens têm aquela capacidade de estarem à frente, de estarem lutando. Eles têm força, eles têm mais garra de

---

<sup>1</sup> Tipo de pôster artístico, cujo tamanho pode variar, que é colado em espaços públicos, geralmente, tem integrado o conjunto de novas linguagens juvenis artísticas urbanas na contemporaneidade. O pôster lambe-lambe também é conhecido como *poster-bomber*, e pode ser pintado com tinta látex, spray ou guache.

chegar e gritar: “Olha, eu tô aqui. Eu quero isso, vocês têm que me ouvir”. O jovem sempre faz isso e não é só em movimento ambiental como qualquer outro tipo de movimento. Eles são muito importantes e estão aí pra poder mostrar garra e força. Acho que eles têm mais vitalidade pra estarem na frente buscando pelo que eles querem.

A partir dos relatos de Melinda e Elen, em Souza (2006) encontra-se a discussão que as organizações, coletivos, grupos e movimentos possibilitam perceber a importância da participação e engajamento do jovem em diferentes modalidades, onde eles passam a ser vistos como canais de solução às problemáticas ambientais. Por isso, para esta mesma autora (2006, p. 15),

hoje ONG é a instância que faz a intermediação entre os indivíduos e o *cenário* público, oferecendo-lhe um canal de participação. A realização do objetivo de integração da juventude pobre coube, em grande parte, às ONGs que têm se dedicado à chamada educação não-formal. E no cumprimento da mais importante finalidade da educação não-formal - a transformação do jovem em *ator social*.

A autora enfatiza que o engajamento juvenil – via protagonismo – é um termo produzido pelos adultos e, por isso, sinaliza que é preciso tomar cuidado com os discursos e efeitos da ideia de engajamento juvenil para que os jovens não sejam vistos como meros objetos de organismos internacionais, governamentais, ONGs e instituições.

A autora, sem desmerecer o importante papel e função social das ONGs e coletivos engajados com questões sociais, enfatiza que não se pode acreditar de maneira ingênua que a presença de jovens como integrantes de ONGs e coletivos sociais garanta a efetividade do engajamento dessa categoria. Para ela, é preciso observar e questionar a ideia de engajamento juvenil, visto que, em alguns casos, a juventude tem assumido muito mais o papel de telespectadora e executante de projetos do que de engajada, propriamente dito.

Assim, Souza (2006, p. 15) afirma que em algumas realidades "o *ator social* por excelência é a organização não-governamental (ONG)" e os jovens, por sua vez, assumem o lugar de figurantes. Essa ponderação, trazida pela autora, coloca em xeque o desvirtuamento e esvaziamento do caráter conceitual e prático de engajamento juvenil, que não tem como pressuposto basilar a separação entre os indivíduos que pensam as ações e aqueles que são do puro fazer (da execução dissociada do pensar, discutir e refletir sua ação).



Corroborando com o pensamento de Davi, quando afirmou que engajamento está além dos movimentos de rua e, ao mesmo tempo, com a fala de Melinda quando mostra que os jovens precisam ter uma atuação mais ativa dentro dos movimentos ambientalistas, Laise aponta – como sinônimo de engajamento – a necessidade de maior participação ativa dos jovens nos espaços de discussões e decisões acerca de problemáticas ambientais. Para ela, a participação não significa apenas “marcar presença”, mas está articulada com o envolvimento por completo dos jovens nas questões ambientalistas, desde a presença às transformações nos espaços ambientalistas, o que vai lhe conferir as credenciais – digamos assim – de jovens engajados:

Ainda vejo pouca participação, porque quando se fala de movimentos nem todos os jovens têm interesse, sempre ficam achando que é besteira. Por isso, a importância de estarem à frente desses movimentos ambientalistas pessoas jovens também, que já tenham esse conhecimento da importância pra estar incentivando, tentando trazer jovens, para que percebam a importância [...] Participar todo mundo pode participar. Mas se engajar nas atividades, eu acredito que é estar mais diretamente ligado, porque participação, por exemplo, eu posso ir em uma conferência sobre meio ambiente, mas só ir. Mas já engajar, eu posso, além de ir, estar junto pra poder contribuir para os projetos (Laise).

Pelo relato de Laise, não se constrói nem se materializa engajamento se a ação racional, consciente e interessada não for um dos fundamentos principais para que o engajamento tenha sentido e significado tanto na individualidade quanto na coletividade, como reflexo de uma consciência política *sobre* e *com* o mundo. Por isso, o engajamento não é sinônimo de apenas discursos ou de mero ativismo (ação pela ação), ele se dá nos interstícios da reflexão e ação. No entanto, "se, pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em *ativismo*. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo" (FREIRE, 2011, p. 44).

Na percepção de Freire (2011), a construção da consciência política é a maneira mais natural e eficaz dos seres humanos compreenderem a si mesmos e o mundo, bem como atribuírem sentido e significado à sua existência *no* e *com* o mundo enquanto sujeitos sociais. Uma vez desenvolvida a consciência reflexiva e

crítica, os indivíduos têm condições de questionar e problematizar a sua realidade, que resultará na construção de sua identidade pessoal e coletiva.

Nesse sentido, o engajamento pode ser fruto de uma ação racional ou ainda a consciência sobre o mesmo pode surgir a partir das mudanças percebidas pelos sujeitos em virtude de ter se engajado numa dada ação. Em ambos os casos, o interesse e a consciência da necessidade da ação se constituem aspectos que devem ser considerados, a fim de que o engajamento tenha significado tanto para quem pratica a ação quanto o meio ao qual a ação é destinada.

Os jovens, de fato, engajados nos movimentos ambientalistas chamam a atenção para a necessidade de estar atento às armadilhas que, por vezes, circundam o conceito de engajamento dentro dos próprios grupos, coletivos, movimentos e organizações ambientalistas. E essas armadilhas conceituais acabam gerando grandes reverberações nas práticas ambientalistas que, por vezes, acabam dando outro norte à essência e objetividade do engajamento militante ambientalista:

Há um bom número de jovens engajados e participando de movimentos ambientalistas; nas redes sociais a gente pode acompanhar isso. Só que eu acredito assim: precisa de um amadurecimento maior das ideias e na forma de intervenção, para que não cause transtornos à sociedade. Porque têm muitas pessoas que não conhecem o movimento e a gente acaba sendo alvo de críticas (Laís).

No Greenpeace, de uns anos pra cá, a gente tem questionado muitas coisas que vêm acontecendo em relação a campanhas, a lutas; porque aquela questão que eu falei, que as pessoas que se engajam são poucas, acho que um ponto é esse. Nesses 70% que eu falei que não se engaja, a comodidade é muito grande de estar no Greenpeace e estar fazendo abaixo-assinado, pra eles está bom. E esses 30%, no caso eu, o Eros, o Júlio, a Milena e outros que sabem que o Greenpeace está prejudicado em várias coisas, a gente vai questionar ao pessoal de São Paulo. O Greenpeace mudou muito. Eu quando entrei, entrei com a ideia de ativista, de poder chegar e fazer alguma coisa com a ideia pacífica. Mas, hoje em dia, o Greenpeace está muito fraco em relação isso. Ele faz o quê? Ele faz abaixo-assinado, coleta de assinaturas. Eu acho que isso é uma parte importante para as pessoas se engajarem, mas acho que tem que mostrar a luta do Greenpeace e a gente questiona isso, porque o Greenpeace vai perdendo força. Coleta de assinaturas não é uma coisa motivadora para as pessoas (Davi).

Para Dias e Callahan (2015), o engajamento de jovens ativistas pelo meio ambiente, geralmente, está associado a influências sofridas pelos jovens por meio de experiências no contato com a natureza, com pessoas fora do espaço da sala de

aula ou ainda os jovens começam a se interessar pelas problemáticas ambientais a partir da influência de amigos, professores e pais. Para os autores, o ativismo juvenil ambientalista não é algo inerente aos sujeitos, ele é fruto de relações, experiências e desejos que motivam os jovens e que, por vezes, nasce antes mesmo da juventude.

Por essa razão, estes autores consideram que a escola pode desempenhar um papel importantíssimo na “libertação dos espíritos” ativistas e engajados dos jovens, desde que esteja comprometida com a formação de sujeitos capazes de solucionar problemas, com a educação de seres pensantes e atuantes que tenham condições de compreender o mundo numa visão mais global e relacionada com os aspectos econômicos, políticos e sociais.

Em linhas gerais, os jovens assinalam que compreender e valorizar o ativismo juvenil ambientalista é um dos primeiros passos necessários para que, na atualidade, o engajamento juvenil em problemáticas ambientais seja levado a sério, já que historicamente sobre a juventude, apesar das suas lutas e movimentos, recaiu uma visão errônea de descrédito como se os jovens fossem sujeitos desinteressados quanto aos seus futuros:

A escola tem um papel fundamental, claro se for usado esse papel. Na minha escola, não tinha nenhum viés pra ligar as crianças aos problemas ambientais, botar a mão na massa e fazer com que a criança aprendesse de fato; e não ficar aquela coisa muito teórica na sala, que não identifica os problemas e não busca encontrar soluções pra elas refletirem sobre o estado atual. Eu acredito que a escola tem que ter um papel ativo na formação da criança, fazer com que a criança possa olhar para a realidade, refletir aquela realidade, criticar e buscar soluções para os problemas encontrados nessa realidade. A escola tem o poder gigantesco de influenciar os jovens, de libertar os jovens, de libertar pessoas, de dar conhecimento. Então, o seu papel é fundamental para a formação de um ambientalista, mas tem que ser uma escola ativa (Jéfferson).

Melinda acrescenta, a partir das suas vivências e experiências de formação que ministra nas escolas trabalhando as questões climáticas com jovens e as múltiplas relações do ser humano com o meio ambiente:

A maneira com a qual a escola trabalha (quando ela trabalha essas questões) é uma maneira chata. Então, quando você chega na escola, que você diz assim “a gente vai falar de mudanças climáticas”. Aí, um olha e fala: “ai, meu Deus, aquecimento global. Ah, mas eu já dei isso na aula de Geografia. Eu já sei; não precisa falar não”. E, quando a gente começa a conversar com eles, a gente começa a dizer pra eles: “olha, a gente veio falar de mudanças climáticas, mas não dessa maneira como você está pensando”.

Em outras palavras,

a pessoa engajada deve ter consciência de que foi ela que fez a aposta, que sua ação é gerada por um interesse, o qual deve ser percebido como necessário, pois o indivíduo não agirá para realizar um interesse se não o perceber como necessário. Em outras palavras, o interesse por si só, não é suficiente para criar o engajamento. É preciso sentir que este interesse é necessário (BRENNER, 2014, p. 36).

Brenner (2014), ao discutir sobre interesse e necessidade como características basilares do engajamento juvenil, sinaliza que esse engajamento é resultado de vários fatores, desde os processos de socialização de pais engajados às experiências escolares adquiridas pelos jovens em sua participação em grêmios.

Essa perspectiva traz à tona que ninguém nasce engajado, torna-se engajado. Para Seidl (2014), o engajamento está associado à ideia de tempo social, geralmente entre a adolescência e antes dos trinta anos de idade, quando se inicia e torna-se mais intensa a vida social pública dos indivíduos; uma vez que, geralmente, com as exigências da vida adulta, o indivíduo até então engajado, "em determinado momento da vida, afasta-se parcial ou momentaneamente do ativismo e, como se costuma dizer, 'vai cuidar de sua vida'" (SEIDL, 2014, p. 61). E, assim, na maioria das vezes nas organizações ambientalistas têm "pessoas mais de faculdade que tem mais essa proatividade de participar de alguma coisa, porque depois que a pessoa se forma, só quer saber de sua vida adulta propriamente e esquece a área ambiental, só quer saber mesmo de dinheiro" (Uenderson).

O relato de Uenderson reforça que o engajamento é um processo que se dá a partir da interação e integração dos sujeitos em diferentes contextos e ações, o que faz com ele esteja muito associado às trajetórias pessoais. Seidl (2014) afirma que os engajamentos não ocorrem no vácuo histórico e cultural, é preciso estar atento para o fato de que eles são porta-vozes de uma conjuntura subjetiva, social, política e de valores morais que movimentam as sociedades em diferentes épocas e períodos com objetivos, interesses e expectativas em relação às ações. Logo, para Seidl (2014), o engajamento é um processo formado por uma rede de sentidos capazes de possibilitar aos sujeitos intervir no mundo social de forma consciente, crítica e através de ações coletivas.

A relação consciente e transformadora dos sujeitos *no* e *com* o mundo se constitui o próprio cenário onde é possível refletir sobre o engajamento ambiental

juvenil a partir da participação e experiências de jovens em grupos, organizações, coletivos ou movimentos ambientalistas. Nessa perspectiva, os jovens consideram legítimos seus engajamentos, porque veem na militância ambientalista uma forma de transformação social, política e cultural:

Eu vejo mais o GAAJE como significado de resistência, porque se a gente for pensar na juventude de hoje é um grupo bem fechado de mobilização social de jovens, a maioria dos jovens fica estagnada. Então, o sentido é de tirar a gente da mesmice e da acomodação, e fazer com que a gente seja ativo na sociedade, para conseguir mudar alguma coisa e ir para as ações, para o fazer. Sou bastante positivo na questão da militância, eu acredito que os jovens que estão engajados fazem sua parte. A militância e o engajamento, eu vejo com bastante positividade porque quanto mais participação dos jovens, mais aprendizado para os próprios jovens e sucesso com a causa (Jéfferson).

O engajamento de jovens em questões ambientais pode ser compreendido como processo de transformação da cultura e expressão da sua capacidade de intervir nas relações entre o homem e a natureza. Ao intervirem, os jovens não apenas expõem suas ideias e atitudes como também tornam o engajamento um processo pedagógico onde, através de suas ações, aprendem e transformam a si e ao outro.

Na visão de Abramo (2008, p. 98), o engajamento também representa a construção e elo da identidade juvenil e da identidade militante, partindo do princípio que

a capacidade de sonhar e de atuar não está referida a uma essência, não é uma identidade “natural”. Na verdade, esses jovens se constroem também como seres atuantes, participativos, militantes: é essa a identidade juvenil que lhes interessa afirmar, e é nessa chave que a identidade juvenil ganha especial sentido para eles. Do mesmo modo, a identidade juvenil não é ela mesma, “natural” referida a uma essência. Tem de ser descoberta, acionada, à proporção que fizer sentido existencial e político para eles.

A partir da discussão trazida por Abramo (2008) correlacionando às reflexões que embasam esse trabalho e as narrativas dos jovens ambientalistas, é possível inferir que o engajamento ambiental juvenil pode ser visto como reflexo de uma consciência tanto sobre o aumento da crise ambiental quanto da necessidade de criar mecanismos que possibilitem uma conscientização mais ampla articulada com interferências humanas em prol do meio ambiente. Ou seja, a juventude que tem se

debruçado sobre as problemáticas ambientais atribuem um sentido e significado social às suas ações:

Antes, muitas pessoas jogavam o lixo tudo à toa e a comunidade ficava muito suja, as roças cheias de plásticos, de objetos. Aí, depois que a gente fez três anos seguidos uma campanha de preservação do meio ambiente através da coleta, orientando os moradores a estarem jogando o lixo no lugar certo ou então juntando para levar para o local de reciclagem, hoje vejo que a comunidade mudou a consciência, porque não vejo mais lixo como antes nas roças. Aqui, na comunidade, não tem coleta de lixo, as pessoas tinham a mania de queimar e, aqueles que não conseguiam queimar, ficavam espalhados. Hoje, eles têm a consciência de estarem levando pra rua, pro lugar adequado. Isso acabou marcando porque eu percebi que uma pequena ação acabou mudando os pensamentos das pessoas, elas aprenderam com aquilo que a gente fazia e, hoje, agem diferente (Laise).

Eu me engajo totalmente em todas as ações, eu me doo por inteiro pra fazer. Mas, o que eu gosto mesmo, o que mais me ativa, me deixa mesmo feliz é realizar uma ação prática, fazer uma coleta de lixo voluntária em algum ponto turístico, em qualquer lugar. Fazer coisas práticas. Eu adoro entrar com a mão na massa, plantar árvores, pegar lixo, dar palestra de educação ambiental... Tendo ação prática, eu desenrolo bem, me sinto muito bem nos ambientes, porque a ação prática ativa a gente, dá um ânimo tão grande. As ações que eu realizo e organizo, o meu grupo de estudo me fazem estar engajado nas questões ambientalistas (Jéfferson).

Essa juventude imbricada em grupos ambientalistas, segundo Gonçalves (2010), tem a consciência de que as problemáticas ambientais da atualidade são frutos das injustiças que perpassam as várias áreas sociais e, por isso, tem buscado por meio de sua participação e ação conjunta reverter o quadro de degradação ambiental e, ao mesmo tempo, (re)construir a esperança de um futuro mais sustentável, equitativo e digno, iniciando inclusive no universo das suas próprias comunidades.

Isso atesta a afirmativa de que as experiências juvenis em diferentes grupos de engajamento, onde se inserem os ambientais, atuam como fatores favoráveis à compreensão do papel significativo que os jovens exercem nos processos de participação social na contemporaneidade. Para Perondi (2015), apesar de alguns discursos propagarem a ideia de que não existe uma preocupação da juventude com questões sociais, não se deve acreditar, ingenuamente, que a participação e o engajamento juvenis nos seus contornos com as questões sociais cessaram de acontecer na atualidade.

Para o autor, o que vem ocorrendo são mutações das diferentes maneiras através das quais os jovens se apropriam dos dilemas e desafios de sua época e contextos e, a partir dessa apropriação, passam a construir outras maneiras de se posicionarem diante dos problemas e questões sociais, ambientais, culturais, políticas, econômicas e educacionais.

Essa questão apontada por Perondi (2015) aparece no relato de Uenderson quando ele faz um “balanço”, uma avaliação do seu percurso de engajamento em organizações ambientalistas e, ao mesmo tempo, sinaliza como o período de existência e os nomes das organizações ambientalistas se apresentam como fatores que dão maior ou menor legitimidade e visibilidade aos jovens nelas inseridos, assim como as demandas da conjuntura social e política têm sido fortes motivos para a juventude ambientalista colocar em prática seu engajamento:

Depois de sete anos dentro de organização, não só do Greenpeace, mas já fui de outras ONGs aqui em Salvador, hoje em dia, eu não sei se é pelo fato de já estar a tanto tempo no grupo, no meio ambientalista e começar a ver as coisas com outros olhos, sei que tem muitas ONGs ambientalistas que, também, têm trabalhos interessantes. Mas, muitas se perderam no tempo, até o Greenpeace mesmo, quando eu entrei era uma coisa, já se reduziu porque realmente o cenário mudou e eles infelizmente tiveram que se adaptar a esse novo cenário. Há algumas coisas que vão se adaptando ao contexto atual e vão perdendo um pouco de força, vão encolhendo. Aqui em Salvador, nos últimos dois anos, também teve um crescimento de grupos, porém pequenos, que infelizmente não têm tanta força pra poder lutar. Tem a do Rio Vermelho, acho que é SOS Rio Vermelho, que surgiu devido às reformas que o prefeito ACM Neto fez lá no bairro e teve destruição de área ambiental. Várias árvores foram cortadas, várias áreas verdes foram cimentadas e algumas ONGs foram aparecendo, foram criando uma cara.

No âmbito dos grupos ambientalistas, é importante destacar que a participação juvenil transcorre dentro de ações engajadas pelo interesse na vida pública, entendendo a ideia de “público” como elemento que diz respeito às vivências e relações que se estabelecem na coletividade social.

Assim, falando da participação e engajamento juvenis na contemporaneidade, Carrano (2012) diz que os modos de ser jovem podem variar conforme a velocidade das transformações que ocorrem no âmbito da produção e reprodução da vida em sociedade. O autor enfatiza que os jovens não estão alheios a essas transformações sociais, mas que são também produtores e reprodutores da vida social. Nessa relação entre participação, engajamento e vida social, por vezes, adquirem alguns

benefícios decorrentes das mudanças; em contrapartida, noutras vezes, as mudanças da modernidade prejudicam os jovens ao produzirem outras contradições e desigualdades.

As marcas da participação e engajamento na vida pública, segundo Paiva (2013), reverberam-se, em sua grande maioria, pelo ativismo juvenil que culminou em conquistas alcançadas por meio das lutas por melhores condições de educação e saúde, pelo respeito à democracia, pelo cuidado e preservação ambiental, pela garantia e efetividade das políticas públicas, pelo respeito às questões de gênero e pela valorização da dignidade da vida humana, independente de raça, cor e etnia.

Logicamente, as conquistas não fecham as lacunas históricas, sociais, políticas e culturais que alimentam a participação e o engajamento militante juvenil, em virtude do próprio dinamismo das sociedades que traz novos dilemas e desafios que solicitam a iniciativa e tomada de decisão dos sujeitos sociais.

Ao fazer uma análise da realidade brasileira a partir do governo Lula em sua articulação com o processo de construção da participação cidadã no Brasil, considerando os atores sociais como pilares e porta-vozes de mudanças, Teixeira (2008, p. 02) ressalta que

é inegável que mais atores participam hoje do debate público e que a agenda foi de alguma forma alargada por tal participação. Setores que antes estavam totalmente alijados do debate, como os usuários dos serviços de saúde, os portadores de patologias, os moradores de rua, os sem-teto e tantos outros, têm agora a possibilidade de discutir as políticas públicas.

Importante fazer esse paralelo considerando a atual conjuntura política brasileira que estamos atravessando, especialmente a partir das medidas verticalizadas tomadas pelo governo Temer<sup>2</sup>, porque é muito frequente na fala dos jovens ambientalistas, sujeitos de nossa pesquisa, a preocupação com a garantia dos seus direitos de serem ouvidos e a sobrevivência do engajamento militante. Na verdade, diante dos retrocessos e embates travados entre o governo Temer e os movimentos sociais engajados em diferentes causas, os jovens ambientalistas

---

<sup>2</sup> Importante destacar que o atual Presidente do Brasil, Michel Temer, tomou posse da presidência em 31 de agosto de 2016 após a presidente eleita Dilma Rousseff (PT) ser afastada definitivamente do cargo por um processo de Impeachment, fruto de um contexto e período político marcado por um golpe parlamentar articulado, sobretudo, pelo PMDB de onde emerge Temer enquanto vice-presidente de Dilma Rousseff.



temem ser cerceados ou silenciados por forças reacionárias às bandeiras que levantam e defendem. Entre eles, há uma preocupação com o governo atual e um medo em relação às perspectivas de futuro do engajamento militante ambientalista. Davi, por exemplo, expressa sua angústia no que tange à garantia do direito de lutar:

Os jovens, pelo menos do grupo, são pessoas engajadas em lutas sociais, são pessoas que estão sendo prejudicadas por esse atual governo. A gente acaba perdendo mais a voz em relação a tudo. Eu não sou PT, apesar de saber que isso foi um golpe. Eu sei que foi um golpe. E sei a importância que Lula teve para a população carente, para o trabalhador e para a gente também, ambientalista, porque a gente pode ter voz. Então, com o atual governo, o prejuízo é imenso para a gente, tanto pela perda de voz como a gente sabe que vai ficar, cada vez mais, limitados os nossos trabalhos. Acho que a gente vai acabar tendo retrocesso na questão dos movimentos sociais, porque são partidos de homens brancos e classe alta, que para eles não têm a mínima importância se você está preservando o meio ambiente. Mas, eu acho que é aí que a gente pode entrar com a questão de ativista, de entrar lutando mesmo, de mostrar porque a gente está lutando pelo meio ambiente. A ideia é a gente ter que voltar pra época de luta pelas ruas, como teve na década de 60. Vai ser um prejuízo muito além do que é só o ambiental.

Relacionando a discussão trazida por Teixeira em 2008 com a fala de Davi, percebe-se que questionar a juventude oito anos depois, remete à compreensão que a juventude em seus mais variados territórios tem deixado suas digitais no campo da participação social ao longo da história brasileira por meio de conflitos, disputas e tensões, alcançando avanços e trazendo à agenda pública outros desafios.

A perspectiva histórica é um dos caminhos essenciais para a compreensão e efetivação do engajamento militante juvenil, entendendo esse engajamento como sinônimo de participação, envolvimento, socialização política, inclusão e visibilidade da juventude nas problemáticas sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais - enquanto seres ativos, críticos, capazes de pensar e problematizar sua própria realidade.

E, pensando acerca da fluidez do engajamento militante ambientalista imbricado com a conjuntura social e política enquanto arena de lutas e disputas, Rafael reforça que vê

a autonomia da juventude nos movimentos ambientalistas no governo Temer reprimida. No governo Dilma, a ONG que eu faço parte – o Engajamundo – a gente super tinha apoio do governo, principalmente do Itamaraty com as credenciais. No Ministério do

Meio Ambiente, a Izabella Teixeira... A galera lá conseguia fazer um debate, conseguiam fazer acordos. São pessoas que estavam no poder, mas que sempre arrumavam um tempo para ouvir as demandas da juventude. No governo Temer, a gente já está com certo receio porque, ultimamente, a gente vem percebendo nos noticiários quantas coisas estão sendo votadas que são retrocessos, principalmente na área da educação e na área da saúde. E tudo isso, também, envolve o meio ambiente porque são os espaços onde nós estamos inseridos e, principalmente, são nesses espaços onde a gente adquire conhecimento para que possa incidir socialmente e politicamente. Então, a juventude acaba sendo um pouco barrada desses – digamos – privilégios que tinham com o governo. E hoje é, totalmente, mais complicado. Recentemente, agora em setembro nós percebemos que o governo Temer ratificou o acordo de Paris da Conferência de Clima da ONU, que aconteceu em dezembro do ano passado. E isso já foi um grande avanço, já foi um ponto positivo no governo, embora ele já estivesse previsto para que fosse ratificado no governo de Dilma. Mas, com tudo que aconteceu, acabou que ficou para o governo interino; na verdade, o atual. Ao mesmo tempo, percebe-se uma controvérsia que foi a votação que aconteceu na Câmara logo após e os deputados concordaram em incentivar as usinas termelétricas no país. Então, você coloca na balança que, de um lado, está ratificando um acordo que é para diminuir a emissão de gases do efeito estufa. Por outro lado, eles incentivam a criação de novas usinas termelétricas que são, extremamente, poluidoras e prejudiciais ao meio ambiente. Então, você percebe que é um morde e assopra, porque não dá para ter 100% de confiança nesse governo porque é, totalmente, controverso. É só jogada e não dá! Eu não vejo uma autonomia da parte desse governo, principalmente quando se trata de movimentos ambientalistas. Estamos aí numa luta diária, mas eu percebo que existe uma grande barreira nesse governo. E é uma luta que a gente, ainda, está conhecendo o campo, conhecendo como é que essas pessoas trabalham e, ultimamente, é só frustração.

O relato de Rafael reforça, conforme o pensamento de Carrano (2008), que mesmo em face aos desafios e possibilidades, os coletivos, organizações, grupos e movimentos ambientalistas se constituem como lugares de resistência e construção das identidades juvenis, onde a juventude - muitas vezes vista como problema, imatura, desordeira, desocupada - passa a ser concebida como categoria formada por sujeitos potenciais de soluções, mudanças e transformações imbricadas, sobretudo, com a coletividade social.

Para Carrano (2011, p. 244-245),

hoje, os jovens possuem um campo maior de autonomia frente às instituições do denominado “mundo adulto” para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que os jovens herdaram e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais. Sem desconsiderar os

pesos específicos das estruturas e condicionamentos sociais, um dos princípios organizadores dos processos produtores das identidades contemporâneas diz respeito ao fato dos sujeitos selecionarem as diferenças com as quais querem ser reconhecidos socialmente. Isso faz com que a identidade seja muito mais uma escolha do que uma imposição.

Nesse sentido, a noção de engajamento juvenil ambientalista se articula com a condição autêntica dada aos jovens para pensar sobre seu contexto social e fazer intervenções com o intuito de responder aos problemas não apenas por meio das palavras, mas através do seu posicionamento. Neste caso, o jovem assume lugar de centralidade tanto na reflexão quanto na tomada de decisão sobre os acontecimentos sociais, políticos e culturais que afetam, em maior ou menor proporção, as suas vidas.

Os relatos dos jovens entrevistados fazem pensar, de acordo com Souza (2013), que o engajamento juvenil não é um fenômeno recente e característico da sociedade atual. Historicamente, muitos coletivos juvenis foram às ruas e lutaram por questões que inquietavam a sociedade de suas épocas. Por isso, a ideia de engajamento e participação juvenil deve estar sempre associada à perspectiva histórica que se deu de diferentes maneiras nas mais diversas sociedades. Ou seja, as causas das lutas dos jovens do século XXI não se dão na mesma plataforma de conjuntura social, política e cultural dos séculos XIX e XX - apesar de que muitas questões que têm sido alvo de lutas da juventude atual, a exemplo das socioambientais, são resquícios oriundos dos séculos e sociedades anteriores.

No entanto, mesmo em face aos diferentes anseios e motivações que levam as gerações juvenis a experienciar este ou aquele tipo de participação político-social, o engajamento traz em seu bojo uma característica peculiar e em comum: independentemente do tipo de sociedade, ele representa processos de lutas, manifestações e movimentos sociais, que dão sentido e unidade à participação política e social da juventude enquanto categoria que deixou e tem deixado as marcas de sua atuação coletiva ao longo da história da conjuntura brasileira.

Tomando Melucci (2001) como referência, pode-se afirmar que o engajamento da juventude não está limitado à participação em determinados coletivos ou não deve estar a serviço de atender aos anseios de determinados grupos, mas essa participação deve ganhar uma dimensão maior na medida em que

se constitui como campo propício a ocupar os espaços sociais, inclusive das manifestações públicas.

Quanto a este aspecto, Castro e Abramovay (2009, p. 39) sinalizam que

é diagnosticado em diversas pesquisas sobre juventude no Brasil, que o interesse e a participação dos jovens na vida pública não se esvaziou [...] ainda que os contextos sociais e econômicos estejam cada vez mais cedo encurralando jovens para o precário mercado de trabalho, tomando o tempo livre para agrupações; ainda que a mídia comercial tenda a manipular as muitas formas de resistência num disfarçado teatro de felicidade obtida simplesmente pelo consumo de apetrechos, os jovens vêm se mostrando bastante adaptáveis e adaptadores dessas condições. Ou seja, novas são as motivações objetivas que inibem o processo de participação juvenil, porém, muitas são as adaptações e mutações, engendradas pelos jovens, que favorecem os processos de participação.

Castro e Abramovay (2009) assim como Perondi (2015) apontam que a inserção precária e prematura dos jovens no mercado de trabalho e a desqualificação ou invisibilidade dada pelas mídias comerciais à participação e engajamentos juvenis nas mais diversas esferas sociais são os principais impasses à maior atuação dos jovens na sociedade. Entretanto, os autores afirmam que os jovens têm driblado as resistências que objetivam calar suas vozes e adormecerem seus corpos, integrando-se cada vez mais a grupos e mobilizando-se por meio de ações conscientes e concretas.

Castro e Abramovay (2009) ressaltam que ao agirem contrariamente às perspectivas do senso comum que os colocam como baderneiros, desordeiros e desocupados, os jovens envolvidos em grupos de engajamento lutam, também, pela superação e rejeição do estigma de sujeitos politicamente alienados e ingênuos - entendendo política enquanto campo de interesses, lutas, transformação, conhecimento da realidade e capacidade de intervir nela.

Desse modo, o engajamento ambientalista juvenil se estrutura e efetiva-se numa conjuntura que vai além do discurso e entrelaça-se com o papel de reflexão social dos jovens enquanto atores-chave na construção da cidadania e superação dos desafios entre a sua geração e as gerações que os antecederam. Engajar-se significa construir e manter uma relação sensível, palpável e concreta com a realidade, subsidiada pelos princípios da democracia, cidadania e justiça social, por isso o engajamento pressupõe conhecimento sobre os objetivos da ação, bem como dos meios para alcançá-los.

Neste aspecto, Rafael pontua que o engajamento ambientalista possui uma dimensão, também entrelaçada com o campo de subjetividades, concepções e visões de mundo que delineiam as relações e vivências dos jovens dentro da sociedade:

quando a gente fala sobre meio ambiente, sobre pessoas ambientalistas, geralmente, a gente faz analogia a pessoas que buscam resolver problemas. Meio ambiente nem sempre está relacionado a problemas. É claro que tem suas dificuldades, não é uma área fácil de trabalhar, mas é uma área muito prazerosa. É um tema que você acaba relacionando com sua vida de tal forma, que depois que você entra, que você faz parte de movimentos fica difícil até de sair. Porque quando você sai, você não sai por completo. Você sai pela metade. Talvez você não esteja na ativa em um movimento, em uma ONG, mas você vai estar ativa no seu ser, na sua pessoa enquanto cidadã, na sua pessoa enquanto dona de casa, pai, enfim. Então, sempre vai levar a mensagem para os seus amigos, pro seus familiares e esse é o lado bom.

Não se pode perder de vista que o papel desempenhado pelos jovens engajados em determinados grupos e coletivos ambientalistas possui uma dimensão, sobretudo, de exercício da cidadania. Nessa perspectiva, alicerçado em ações voltadas para a vida coletiva, o engajamento não é uma questão que diz respeito apenas aos jovens, mas está intimamente relacionado aos novos rumos do contexto sociopolítico. Contexto esse que, segundo Abramo (2014), nas últimas décadas tem trazido mudanças, reconfigurando as relações econômicas, culturais, políticas e tecnológicas e afetando a juventude.

Por isso, para Abramo (2014, p. 91),

a participação em coletivos e grupos é uma experiência vital não só para a juventude, que se inicia ainda na infância, através da escola, que permite a circulação inicial para além do âmbito familiar. A juventude representa o momento mais intenso de abertura dos horizontes intelectuais e afetivos, já que é quando se ampliam consideravelmente as redes de relações sociais que terão papel determinante na construção do lugar no mundo, propiciando também um contato mais direto com a realidade em que se vive.

Abramo (2014) acredita que, mesmo em face aos processos de globalização que acentuam as relações individuais e reforçam o crescimento de sociedades cada vez mais centradas na relação produção-consumo capitalista, é possível notar que a participação e o engajamento de jovens na contemporaneidade, por diferentes causas sociais, representam lutas e trajetórias que fazem o percurso na direção

contrária aos preceitos que alicerçam a nossa sociedade capitalista, sobretudo, sustentada pelo ideário da produção, consumo e individualismo.

Em consonância à fala de Abramo (2014), alguns relatos dos jovens reafirmam seus compromissos com a construção de uma sociedade que não reforce os preceitos de sobrevivência capitalista, que muito se distanciam da perspectiva ética de valores entre o ser humano e o meio ambiente, até porque “o sistema precisa dessas pessoas, que não estão nem aí, não cuidam do meio ambiente. Eles precisam de pessoas ignorantes para estar manipulando e gerando lucro. É a ideia do capitalismo de que você precisa de pessoas para consumir” (Davi).

Por isso, seja pela via do engajamento em grupos, coletivos e organizações ambientalistas, ou seja, pela escolha dos seus cursos de educação superior, os jovens se posicionam contrários à lógica de estruturação e funcionamento da sociedade capitalista e percebem que o processo do engajamento é uma via propícia à formação de sociedades melhores para a atual e futuras gerações:

No meu caso como engenheira, eu quero muito fazer construções sustentáveis e que sejam acessíveis à população de baixa renda, gerar energia limpa e que seja acessível pra todo mundo. E é isso que, pelo menos, eu estou estudando e tentando fazer, tentar ajudar de qualquer forma o mundo em que estamos, porque eu não estou nem um pouquinho a fim de privar as próximas gerações de viverem as mesmas coisas que meus pais até viveram melhor que eu ou do que já vivi (Elen).

Situando-o numa esfera de participação sociopolítica, Abramo (2014) leva a pensar que o engajamento não diz respeito a um simples ato de vontade - não é um oba-oba da juventude nem um movimento vazio de sentidos, visto que o seu nascimento está relacionado a fatores históricos e contextuais que sustentam as lutas e mobilizações juvenis; considerando que "o primeiro movimento dos jovens que buscavam agir na vida política foi romper com a invisibilidade e se afirmar como sujeito portador de direitos, em um campo dominado pela perspectiva adulta de mundo" (ABRAMO, 2014, p. 93).

Contrariamente, o conceito de engajamento juvenil descortina a visão da Antiguidade Clássica<sup>3</sup> que concebia a juventude como categoria formada por indivíduos do eterno "vir a ser", do jovem que não tem condições ou não está

---

<sup>3</sup> Segundo a Abramo (2014), as reflexões de Aristóteles na Antiguidade Clássica sobre as primeiras experiências de democracia apontam que os jovens - assim como as crianças e as mulheres - não eram considerados cidadãos e, portanto, não participam da vida política da *pólis* grega.

preparado para participar de maneira ativa da vida pública. Com a percepção da juventude enquanto campo de sujeitos sociais, o engajamento ganha força e intensifica-se à medida que as desigualdades sociais, políticas, culturais e ambientais - especialmente com o crescimento e expansão das cidades proporcionados pelo desenvolvimento da indústria e das tecnologias - passam a fazer parte da agenda de lutas juvenis como questões sociais que devem ser vistas como problemas da coletividade social.

Por isso faz parte das bandeiras de engajamento juvenil desenvolver a consciência de que as lutas e mobilizações não se restringem à mera vontade de participar, sem propósitos claros e definidos, de grupos ou coletivos. Existe uma intencionalidade presente nos relatos dos jovens engajados que não se limitam a preocupações individuais, uma vez que os problemas sociais se constituem questão de ordem coletiva. Muito mais do que a vontade ou o envolvimento, o engajamento é expressão de pertencimento juvenil à conjuntura social, ambiental e política na qual os jovens sentem-se inseridos, influenciados e capazes de intervir.

Da ideia de engajamento enquanto vontade a engajamento associado à noção de pertencimento, Abramo (2014, p. 94) adverte que:

o século XX marcou o reconhecimento mundial da juventude como um novo ator no cenário social e político. No entanto, uma vez superada a invisibilidade, os jovens passaram a ter que lidar com os estigmas de violento, incapaz ou alienado, que também atuaram como fatores inibidores de sua maior participação na vida política.

Tanto Abramo (2014) quanto Sposito (2014) ressaltam que o engajamento e a militância juvenis, especialmente a partir da década de 60 (conhecida como década juvenil), representam os anseios juvenis por liberdade, a crítica consciente da ordem social, a busca pela construção social e política pautada nos princípios da democracia, a luta para ser reconhecidos como sujeitos de direitos e experiências, a resistência à alienação através da participação, a construção de sua autonomia e emancipação como sujeitos sociais.

Dessa maneira, paulatinamente, o engajamento e a reverberação positiva da atuação juvenil nos movimentos ambientalistas viabilizam a transição das concepções que viam os jovens como excluídos, marginais, desajustados ou massa de manobra para a visão de atores-chave na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. No entanto, ainda, há relatos acerca da falta de

entendimento e valorização do engajamento ambientalista, especialmente em virtude da visão preconceituosa e estigmatizada sobre juventude, o que representa para os jovens um dos maiores entraves ao sucesso e efetivação do movimento ambientalista:

A dificuldade maior que a gente enfrenta é a não aceitação dos nossos projetos na sociedade. As pessoas da nossa cidade não reconhecem o valor do nosso grupo, não ajudam a gente, muito pelo contrário. Isso é muito triste, porque a gente está ali construindo, tentando buscar melhorias pra a cidade, enquanto que as pessoas ficam atrapalhando nosso trabalho, as pessoas não nos ajudam. Muitos pensam que a gente está fazendo o trabalho para aparecer na cidade, pra ter alguma coisa, pra que o povo olhe pra gente como um bando de adolescente querendo chamar a atenção. Mas, esse não é nosso propósito: chamar a atenção. É chamar a atenção também, mas não para a gente, para os problemas que o planeta está encontrando. Então, se as pessoas soubessem o risco que estão correndo com o aquecimento global, todas essas catástrofes que estão acontecendo elas nos apoiariam bem mais, ajudariam nas nossas atividades. Enfim, eu acho que essa não aceitação é falta de informação, se as pessoas fossem mais informadas saberiam dar valor (LAÍS, 2016).

Diante dessa realidade, Abramo (2014, p. 99) sinaliza que, mesmo em face ao ativismo social e político da juventude brasileira,

permanece um hiato entre o discurso participativo, que sempre afirma o protagonismo da juventude, e a incorporação de novos modelos de política participativa, distanciando a juventude de instituições que parecem funcionar com lógicas distintas no que tange ao reconhecimento dos jovens como sujeitos.

Por esta via, é importante reconhecer que muitos são os desafios e as dificuldades para o efetivo investimento e implementação de políticas públicas voltadas para a juventude que não sejam descontínuas e pontuais, visto que não adianta apenas garantir a participação juvenil sem oferecer condições viáveis à continuidade e efetividade do engajamento juvenil como ferramenta propícia à superação dos déficits que são muito fortes na história ainda recente da democracia e cidadania brasileiras.

Portanto, o engajamento é um dos pontos centrais para se pensar acerca da participação política e social da juventude no cenário mundial, onde os jovens deixam de ser tutela do Estado, agentes passivos de organizações ou espectadores da vida pública e passam a assumir a condição de sujeitos ativos, politizados,



capazes de formular e implementar políticas, porque além de sujeitos de direitos, são também sujeitos de experiências.

### 3.2. SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA JUVENIL: UMA CATEGORIA EM DISPUTA

Os movimentos ajudam no processo de socialização com outros jovens, porque nos movimentos sociais a gente faz viagens, vai conhecer outros grupos, trocar experiências e isso ajuda muito. A gente cria uma rede de amigos e colaboradores imensa no Brasil inteiro. É bem nítida essa socialização com outros jovens de diversos locais do Brasil e do mundo... (Jéfferson).

Quando se fala das múltiplas relações existentes entre a juventude engajada em movimentos ambientalistas e seus percursos de vida no que tange às motivações que levaram e levam esses jovens a estarem imbricados em problemáticas ambientais e como esse engajamento se relaciona com suas perspectivas de vida é fundamental não perder de vista que a juventude não é formada por sujeitos isolados ou à parte do restante da sociedade. O relato de Jéfferson, por exemplo, aponta que é preciso considerar que, além de sujeitos sociais e culturais, os jovens são sujeitos políticos e que seus processos de socialização política<sup>4</sup> se dão de diferentes formas e através da imersão juvenis em variados espaços sociais, que acabam por influenciar ou não nas decisões dos jovens de se engajarem por esta ou aquela causa.

Dayrell (2007, p. 1114) considera que a socialização juvenil está muito relacionada às dimensões de espaço e tempo sociais, culturais, políticos e ideológicos; e, portanto, está ligada à ideia de condição juvenil. Para o autor

na sociedade contemporânea, os atores sociais não são totalmente socializados a partir das orientações das instituições, nem a sua identidade é construída apenas nos marcos das categorias do sistema. Significa dizer que eles estão expostos a universos sociais diferenciados, a laços fragmentados, a espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e concorrentes, sendo produtos de múltiplos processos de socialização.

Os espaços pelos quais os jovens ambientalistas transitam e atuam – família, escola, universidade, trabalho, grupos, coletivos, organizações e movimentos – para

---

<sup>4</sup> Neste trabalho, entende-se a ideia de "socialização política" enquanto processos que contribuem para a formação do engajamento juvenil em suas várias instâncias de militância. Logo, a ideia de "política" presente nesse trabalho se constitui como ferramenta para refletir, a partir do conceito de socialização política, a transmissão e formação de valores políticos que perpassam e perfazem o próprio entendimento acerca de engajamento juvenil.

além de espaços que forjam suas identidades acabam assumindo a condição de lugar de socialização e formação política. Essa transição da ideia de espaço para lugar, segundo Marçal (2004), se deve pelo fato de que esses espaços sociais exercem grande influência na construção do engajamento de jovens, ao mesmo tempo em que contribuem para um entendimento mais amplo da conjuntura social, política e cultural, bem como a construção de conceitos mais sólidos e concisos que aos poucos vão demarcando e dando visibilidade dos seus lugares em sociedade, inclusive do que vem a ser participação e socialização política juvenis.

Almeida (2008) afirma que é “comum” a afirmação de que jovem não gosta de política ou que juventude não combina com política. No entanto, para o autor, essa afirmativa revela dois aspectos: primeiro, trata-se de uma falácia, visto que a história dos movimentos sociais nas mais diferentes modalidades de participação e engajamento sociais – especialmente na realidade brasileira – é fortemente marcada pela participação ativa da juventude, de onde provém grande parte das conquistas no campo social, político e cultural, principalmente a partir da década de 1960, conforme Gohn (2014, p. 13) também aponta ao afirmar que na esteira do cenário político e social da década de 1960, os jovens:

criaram identidades político-culturais, no sentido de pautarem novos temas de gênero, etnia, ser estudante, ser jovem, ser mulher etc. Eles queriam ser ouvidos. Não queriam ser mais conduzidos pelo passado, pela tradição, pelos velhos, pelos “tempos mortos”. Dentre as formas de comunicação na época, destacaram-se o uso dos muros de Paris, as frases e cartazes emblemáticos do movimento e o uso da televisão com o meio de divulgação de fatos sociais importantes.

Segundo, é preciso distinguir a ideia de política associada a partido e governo; e ampliá-la para o sentido da participação, atuação, tomada de decisões e socialização juvenil, enquanto processo formativo, que dá sentido e significado aos seus percursos de jovens militantes e engajados.

Dialogando com Almeida (2008), Nazzari (2006) e Baquero (2008) apontam a necessidade de ampliar a visão sobre o termo “socialização política”, vistos que ele não está circunscrito apenas no âmbito dos partidos políticos, isto é, para as autoras, a abordagem da política enquanto tema que perfaz a socialização juvenil não está limitada à ideia de política institucional tradicional. Elas reforçam que os estudos sobre juventude e socialização política têm mostrado que a participação política dos

jovens vem ocupando, cada vez mais, os espaços públicos e instituições externas ao eixo político-partidário.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o engajamento de jovens ambientalistas, antes de qualquer coisa, constitui-se como ato político que se dá por meio do processo formativo de socialização dentro dos movimentos, grupos, coletivos e organizações em que estão inseridos. Desse modo, o engajamento juvenil ambientalista é, sobretudo, um ato político, porque envolve lutas, conflitos, jogos de interesses, disputas e expressão de pontos de vista que, por vezes, revelam embates e choques com os modelos convencionais e pensamentos estabelecidos de diferentes gerações.

Quanto a este aspecto, Tommasi (2007) afirma que os jovens brasileiros sabem distinguir entre a ideia de política partidária e de política enquanto ato, ação. E que, embora muitos jovens desacreditem dos políticos e da política institucionalizada, eles continuam acreditando e vendo a política como o espaço de luta, onde é possível atuar como sujeitos sociais, culturais e políticos visando a garantia dos seus direitos e a construção de uma sociedade fundamentada nos princípios da cidadania.

Castro (2009) alerta que é muito frequente na maior parte da literatura sobre jovens, política e juventude aparecerem como assuntos distantes. A autora chama a atenção que o processo de socialização política juvenil não deve ser reduzido ou apenas visto como sinônimo de preparação para a vida adulta, visto que a socialização política juvenil pressupõe muito mais do que o desenvolvimento da atividade política após o jovem atingir a maioridade. Pensar dessa forma, segundo ela, significa reforçar o processo de alijamento juvenil em relação aos seus direitos políticos, cuja característica é muito presente nas sociedades modernas.

Concordando com Castro (2009), Brenner (2014, p. 32) afirma que

as pesquisas sobre juventude no Brasil ainda são pouco frequentes no que diz respeito à interface dos jovens com a política, seja em relação à transmissão de valores políticos, seja em relação aos engajamentos de jovens nas mais variadas modalidades de militância.

Neste íterim, Baquero (2008) salienta que, numa visão geral, a forma como o processo de socialização política juvenil se estrutura e consolida-se, por vezes, vem carregada da ideia de que o jovem deve dar provas da sua capacidade de gerir a

própria vida e assim os conflitos geracionais podem tornar-se mais acirrados, em virtude da transposição da vida privada para a vida pública.

O intervalo e a intersecção entre a vida privada e a pública como um dos fatores que promovem a socialização política juvenil é presente no relato de Melinda, quando ela permite pensar nos contrastes e na contradição existente da maneira em que as sociedades, especialmente contemporâneas, pensam a juventude inclusive dentro dos próprios movimentos ambientalistas. Na fala dela, fica perceptível que o jovem ambientalista nos espaços de socialização ainda é visto como aquele que necessita de uma credencial que lhe confira condições para atuarem como sujeitos sócio-políticos:

É um questionamento que eu sempre faço em todos os espaços que estou, é sobre como se dão os movimentos ambientalistas, qual é a forma que esses movimentos se constroem, sabe?. Então assim, pensando na questão de juventude, os movimentos ambientalistas trazem uma problemática muito grande, porque eles não se constroem para uma juventude. Eles não se constroem entendendo que a juventude é o fator preponderante para as mudanças no planeta [...] Eles não entendem que quem vai definir o futuro do planeta são os jovens que estão aqui hoje. É legal ver os caras mais velhos, que já têm uma experiência estarem discutindo esses temas, definindo essas coisas. Mas, é legal também trazer essa juventude, porque não adianta eu agora com 50 anos, 40 anos discutir esse processo e, daqui a 20 anos, eu não estar aqui pra gozar desse processo e não ser um processo positivo pra mim, pra quem ficou, pro futuro. Então, eles não se adequam a isso. Mas esse, pra mim, é o ponto negativo: é não se adequar pra receber a juventude dentro desse processo. É muito chato, é muito formal o processo para participar. São muito chatas as reuniões, os temas. Eles não estão preocupados em trazer a juventude pra dentro disso.

Na fala de Melinda é possível perceber que, embora haja um reconhecimento no mundo adulto ambientalista da importância e necessidade da juventude participar desses espaços como viáveis à sua socialização, há uma denúncia que, de um lado, o jovem ambientalista é enaltecido pelo seu engajamento, participação e pelos valores que orientam sua forma de pensar e agir. No entanto, por outro lado, existe também uma exclusão por parte de uma parcela desse mundo que não reconhece o papel ativo da juventude ambientalista na vida pública e, portanto, não os veem como sujeitos políticos capazes de se envolverem ativamente nos processos que estão inseridos.

Na relação entre socialização, engajamento e juventude, percebe-se a necessidade de repensar a noção de espaço público e a visão sobre o termo “política”, em virtude da própria polissemia e plasticidade do termo juventude e as diferentes formas como os jovens constroem seus repertórios e percursos de vida. Dessa maneira, é importante perceber que

o espaço público é síntese de múltiplas dimensões materiais, políticas e simbólicas. Engajamentos militantes e ações coletivas juvenis, a despeito da narrativa desencantada que só enxerga alienação e consumismo dos ‘jovens de hoje’, são também eixos constitutivos das culturas juvenis nos espaços públicos [...] A questão principal da condição moderna é a de saber como o indivíduo pode se situar no mundo e com quais suportes pode contar, ou ainda é capaz de articular em seu ambiente, para se sustentar no mundo (CARRANO; FÁVERO, 2014, p. 14).

Partindo desse pressuposto, os jovens não são sujeitos políticos do vir-a-ser. O próprio contato original das gerações atuais com as culturas preestabelecidas pelas gerações anteriores convoca e solicita dos jovens posicionamentos, posturas, pontos de vista e formas de lidar entre a significatividade do passado, a transmissão de valores no presente e as suas intenções para o futuro. Esse processo dá base e vai, gradativamente, constituindo o jovem político que carrega em suas ações, maneiras de pensar e posicionar-se como marcas dos seus processos de socialização, sejam eles advindos da família, escola, grupos de amigos, coletivos ou movimentos sociais.

Por essa razão, Almeida (2008) reforça e alerta que

é de suma importância a participação dos jovens na vida pública de sua cidade, do seu país. Afinal, como membro de uma sociedade, ele tem responsabilidade sobre os rumos que ela vai tomar. Porém isso não é responsabilidade apenas dos jovens, mas de todos. Por vezes, pretende-se lançar nos ombros da juventude toda a responsabilidade pela mudança social. E há também uma crença de que, por se tratar de jovem, a ação política que dele vem será sempre boa. Há jovens políticos no Congresso que defendem as mesmas posições conservadoras de seus pais, de seus avós... Ao tratar do tema da participação, não podemos ignorar o seu conteúdo ideológico. Ou seja, não basta que o jovem participe apenas, mas como se dará esta participação e qual formação tem este jovem são questões fundamentais. O jovem não é naturalmente revolucionário. Dependendo do processo formativo que teve, pode ou não ter uma atitude revolucionária.

Nessa perspectiva, é importante assinalar que a ideia de socialização política presente nesse trabalho comunga com a noção de política associada à participação

na vida pública e coletiva, onde a família, a escola, a universidade, os movimentos, grupos, coletivos e organizações ambientalistas assumem a condição de agentes ou agências de socialização e formação política juvenil, uma vez que geralmente nesses espaços os jovens vão descobrindo e construindo seus percursos de engajamento militante e começam suas primeiras interferências, e por vezes experiências mais ativas, nos contextos sociais, políticos e culturais pela via do engajamento ambientalista.

O processo de socialização política amplia – principalmente nos movimentos – a visão do engajamento de jovens ambientalistas, pois permite perceber, reforçar e construir a percepção de que meio ambiente não deve ser minimizado à ideia de plantas e animais. A percepção social e política, ou seja, a socialização política dos jovens ambientalistas maximiza o meio ambiente como lugar de conflitos, disputas e uma problemática em que questões de ordem da vida pública e privada se encontram, onde convergem interesses sociais, políticos, econômicos, culturais, ideológicos e ambientais. No cenário do engajamento juvenil ambientalista, não se pode esquecer que a socialização política é um caminho próprio à formação de jovens capazes de sinalizarem os olhares para a sustentabilidade das atuais e futuras gerações.

O meio ambiente, neste sentido, é o cerne da questão do debate político da juventude ambientalista, cujo debate está presente a todo tempo nos coletivos, grupos e organizações nos quais os jovens partem do princípio que a solução às problemáticas ambientais não dependem apenas da ação individual (privada), é preciso o exercício da ação pública e, portanto, política. Logo, o engajamento juvenil ambientalista não diz respeito a uma questão privada e restrita a um grupo de jovens. Na verdade, ele se solidifica enquanto questão política presente, sobretudo, nas relações públicas, que vão desde as problemáticas locais às globais e vice-versa.

Nesse sentido, para além das questões espaço-tempo, é possível perceber no relato de Ueanderson que a socialização política não é um simples processo de transmissão de valores, comportamentos, símbolos e escolhas, ela se materializa como processo educativo que permite aos sujeitos produzirem sentidos, significados e motivos que justifiquem o engajamento e a participação política e social dos jovens ambientalistas:

Eu gosto muito de fala a fala, cara a cara. Eu gosto muito de ir pra rua. Eu sempre gosto de parar e conversar com as pessoas. A ação que eu mais gosto é essa de trocar informações e conhecimentos. Eu gosto da parte de dialogar com as pessoas de ouvir e falar, que a pessoa possa pegar pelo menos 10% do que eu estou falando e levar para transformar sua própria vida.

Numa limpeza de praia, por exemplo, as pessoas às vezes se enganam. Acham que você está lá fazendo papel de gari. Quando a gente faz uma limpeza de praia não é para fazer papel de gari, a gente vai lá pra falar assim: “oh, eu estou pegando o lixo aqui, peguei seu lixo tá vendo?!”. Para a pessoa ver: “nossa, a pessoa pegou o lixo que eu joguei, porque eu não fiz isso antes?”. Às vezes, essa é a mensagem que não é recebida. Acham que o nosso papel é limpar praia. Aí eu acho que, às vezes, a nossa mensagem nem sempre é captada. Já na parte do dialogar, do boca a boca, dá muito mais resultado, na minha opinião. Acho que assim o impacto é mais 100% recebido do que o outro.

Schmidt (2001) vai chamar a atenção que o processo de socialização política não se dá no vazio histórico, social, cultural e político. Portanto, há que se levar em consideração o perfil de jovem e sociedade em pauta, o que confere à socialização política uma categoria em disputa, pois ela envolve escolhas, tomada de decisões, visões de mundo e uma projeção analítica entre passado, presente e futuro, especialmente quando se trata de relações geracionais.

Importante destacar que, como fortalecimento à socialização política, a rede de sociabilidades dentro dos movimentos ambientalistas se constitui, também, como um dos elementos mobilizadores do engajamento juvenil. O processo de sociabilidade oportuniza a formação de uma rede de socialização com outros jovens envolvidos, inclusive, em outras causas e situados em regiões diferentes, geograficamente falando. “É uma porta pra conhecer novas pessoas também, é interessante participar desses movimentos. Você conhece pessoas de outras cidades, de outros movimentos ambientalistas. Isso é importante também, né?!”, afirma Laís.

Assim, como Laís, Jefféerson considera que

Os encontros sempre marcam muito, porque a troca de conhecimentos, a troca de informações é uma coisa gigantesca, quando a gente conhece essas pessoas. Marca muito cada encontro desse. Eu tive um encontro uma vez com o pessoal do Coletivo de Meio Ambiente de Sergipe, também, marcou demais porque você conhece várias pessoas, faz mais uma rede de contatos. Você vai conhecendo, cada vez mais, pessoas inteligentes, que estão aí pra agir e realizar ações práticas. O movimento ambientalista tem um potencial gigantesco. As pessoas que se movem por ele, através

dele e para ele são pessoas que se comprometem por inteiro; e fazem o melhor de si para que aconteça. E essas coisas são que marca mesmo: as experiências, os encontros, essas trocas de informações. Não só para a vida de um ambientalista, mas de um jovem. Isso é grandioso pra vida de um jovem! Você poder ter mais informações, criar uma rede de contatos, ir desenvolvendo suas habilidades sociais... isso é incrível!

Pode-se perceber que, dada à invisibilidade sócio-política juvenil ambientalista, a rede de sociabilidade fortalece o caráter político do engajamento ambientalista e, ao mesmo tempo, faz com que os jovens não se sintam sozinhos ou isolados em suas lutas. É também nos espaços públicos que “as identidades juvenis se constituem em espaços-tempos de sociabilidades e práticas coletivas, colocam em jogo interesses em comum que dão sentido ao ‘estar junto’ e ao ‘ser’ dos grupos e também constitui o ‘nós’ que se diferencia dos ‘outros’” (CARRANO; FÁVERO, 2014, p. 13-14).

O relato acima de Jéfferson evidencia que a troca de experiências, conhecimentos, saberes, compartilhamento de ideias e a construção do ideário de que podem fazer e transformar contextos possibilita que o jovem perceba a importância da sua participação e atuação política no movimento ambientalista. Enfim, “a ação individual voluntarista não cria redes e dificilmente este jovem se mantém por muito tempo no desenvolvimento de um trabalho. Estar e agir em grupo encanta os jovens para atuarem na realidade que os envolve e cria um compromisso mais permanente” (ALMEIDA, 2008, p. 03).

A esse respeito, Laís salienta que,

com todas as letras, o GAASB é uma segunda casa, é a segunda família. É onde você encontra amigos de verdade que lutam pelo mesmo objetivo e buscam um futuro melhor pra todo mundo. Pessoas que acreditam, ainda, que o mundo pode melhorar, que as pessoas podem mudar. E isso é motivador, de vez em quando a gente tem um pouco de tristeza, a gente se encontra com alguns desafios que nos desanimam, mas um sempre está sustentando o outro, sempre apoiando o outro e acho que isso é muito construtivo, não só pra o grupo, mas como pra cada um de nós enquanto pessoa. O GAASB é minha segunda família.

Na verdade, a maioria dos jovens vê em nós um grupo de jovens amigos. Já aconteceu de algumas pessoas entrarem no GAASB por falta de amigos na sociedade, por pessoas que se isolam atrás de um celular, de um computador e que não procuram viver isso. Então, o GAASB é uma forma de unir, de trazer pessoas para a realidade também e desperta, desperta bastante o interesse [...] É tanto que o GAASB está sendo bem chamado pra todo tipo de intervenção, de



congresso, de palestra, todo mundo está envolvendo o GAASB, porque vê vendo uma forma de motivar outros jovens a participar também, de mostrar o que é está acontecendo no Planeta, o que é que está causando as nossas ações do dia-a-dia, a falta de água, o jogar lixos nas ruas, entupir bueiros, inundação e tudo mais. Todo mundo está prestando atenção e nós, na cidade, chamamos muito a atenção porque é um grupo pequeno, mas que está trabalhando bastante e vai continuar trabalhando para que as coisas mudem aos poucos.

A participação e o engajamento em organizações e movimentos provocam grande repercussão na vida política e pública dos jovens e, além disso,

nos ombros dos jovens é colocada a responsabilidade de encontrar solução não somente para seus problemas, como também de toda a “comunidade” local, exaltando as qualidades e as possibilidades e ação do voluntariado juvenil [...] e os jovens se transformam assim de “problema” em “solução” (TOMMASI, 2007, p. 14).

A discussão trazida por Nazzari (2006) e Tommasi (2007) permite refletir sobre as práticas políticas e sociais dos jovens associadas às diferentes percepções que as sociedades possuem acerca da ideia de juventude e como essas percepções implicam no processo de socialização política juvenil. E, nesse sentido, Nazzari (2006) pontua que a socialização política está fortemente relacionada à maneira como a juventude internaliza crenças, normas, atitudes e valores que estão presentes em sua vida cultural, social e política.

Concomitantemente, Castro (2009, p. 479) concorda com Nazzari (2006) e, ao mesmo tempo, dialoga com Almeida (2008) ao afirmar que, nas sociedades modernas, “a articulação entre Juventude e Política tem sido entendida, principalmente, por meio do conceito de socialização política, ou seja, o processo de preparação do jovem para assumir seu lugar ulterior de cidadão, consciente de seus direitos e deveres políticos”.

O conceito de socialização política coloca em pauta que a consciência juvenil acerca de sua vida política – enquanto reflexão e ação *sobre* e *na* vida pública – não é algo que se desenvolve após a juventude, como se o período da juventude servisse de mera transição para a vida adulta. Falar em socialização política significa dizer que

essas diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em *lugar*, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de

sentidos próprios, além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados (DAYRELL, 2007, p. 1112).

Dentro da conjuntura de sociabilidades e socializações presentes nos movimentos ambientalistas é notório o fato de como os grupos, coletivos e organizações assumem lugares centrais e referências para os jovens ambientalistas. Mesmo imersos em outros espaços de socialização e sociabilidades, como a escola, a família, o grupo de amigos, a universidade, é possível perceber que há um crédito maior dado aos espaços ambientalistas – digamos assim – no sentido de pertencimento e construção de uma visão social, política e ideológica mais ampla e compatível, geracionalmente falando, enquanto agências de socialização juvenil:

O GAASB significa solução, esperança. O lado de bom de ser ambientalista é porque acaba fazendo novas amizades, adquirindo conhecimentos e, principalmente, conhece o seu papel como cidadão. Conhece até onde pode ir, até onde pode contribuir, pois muitas pessoas sentam e começam a reclamar sobre a vida, sobre os problemas de sua cidade através de redes sociais; mas são poucas pessoas que, realmente, arregaçam as mangas e vão à luta pra realmente serem parte da solução (Rafael).

Em 2013, eu conheci o Engajamundo. Não fui só por questões climáticas, mas eu fui pelo conjunto da obra, porque trabalha com coisas que eu me interesso: juventude, gênero, clima, desenvolvimento sustentável. E a partir daí eu comecei, realmente, ser ativa e fazer atividades, e fazer ações, a participar das coisas (Melinda).

Os relatos de Rafael e Melinda são substanciais ao reforçar que no quesito “socialização política”, “além dessas instituições clássicas – família e escola -, outros coletivos culturais e sociais, como os grupos juvenis, têm adquirido centralidade nesta função e na construção das identidades individuais e coletivas de jovens” (BRENNER, 2014, p. 33).

Neste aspecto, é importante destacar também a experiência de Elen, cujo desejo pelo engajamento ambientalista fez encontrar na política institucionalizada (partidária) a representação dos seus pensamentos e formas de ver o mundo:

Antes de fazer Gestão Ambiental, eu fiz um curso no SENAI e o pessoal de lá (muita gente) tinha o mesmo ideal que o meu. Aí, começamos a frequentar essas coisas de limpeza de praia, eu fui conhecendo mais gente que era da área e que se envolvia nos mesmos movimentos que o meu. Quando eu fiz 17 anos, eu fui conhecer o pessoal do Partido Verde, que foi até um amigo do meu

pai que me chamou e falavam sobre questões ligadas à política, jovens e meio ambiente, a jovens na política do meio ambiente. Aí, eu comecei a conhecer o pessoal lá e fui me envolvendo cada vez mais, inclusive agora eu sou Coordenadora de Meio Ambiente da Juventude do Partido Verde estadual, por conta disso.

O Partido Verde é o único partido, no momento dos que eu também conheço, que tem os mesmos ideais que os meus, são os mesmos pensamentos e as mesmas ideias de construir um mundo melhor ou pelo menos tentar [sic] [...] E foi o que mais achei bacana!

Logo, não se trata apenas do espaço físico onde jovens se reúnem para discutir e estruturar ações ambientais, não se trata também de jovens que na ausência do que fazer se reúnem para conversar entre si (até porque, como pode ser observado na biografia dos jovens, eles estão inseridos em outras atividades cotidianas), os espaços de socialização ambientalistas têm a envergadura de despertarem, primeiramente os jovens, para a urgência e emergência da discussão sobre as problemáticas ambientais sem perder de vista a influência que as questões sociais, econômicas, políticas, ideológicas, culturais, as decisões e a aprovação de leis, por exemplo, exercem tanto no âmbito das problemáticas ambientais como no âmbito da própria expressão juvenil enquanto porta-vozes de questões que, na maioria das vezes, vão de encontro com os objetivos das esferas governamentais.

Desse modo, a noção de socialização política no que tange aos movimentos ambientalistas está associada ao papel e poder que os coletivos, grupos e organizações acabam exercendo na construção e formação da consciência crítica, reflexiva, contextualizada, capaz de ler, interpretar, opinar e posiciona-se frente à conjuntura social, econômica e cultural; como pode ser observado nos relatos seguintes:

Quando a pessoa é envolvida num movimento assim, a visão de mundo é diferente. Você começa a ver o mundo de outra forma. Você começa a se atentar pra tudo que está à sua volta, ao seu redor e consegue se diferenciar no ambiente que você está convivendo e acaba sendo centro das atenções, por ser diferente. Tudo que é diferente, pra quem faz tudo igual, acaba se tornando o centro das atenções. Então, quando se é jovem, quando se é universitário e tem esse diferencial influencia muito. [...] Quando eu comecei a entrar a fundo no grupo, eu comecei a mudar minha visão de mundo. [...] Às vezes, eu saio com minha mãe e ela está comendo algum biscoito, e joga o papel no chão, eu digo: “mãe, como é que você faz um negócio deste? Sua filha ambientalista e a senhora faz um negócio deste. Dê exemplo! Você tem que dar exemplo, você é minha mãe”. Ela começa a dar risada, até ela está começando a levar isso mais a sério (Laís).

Ser jovem-ambientalista na atualidade é ter um pensamento crítico e uma visão diferenciada em relação ao que a sociedade e a mídia pregam. É ter a capacidade de estar refletindo sobre nossas ações diariamente, analisando que isso pode prejudicar o futuro. Não só pensar em si, mas no tudo. É fazer, mesmo que muitos não façam sua parte. Muitas vezes, somos taxados de tantos nomes. É ter a ousadia e a coragem de estar defendendo nossos pontos de vista nos espaços e ter argumentos suficientes para que se possa mostrar que isso é o certo e que se vale a pena investir na sustentabilidade e preservação (Laise).

Quanto ao imbricamento e à forma como os jovens constroem seus posicionamentos, escolhas e visões de mundo por meio das agências socializadoras, Castro (2009, p. 480-481) chama a atenção que se deve tomar cuidado para que a socialização política juvenil não assuma a noção de que apenas “diz respeito aos processos de aquisição de habilidades e atitudes que credenciam determinado sujeito ao exercício ulterior de uma função ou atividade”, como se os jovens fossem “[...] recipientes passivos dos estímulos ambientais e do que os adultos desejavam fazer deles”.

O percurso de Uenderson no engajamento militante ambientalista reflete certo rompimento com o processo de socialização clássico familiar, a partir do momento em que decide não seguir os desejos originais do seu pai, mas ainda assim o jovem fica entre o que vivenciou durante 21 anos de sua vida, o “pirar” do pai e suas convicções sobre a relação ser humano-natureza:

Eu sou de uma parte contrária: meu pai trabalhou sempre na mineração e sempre aonde eu ia (eu morei em algumas cidades do Brasil) todas eram com mineração. Ou seja, uma das coisas que mais destrói o meio ambiente hoje em dia é a mineração e a minha vida sempre foi nessa área [...] Aí, eu comecei minha faculdade fazendo Engenharia de Minas e, como eu vim desde a infância da mineração, esse era o caminho que tinha para seguir. Só que no segundo semestre, quando eu comecei de fato mesmo entrar pra mineração, visitar minas e ver de perto mesmo o quanto devastante era a mineração no Brasil, enfim no mundo todo. Aí, eu falei: “não vou querer isso pra mim”. Aí decidi falar: “não estou mais a fim disso”. Meu pai ficou (claro!) pirado comigo, mas depois eu falei: “Oh, eu não vou mudar de rumo de vez, o que eu não posso é passar 21 anos de minha vida toda nessa área de mineração e, de repente, ir fazer sei lá... História, Pedagogia, alguma coisa assim que não tem nada a ver comigo, teoricamente”. Aí, eu mudei pra Geologia que é uma área que tem a ver com os estudos da Terra, assim como mineração. E nessa área, o que é que eu faço? Eu tento juntar o que eu conheço da Geologia, estudo da Terra, para uma parada mais

---

sustentável, fazer um trabalho que não desmate tanto, não destrua tanto como a mineração iria fazer.

A expressão de Uenderson “eu sou de uma parte contrária”, além de trazer à tona as expectativas de que os filhos devam geralmente seguir a educação familiar recebida como primeiro núcleo de ensinamentos e socialização, remete ao pensamento de Dayrell (2007), que acredita estar a socialização política, em primeira instância, ligada a processos de preparação dos jovens para participar política e ativamente da vida pública.

No entanto, Castro (2009) sinaliza que é preciso que esse processo de preparação e habilitação – considerado como um credenciamento para vida adulta – estimule e leve em consideração a autonomia e capacidade crítica dos jovens, bem como fortaleça as suas perspectivas de futuro, visto que esse processo não está fechado e acabado em si mesmo, já que outras variáveis de socialização também podem exercer forte influência na tomada de decisões, escolhas e preferências juvenis.

Mais do que lançar as bases para processos de escolhas e decisões, é preciso estar atento para o fato de que a socialização política solicita dos jovens o ato de participar, reivindicar, lutar e envolver-se ativamente nas questões e problemáticas sociais que, por um lado, ainda se constituem como desafios dos cidadãos contemporâneos. Por outro lado, pode-se afirmar que a socialização política e a participação social por meio das agências de socialização representam campos de possibilidades propícios à reflexão, interação e intervenção nas mais diversas esferas da sociedade, podendo gerar mudanças e transformações.

E, nesse sentido, “a atuação dos jovens na vida pública está relacionada tanto com as condições – materiais e simbólicas – que os indivíduos encontram para se fazer sujeitos quanto com as possibilidades e oportunidades de reconhecer o outro como elemento constitutivo da identidade e da ação coletiva” (CARRANO; BRENNER, 2008, p. 69).

Pensar acerca da socialização política juvenil articulada a questões socioambientais significa olhar para a juventude como lugar de atores e sujeitos sociais que são dotados da capacidade de reivindicar e transformar a realidade ambiental nos seus variados contextos e amplitudes. Neste aspecto, é importante destacar que, durante o levantamento e contatos com as organizações, grupos e

coletivos ambientalistas citados nesse trabalho, dois aspectos chamaram a atenção que dão subsídios práticos para reflexão do conceito de socialização política.

Primeiro, a valorização, legitimidade e credibilidade dada ao papel participativo dos jovens nas organizações e coletivos ambientalistas se constituem como ferramentas principais dos diálogos entre a problemática ambiental, a geração presente e a preocupação com as gerações futuras em sua tessitura com as questões mais amplas da sociedade. Ou seja, são perceptíveis os esforços empreendidos para que os jovens ambientalistas despertem e desenvolvam uma consciência política acerca das questões ambientais.

Segundo, os processos de socialização política de jovens para jovens é algo muito valorizado entre a juventude ambientalista, especialmente entre os jovens membros do Engajamundo. Eles partem do princípio que os efeitos são mais positivos quando os valores, normas, condutas e formas de pensar são colocados e construídos em debate pelos próprios jovens. Segundo eles, embora não desconsiderem a aprendizagem adquirida com as gerações mais velhas, são nesses momentos que existem maior interação e abertura para se discutir o caráter multifacetado de questões que perpassam o tema juventude e meio ambiente, até porque “cuidar do meio ambiente já é visto, por muita gente, como falta do que fazer” (Davi). Logo, é preciso pensar em estratégias que aproximem as pessoas e fortaleçam o engajamento ambientalista.

São em suas reuniões, encontros, diálogos, ações de rua que acabam descobrindo, também, que as gerações mais velhas podem aprender muito com as gerações mais novas. Essa visão intercambial de gerações revela o quanto os debates e processos formativos da juventude ambientalista exercem um papel fundamental na socialização política dessa juventude.

E é nesse sentido que Rafael e Melinda, respectivamente, afirmam:

Quando a gente vai falar para um jovem sobre as questões ambientais, não devemos levar uma maneira complicada de falar, tem que ser mais claro, mais objetivo naquilo que se quer. Tem que saber, como a gente trabalha no Engaja, sensualizar as questões e realmente fazer com que a pessoa entre no clima e ela entenda sobre meio ambiente, mas da forma da forma e da linguagem como ela é, conforme a sua idade.

Como o foco do Engajamundo é juventude, a gente faz formações com jovens do Brasil inteiro. No Engaja, a gente faz grupos de estudos, a gente faz hangouts, que são grupos de estudos online. E

a gente participa desses hangouts e debate os temas pra depois fazer as formações. Então, toda semana a gente tem uma reunião do Engajamundo, que é um grupo de estudo de um tema específico. Toda semana a gente tem um grupo de estudo de gênero, um grupo de estudo de clima, um grupo de estudo de ODS, um grupo de estudo de biodiversidade, um grupo de estudo de habitat. E a gente tem todo um material de suporte e a experiência de vida conta bastante, quando você começa a trabalhar com isso, você acaba aprendendo na prática.

É neste sentido e numa visão mais ampla que

a *socialização política* é utilizada como melhor termo para explicar os processos de transmissão de atitudes, escolhas, preferências, símbolos, comportamentos políticos e representações de mundo [...] A socialização constitui-se na introdução do indivíduo no social e é um dos princípios da formação da identidade” (BRENNER, 2014, p. 32-33).

Compreender esse processo se constitui como uma das estratégias viáveis à compreensão dos percursos que levam os jovens a se engajarem na militância ambientalista. Através dos contatos com os jovens ambientalistas, foi possível perceber o quanto seus projetos e ações trazem a força, a garra, o estímulo à participação política na vida pública como elementos importantes para fortalecer e efetivar ações que, de fato, promovam transformações nos modos de pensar, ser, agir e conviver das pessoas tanto na esfera local quanto global.

Nas organizações, coletivos e grupos ambientalistas, os jovens não assumem papéis de meros espectadores dos dilemas ambientais e nem ficam à margem das questões políticas e sociais que, direta ou indiretamente, podem atingir ou tentar cercear seus direitos enquanto cidadãos. Pelo contrário, é muito forte e presente a ideia de que a sobrevivência da coletividade social depende, sobretudo, das atitudes dos jovens, ou seja, eles são vistos como categoria que tem muito a contribuir com efetividade das transformações sociais e, por isso, são convidados a refletir, propor estratégias, fazer intervenções, desenvolver atividades de mobilização e sensibilização. Enfim, nesses espaços, os jovens têm também a oportunidade de articular suas vidas privadas com o mundo público, ele assume o papel de “ator social na sua possibilidade de participação e reflexão sobre o mundo que o cerca” (PAIVA, 2013, p. 07).

Pela via da socialização política, esse papel ativo do jovem que pensa, reflete e constrói práticas sociais amplia a visão de participação juvenil para um processo

dialético e politizado, onde participar "[...] não é apenas 'marcar presença' em reuniões ou encontros. Participar ativamente é apresentar propostas, definir caminhos" (CANANÉA, 2012, p. 64).

No que se refere à realidade ambientalista brasileira, a fala de Cananéa (2012) permite pontuar que a socialização política encontra-se muito ligada ao processo de inclusão juvenil possibilitados pelos mais diversos grupos e organizações, principalmente não-governamentais, que deram os primeiros passos na visibilidade dos jovens enquanto atores sociais e políticos. Atualmente, Souza (2013) aponta que, mesmo em face aos desafios de expansão, o campo de possibilidades de participação e atuação política juvenis tem ganhado mais espaço, principalmente com a criação e fortalecimento da Secretaria Nacional da Juventude, dos Coletivos Jovens de Meio Ambiente, a Rede da Juventude pelo Meio Ambiente (REJUMA), o Grupo de Trabalho de Juventude no âmbito do Fórum Brasileiro de Organizações Não-Governamentais (ONG) e Movimentos Sociais pelo Meio Ambiente e Desenvolvimento.

O processo de socialização política juvenil, na visão de Schmidt (2001), não pode se restringir à inclusão dos jovens em determinados grupos, coletivos ou movimentos sociais, bem como à sua intervenção sem a construção consciente e crítica da necessidade e importância de sua atuação para o contexto em que está inserido. Ou seja, a efetividade da socialização política não está limitada a aspectos técnicos e instrumentais da execução de projetos. Ela pressupõe uma reflexão *sobre* e *na* ação, não é o ativismo pelo ativismo nem a reflexão pela reflexão.

No caso dos jovens ambientalistas, o que concede consistência, legitimidade e sentido ao processo de socialização política – enquanto caminho formativo – é a capacidade que se tem de, ao refletir sobre a realidade e as estratégias de mudanças, provocar e despertar o espírito emancipatório, criativo, transformador e inquiridor dos indivíduos, de modo que estes tenham plena consciência do porquê e para quê propõem, atuam e executam em prol de questões coletivas, que ora aproximam, ora se distanciam de suas vidas privadas.

Um aspecto importante que deve ser levado em consideração ao se referir à natureza da socialização política e que merece destaque é o fato de que ela se constitui como um processo que possibilita aos jovens construir novos conhecimentos e repertórios de vida sobre questões relacionadas à ética, direitos



humanos, justiça social, respeito à diversidade, bem como lutarem em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, a partir do envolvimento em causas sociais, políticas, ambientais e culturais. Desse modo, o processo de socialização política não apenas viabiliza a ampliação e maior engajamento do jovem na sociedade, como também por meio dele o jovem vai se (re)construindo enquanto ser histórico, social e cultural.

Aproximar ou dar visibilidade ao papel da socialização política juvenil em torno das questões socioambientais são processos que se sustentam nos hiatos entre o passado, presente e futuro das marcas deixadas pelo ser humano em sua relação com o planeta e os processos formativos em que os jovens estão imersos nos coletivos, grupos, organizações e movimentos ambientalistas, fundamentando-se na perspectiva que

a indagação sobre a participação social dos jovens remete à indagação a respeito do futuro da democracia e do desenvolvimento das sociedades latinoamericanas. A preocupação com os jovens remete ao futuro da sociedade e ao campo de virtualidades para seu desenvolvimento. Serão os jovens que definirão continuidades ou mudanças da sociedade e de suas instituições. Nesta perspectiva, refletir sobre continuidades e descontinuidades históricas nas formas de participação dos jovens pressupõe um diálogo entre as experiências do passado e os novos sujeitos e tipos de organização do presente (NOVAES, 2005, p. 02).

A autora fornece pistas que levam ao entendimento de que, ao reconhecer-se como sujeitos sociais e políticos, os jovens começam a compreender que a sua atuação e intervenção em busca de uma sociedade mais equitativa, justa e equilibrada depende dos seus posicionamentos e posturas no tempo presente e não em um futuro próximo, como se tivessem apenas que se preocupar na idade adulta.

A concepção de socialização política, nesse sentido, não anula a juventude enquanto período de preparação e transição para a vida adulta, mas pressupõe que esse período é caracterizado por momentos de contradições, conflitos, descobertas, ações e modos de pensar e ser, nos quais os jovens atuam e constroem visões de si e do mundo que os cercam, apresentando em seus discursos e ações fortes marcas provenientes das agências de socialização que tiveram ou têm grande incidência sobre suas vidas.

Conceber os jovens como atores sociais e sujeitos políticos é condição *sine qua non* para a socialização política, como afirmam Carrano e Brenner (2008, p. 69):

isso passa pelo fortalecimento do indivíduo, isto é, pela chance de uma socialização satisfatória (pela educação, pela construção da autoestima, pela possibilidade de espelhar-se em papéis na vida adulta futura etc.), assim como pelo fortalecimento da capacidade de ser ator de sua própria vida: de escolher, julgar, ter projetos e sustentar relações sociais com outros (sejam relações de cooperação, consenso ou conflitos). O objetivo é fortalecer a capacidade de ação dos jovens, contribuir para seu desenvolvimento pessoal integrado, intensificar a integração de sua experiência e a vinculação desta a projetos.

A ideia de socialização política juvenil pressupõe a ação – positiva ou negativa – de agências que poderão ofertar as bases para a participação e intervenção efetiva dos jovens, de modo a impulsionar a formação de sujeitos críticos, autônomos, responsáveis e comprometidos com questões de cunho social, político, econômico, ambiental, ético e cultural. Considerando essa perspectiva, frente à sociedade capitalista em que vivemos, é possível afirmar que os processos de socialização e sociabilidades das agências ambientalistas têm, dentre outros fatores, proporcionado as bases necessárias para a formação de uma geração mais solidária, justa, democrática e preocupada a sobrevivência da sociedade para além das relações de produção e consumo.

A ideia de “socialização política juvenil” coloca em evidência a credibilidade e confiança depositadas na juventude como categoria capaz de atuar, participar e intervir nos acontecimentos histórico-sociais, como indicativo de que a juventude - especialmente aquelas que participam de movimentos, grupos, coletivos e organizações sociais - não está indiferente às demandas e problemas sociais herdados das gerações passadas, assim como aqueles provocados pela sua geração. Ao contrário, por meio da socialização política, os jovens têm mais condições de conhecerem, refletirem e posicionarem-se acerca dos caminhos estratégicos viáveis às soluções dos problemas sociais, visto que há uma tendência de ingressarem, integralmente, nos processos e vivências da vida social pública.

Os debates acerca do tema juventude, política e agências de socialização, de acordo com Souza (2004), parecem estar sempre carregados do desejo e interesse de romper com os lugares de omissão e passividade que, histórica e intencionalmente, foram destinados aos jovens na esfera da vida pública. Gonzales (2007) relata que esse anseio é fruto de uma luta em que, pouco a pouco, a

juventude vem ganhando visibilidade e deixando de ser vista como problema<sup>5</sup>, especialmente a partir de 2001 - na realidade do cenário brasileiro - com a criação mais incisiva de políticas públicas voltadas para a juventude e a maior valorização das vozes dos movimentos, organizações, coletivos e grupos sociais enquanto veículos políticos comprometidos com uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

Dessa maneira, para entender a dimensão e complexidade das relações entre juventude e socialização política é preciso, primeiramente, considerar que

a participação política dos jovens não se faz no vazio cultural e histórico, mas em sociedades reais que carregam as marcas singulares de sua história e as dificuldades específicas de seu presente. No contexto das desigualdades sociais da sociedade brasileira, compreender como e porquê os jovens brasileiros participam da construção e da decisão societárias põe em questão a forma como cada um reconhece-se como integrante desse conjunto tão desigual e como se vê implicado nos seus destinos. Assim, a participação política não pode desvincular-se das condições subjetivantes que darão forma ao sentimento de pertencimento à coletividade por parte de jovens e de crianças e de como essa coletividade é representada por eles (CASTRO, 2008, p. 253).

Este mesmo autor oferece caminhos para se pensar o conceito de socialização política atrelado à ideia de engajamento militante juvenil como reflexo da livre escolha e decisão dos jovens direcionadas a compreender e posicionarem-se frente às desigualdades sociais e políticas. O engajamento juvenil pela via das agências socializadoras não ocorre de uma hora para outra, esse processo se dá à medida que a juventude vai tomando consciência e se envolvendo com ações que têm como finalidade maior problematizar a realidade e promover transformações, sobretudo, no campo social.

Desse modo, a socialização política assume a condição de prática cidadã e democrática que vai além do ato de transmissão de determinadas condutas ou ainda o ingresso e pertencimento dos jovens a organizações, instituições, grupos ou coletivos sociais. Vê-se aí a necessidade de considerar que a participação de jovens nas organizações, principalmente não-governamentais, comprometidas com questões de ordem social e política reflete a própria participação social e a

---

<sup>5</sup> Segundo Gonzales (2007), a juventude vista como problema é uma concepção que perdurou até o século XX. A partir do século XXI, embora houvesse e ainda hajam resquícios do século XX, as visões sobre juventude começam a sofrer mudanças e os jovens, por sua vez, começam a ser vistos pela ótica de sujeitos e atores sociais.

socialização política nos seus sentidos mais amplos, visto que, diante do seu poder de escolha e decisão, os jovens optam por participarem de espaços que não são necessariamente instituídos pelos poderes públicos, mas que têm grandes contribuições e o seu grau de importância para a vida pública social.

Novaes (2006), ao discutir o conceito de socialização juvenil como categoria imbricada com a noção de contextos, diferenças e trajetórias, considera que o jovem engajado da época atual conta com elementos particulares e singulares específicos, que fazem com que seu processo de socialização política tome proporções significativas cada vez maiores de participação social desde os movimentos de ruas às mobilizações por intermédio das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), que viabilizam outras relações da juventude com as questões sociais, políticas, ambientais, culturais e econômicas, se comparadas com as juventudes das sociedades anteriores ao século XXI.

Ela afirma que, do seu ponto de vista,

a condição juvenil – como etapa da vida que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação esperada na vida adulta – tem suas especificidades. Isso porque a experiência geracional é inédita, já que a juventude é vivenciada em diferentes contextos históricos, e a história não se repete. Dessa forma, para pensar a condição juvenil contemporânea, devemos que considerar a rapidez e as características das mudanças no mundo de hoje. Por um lado, houve uma ampliação das agências socializadoras da juventude que extrapolam o âmbito da família e da escola, implicam o aumento do espaço de influência dos meios de comunicação e a presença da Internet. A inovação tecnológica tem aproximado jovens de mundos diferentes. [...] Embora sejam muitos os que não têm computador em casa, os computadores de associações, centros comunitários e ONGs são usados pelos jovens (NOVAES, 2006, p. 119-120).

Nesse sentido, os jovens ambientalistas da contemporaneidade não limitam suas ações e capacidade crítica de se posicionarem e disseminarem suas visões de mundo apenas nos espaços físicos das organizações, coletivos e grupos sociais. Ao contrário, as NTICs – enquanto novas agências de socialização – têm possibilitado a expansão, diálogo e interlocução com outros atores sociais que, embora geograficamente se encontrem distantes, as ferramentas das redes sociais possibilitam a aproximação e não somente a troca de ideias e informações, como também a organização de mobilizações:

Hoje em dia, com a informática e também a internet, as redes sociais, o crescimento das discussões e grupos ambientais está mais fácil. A internet traz pra você e muitas pessoas falam: “ah, eu soube do Greenpeace porque eu vi uma matéria”, “ah, eu vi uma página no Facebook que fala sobre os animais, sobre a Floresta Amazônica, sobre a Chapada Diamantina, a caatinga...”. As pessoas vão tendo mais conhecimento [...] Acho que o engajamento e o crescimento de jovens nas organizações, atualmente, têm muito a ver com isso. Está mais aberto isso hoje em dia, está mais fácil conhecer a causa e tentar lutar por ela (Uenderson).

Claro que a tecnologia trouxe seus malefícios, por exemplo, a questão do uso dos materiais, do descarte inadequado [...] Mas assim, a gente usa ao nosso favor. Com um celular de última geração eu posso criar uma petição em qualquer lugar, qualquer hora na rua. Posso filmar um cara cortando árvore ilegal como acontece muito, posso usar o celular pra me conectar com outras pessoas. E, quando a gente não usa da tecnologia em nosso benefício, nosso trabalho fica bem mais complicado (Melinda).

Em contrapartida, embora não desmereça o processo de socialização construído por intermédio das redes sociais, Davi pontua que

ser jovem-ambientalista é ser mais do que Facebook, porque tem muita gente que luta pelo meio ambiente via Facebook. Eu acho que, na atualidade, o importante é a gente ir pra rua, realmente consciente. Não é só colocar no Facebook, compartilhar várias coisas e na vida real não fazer nada. A atualidade propicia, exatamente, isso: você defender movimentos sociais, você defender lutas via Facebook somente ou via internet, via discursos, texto. Mas, é muito mais que isso, é ir para rua e mostrar a cara, o porquê veio, porque está lutando.

Os relatos de Uenderson, Melinda e Davi podem ser compreendidos como expressão dos novos paradigmas dos movimentos e protestos sociais que, para Harvey *et al* (2012), a união dos corpos em espaços públicos através de manifestações nas ruas, praças e parques possuem um impacto muito maior e mais abrangente do que as manifestações que ocorrem na internet.

Importante destacar que o autor não desmerece a importância e positividade aos movimentos e protestos sociais advindas do fluxo de comunicação proporcionado pela internet, em especial pelas redes sociais. Mas, ele afirma – assim como Carr (2011) – que é necessário utilizar a internet para além do estímulo de inteligência espacial e visual, ou seja, os indivíduos, diante do imenso universo das redes sociais e das possibilidades que daí emergem, devem estimular suas capacidades de refletir, interpretar, analisar e pensar criticamente, de modo que não

se tornem pessoas de pensamentos rasos e não consigam articular o mundo virtual com as vivências e práticas cotidianas. A forma de pensar as relações entre os novos e antigos sociais, trazida pelos autores, torna seus pensamentos muito próximos das concepções de Uenderson, Melinda e Davi quando se referem à relação entre novas tecnologias, socialização política e engajamento militante nos movimentos ambientalistas.

Esse caráter de socialização e construção de redes de sociabilidades viabilizadas pelas redes sociais foi possível perceber quando comecei a entrar em contato com as organizações, coletivos e grupos ambientais para a realização da presente pesquisa. Tive conhecimento da existência de alguns deles pelas visitas realizadas em suas páginas nas redes sociais, especialmente no Facebook, onde pude perceber o quanto essas redes ganham sentido e significado para os jovens ambientalistas poderem construir processos de socialização e sociabilidades com pessoas próximas e distantes que se interessam por suas discussões, formas de pensar, ser e agir.

Essa condição das redes sociais como teia de socialização política e criação de sociabilidades torna-se legítima na atualidade não apenas à visibilidade dada pelos jovens ambientalistas no que tange às suas ações e chamadas públicas para os movimentos de rua, mas é possível perceber como as NTICs têm sido cada vez mais uma potente agência socializadora das gerações mais novas em várias modalidades de engajamento.

A exemplo disso, podemos perceber a forte atuação da juventude (especialmente estudantes) que tem ocupado, nos últimos meses, as ruas, escolas, universidades e repartições públicas como forma de protesto contra a PEC 241/55 e a Medida Provisória do Ensino Médio nº 746, bem como protestam pelos direitos e conquistas que, jovens assim como os da atualidade, lutaram, alcançaram e agora se veem na iminência de ações governamentais retrógradas propostas “de cima para baixo” pelo governo Temer, que ferem diretamente o direito à democracia, ao exercício da cidadania e da participação cidadã.

Dentro do momento histórico-social em que vivemos, essa nova configuração de engajamento – conhecida como ciberativismo<sup>6</sup> – se constitui como um indicativo para se pensar a emergência de discutir e compreender as razões que motivam a geração juvenil atual ir às ruas em forma de protestos, ocuparem os espaços públicos na realização de manifestações e utilizarem as redes sociais como recursos de socialização e divulgação dos seus modos de ser, pensar e agir como expressão de participativa, democrática e cidadã.

Em Novaes (2005) é possível perceber que a socialização política se dá por meio da participação social da juventude, especialmente a partir dos anos 90, caracterizando-se, sobretudo, pelos conflitos e diálogos entre os velhos e novos problemas sociais que, por sua vez, trazem outras demandas e "convocam" a juventude a atuar e participar mais ativamente.

Para Novaes (2007, p. 99), as diferentes maneiras como a juventude exerce, especialmente na América do Sul, seu papel de participante social e política refletem que ser jovem não se limita a uma concepção universalista de juventude, razão pela qual as discussões sobre socialização política e participação social juvenil não podem desconsiderar o fato de que

em cada tempo e lugar são muitas as juventudes e entre elas sempre existem adesões ao estabelecido e territórios de resistências e de criatividade. Na sociedade moderna, a juventude se apresenta como a fase da vida mais marcada por ambivalências provocadas pela convivência contraditória entre a subordinação à família e à sociedade e as expectativas de emancipação, sempre em choque e negociação. Assim sendo, ainda que não haja consenso em torno dos exatos limites de idade que devem vigorar para definir quem é jovem, a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro.

Se por um lado a fala de Novaes (2007) permite refletir sobre a condição juvenil brasileira de uma parcela que se encontra em territórios de exclusão e vulneráveis aos mais variados tipos de condições sociais, em virtude das diferenças de gênero, raça, renda, etnia e outros determinantes sociais que agem, desigualmente, na distribuição de oportunidades e acesso a melhores condições de vida, o que tem grandes implicações e explica os diferentes modos de socialização política a que são submetidos os jovens a depender dos seus condicionantes

---

<sup>6</sup> Nas palavras de Gohn (2012, 2014), refere-se a uma estratégia de ativismo pela internet, que também é conhecida como ativismo online ou digital, cuja finalidade é realizar divulgação de causas, reivindicações e organizar mobilizações, especialmente por meio das redes sociais.

sociais; por outro lado, a geração atual também tem apresentado suas ferramentas, possibilidades, estratégias e potencialidades de participação nos mais diversos campos da vida sociais.

Essas duas faces que podem ser percebidas na visão de Novaes (2007) aponta que, considerando o processo de socialização política como um constructo social e educativo, a depender das oportunidades que os jovens tiverem na vida, do seio familiar em que vivem, da escola que frequentaram, os grupos que fazem parte, teremos jovens mais ou menos críticos, mais ou menos reflexivos e engajados em militâncias de diferentes modalidades. Por isso, o processo de socialização política não é neutro, imparcial e contido em si mesmo, ele possui a capacidade de produzir ou reproduzir determinados tipos de sujeitos sociais e políticos. Daí a necessidade de perceber que socializar o jovem politicamente não é torná-lo ou fazê-lo assumir uma função político-partidária. Significa, sobretudo, que esse jovem ambientalista engajado e militante é, na maioria das vezes, pai, mãe, estudante, trabalhador e, portanto, cidadão político que tem o espaço público como a sua maior e principal arena de atuação.

Carrano e Brenner (2008, p. 67) afirmam que

os jovens, ao contrário do que insinua o senso comum, não são desinteressados da participação na vida pública. O que é fato, contudo, diagnosticado por diferentes investigações no Brasil e em outros países, são as mutações nas formas e conteúdos da participação motivadas pelas novas configurações sociais que interferem nas motivações e condições objetivas que favorecem ou inibem processos de participação. Os jovens, evidentemente não todos, mantêm a motivação para a participação, porém, é um número reduzido que se encontra disposto a fazê-lo em espaços tradicionais e institucionalizados e também em torno de propostas cujos significados não dialogam com as contemporâneas condições de vivência do tempo da juventude. Um dos traços característicos da vida juvenil, hoje, vem a ser o maior campo de autonomia que os jovens possuem frente aos adultos e às instituições, e a capacidade que diferentes coletivos de jovens têm demonstrado na invenção de novos espaços-tempos de participação.

Interessante que a fala de Carrano e Brenner (2008) aponta para um dado revelado pelos jovens ambientalistas quando se fala da relação entre o engajamento juvenil e a aproximação com esferas públicas governamentais partidárias, especialmente no que tange aos contatos com as prefeituras, por se tratarem de grupos ambientalistas que atuam mais precisamente a partir das suas localidades e



comunidades onde vivem. Boa parte dos jovens ambientalistas, embora não veja suas causas representadas e acolhidas pelas esferas públicas, afirmam que, por vezes, a aproximação e certa sujeição às formas de pensar as políticas públicas para o meio ambiente da política institucionalizada e partidária são os meios encontrados para que consigam participar dos processos de discussões e decisões, e adentrarem nesses espaços públicos.

Embora considerem a política partidária como campo menos permeável para a efetiva participação e engajamento ambientalista, a maioria dos jovens não refuta a ideia de que inseridos ou aproximando-se da política institucionalizada – especialmente das Secretarias Municipais de Meio Ambiente – é possível, ainda que em pouca proporção, lutar e reverter algumas situações destoantes dos ideais que sustentam o engajamento ambientalista, conforme pode ser percebido nos relatos a seguir:

Quando você já tem o conhecimento, quando você quer fazer determinada ação e você tem o empecilho, em contrapartida, do governo. Porque existem problemas na cidade e, quando você vai lá dá a cara a tapa, fazer o negócio acontecer ali, sua ação pra melhorar, o governo está lá no meio e ele consegue de uma forma fazer com que você acabe desistindo do seu ativismo, da sua ação que você queria fazer naquele local. Então, ou você trabalha em harmonia com o governo e vai levando esse jeitinho, e vai conversando, e vai levando nessa *vibe* ou nunca vai dar certo, quer dizer, pode dar certo; mas aqui na minha realidade é muito difícil você bater de frente com a prefeitura. Ou você trabalha junto com ela desenvolvendo e dizendo qual é o caminho que tem a seguir ou, se você for uma pessoa radical e não quiser vínculo nenhum, isso nunca vai dar em nada (Rafael).

O que o falta é, realmente, interesse. Eles não estão querendo muito mexer com meio ambiente. Aí, eles usam meio ambiente quando é ano de política para ser eleitos. Como muitas pessoas estão envolvidas, aí eles vêm para querer ajudar (Lorrana).

Interessante notar em Boaventura de Sousa Santos (2011, p. 03) que esse distanciamento sentido e denunciado pelos jovens ambientalistas quanto à existência e efetividade de políticas públicas voltadas para o fortalecimento, participação e engajamento da juventude nas questões ambientais é fruto da própria concepção estruturante das sociedades capitalistas que, na maioria das vezes, apresentam novos discursos, mas permanecem com as velhas práticas:

Está a ser gerado nas sociedades um combustível altamente inflamável que flui nos subterrâneos da vida coletiva sem que se dê

conta. Esse combustível é constituído pela mistura de quatro componentes: a promoção conjunta da desigualdade social e do individualismo, a mercantilização da vida individual e coletiva, a prática do racismo em nome da tolerância, o sequestro da democracia por elites privilegiadas e a consequente transformação da política em administração do roubo "legal" dos cidadãos. Cada um dos componentes tem uma contradição interna [...] Estamos perante uma denúncia política violenta de um modelo social e político que tem recursos para resgatar bancos e não os tem para resgatar a juventude de uma vida sem esperança, do pesadelo de uma educação cada vez mais cara e mais irrelevante.

Mesmo em face aos desafios, a participação social e as relações de socialização e sociabilidades juvenis têm marcado cada vez mais presença na busca pela efetiva democracia. O que há, então, de novo com a geração atual? É possível perceber o (re)nascimento de uma juventude mais solidária, engajada, participativa, mais imbricada com os espaços públicos, que questiona o conservadorismo e os pilares da sociedade de consumo e exploração. Por meio das suas atitudes e representações de mundo, a juventude tem mostrado que não se constitui como categoria apática e vem assumido o poder de decisões e escolhas.

Neste aspecto, Novaes (2007) afirma que a participação política e social juvenil ao longo dos anos possibilitou o surgimento e intensificação de movimentos sociais por diferentes causas desde a proliferação dos grupos ambientalistas àqueles de ordem política, que vêm ocupando e ganhando espaços nas ruas, comunidades, mídias e redes sociais.

Desse modo, considerando as discussões que perpassam o campo da participação política e social juvenil, no capítulo a seguir é feita a apresentação e discussão dos processos de socialização que motivam e levam os jovens a se engajarem em movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas, de conforme a questão-chave que orienta a problemática desta pesquisa.

#### **4. DA SOCIALIZAÇÃO AO ENGAJAMENTO MILITANTE: QUE BASES SUSTENTAM OS PERCURSOS DA JUVENTUDE AMBIENTALISTA?**

Quais processos de socialização levam os jovens a se engajarem em movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas? Trazer à baila o problema de pesquisa que se constitui a estrutura de discussão e escrita desse trabalho, ou seja, compreender as razões e os motivos articulados com processos de socialização que contribuem para o engajamento de jovens em movimentos ambientalistas significa, em primeira instância, reafirmar que a socialização se configura como processo introdutório dos jovens no mundo social e, ao mesmo tempo, constitui-se como um dos pilares da formação identitária desses jovens.

Garimpar e compreender – por meio das narrativas juvenis – os elementos de socialização presentes nos percursos de vida que estão por trás e alicerçam o engajamento militante ambientalista dos jovens se constituem caminhos viáveis ao entendimento sobre em quais bases de socialização e experiências se sustentam as disposições juvenis para a militância e engajamento ambientalista. Além disso, abre-se o leque de percepções acerca das divergências e convergências que tecem os percursos e repertórios de socialização juvenis no tocante ao engajamento militante ambientalista, cujas narrativas ora se aproximam, ora se afastam.

Por esse espectro, ao discutir sobre os processos de socialização de jovens engajados em movimentos e organizações ambientalistas, Dubar (2005) chama a atenção que é preciso estar atento às interações e relações que socializam, tecem e constroem a visão dos jovens entre aquilo que é público e privado, universal e particular. Isto é, para o autor, as diferentes formas com que os jovens interagem em sociedades, bem como seus diferentes interesses por determinados engajamentos estão muito relacionados aos espaços e lugares sociais que os jovens mantêm contato, transitam, identificam-se e convivem socialmente.

Assim, esses espaços e lugares acabam se constituindo como referenciais e, ainda que os jovens venham a recriar suas regras de convivência – especialmente aquelas aprendidas na família –, os seus repertórios e percursos de engajamento militante são reflexos dessa interação com as diversas instituições sociais, que vão desde a família, alonga-se pela escola e prolonga-se por meio de coletivos sociais e culturais, a exemplo dos próprios grupos juvenis.

É preciso dizer que – considerando os percursos e narrativas juvenis acerca dos seus engajamentos militantes nos movimentos ambientalistas – a socialização ambientalista se dá por meio de mecanismos e processos que extrapolam os espaços das famílias e escolas como únicas agências socializadoras e não apenas introduzem os jovens na vida em sociedade, mas também reforçam o desenvolvimento de suas relações sociais, legitimam a defesa das causas que defendem, reconhecem como justas as suas lutas e dão suporte para a adaptação, questionamentos e integração à vida em sociedade.

Brenner (2014, p. 31) faz alguns questionamentos que provocam a reflexão sobre como os jovens se constituem enquanto sujeitos engajados e como os processos de socialização juvenil estão, de certa forma, relacionados à construção do engajamento militante: "Como alguém se transforma em um militante, já nasce assim? Existe um momento em que se processa a decisão 'a partir de hoje vou me engajar'? Quem influencia essa decisão, ou não existem tais influências?".

A partir dessas interrogações, essa mesma autora aponta que há uma multiplicidade de engajamentos que nem sempre estão associados às questões de cunho social e político, como o engajamento militante ambientalista. Para ela, a participação ativa em grupos de identidades, a militância política e os vícios (drogas, álcool, sexo, jogo) representam diferentes tipos de engajamentos.

Assim, um dos possíveis caminhos que ajudam a compreender como os jovens ambientalistas se tornam militantes de movimentos nas esferas sociais e políticas, e a maneira como se dá a concretização do engajamento nas relações construídas por eles (sociais, familiares, com a escola, os grupos de amigos) estão muito atreladas aos processos de socialização que introduzem os jovens no mundo social e, ao mesmo tempo, corroboram para a formação de suas identidades e sua consciência política. "E a compreensão desse processo ajuda a compreender como se concretizam os engajamentos [...]" (BRENNER, 2014, p. 32).

Esta mesma autora sinaliza que é preciso dar maior visibilidade aos processos de socialização que ocorrem fora do seio da família e da escola. Segundo ela, a maioria dos trabalhos desenvolvidos nos últimos anos na área da Educação sobre engajamentos juvenis está centrada nos espaços escolares e poucos trabalhos se debruçam no engajamento de jovens em espaços não escolares. Esses poucos trabalhos versam sobre a participação ativa e efetiva da juventude no

engajamento em partidos políticos, ONGs, grupos e movimentos sociais e, por isso, constituem-se como links capazes de se pensar os diferentes processos educativos que se dão dentro desses espaços.

Neste ponto, Maurer (2000) explica que, embora a família e a escola exerçam uma forte influência na socialização política juvenil, não se pode determinar que esses espaços sejam os únicos e necessários para o enriquecimento e efetivação do engajamento juvenil, visto que - até mesmo pelas sociabilidades - muitos jovens passam a se engajarem a partir de suas múltiplas relações com movimentos e organizações que, por vezes, não têm aproximação com o universo familiar e escolar, como é muito recorrente nos percursos de jovens militantes ambientalistas.

Tanto para Maurer (2000) quanto para Brenner (2014), além das instituições clássicas (família e escola), outras agências socializadoras e coletivos culturais e sociais, como os espaços não-formais de educação, têm desempenhado um forte papel em relação aos engajamentos de jovens e a efetivação de suas militâncias têm reverberado em saldos positivos tanto para a construção da autonomia juvenil quanto para a sociedade.

O conceito de socialização amplia o leque de possibilidades à compreensão sobre engajamento juvenil, uma vez que através dele a ideia de juventude militante ambientalista também se amplia enquanto categoria constituída por sujeitos capazes de pensar, refletir, dialogar, posicionar-se, participar, conviver e atuar no meio social de maneira crítica e consciente: "Em última instância, a socialização política pode ser considerada um processo educativo que coloca os sujeitos em contato consigo e com o outro, identificando-se e diferenciando-se, produzindo motivos e sentidos para a participação social e política" (BRENNER, 2014, p. 35).

Ao afirmar a interlocução entre socialização e participação social e política, suscitam-se algumas interrogações que instigam uma reflexão maior sobre a ideia de engajamento, como:

- Que motivações balizam o engajamento de jovens em questões sociais, políticas, culturais e econômicas?
- Que geração é essa que se engaja e vai às ruas protestar contra as desigualdades ambientais? O que leva os jovens se engajarem em determinados grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas?

- O que leva uma parcela da juventude se engajar por problemáticas ambientais? De onde vem esse engajamento por questões que, em sua grande maioria, foram causadas pelas gerações anteriores?
- De que lugar os jovens engajados ambientalistas falam?
- Que resultados os jovens ambientalistas buscam ao se engajarem por determinadas questões? Quais ações racionais sustentam seus discursos e práticas?

Para além de uma definição conceitual, as interrogações acima reforçam o caráter educativo, pedagógico e político do engajamento militante ambientalista. Pensar acerca dos reais motivos e razões que instigam os jovens a se engajarem em grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas é uma tarefa que não se dá num vazio histórico-social nem no campo da imparcialidade, despretensão ou neutralidade.

Dessa maneira, a compreensão acerca dos processos de socialização que dão subsídios para o engajamento militante juvenil em movimentos ambientalistas requer o entendimento de que a produção do engajamento, segundo Seidl (2009), se dá por meio de uma complexidade de fenômenos sociais e, também, através de processos de socialização que tanto precedem ao engajamento quanto se constituem como dispositivos à sua construção.

Por esse ângulo, torna-se importante pensar sobre o papel da socialização no engajamento juvenil ambientalista. Pensando essa juventude enquanto constituída por sujeitos que falam, resistem, lutam e buscam – via engajamento militante – espaços de falas, diálogos e identidades. Além disso, é preciso refletir sobre como esses jovens narram e veem esses espaços de pertencimento e, ao mesmo tempo, como esses espaços constituem os percursos de engajamento militante ambientalista.

A reflexão sobre os processos de socialização juvenil no que tange ao engajamento militante em movimentos ambientalistas não deve passar distante da noção de que o meio ambiente, conforme vem sendo enfatizado em todo esse trabalho, não é um lugar inerte, estático, passivo e da exploração.

Conceber a socialização como uma categoria-chave para se pensar as disposições juvenis ao engajamento militante ambientalista significa, sobretudo, afirmar que nos percursos e trajetórias de vida dos jovens suas narrativas trazem à

tona experiências vividas e significativas que, direta ou indiretamente, lançaram as bases para que os jovens construíssem seus caminhos na militância ambientalista a partir de uma perspectiva mais ampla de meio ambiente, enquanto território onde se vive, cria-se, produz-se e dinamiza-se a vida. Enquanto lugar, onde as questões e problemáticas sociais, políticas, ideológicas, culturais, éticas e econômicas se interceptam, articulam, ganham sentido, conteúdo e forma via engajamento.

Portanto, os sentidos da luta ambientalista no terreno da socialização e engajamento juvenis estão muito fortemente ligados com o campo de significação que os processos de socialização têm no cenário da militância de jovens em movimentos ambientalistas, cujos processos potencializaram a construção de determinadas disposições e de um lugar social para a juventude ambientalista, que configura um modo de ser jovem dentro dos movimentos. Esse conjunto de disposições – via socialização – possibilita perceber e compreender os motivos pelos quais alguns jovens militam em determinadas modalidades de engajamento e outros não, bem como o porquê de alguns jovens se engajarem neste ou naquele grupo.

Assim, à luz da problemática que delinea este trabalho, opta-se por apresentar o mosaico de disposições e processos de socialização de onde emanam as possibilidades e disposições juvenis ao engajamento militante ambientalista. Destaca-se que serão apresentados os fatores e aspectos significativos, que aparecem nas narrativas dos 10 jovens entrevistados, pertinentes aos seus percursos, experiências e vivências de socialização no que se refere à construção dos seus engajamentos militantes nos movimentos ambientalistas.

Importante dizer que – embora a família não seja a única e absoluta instituição socializadora – nas narrativas dos jovens o nível de aproximação dos pais com o tema meio ambiente é grande âncora que fundamenta as disposições juvenis para o engajamento militante ambientalista, seja pelo crivo da concordância ou refutação do modo com os pais estabelecem suas relações com o meio ambiente. No entanto, a socialização familiar não se apresenta como o único fundamento de apoio para os jovens ambientalistas se engajarem.

Por isso, entre os dez jovens entrevistados, optamos metodologicamente pela formação de quatro grupos, cujos critérios de formação foram as semelhanças e diferenças que aparecem nas narrativas dos jovens quanto aos seus processos de socialização como disposição ao engajamento militante juvenil, a saber: jovens

oriundos de famílias com alguma preocupação com o meio ambiente; jovem oriundo de família sem interesses com as problemáticas ambientais; jovens de famílias engajadas e jovens com experiências escolares/acadêmicas que socializaram ou não para as problemáticas ambientais. A seguir, por meio dos seus relatos, veremos os aspectos que aproximam e separam as disposições juvenis ao engajamento militante ambientalista, tomando como referência o peso ou a influência que os processos de socialização exerceram em seus percursos e tomadas de decisões.

### ***Jovens oriundos de famílias com alguma preocupação com o meio ambiente***

Nesse grupo, estão os jovens cujos pais ou familiares mais próximos não são engajados ambientalmente, mas manifestam certo interesse pelo cuidado, respeito e preservação ao meio ambiente; fator que, de certa forma, contribuiu para as disposições ao engajamento militante ambientalista de jovens inseridos nesses núcleos familiares.

Essa manifestação pode ser percebida nos relatos de alguns jovens, ao afirmarem que suas primeiras disposições ao engajamento ambientalista têm como base os ensinamentos, ainda que não direcionados para o movimento e engajamento ambientalista, que seus pais lhes deram durante a infância e que serviram de subsídios para que, na juventude, ingressassem em coletivos, organizações, grupos e movimentos ambientalistas.

Nas narrativas dos jovens que compõem este grupo, fica claro que, embora a maioria dos seus pais tenha os incentivado a valorizarem a relação ser humano e natureza, boa parte dos pais não comunga muito com a ideia dos filhos se engajarem em movimentos ambientalistas e, dentre muitos fatores, encontra-se a justificativa de que não é um campo provedor de retorno financeiro e promissor de reconhecimento social.

Para este caso, podemos tomar como exemplo a experiência de Davi:

A minha vida, na infância, eu comecei com a questão de família. Sempre tem a questão de família. Minha mãe sempre falou: “Não jogar o lixo no chão. Não fazer isso, não fazer aquilo outro”. E eu fui adquirindo esse repertório aos poucos, apesar de minha família não acreditar muito nesse altruísmo de se engajar em uma coisa sem fins lucrativos.

Minha mãe e meu pai tiveram papéis distintos, mas importantes. Minha mãe sempre falou para a gente não jogar papel no chão, pra evitar desperdício... Meu pai sempre teve o papel de dizer: “não desperdice água, não desperdice energia”. Mas não pela questão



ambiental, mais pela questão de economizar energia, economizar água<sup>1</sup>. Mas, acho que eu fui formando isso, juntando as coisas e aprendendo. São papéis distintos, mas que foram importantes na minha vida, todos dois. E eu fui adquirindo esse repertório de gostar do meio ambiente.

É uma coisa que eu fui adquirindo, assim me apaixonei pelas florestas e todo tipo de mal que acontecia a elas me tocava muito. Então, não teve muito aquela coisa de “oh, foi minha família”. Na verdade, foi um conjunto mesmo, que durante o repertório da minha vida foi acumulando isso e gostando cada vez mais.

Embora considere a importância e influência da família como núcleo onde surgiram os primeiros estímulos para o seu engajamento e afirme que sempre foi muito apegado à natureza de forma geral, Davi reitera que o despertar e aprofundamento maior com a temática meio ambiente se deram em 2005, quando conheceu o Greenpeace num ativismo que o grupo realizou com a exposição de banner no Elevador Lacerda em Salvador-BA. A partir desse trabalho, ele criou uma simpatia muito grande pelo Greenpeace e passou a pesquisar sobre o grupo. Depois de um tempo, conseguiu entrar em contato com o grupo e acabou ingressando como voluntário.

De modo semelhante, Lorrana diz que a origem do seu engajamento ambientalista está muito relacionada à relação que sua mãe tinha com o meio ambiente e que serviu de referência para ela, desde a infância. O envolvimento e engajamento com as problemáticas ambientais tornaram-se mais fortes com o falecimento de sua mãe, visto que Lorrana passou a ver o engajamento ambientalista – seja pela participação no GAMBÁ ou na COM-VIDA – como uma forma de superar a ausência de sua mãe e, ao mesmo tempo, senti-la mais próxima pelas ações de preservação e cuidado que sua mãe tinha com o meio ambiente, mais especificamente com o mundo das plantas:

Desde a minha infância, foi com a ajuda da minha mãe, porque ela me ajudou e me ensinava a plantar horta e/ou rosas vermelhas. A gente amava rosas vermelhas. E com isso, depois da morte dela, eu achei que o meio ambiente me aproximava de um meio ou outro dela. Aí, eu quis praticar o que ela já praticava. Eu não estou falando que ela era nenhuma bióloga, estou falando que ela era uma cidadã normal, só que ela gostava do meio ambiente. Ela plantava, ela gostava de plantas. E aí acho que isso me aproximou do movimento

---

<sup>1</sup> Davi relata que a ideia e instrução dadas por seu pai para “economizar energia e água” estavam associadas a preocupações do ponto de vista financeiro e não, necessariamente, devido a questões ambientais.

---

ambientalista, do que eu amo fazer. Minha história no movimento ambientalista começou com minha mãe.

Nota-se no depoimento de Lorrana o quanto as questões da vida pública e privada, e suas próprias subjetividades, podem se aproximar enquanto dispositivos de socialização ao engajamento militante ambientalista. Ao dizer “ela não era nenhuma bióloga”, Lorrana sinaliza que as problemáticas ambientais não devem ser de interesse apenas dos estudiosos e pesquisadores dessa área, mas se constitui enquanto problemáticas cotidianas, sociais, culturais e políticas. Dessa maneira, embora sua mãe não se engajasse em qualquer tipo de ação ou movimento ambientalista, há uma influência relativamente próxima entre as vivências de Lorrana na infância, o contato com a natureza por intermédio de sua mãe, o desenvolvimento da consciência ambiental e a educação recebida acerca de valores como o cuidado, respeito e preservação do meio ambiente.

As experiências da infância de Lorrana, nesse sentido, não se constituíram fatos isolados e desprezíveis para o seu engajamento ambientalista no GAMBÁ e na COM-VIDA. Muito pelo contrário, ela destaca que houve um período em que ela e seu pai moraram em São Paulo e ela não se acostumou porque se sentia presa e rodeada de prédios. Os únicos lugares e atividades que a satisfaziam eram os parques, o contato com plantas e animais.

Passado um tempo, foram morar em Castro Alves, na Bahia, onde Lorrana pode construir uma rede de contatos e aproximação ambientalistas através da participação na COM-VIDA no Colégio Polivalente de Castro Alves (na condição de estudante) e no GAMBÁ (na condição de voluntária), sendo que através dos processos de socialização possibilitados por esses grupos ela tem fortalecido o seu desejo de cursar Biologia e trabalhar a favor das problemáticas ambientais, especialmente as que mais lhes tocam: plantio de árvores, preservação de áreas verdes e o cuidado com os animais.

Dentro do grupo de jovens que tiveram suas primeiras motivações a partir das relações de socialização familiar, há aqueles cujas disposições ao engajamento militante ambientalista estão associadas a aspectos geográficos de moradia das suas famílias, especialmente aqueles que têm relação com a vida campesina, como Laís:

Desde muito pequena, eu sempre fui uma criança que gostava de estar em contato com terra. Meus pais têm uma fazenda, minha avó morava no interior e mora até hoje. Minha mãe foi criada, se criou trabalhando na roça para poder dar sustento aos irmãos. Então, eu me espelhei muito na minha mãe. Desde pequena, ela sempre incentivou a gente a estar em contato com a natureza. Ela mostrava o pôr do sol pra gente, a gente subia a serra aqui de Santa Brígida. Ela levava a gente para a praça e tudo isso acho que já veio da minha bagagem de construção como pessoa. Então assim, eu desde pequena sempre gostei, tanto que quando surgiu a oportunidade de entrar no GAASB eu vi uma forma de estar mais próxima.

Como pode ser percebido, o engajamento e o ingresso de Laís no GAASB são reflexos do processo de socialização familiar, que se deu por meio da transmissão de valores, princípios, condutas e ensinamentos acerca do cuidado para com a terra, principalmente pelo fato da sua família ser de origem campesina.

Processo semelhante, mas com a presença e fortalecimento da socialização escolar, tece também o percurso de engajamento militante ambientalista da jovem Laise, que atualmente é moradora da zona rural de Serrinha:

O que me fez participar de movimentos ambientalistas e se interessar por assuntos sobre a natureza foi a questão que, quando eu era criança, eu morava em Salvador. Não gostava de lá, preferia quando eu vinha pra Serrinha pra estar no meio da minha família e, além de tudo, o contato diretamente com a natureza. Era onde eu tomava banho de rio, sempre estava indo para um riacho que tem aqui na roça do meu avô, estar ajudando na agricultura que eu ficava plantando com eles e sempre ouvindo relatos dele sobre a importância do meio ambiente. Foi através, também, de palestras tanto nas escolas, que eu participei até de uma passeata que teve no Dia do Meio Ambiente. Essas pequenas coisas que acabaram fazendo com que eu me apaixonasse cada vez mais e, além disso, sempre gostei de estar observando o por do sol, a natureza em si, os pássaros, são coisas que trago em mim.

E ainda acrescenta:

Eu não tenho grupo específico dos movimentos ambientalistas, mas sempre busquei estar incentivando tanto na minha comunidade, no grupo jovem, na pastoral da juventude a estarem preservando, fazendo coleta de lixo pra reciclar... sempre participei de cursos, sempre estou tendo o cuidado, falando em relação até mesmo às árvores daqui de casa, pra minha mãe estar sempre tendo cuidado. E tenho em meu pai um exemplo, porque ele sempre amou plantar árvores, estar cuidando de árvores e foi um dos motivos para eu estar envolvida também.

Nota-se, pelos relatos de Laís e Laise, que a socialização familiar que sofreram tinha uma concepção de valor intrínseco da natureza, que se distancia da ideia de meio ambiente enquanto recurso disponível para o ser humano explorar e crescer economicamente, como aponta Grün (2007). Pelas experiências de socialização familiar – especialmente com sua mãe, e avô e pai – Laís e Laise, respectivamente, narram sobre como as relações familiares foram substanciais para que se engajassem em grupos, movimentos e organizações ambientalistas, bem como desenvolvessem a consciência da importância das relações éticas, de respeito, preservação e cuidado do ser humano para com o meio ambiente.

Além disso, importante destacar que a socialização familiar e religiosa por ser membro da Pastoral da Juventude da Igreja Católica, bem como a participação – desde os oito anos de idade – em reuniões de sindicatos e associações rurais em sua comunidade, quando acompanhava seus pais e avós, serviram de subsídios mobilizadores para que Laise decidisse fazer o Curso Técnico em Agropecuária pelo IFBaiano, com o intuito de fortalecer seu engajamento dentro dos movimentos ambientalistas e propor estratégias mais sustentáveis à prática da agricultura em sua comunidade:

esses motivos que fizeram estar no IFBaiano, pra estar fazendo um curso voltado para Agroecologia; para assim eu poder ser a multiplicadora de saberes para os agricultores de forma agroecológica, sustentável, incentivando eles a planejar suas produções de forma que não prejudiquem o meio ambiente.

Os relatos dos jovens, como no caso da aproximação de Laise com o ambiente rural, permitem perceber como a aproximação com o engajamento militante ambientalista está, também, relacionada com questões de espaços e tempos geográficos nos quais estão inseridos conforme seus territórios de identidade, que revelam a plasticidade da condição juvenil, inclusive a própria diversidade de ações engajadas juvenis dentro dos movimentos, coletivos, grupos e organizações ambientalistas diz muito acerca dos processos de socialização que mais exerceram forças na construção e constituição dos seus percursos de engajamento.

As histórias de Laís e Laise enfatizam que,

quando os pais já têm o hábito de realizar atividades ao ar livre e em contato com a natureza, estas experiências se tornam mais recorrentes na vida das crianças. Nesse sentido, aparecem as

referências aos pais que gostam de cultivar jardins e hortas, que procura os parques para recreação e lazer e que gostam de viajar. As escolhas e as condições materiais dos pais também apoiam as oportunidades que se têm na própria residência: possuir quintais, plantas e animais domésticos, hábitos de consumo, práticas ecológicas realizadas em casa (GONÇALVES, 2010, p. 129).

Isso, talvez, seja um ponto-chave para compreender que, embora todos os jovens entrevistados sejam militantes engajados ambientalistas, suas formas de atuação e engajamentos variam em suas causas, conforme as heranças ambientais familiares e de acordo com suas localizações espaciais. Em vista disso, temos jovens envolvidos em ações de limpeza de praia, outros em limpezas de ruas, serras, coletas de lixo, ocupações, plantação de árvores, manifestações públicas, realizações de palestras, reuniões e atividades de conscientização em espaços formais e não-formais de educação; dentre várias outras ações que representam a multiplicidade do engajamento militante na modalidade ambientalista.

Nessa linha de pensamento, ao se referir aos motivos e aproximações que geram o engajamento militante juvenil ambientalista no campo das práticas e representações sociais, bem como à invisibilidade ou falta de entendimento social que circunda sobre os sentidos desse engajamento, Gonçalves (2010, p. 61) afirma que as sociedades, ainda, precisam chegar à concepção de que

o indivíduo não mobiliza em suas ideias/representações algo que não conhece, algo que se torna invisível a ele. Quem irá se importar com uma cultura que está desaparecendo se nem sabe de sua existência ou, se sabe, não a valoriza? Como mudar uma atitude se não se percebe opção ou se não se têm parâmetros para entender que a atitude atual está equivocada? [...] Nossas interpretações são fruto de nossa cultura e que coexistem diferentes culturas no planeta, muitas delas “invisíveis” [...] e, em sua invisibilidade, deixam de contribuir com novos referenciais simbólicos que poderiam fertilizar a sociedade com outras opções, outros modos de viver mais próximos da sustentabilidade.

Por isso, em primeira instância, o entendimento acerca dos motivos e razões que levam os jovens a se engajarem na militância ambientalista, ou seja, as suas disposições não devem passar distantes da compreensão de que juventude é uma categoria plural, histórica e socioespacial, como afirma Bourdieu (2003), “a juventude é apenas uma palavra”. E, portanto, ser jovem da classe média é diferente de ser jovem da classe popular. Ser jovem da cidade é diferente de ser jovem do campo. Nascer e crescer num núcleo familiar de pessoas envolvidas ou engajadas em

causas ambientais é diferente de quem não nasce e cresce nessas situações. Essas diferenças se expressam nas maneiras como os jovens internalizam seus processos de socialização e expressam através de seus gostos, preferências, decisões e prazeres por determinado engajamento como no caso da militância ambientalista.

Nesse sentido, a história de Melinda no engajamento ambientalista enfatiza que, além da família, as redes de amigos e grupos de sociabilidades juvenis também atuam como instrumentos de reforço de socialização ao engajamento militante.

Melinda relata que, apesar de sua mãe chamar sempre a atenção acerca da importância de preservação do meio ambiente, ela considera que grande parte da sua disposição ao engajamento militante ambientalista se deve à influência exercida por processos de sociabilidades:

A preservação do meio ambiente sempre foi cultivada em mim, desde pequena, mais por minha mãe (apesar dela não ser vinculada a nenhum movimento), para não jogar lixo na rua, cuidar das plantinhas. A gente tinha bastante planta em casa. Então, isso foi naturalmente inculcado em mim. Minha mãe fala, tipo: “Não pode jogar lixo na rua. Você sabe que, se você jogar lixo, vai entupir o bueiro e com isso a água vai invadir as casas das pessoas. Então, a gente tem que cuidar do meio ambiente. A gente não pode destruir as plantas. Vamos ter cuidado com isso”. Sempre ela me incentivou nesse sentido. Eu não sei se pautada para as questões ambientais, mas por questões de educação mesmo, o cuidado [...] A gente aprendeu a cuidar do meio ambiente mais por questões de educação e isso me fez gostar de cuidar do meio ambiente, de trabalhar com essas coisas.

Mas, nunca surgiu essa vontade: agora vou me vincular a um movimento ambientalista, porque eu quero fazer isso. Foi bem natural, eu conheci o Engajamundo através de um amigo, o Iago, e aí ele fez: “ah, vai lá! O Engaja é legal! A gente trabalha com cinco temas diferentes, que inclui também meio ambiente, biodiversidade, a questão de habitação, gênero, desenvolvimento sustentável”. Eu disse: “Não, eu vou lá. Vou conhecer o Engajamundo”. E aí conheci o Engajamundo, vi que a organização era legal e disse “oh, vou ficar aqui”.

Nos relatos de muitos jovens entrevistados – a exemplo de Melinda, Uenderson e Laís – a rede de sociabilidade, enquanto expressão cultural da condição juvenil, aparece como uma forte influenciadora dos primeiros rituais de ingresso dos jovens nos grupos, coletivos, movimentos e organizações ambientalistas e, a partir daí, os jovens vão se descobrindo como sujeitos engajados e passam a fortalecer e construir seus percursos de militância.

Laís, por exemplo, considera que o contato com seus pares possibilita tanto as trocas de experiências e o aprimoramento do ser engajado quanto se constitui como um meio para atrair outros jovens, às vezes, por meio do lazer e diversão, onde também existe a intencionalidade de socializar os jovens acerca das questões ambientais, levando em considerando os espaços, tempos e situações sociais em que os jovens estão inseridos:

Quando eu vejo os meninos pulando de pedra em pedra, subindo serra, descendo serra, fazendo trilha... isso é muito gratificante e você constrói uma amizade muito forte. A gente (o nosso grupo), além de ser muito acolhedor, é muito divertido também. E fazer o trabalho que a gente faz com esses meninos (*se referindo ao trabalho desenvolvido junto às escolas*) é muito bom, muito bom mesmo! Eu sempre peço, sempre chamo pessoas, sempre divulgo, sempre estou procurando mais pessoas pra fazer parte e um dos alvos também é chamar os meninos que estão em vulnerabilidade social. Acho que é importante também acolher esses meninos pra que, pelos menos, eles tenham uma visão de mundo diferente e possam, ao invés de estar jogados na rua fazendo besteiras, estejam fazendo algo em prol do bem-estar deles próprios também.

É possível perceber nas falas desses jovens, que a ideia de sociabilidade assume uma dimensão dinâmica de relações construídas com níveis de envolvimento diferenciados entre aqueles que estão mais próximos e aqueles que se encontram mais distantes e que precisam ser atraídos, motivados, sensibilizados e sensualizados para que se aproximem e passem a integrar “a turma e galera do movimento ambientalista”. Inclusive, o termo “sensualizar” é bastante utilizado pelos jovens do Engajamundo como fundamentado das suas estratégias de atrair e despertar a atenção das pessoas para ações que desenvolvem, especialmente nas ruas, utilizando-se das linguagens orais e corporais para atrair a juventude mostrando que jovens ambientalistas também se divertem, têm momentos de lazer e não são uma galera careta, ecochata e ecoxiitas, conforme os próprios jovens ressaltaram durante as entrevistas.

Assim, ao considerar os processos de socialização juvenis dentro dos movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas que se dão no plano da teia de sociabilidades construídas pelos jovens que ocupam e constroem espaços e tempos sociais significa dizer que “a turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, ‘trocam ideias’, buscam

formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um 'eu' e um 'nós' distintivos" (DAYRELL, 2007, p. 1111).

O autor afirma que os grupos de amigos são importantes elementos na solidificação dos processos de socialização pelos quais os jovens passam desde a família e a escola, porque esses grupos agem como espécie de espelho das suas identidades e "fixação" dos percursos e trajetórias de vida, uma vez que através deles os jovens constroem repertórios de semelhanças e diferenças em relação aos outros, conforme Pais (1999) também chamou a atenção. Ou seja, os grupos de amigos viabilizam, também, aos jovens realizarem as descobertas sobre suas disposições de engajamento por esta ou aquela modalidade.

Em razão disso, às vezes, ocorre de alguns jovens começarem participando das reuniões, discussões e algumas ações ambientalistas e, depois de um tempo, descobrir que aquela não é a sua galera, que seus processos de socialização os levam a outras disposições de engajamento, que não são ambientalistas:

A gente tem casos de jovens que entraram no GAASB, porque acreditavam ser um grupo de passeio. É também. Mas, quando a gente disse: "Ó gente, vamos fazer uma ação de coleta, vamos em tal lugar e vamos começar a catar lá o lixo". Aí, teve jovem que já não gostou. Aí, acabam saindo, vê que não é a realidade que ela pensou (Rafael).

Em linhas gerais, pode-se dizer que é por meio da sociabilidade – enquanto extensão dos processos de socialização – que a satisfação das necessidades de comunicação juvenis é concretizada e, ao mesmo tempo, os jovens constroem vínculos e relações democráticas, autônomas, solidárias, efetivas e, sobretudo, de identidades como características que territorializam e permeiam a legitimação do universo do engajamento militante ambientalista. Desse modo, as formas como os jovens são socializados e constroem seus percursos de engajamento militante ambientalista não se limitam à família, mas estão articulados com a multiplicidade de questões que compõem os espaços e tempos da condição juvenil, que paulatinamente vão demarcando seus lugares e posições sociais, políticas, ideológicas e culturais.

#### ***Jovem oriundo de família sem interesses com as problemáticas ambientais***

É muito menor a quantidade de jovens que relatou a ausência de qualquer manifestação ou interesse de suas famílias, em especial seus pais, com as



problemáticas ambientais. Ou seja, dentre os jovens entrevistados, apenas um não relatou a aproximação dos seus pais com as questões ambientais no que tange à ideia de preservação e consciência ambiental.

A história de Uenderson – membro do Greenpeace – revela que, embora seu pai trabalhasse com mineração, não havia uma preocupação por parte do seu pai quanto aos danos causados pela prática da mineração. Essa falta de preocupação associada aos valores familiares pautados na ideia de meio ambiente como lugar de exploração e produção econômica contribuíram para que Uenderson questionasse a transmissão desses valores e, ao mesmo tempo, utilizasse esses valores para construir seu percurso de engajamento militante nos movimentos ambientalistas:

Sinceramente, na minha infância, não teve nenhuma parte que eu falasse assim: “oh, meu Deus do céu, vou virar ambientalista”. Até porque eu sou de uma parte contrária: meu pai trabalhou sempre na mineração e sempre aonde eu ia (eu morei em algumas cidades do Brasil) todas eram com mineração, ou seja, uma das coisas que mais destrói o meio ambiente hoje em dia é a mineração e a minha vida sempre foi nessa área.

Aí, eu tentei entrar no Greenpeace. Por que Greenpeace? Porque é uma ONG grande e como eu sabia: “Poxa meu pai, durante muito tempo, ajudou a destruir o meio ambiente. Então, acho que eu vou começar a fazer alguma coisa pra tentar resgatar”. Hoje em dia, minha função, uma coisa que eu tenho é tentar consertar um pouco os erros que meu pai como meio da mineração fez para a terra. Por sinal, minha história com o Greenpeace e a Geologia se casa, porque entrei ao mesmo tempo. Eu fiz Engenharia de Minas de 2006 a 2008 e meio. No segundo semestre, larguei o curso. Aí, eu fiquei um ano e meio no interior de Jacobina de novo, fazendo curso pré-vestibular. Em 2010, passei em Geologia na UFBA. Comecei em 2010, aí dia 05 de março eu comecei minha faculdade de Geologia e dia 20 de março eu comecei a ser voluntário pelo Greenpeace. Antes de ser voluntário, eu já era colaborador no Greenpeace. E estou aí até hoje, há sete anos no grupo.

O que Uenderson narra leva a perceber que um dos maiores motivos que fizeram com que ele se engajasse na militância dos movimentos ambientalistas foi o desejo de “pagar a dívida” ambiental do seu pai enquanto minerador e explorador da terra. Para Uenderson, não seguir o mesmo percurso de vida do pai significa ter posturas diferentes e mais éticas em relação ao meio ambiente. Nesse sentido, o conjunto de valores transmitidos pelo seu pai foi acionado como meio para tornar-se um jovem ambientalista engajado.

Uenderson relata que a vivência com a prática de mineração foi o principal fator que o levou a desistir do curso de Engenharia de Minas para fazer Geologia, o

que a princípio causou certo descontentamento ao seu pai; pois a sua família esperava que ele seguisse seus estudos e vida profissional no campo da Engenharia de Minas.

Pode-se perceber que a maneira como Uenderson chega ao engajamento militante ambientalista se constrói no campo de reflexões entre o seu passado, presente e futuro como tempos inseridos em espaços que figuraram como mecanismos de aprendizagens e tomada de decisões e posturas, mediante seu processo de socialização familiar.

Com base na narrativa de Uenderson, em Melucci (2004, p. 13), podemos acreditar que a transmissão de valores, posturas, aprendizagens e posicionamentos é muito marcante na tomada de decisões juvenis, visto que, neste momento, o significado das aprendizagens do passado, as experiências do presente e as visões de futuro se agregam e são muito levados em consideração nos percursos de escolhas e decisões juvenis entre as motivações externas e pessoais:

A cada dia, todos os dias, esboçamos gestos rotineiros, movemo-nos ao ritmo de motivações externas ou pessoais, cultivamos memórias e projetamos o futuro. Assim como nós, todos os demais. As experiências cotidianas parecem minúsculos fragmentos isolados da vida, tão distantes dos vistosos eventos coletivos e das grandes mutações que perpassam a nossa cultura. Contudo, é nessa fina malha de tempos, espaços, gestos e relações que acontece quase tudo o que é importante para a vida social. É onde assume sentido tudo aquilo que fazemos e onde brotam as energias para todos os eventos, até os mais grandiosos.

Analisando pela perspectiva desse autor, o percurso de engajamento militante de Uenderson expressa uma reinvenção de posicionamento frente à influência externa de sua socialização familiar e os sentidos que atribuiu às representações sociais e ambientais dessa socialização fizeram emergir novos pontos de vista, questionamentos e motivações internas (pessoais) como forma de contraponto às aprendizagens e expectativas dos seus pais de que ele, futuramente, seguiria os mesmos passos do pai na exploração de minas.

Além disso, Uenderson relata que as sociabilidades construídas nos grupos de amigos, bem como o trabalho desenvolvido por uma professora no Ensino Médio contribuíram, significativamente, para o seu engajamento militante nos movimentos ambientalistas:

Eu já morava aqui na Bahia, em Jacobina, e lá tem várias cachoeiras. E aí os amigos sempre saíam para fazer trilha, pra ir para a cachoeira e sempre via lixo pela estrada, pelo caminho. A galera sempre ia. Aí a gente foi, pegou e falou: “ah, vamos nos reunir e começar a pegar esses lixos e levar pra cidade, jogar fora, reciclar”. Começou aí a minha vida ambiental [...] No meu colégio, eu só tive uma professora de Geografia, Rosemeire, que realmente, mudou a minha cabeça pra isso inicialmente. Ela fazia um trabalho ambiental lá em Jacobina; ela foi a pessoa que mais me levou para o caminho de pensar em uma forma mais sustentável e isso há 13 anos, no meu primeiro ano do Ensino Médio.

Os meios de socialização pelos quais Uenderson transitou para construir seus repertórios e percursos de engajamento militante ambientalista colocam em evidência a capacidade de os jovens em questionar e refutar alguns valores transmitidos pela família e que, a partir de suas observações e contatos com outras instituições, os jovens passam a considerar como comportamentos antiéticos, que vão de encontro com a perspectiva de construção de sociedades mais sustentáveis, justas e igualitárias. No relato de Uenderson, percebe-se que “as mudanças de cidade, por conta do percurso profissional dos pais, mobilizam também novas interações e a percepção dos contrastes entre os diferentes espaços urbanos e os modos de vida de cada lugar” (GONÇALVES, 2010, p. 129).

Quanto a este aspecto, Bourdieu (2003, 159-160) oferece caminhos para refletir sobre como as fronteiras geracionais e os contrastes espaço-temporais têm grandes implicações nos diferentes modos como os jovens lidam com seus processos de socialização e relacionam-se com a vida no tempo presente, colocando a socialização como campo de lutas e relações de poder:

De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades [...] Uma coisa muito simples e na qual não se pensa, é que as aspirações das sucessivas gerações, de pais e filhos, são constituídas em relação a estados diferentes da estrutura da distribuição de bens e de oportunidades de acesso aos diferentes bens [...] E muitos conflitos de gerações são conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes. Aquilo que para a geração 1 foi uma conquista de toda uma vida, é dado imediatamente, desde o nascimento, à geração 2 [...] Evidentemente nem todos os velhos são anti-jovens, mas a velhice também é um declínio social, uma perda de poder social e através deste viés, os velhos têm, no que se refere aos jovens, uma relação que também é característica das classes em declínio. Evidentemente, os velhos das classes em declínio [...] são contra tudo aquilo que muda, tudo aquilo que se move, etc., justamente porque eles deixaram o futuro para trás, enquanto os jovens se definem como tendo futuro, como definindo o futuro.

Os relatos de Uenderson, em consonância com os escritos de Bourdieu (2003), trazem à tona que, embora as famílias socializem os jovens a partir da crença em determinados comportamentos, valores e atitudes, outras instituições e agências sociais como a escola e os grupos de amigos assumem também os pontos de referências para que os jovens questionem suas crenças, revejam seus posicionamentos, reconstruam seus repertórios de vida e concretizem as suas militâncias. Ou seja, tanto os valores socializados pelas famílias e internalizados pelos jovens exercem influência em suas disposições ao engajamento quanto as experiências escolares e os grupos, organizações e movimentos atuam como instrumentos basilares e espaços privilegiados no fomento à concretização do engajamento militante juvenil.

Isso reforça que a juventude não é uma categoria estática e imutável. Ela se move com o tempo e as realidades sociais. E, portanto, os jovens podem também reconfigurar seus processos de socialização conforme seus momentos e vivências sociais, culturais, históricas e políticas que, na maioria das vezes, não se apresentam com as mesmas características da época em que seus pais viveram e construíram suas juventudes. Dessa maneira, segundo Sposito (2014), os processos de socialização e as diferentes formas como os jovens absorvem e externalizam esses processos são derivadas das condições contemporâneas em que os jovens estão inseridos e acionam suas capacidades de pensar e agir socialmente.

Nesse sentido, é possível perceber que para os jovens cujos pais não são engajados, mas têm aproximação e interesse pelas problemáticas ambientais, o espaço-tempo escolar pode ser visto como lugar de reforço à socialização ambientalista. Por outro lado, para os jovens cujos pais são, totalmente, desengajados o espaço-tempo escolar assume a condição de lugar privilegiado para a socialização ambientalista por ser esse o primeiro espaço de socialização (descartada a família) em que os jovens poderão ter um contato maior e mais consistente com as problemáticas ambientais e que pode exercer grande influência na disposição juvenil ao engajamento militante ambientalista.

Essa questão, inclusive, pode ser notada nos depoimentos de Uenderson que, apesar de acreditar no papel que a educação escolar exerceu na sua formação de jovem engajado (a partir do trabalho desenvolvido pela sua professora de Geografia), reforça e pontua que

a escola tem um papel importantíssimo na formação do jovem ambientalista e, infelizmente, não faz tanto o quanto deveria, principalmente no ensino público. As escolas, especialmente públicas, pecam muito nessa parte de ensino ambiental. Ainda mais agora com essa reforma do Ensino Médio aí, que o governo está propondo, fico até com medo em pensar como vai ficar a coisa.

Sem fazer abordagem detalhada entre o tratamento que é dado às questões ambientais na escola pública e na escola privada, Uenderson afirma que, em suas experiências de formações e palestras dadas em escolas, os jovens das escolas particulares tecem conversas mais sérias sobre problemáticas ambientais, enquanto na escola pública essa realidade é menor. No entanto, independente desse fator, para o jovem Uenderson o sistema educacional como um todo tem deixado muitas lacunas e falhas quanto à formação ambiental e ecológica de crianças, jovens e adultos, visto que tanto na escola pública quanto na particular a temática meio ambiente ainda não é encarada com centralidade nas propostas curriculares.

Ao pensar no futuro das questões ambientalistas no cenário escolar, Uenderson possibilita ultrapassar a ideia de escola enquanto mero espaço de socialização para uma perspectiva mais ampla desse espaço enquanto lugar de estímulo e concretização do engajamento militante juvenil. Ou seja, ao se referir à reforma do Ensino Médio e as relações com o engajamento militante juvenil, Uenderson chama a atenção que a escola – independente de ser pública ou privada –, também, é o espaço da militância, da mobilização, da formação de seres pensantes, críticos e questionadores dessa sociedade capitalista fundamentada nas relações de exploração, consumo, produção, desgaste e degradação ambientais.

E, nesse sentido, existe uma preocupação que o direito à denúncia, à crítica, ao questionamento e oposição a essa sociedade seja silenciado por uma proposta curricular que não dê ouvidos às vozes juvenis e não considerem legítimas as causas dos movimentos, coletivos, grupos e organizações ambientalistas, visto que vetar o direito a uma educação mais crítica significa, em primeira análise, negar o quão justas são as lutas pelas causas ambientais e, sobretudo, cercear o direito a uma sociedade mais justa, humana, igualitária e sustentável, uma vez que a maioria dos grupos, coletivos e organizações ambientalistas está também dentro dos espaços escolares desenvolvendo ações de conscientização e despertando as pessoas para questionarem as estratégias e formas abusivas com que a sociedade

capitalista vem agindo, em virtude do falso desenvolvimento econômico, político e social.

Por esse viés, pode-se presumir que ainda com as falhas e contrastes presentes na educação formal pública, como sinalizado por Uenderson, a escola pública é a que mais se apresenta como um campo propício e fomentador da crítica, protesto e resistência às práticas antidemocráticas e à formação de uma juventude política mais crítica, reflexiva e contrária aos retrocessos políticos e sociais.

É na escola pública que se constrói e reforça, de modo mais consistente e libertador, o pensamento de que a politização muda vidas e o diálogo é um caminho eficaz à transformação e emancipação. Por isso, é preciso pensar e perceber nas linhas e entrelinhas dessa juventude que tem ido às ruas, ocupado escolas e ecoado suas vozes que a escola pública tem grande participação na formação engajada e militante desses jovens que lutam e resistem, justamente porque lutam e resistem a partir das deficiências e déficits que a própria escola pública apresenta, ou seja, eles falam de onde seus pés pisam. Esse fato, inclusive, pode ser observado ao analisar que os jovens engajados na militância ambientalista, cujas disposições foram suscitadas pelas experiências escolares são oriundos de escolas públicas<sup>2</sup>.

Logo, pelo viés da discussão de Uenderson, no sentido mais amplo da influência da escola na socialização política juvenil enquanto instrumento de possibilidade ao engajamento militante ambientalista, concorda-se que a escola, “além de espaço de socialização, pode também ser lugar onde ocorrem as primeiras aproximações com grupos militantes organizados, pela existência de grêmios e outras formas de mobilização estudantis” (BRENNER, 2014, p. 44). Desse modo, com todas as limitações e desafios, a escola pública tem sido o terreno mais fértil para germinar a formação e participação política dos jovens.

### ***Jovens de famílias engajadas***

---

<sup>2</sup> Destaco que a maioria dos jovens relatou que é mais difícil ter jovens de escolas privadas engajados na militância ambientalista e acredita que esse baixo quantitativo se deve pelo fato de que, imersos nas organizações e movimentos ambientalistas, teriam que protestar contra o sistema que defendem e os sustentam. O que, dificilmente, ocorre com os jovens de escolas públicas. Por isso, os jovens entrevistados entendem que o engajamento na militância ambientalista representa, também, uma luta de classes onde transitam interesses econômicos, políticos, culturais e ideológicos forjados na esteira de valores educacionais e pedagógicos.

No universo dos 10 jovens entrevistados, apenas uma jovem – Elen – relatou que o seu engajamento militante ambientalista tem raízes e está, estreitamente, relacionado ao engajamento do seu pai em movimentos e causas ambientalistas, por ele ser do Movimento Hare Krishna. E, desse modo, o compartilhamento de valores e práticas sustentáveis dentro de sua casa, os diálogos construídos sobre a realidade cotidiana das causas ambientais atreladas à sua participação – desde a tenra idade – nos movimentos ambientalistas tornaram o mundo dos debates, reflexões e engajamento militante como um percurso, praticamente, natural:

Meu pai era do Movimento Hare Krishna. Então, ele seguia como base e ensinou tanto a mim quanto a meu irmão que era importante proteger os animais, proteger o meio ambiente, cuidar. Então, nós dois fomos criados nessa mesma forma, acabou que fomos crescendo e, quando eu escolhi área de meio ambiente, eu percebi que era o que eu queria, que aquilo que desde pequena eu sempre aprendi com ele, a estar cuidando de tudo. E assim, eu fui aproximando de várias outras pessoas que tinham o mesmo ideal que o meu e aí juntamos, fizemos essa parte de movimentação ligada ao meio ambiente, de cuidar, de propagar pra todo mundo que o ideal é estar mesmo cuidando de tudo e preservando o máximo que puder. Mas enfim, veio mesmo desde pequena com meu pai. Ele sempre reclamava comigo e meu irmão, ele dizia: “nada de jogar lixo no chão”, “lixo é no lixo”, “preserve o meio ambiente”. Desde sempre fomos criados assim, inclusive nem eu nem meu irmão comemos carne, por conta disso também, porque já foi uma criação dele, por ele dizer que era para proteger os animais.

A experiência familiar de Elen se diferencia das experiências dos jovens, cujos pais ou familiares manifestam pouco interesse pelas problemáticas ambientais, à medida que a incidência de socialização familiar sobre o percurso de engajamento dela se dá por meio da participação e engajamento ativo do seu pai nos movimentos ambientalistas. Por isso, pensando nos percursos de engajamento militante ambientalista de jovens provenientes de famílias não engajadas, é importante ressaltar que “mesmo o desengajamento dos pais não impede a transmissão de conteúdos, valores e posturas [...]” (BRENNER, 2014, p. 40), que poderão reverberar no engajamento juvenil posteriormente, como no caso de Uenderson.

No entanto, a que se considera que ter pais ou crescer num núcleo familiar de pessoas ambientalmente ativas e engajadas representam impactos positivos e incidem diretamente no percurso de jovens mais participativos, ativos, militantes e engajados.

Na realidade de Elen, além de haver um reforço no plano do discurso e da transmissão de valores no âmbito doméstico familiar acerca da preservação e cuidado com o meio ambiente, há também um estímulo maior no plano das ações, da participação em movimentos ambientalistas e, sobretudo, do exemplo do pai enquanto alguém que fala, orienta, ensina e ocupa um lugar dentro do engajamento ambientalista. Isso, por sua vez, tornou-se um referencial para que o percurso de engajamento militante ambientalista de Elen fosse construído. Logo, pode-se afirmar que ela estava inserida num ambiente familiar fértil às disposições do engajamento militante ambientalista.

“Eu sempre fui com o meu pai, quando eu era pequena”. A afirmação de Elen em relação aos seus primeiros contatos e aproximação com os movimentos ambientalistas sinaliza que, na maioria das vezes, o engajamento de pais se torna modelo para que seus filhos sejam ativamente engajados. Além disso, geralmente, os filhos de pais engajados tendem a se envolver com mais facilidade em questões da vida pública e são mais ativos do que aqueles inseridos em famílias que não estimulam ou cultivam o engajamento por alguma causa, seja ela de cunho social, política, cultural ou ambientalista.

Os relatos e experiências de Elen são indicativos que, no seio das disposições ao engajamento militante,

a família emerge como estruturante da gênese das representações sociais e do desenvolvimento sociocultural do indivíduo, principalmente nos primeiros anos de vida. Os pais, em geral, são as principais referências [...] As experiências de contato com a natureza são muitas vezes oferecidas pela família. As oportunidades acontecem dentro de casa, na sua vizinhança, nos passeios em parques e nas viagens ao interior e à praia. Visitar os parentes e aproveitar as férias e fins de semana estão entre as experiências de vida nutridas pela família que alargam a existência do indivíduo (GONÇALVES, 2010, p. 128-129).

Pelos relatos dos jovens entrevistados, é possível perceber que há uma tendência muito forte dos jovens repetirem e canalizarem suas disposições de engajamento para aqui que aprenderam no núcleo familiar, especialmente quando seus repertórios de vidas são constituídos por relações de convívio com pessoas engajadas. Por essa razão, pode-se afirmar que a presença de pais ou familiares engajados em questões e problemáticas ambientais fazem muita diferença nos



processos de engajamento militante ambientalista desta e das próximas gerações, através da socialização política, social e ambiental.

É preciso dizer que a socialização de famílias engajadas incide, também, de maneira mais forte nas escolhas e decisões dos jovens quanto ao seu futuro profissional, projetos de vida e relações sociais mais ou menos democráticas, éticas, humanas, justas e sustentáveis. No caso de Elen, ela afirma que o seu desejo e decisão por se tornar gestora ambiental e estudar Engenharia Ambiental e Sanitária estão muito relacionados ao papel significativo que seu pai e dinâmica familiar tiveram em sua formação política, social, ideológica e ambiental.

E assim, ao compartilhar valores, comportamentos, posturas, e integrá-la às suas experiências nos movimentos ambientalistas, a dinâmica familiar contribuiu para que Elen vinculasse seu processo de socialização familiar ao seu projeto de vida acadêmica e pessoal, de modo a deixar a sua marca na história do movimento ambientalista em sua conjuntura social, política, econômica, educacional e cultural:

Eu tenho sonhos de mudar o mundo de alguma forma, de ajudar pra contribuir. Algum jeito, alguma coisa eu tenho que fazer e que esteja na história. É assim que eu penso e é assim que eu sempre pensei desde pequena, que eu preciso mudar de algum jeito, eu preciso fazer história, eu preciso melhorar o mundo. E a forma que eu achei pra estar tentando, pelo menos, organizar meu sonho foi indo pra área ambiental. Eu pretendo sim, com fé em Deus, montar ações sustentáveis que ajudem a população de baixa renda, que deem moradia mais adequada, que deem uma qualidade de vida para as pessoas. Eu não acho que a Elen jovem e a Elen ambientalista sejam duas pessoas diferentes. Eu acho que elas pensam iguais e elas pensam sim em melhorar o mundo, em ajudar, em melhorar a qualidade de vida da população e fazer o que estiver em suas mãos pra poder mudar de qualquer forma.

Os desejos e sonhos de Elen em querer melhor o mundo e qualidade de vida das pessoas pela via do engajamento militante ambientalista articulada com a sua formação profissional e acadêmica, encontraram também no campo da socialização política um caminho estratégico para que pudesse, além de fortalecer seu engajamento, trabalhar com outros jovens segundo as perspectivas de construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável. Nesse sentido, a convite de um amigo de seu pai, Elen aos 17 anos de idade, começou a participar das reuniões do Partido Verde. Interessou-se pelas discussões sobre juventude, política e meio ambiente e, a partir daí, vinculou-se ao Partido Verde, debruçando-se sobre a temática juventude e meio ambiente.

Pelo seu envolvimento, inclusive com trabalhos sociais, ações de conscientização em educação ambiental e desenvolvimento de projetos em alguns bairros de Salvador-BA, que buscam articular seu engajamento ambientalista-partidário às suas atividades de formação acadêmica, atualmente, Elen é Coordenadora de Meio Ambiente da Juventude do Partido Verde Estadual. Para ela, a sua identificação e permanência no Partido Verde, deve-se ao fato de que

o Partido Verde não pensa somente em prol do meio ambiente, mas sim em como melhorar o mundo, no modo geral. Tipo, ele pensa em diversidade, ele pensa em juventude, ele tenta trazer todos os tipos de gênero, movimentos, tenta juntar todo mundo pra ver se consegue fazer algo melhor. E foi o que mais achei bacana! O Partido Verde tem os mesmos ideais que os meus, são os mesmos pensamentos e as mesmas ideias de construir um mundo melhor ou pelo menos tentar [sic].

A identificação de Elen pelos ideais do Partido Verde pode ser entendida como reflexo da transmissão de valores políticos passados pelo seu pai. A socialização familiar não apenas viabilizou a sua familiarização com os movimentos e problemáticas ambientais, como também proporcionou a ampliação do leque de informações e conhecimentos sobre as questões ambientais a partir da mobilização política. Ainda que este não tivesse nenhuma ligação ou inclinação político-partidária, o processo de socialização familiar acionou as disposições de Elen para o engajamento ambientalista dentro da política partidária, haja vista que ela afirma que nos primeiros contatos com o Partido percebeu que havia muitas similaridades entre sua forma de pensar e os ideais do Partido no que tange às relações entre juventude e meio ambiente.

O percurso de engajamento militante ambientalista de Elen é caracterizado por diferentes fatores e instituições socializadoras, que serviram de disposições e reforço ao seu engajamento, mas é fato que pelos seus depoimentos a socialização oriunda de uma família engajada com as problemáticas ambientais se constitui o carro-chefe do seu engajamento e trânsito nas áreas de sua vida, como os cursos de formação acadêmica superior, o desenvolvimento de trabalhos sociais e ambientais – especialmente na Ribeira (bairro de Salvador-BA) e o seu engajamento partidário como reflexo dos debates e discussões que já mantinha com seu pai acerca da natureza das questões e causas ambientais.

A consciência política e ambiental do pai de Elen foi essencial para que ela se tornasse uma militante engajada nas problemáticas ambientais e desenvolvesse uma visão mais crítica, reflexiva, ampla e holística acerca da multiplicidade de relações que fazem e perfazem os diálogos entre ser humano e natureza. É na base dessa consciência possibilitada pelos processos de socialização familiar – em primeira instância – depois pela participação em movimentos ambientalistas e pelos processos acadêmicos e políticos que Elen construiu a ideia de meio ambiente enquanto lugar de identidade, conflitos, lutas e disputas por uma perspectiva de qualidade de vida que está além da noção superficial de que meio ambiente se refere apenas a plantas e animais, ou ainda que a reflexão e discussão sobre as questões ambientais dizem respeito apenas aos consagrados ambientalistas.

Portanto, o contexto familiar engajado nos movimentos ambientalistas se apresenta como as raízes de apredizado de Elen para suas disposições ao engajamento militante ambientalista, tendo também um papel decisivo para seus desdobramentos na vida acadêmica e política e desenvolvimento da consciência da possibilidade de ler, compreender e interpretar as questões e fatos cotidianos ambientais como o universo da política e da Engenharia Ambiental e Sanitária.

### ***Jovens com experiências escolares/acadêmicas que socializaram ou não para as problemáticas ambientais***

Assim como Uenderson, uma boa parte dos jovens entrevistados teve suas disposições instigadas ao engajamento militante ambientalista por meio da socialização escolar. Os relatos dos jovens, cujas experiências escolares estão associadas aos seus envolvimento com as problemáticas ambientais, apontam atividades escolares, professores de determinadas disciplinas e maior identificação com alguns componentes curriculares como fortes influências de motivação ao engajamento ambientalista.

Rafael, por exemplo, afirma que, embora sua família não fosse engajada ou demonstrasse interesse pelas discussões acerca das problemáticas ambientais, segundo ele, teve o privilégio de ter tido excelentes professores de Ciências e estudar em escolas que valorizavam as relações entre o ser humano e o meio ambiente. Esse processo de socialização escolar pertinentes à temática meio ambiente influenciou também no seu desejo de, futuramente, cursar Biologia.

Desde criança, eu sempre me achei uma pessoa muito ativa. Sempre quando eu tinha tempo, estava em contato com a natureza, ia pra serra, saía com os amigos e tal. Mas, foi quando eu comecei realmente a estudar, a gostar principalmente de Ciências, que a gente falava de animais, plantas e eu tinha uma curiosidade incrível sobre isso; porque também a gente via sobre a questão do aquecimento global. Aí, já entrei mais na 4ª série, 5ª série e, disso em diante, teve um projeto na escola que era pra plantar árvores no colégio e cada turma ficava responsável na semana por cuidar dessas árvores. Então, isso foi um estopim pra gostar mais da questão do meio ambiente, da natureza e, quando cheguei ao Ensino Médio, eu tive a oportunidade de participar de uma palestra da ONG Nordeste. E eu fiquei muito encantado com isso, porque eu via um trabalho muito magnífico em relação ao meio ambiente, à preservação da fauna, da flora e com isso algo foi florescendo dentro de mim e eu fui me apaixonando, realmente, pela causa. Então, pela minha dedicação na área (sempre era destaque nos trabalhos nas escolas), eu fui chamado para participar da Conferência de Meio Ambiente que teve aqui na minha cidade. Aí, depois disso, deslanchou. Foi onde eu entrei de cabeça, realmente, nas questões ambientais e daí por diante só foram lutas e glórias. E depois eu comecei a juntar a galera, os amigos... e a gente começou a pensar em como desenvolver o assunto meio ambiente e incluir mais jovens nessa temática, pra que a gente pudesse desenvolver projetos que melhorassem a qualidade do meio ambiente da cidade e, conseqüentemente, da vida das pessoas. Então, nessa temática de elaborar projetos pra melhorar a qualidade do meio ambiente foi quando eu comecei a pesquisar mais sobre o movimento ambientalista, principalmente o ativismo e eu cheguei até a ONG Greenpeace.

O depoimento de Rafael serve como alerta para o quanto as atividades, a exemplo de palestras, aulas e projetos que abordam a temática meio ambiente podem surtir efeitos positivos na construção de disposições juvenis para o engajamento ambientalista. Neste mesmo ponto, Jéfferson relata que suas motivações seminais ao engajamento ambientalista e, conseqüentemente, sua inserção nos movimentos estão muito fortemente relacionadas às suas experiências escolares.

Lembrando da minha vida na infância, o que mais me remete a movimento ambientalista é que, quando eu estudava em São Paulo, tinham alguns soldados do exército que faziam palestras, visitas na escola em que eu estudava, eu tinha acho que uns cinco anos. E tipo, nos fascinava aquilo de estar na selva, de cuidar, de proteger. Ainda me lembro de uma atividade, meio que uma dinâmica sobre a Amazônia e tal. E isso foi um marco gigantesco, que alavancou esse sentido de querer entrar no movimento ambientalista.

Nota-se pelos relatos de Rafael e Jéfferson que as escolas, por vezes e dada à falta de maior incidência das famílias, assumem a função de instituições socializadoras de maior peso e relevância na vida dos jovens, inclusive nas suas escolhas e preferências quanto aos seus projetos de vida. Desse modo, é possível perceber que, geralmente, em virtude da ausência da socialização familiar, a escola figura como o eixo fundamental de socialização e construção de dispositivos e instrumentos capazes de oferecer as bases necessárias para o engajamento ambientalista juvenil.

Nesse sentido, é importante destacar que, apesar da construção de disposições ao engajamento ambientalista de Davi não ter sido via socialização escolar, haja vista que o engajamento dele foi motivado através da família e, principalmente, a partir da sua entrada no Greenpeace; Davi salienta que o fato de tornar-se coordenador do GT Escola dentro do Greenpeace<sup>3</sup> é decorrente, também, do desejo de amenizar as lacunas deixadas pela escola no período em que, enquanto estudante secundarista, não teve a oportunidade e o privilégio de ter sido educado ambientalmente por meio dos processos formais de educação.

Para Davi, ninguém nasce engajado ou sabendo sobre as questões e problemáticas ambientais, as pessoas aprendem a ser engajados, a gostar mais ou menos de meio ambiente. E, por isso, ele acredita que o trabalho de palestras ministradas nas escolas pelo Greenpeace se constitui como um forte instrumento de socialização ambiental juvenil, desde que esteja também articulado a um trabalho consistente, objetivo, sistemático, atencioso e dinâmico desenvolvido pelas escolas, que desperte o desejo e o gosto dos estudantes pelas questões ambientais. Ou seja, o trabalho não deve se limitar na palestra pela palestra.

A gente leva só uma palestra. Uma palestra é importante? É. Só que cabe, também, aos professores e às instituições estarem reforçando esse comportamento dos alunos no dia a dia. Eu estudava no Thales de Azevedo, na minha época, não tinha nada disso, não tinha ensinamento, não tinha aula, nada do tipo. No meu colégio, eu nunca tive nenhum incentivo para as questões ambientais [...] Eu acho que a questão de conscientizar e ensinar são as coisas mais importantes para as crianças, para o futuro de forma geral. A forma mais forte de levar essas discussões para as crianças e para a juventude é através da educação. Eu acredito que eu aprendi com a educação, que eu

---

<sup>3</sup> As ações do Greenpeace se apoiam nos seguintes Grupos de Trabalhos: Escola, Logística e Comunicação.

mudei com a educação, com as pessoas me ensinando. Eu acredito bastante nisso!

As histórias de Rafael, Jéfferson e Davi, além de trazerem à tona o fato de como a socialização escolar exerce grande influência para o engajamento militante ambientalista – especialmente nos casos em que esta se torna o primeiro veículo socializador, remetem também às discussões de Dayrell (2007), mais especificamente ao texto *“A escola ‘faz’ as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”*, quando o autor discute e problematiza as relações que a escola ocupa nos processos de socialização juvenil na contemporaneidade.

Dayrell (2007) oferece pistas para se pensar acerca dos processos de socialização – via educação escolar – articulados às disposições juvenis no que tange aos engajamentos em suas mais variadas modalidades, considerando as relações de espaços e tempos juvenis das gerações contemporâneas. Segundo o autor, por vezes, a escola tem sido o palco de tensões e conflitos entre os seus processos de socialização e a juventude, devido aos novos dilemas, desafios, possibilidades e limites apresentados na contemporaneidade:

Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe (DAYRELL, 2007, p. 1106).

Aspectos da fala do autor podem ser percebidos no relato de Melinda ao expressar seu descontentamento com o processo de socialização escolar referente aos subsídios dados pela escola para a construção do seu engajamento militante ambientalista. Pela sua experiência, Melinda afirma que, além da influência exercida pela socialização familiar, o aprimoramento de suas disposições ao engajamento está muito relacionado à sua participação nos grupos ambientalistas, como o Engajamundo e o Greenpeace, e pouco relacionada às suas experiências escolares e acadêmicas.

E, dessa forma, ela faz uma crítica ao processo de socialização escolar no que diz respeito às lacunas deixadas na formação de jovens mais críticos, reflexivos e próximos do conhecimento sobre as problemáticas ambientais. Segundo Melinda, os espaços de educação não-formais – a exemplo dos grupos, coletivos,

organizações e movimentos ambientalistas – têm exercido um papel muito mais consistente com a formação de jovens ambientalistas no sentido de apresentar uma realidade de meio ambiente fora do estereótipo do lugar belo, natural e romântico que, na maioria das vezes, é apresentado aos jovens pelas escolas.

Desse modo, ela afirma:

A escola deixou muito a lacuna desses processos, eu não tenho recordação de ter trabalhado questões relacionadas ao meio ambiente como a gente trabalha hoje com o Engajamundo e o Greenpeace [...] Na verdade, a escola, o ensino não está preocupado em formar cidadãos. Eles estão preocupados em formar máquinas mecanizadas pra passar no vestibular, pra entrar na academia, fazer o que a academia manda e ponto. Eles não estão preocupados em “vamos formar pessoas”. Eles tão preocupados em “vamos formar um monte de robosinhos” pra continuar reproduzindo esse sistema que está aí. Então, não é interesse conscientizar.

O ponto de vista de Melinda que, a priori, muito se diferencia das experiências de Rafael e Jéfferson quanto ao universo de socialização escolar, não deslegitima a função social e política da socialização escolar; mas se apresenta como indicativo das múltiplas possibilidades que a escola pode exercer para a disposição ao engajamento militante ambientalista. Isto é, Melinda não nega nem invalida a importância da escola enquanto instituição socializadora juvenil, até porque é nas escolas que ela atua com formações juvenis sobre as relações entre mudanças climáticas, gênero e desenvolvimento sustentável. Ao contrário, mesmo em face ao seu desabafo e denúncia de como compreende as relações entre juventude, meio ambiente e escola, Melinda reconhece que a escola é um importante potencial para despertar e fortalecer os espíritos e consciências ambientalistas juvenis.

Pela sua experiência familiar, escolar e dentro dos movimentos ambientalistas, não é função da escola formar jovens ambientalistas para se engajar em movimentos, visto que é normal que os jovens se engajem por esta ou aquela causa, que não é necessariamente ambiental. No entanto, há a necessidade de a escola repensar os processos de formação juvenil referentes à construção da socialização ambientalista, de modo que os jovens aprendam que meio ambiente envolve questões sociais, políticas, econômicas, culturais, ideológicas, de gênero e biodiversidade. Ou seja, que avancem nas concepções de que meio ambiente não se reduz a animais e plantas, bem como desenvolvam a consciência de que ser

ambientalista não é tarefa única e exclusiva de membros e integrantes de grupos, organizações, coletivos e movimentos ambientalistas.

Ser um ambientalista é você trabalhar com temas relacionados ao meio ambiente. Mesmo que você não se considere um ambientalista, mas só uma pequena ação que você faz já te torna. Então, numa atividade da escola, só em você ter consciência de que determinadas atitudes podem prejudicar ao meio ambiente, isso já te torna um ambientalista. Eu acho que vem mais da consciência, não de você estar fazendo ações na prática, mas você inibir ações que prejudicam já te torna um ambientalista. Então, não quer dizer que porque eu não colete assinaturas para o desmatamento, porque eu não planto árvores ou não faço campanhas, não quer dizer que eu não seja uma ambientalista. Só em fazer a separação do meu lixo, não jogar o meu papel na rua, ter consciência de que devo preservar já me torna um ambientalista (Melinda).

As diferentes maneiras como os jovens se relacionam e interpretam seus processos de socialização como prelúdio ao engajamento ambientalista por ser entendido em Dayrell (2007) como uma questão que diz respeito à necessidade de compreender as juventudes da época atual pela ótica do conjunto de incidências que as diferentes agências de socialização têm *sobre* e *com* elas, buscando entender a condição juvenil em suas culturas, necessidades e demandas.

Além disso, como afirma Dubar (2005), os jovens – enquanto atores sociais e políticos – não são em sua totalidade socializados por todos os tipos de orientações das instituições. Isso significa que as disposições dos jovens ao engajamento militante ambientalista estão expostas e são, paralelamente, reflexos dos seus universos sociais, políticos, culturais e econômicos, o que faz com que alguns jovens tenham e percebam nos seus percursos de engajamento mais influência de uma instituição do que de outra e, por isso, às vezes a falta de maior relevância atribuída a determinada instância socializadora faz com que o jovem a negue, uma vez que não percebe nela contribuições significativas para a construção do seu engajamento.

Desse modo, é importante também considerar que o engajamento pode ser resultado de múltiplos processos de socialização, inclusive os de negação, como pode ser percebido nos casos de Davi e Melinda que, devido à ausência que sentiam da socialização escolar no tocante às discussões sobre as problemáticas ambientais, decidiram – após adentrarem nos movimentos ambientalistas – canalizar seus engajamentos, também, para ações desenvolvidas em escolas com jovens como um meio de fazer com que as gerações atuais e futuras tenham acesso e



oportunidade a discussões que os mesmos não tiveram em sua época de secundaristas; o que pode ser compreendido também como um instrumento de disposição e estímulo ao engajamento militante ambientalista.

Portanto, pelos relatos dos jovens, cujos processos de aproximação com o engajamento militante ambientalista se deram por maior intermédio da socialização oriunda de experiências e vivências escolares, percebe-se que a escola enquanto instituição socializadora juvenil não se reduz aos seus tempos e espaços. Há nos depoimentos dos jovens uma atribuição de maior complexidade e amplitude aos tempos e espaços escolares como elementos significativos para a descoberta e construção de engajamentos juvenis em suas mais variadas modalidades, dentre elas a militância ambientalista.

Uenderson relata que, pelas suas experiências de trabalhos de educação e conscientização ambientais desenvolvidos pelo GT Escola do Greenpeace, ele percebe que quanto mais elitizada é a escola maior é o processo de socialização juvenil acerca das problemáticas ambientais. Segundo ele, os alunos de escolas privadas têm maior oportunidade de acesso a informações e conhecimentos ambientalistas do que alunos de escolas públicas:

Aqui, volta e meia, os colégios nos chamam para fazer palestra, que a gente tem um grupo de ir para as escolas, seja escola particular ou pública não importa. Aí, vamos fazer uma apresentação, falar sobre as campanhas, apresentar algo para as crianças de 6 a 10 anos, de 15 anos, de Ensino Médio e a gente percebe que nas escolas particulares, principalmente, os meninos de 7 e 8 anos com conversas sérias sobre assuntos ambientais. Claro que não é nada papo cabeça, mas eles têm um assunto, uma conversa com base, ou seja, a escola está passando isso para eles. Já nas escolas públicas não é assim e eu vim de escola pública, estudei uma parte na particular, mas a maioria foi na escola pública. Então, eu fico triste.

Apesar de considerar a influência que sua professora de Geografia exerceu na sua disposição ao engajamento ambientalista, Uenderson reconhece que o processo de socialização escolar – especialmente das instituições públicas – deixa a desejar no tocante às discussões, compreensão e interpretação sobre as problemáticas ambientais, bem como na construção da consciência ambiental; muito embora, curiosamente, sejam os jovens provenientes de escolas públicas que tendem a participar de forma mais ativa dos grupos, coletivos, movimentos e organizações ambientalistas.

Dessa maneira, os relatos de jovens com experiências escolares que socializaram ou não para o engajamento militante ambientalista, muito mais do que denunciar as fragilidades escolares nos seus múltiplos processos de socialização juvenil, deixam claro que,

quer se trate de seu grupo de origem, no seio do qual transcorreu sua primeira infância, quer se trate do outro grupo, no qual quer se integrar e ao qual se refere subjetivamente, o indivíduo se socializa, interiorizando valores, normas e disposições que fazem dele um ser socialmente identificável (DUBAR, 2005, p. 97).

De acordo com o autor, e como pode ser visto nos relatos dos jovens, os repertórios de socialização trazem em seu bojo o poder de incorporação de modos de ser de uma instituição ou de grupo, que vêm carregados de visões de mundo, relações entre o passado, presente e futuro, bem como suas crenças e formas de escolher, decidir e se posicionar no mundo. Essas características, por sua vez, são essenciais para se pensar como os jovens se constituem engajados por estas ou aquelas, a depender da maior incidência de determinadas instâncias ou grupos nos seus percursos de vida, conforme pode ser observado no relato de Vanessa Cinthia:

Na ONG em que eu sou voluntária, eu fiz cinco anos agora em outubro. O que motivou a entrar nessa ONG foi o período em que eu estava no início da minha faculdade, eu deveria ter uns 19 anos, eu fui convidada para participar de uma limpeza de praia e para sensibilizar os banhistas quanto à questão do lixo nas praias, só que eu fui mais por causa de ponto, porque precisava para uma disciplina e aí eu fui.

Só que chegando lá, eu vi todo o engajamento do pessoal, que estava divertido e não foi uma coisa de catar lixo na rua, na praia. Era coisa de sentar com banhista e falar das coisas ambientais. Não era a função de ser gari, entendeu? Era mais de educação ambiental mesmo. E, nessa ocasião, quem estava acompanhando foi o pessoal do Greenpeace e aí eu gostei do trabalho deles e de tudo o que estava acontecendo, foi quando me candidatei a ser voluntária da ONG. Eu me cadastrei em 2009 pelo site deles e só fui para a seleção em 2011.

A partir de cada campanha do grupo, eu ia pesquisando, eu ia aprendendo e nas atividades do Greenpeace se você vai tendo contato com o público, você vai tendo várias visões, você sai da sua caixinha e vê que têm pessoas que têm pensamentos diferentes dos seus. Você tem a teoria e eles têm a prática, que não é tudo tão belo como você vê nos livros. E eu acho que foi isso que me motivou a engajar e ficar no grupo por tanto tempo.

A história de socialização e engajamento de Vanessa Cinthia apresenta um alerta de que não são as escolas, faculdades e universidades, necessariamente, que

formam ou geram jovens engajados e militantes ambientalistas. Pelo seu processo de socialização acadêmica – à época em que estudava Engenharia Ambiental – ela relata que as atividades acadêmicas trouxeram à tona suas disposições ao engajamento ambientalista ao aproximá-la do Greenpeace, embora não fosse objetivo do curso desenvolver ou despertar essa disposição e, além disso, a forma como seus colegas lidavam com o meio ambiente se dava de maneira desigual.

Os depoimentos de Vanessa Cinthia levam a perceber que o fato de ter acesso a discussões, conhecimentos e reflexões sobre meio ambiente não torna ou desperta, necessariamente, o espírito de engajamento militante, especialmente pelo ideário de mundo capitalista que circunda os projetos de vida de muitos jovens:

Minhas colegas me achavam besta, burra [sic], louca por estar trabalhando voluntária enquanto poderia estar procurando mais estágios pra ganhar dinheiro e me especializar na minha área. A visão que eu tinha dos meus colegas é que eles não sabiam como era estar nesse grupo, que gera até um ciclo de amizades. Você conhece outras pessoas, tem outra visão de tudo que está acontecendo no nosso meio.

No decorrer do tempo em que eu estou no Greenpeace, eu aprendi que o que eu aprendi na faculdade não era tão bonito quando você estava na rua. Tinha bastante campanha no Greenpeace que eu aprendi muito mais lendo e pesquisando dentro das campanhas do que em sala de aula, porque no início da faculdade tinham poucas disciplinas na área ambiental, tinham mais focadas na engenharia.

A partir dos relatos de Vanessa Cinthia, mensura-se que o despertar dos jovens para o engajamento militante ambientalista, dificilmente, se inicia no interior dos próprios grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas. A grande maioria dos jovens engajados despertou para a militância em outros espaços de socialização ou através de ações desenvolvidas por esses espaços, como no caso de Vanessa Cinthia em que a atividade acadêmica funcionou como uma ponte para que as suas disposições ao engajamento fossem afloradas.

A forma como se deu o engajamento militante tanto de Vanessa Cinthia quanto dos demais jovens entrevistados chama a atenção que o engajamento juvenil ambientalista pode ser fruto do entrelaçamento de processos de socialização, aprendizagens e ações práticas que, como afirma Gonçalves (2010), constituem o percurso de identidade ecológica dos jovens e grupos ambientalistas.

Numa visão geral, as narrativas dos jovens entrevistados colocam em evidência que as memórias das suas infâncias, assim como os compartilhamentos e

vivências familiares se constituíram como maiores portas de acesso ao engajamento militante ambientalista, se comparado às outras agências e instituições socializadoras, como a escola, os grupos de amigos, a faculdade e coletivos ambientalistas.

Nesse sentido, é possível perceber que os percursos e trajetórias de jovens no engajamento militante ambientalista não se dão de forma linear e uniforme, ou seja, há uma diversidade de influências e motivos que fundamentam as experiências de vida dos jovens no engajamento militante ambientalista e, conforme os relatos dos jovens entrevistados, suas disposições agregam experiências que vão desde o contato com a natureza (especialmente, na infância), passando pelas relações com a escola, a família e o mundo da profissionalização, até a participação em grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas.

Por isso, o melhor caminho à compreensão acerca dos processos de socialização que levam e motivam os jovens a se engajarem em movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas deve ser feita pelo prisma das experiências socializadoras que os jovens tiveram e têm acesso durante sua vida, pois, através dos relatos dos jovens entrevistados, entende-se que suas experiências correlacionadas às agências socializadoras atuam, diretamente, na constituição de seus repertórios de vida e percursos no engajamento militante; sendo que, ao mesmo tempo em que constroem suas identidades juvenis, elaboram também estratégias de atuação *para* e *com* o mundo, em seus matizes sociais, políticas, econômicas, culturais, ideológicas e ambientais.

Carvalho (2001), na obra *“A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil”*, a partir da análise de narrativas de educadores brasileiros no tocante às interfaces entre suas trajetórias de vida e a educação ambiental, oferece pistas para refletir sobre os processos de formação dos sujeitos ecológicos e a imbricação dessa formação com as múltiplas relações que os indivíduos mantêm no cotidiano. Desse modo, a autora pontua que há certa conexão entre o dinamismo da vida social, política e cultural como o desenvolvimento de instrumentos e mecanismos para as questões que perpassam a educação ambiental.

Assim, considerando a citada obra de Carvalho (2001), bem como as discussões trazidas por Touraine (2009), as narrativas dos jovens – que constituem

o corpo dessa pesquisa – deixam claro que o engajamento militante juvenil nos movimentos ambientalistas está carregado de significados e sentidos de socialização política, social, cultural e que, portanto, distancia-se de qualquer tipo de percepção preconceituosa acerca da condição juvenil dentro dos movimentos ambientalistas.

Estes sentidos e significados que estruturam o engajamento militante, por sua vez, dão aos movimentos ambientalistas a legitimidade de movimentos sociais, políticos e culturais que refletem também os aspectos subjetivos presentes nos percursos das experiências e histórias de vida dos jovens ambientalistas.

Por assim afirmar, devo abrir um parêntese para destacar que o contato com os jovens engajados na militância ambientalista, assim como as leituras tecidas sobre juventude e os processos socialização incidentes nos percursos de engajamento militante juvenil ambientalista possibilitaram perceber que os lemas das bandeiras levantadas pelos jovens estão muito além da ideia romântica, superficial e fragmentada das relações entre o ser humano e o meio ambiente. Os jovens ambientalistas entendem-se como sujeitos que constroem e lutam por movimentos cujas bandeiras emergem e inserem-se no campo das lutas, conflitos e disputas de ordem social, antropológica, política, filosófica, cultural, pedagógica, econômica e ecológica.

Desse modo, para além dos discursos de meio ambiente enquanto conjunto de plantas e animais, nas narrativas dos jovens o engajamento militante se configura como um processo de subjetivação caracterizado, segundo Carvalho (2001, 2004), por interações simbólicas que se refletem na própria maneira como os jovens se posicionam e enfrentam as problemáticas ambientais enquanto causas sociais e políticas.

Entre os jovens do passado e os jovens ambientalistas do tempo presente, Jacobi (2007, p. 56-57) sinaliza que o engajamento militante ambientalista na atualidade traz a emergência de novos desafios e posturas diante da complexidade das relações entre ser humano e natureza e, portanto, requer novos atores e sujeitos sociais:

Vive-se, no início do século XXI, uma emergência que, mais que ecológica, é uma crise do estilo de pensamento, dos imaginários sociais, dos pressupostos epistemológicos e do conhecimento que sustentaram a modernidade. Uma crise do ser no mundo, que se

manifesta em toda sua plenitude; nos espaços internos do sujeito, nas condutas sociais autodestrutivas; e nos espaços externos, na degradação da natureza e da qualidade de vida das pessoas.

A fala do autor articulada com as narrativas dos jovens ambientalistas entrevistados aponta para a superação, por meio do engajamento militante, do hiato entre reconhecer a crise ambiental na contemporaneidade e a criação de estratégias que tanto possibilitem a construção de uma sociedade sustentável como sirvam de alerta para as pessoas compreenderem a situação ambiental no mundo.

As narrativas dos jovens, como expressão de suas mais variadas formas de disposições ao engajamento militante à luz das agências ou instâncias socializadoras que incidirem com maior intensidade, apresentam-se e reforçam os indicativos de que

o percurso do jovem ambientalista não se dá em um mundo à parte, mas suas experiências com este mundo têm características peculiares. Acredita-se que a análise dessas peculiaridades é uma chave para a discussão das oportunidades que podem ser estimuladas por ações de educação ambiental, de modo a contribuir com o avanço qualitativo e quantitativo do engajamento ambiental juvenil (GONÇALVES, 2010, p. 66).

Pelas palavras de Gonçalves (2010) é preciso que as sociedades – digamos suas instituições e órgãos (não) governamentais – concebam as narrativas e os percursos dos jovens ambientalistas com um teor mais significativo, descortinando inclusive as inverdades e falsos discursos preconceituosos, descabidos, retrógrados que, por vezes, têm sido os substratos de apoio à ideia de que os jovens ambientalistas são despolitizados e que não têm referências que balizam seus percursos no engajamento militante ambientalista.

Nesse sentido, percebe-se que há a necessidade de maior aprofundamento e valorização dos percursos que narram as identidades desses jovens dentro e fora dos movimentos ambientalistas. A exemplo dos jovens entrevistados nessa pesquisa, é muito presente nos seus relatos como a juventude ambientalista veem em suas formas de socialização caminhos propícios à transformação da cultura ambiental, que não se dá distante da aproximação, leitura, interpretação e mobilização dos processos sociais, políticos e econômicos.

Isso significa ratificar, como já fora mencionado em capítulos anteriores, que mesmo em face ao crescimento nas últimas décadas sobre as discussões

envolvendo a temática juventude, ainda se faz necessário romper com a obscuridade que coloca as narrativas da juventude ambientalista no campo do esquecimento social, da invisibilidade literária e da omissão acadêmica. As pesquisas sobre juventude, de acordo com Abramo (2014), vêm crescendo e, ao mesmo tempo, esse crescimento mostra que a juventude ambientalista tem ficado à margem dentro desse processo. As pesquisas se debruçam nos estudos sobre juventude abordando temáticas sobre sexualidade, profissionalização, mercado de trabalho, violência urbana, grupos de sociabilidades, educação, dentre outros. E a juventude ambientalista? É como se ela estivesse à parte ou ocupasse o não-lugar social, político e cultural.

É mais que urgente que as histórias dos percursos e representações sociais desses jovens tornem-se alvo de narração nas agendas públicas brasileiras tanto em seus cenários locais como globais. Urge, também, despertar para o fato de que as experiências de engajamento desses jovens, conforme aparecem em seus relatos, são emergentes de relações construídas *em* e *por* espaços e tempos sociais diferenciados, como escola, trabalho, universidade, lazer, família e militância.

Diante desse cenário, de modo geral, vivemos numa realidade em que o esforço de discussões e reflexões em torno da juventude, ainda,

consiste, basicamente, em superar a percepção da juventude como um problema para compreender e apoiar os jovens como sujeitos de direitos, ou seja, identificar certamente, os problemas que afetam os jovens, mas também o que eles trazem de potencialidade para a produção de propostas [...] valorizar o que há de questionador e propositivo nos jovens, compreendendo a relevância que sua atuação tem para a sociedade (ABRAMO, 2007, p. 13).

Quase uma década depois, a fala de Abramo (2007) no que tange ao universo da juventude ambientalista parece-me tão próxima e atual, porque essa pesquisa fala de um lugar que percebe – seja pelas narrativas juvenis, seja pelo aporte teórico – a necessidade de compreender a categoria juventude, seus encontros e os problemas que mapeiam seus percursos, trajetórias e repertórios de experiências das suas condições juvenis. Por outro lado, mesmo às vezes sendo vista como insana, despreparada, indefinida e imatura, a juventude se coloca como porta-voz de uma geração e categoria com potencialidade para se articular diante das problemáticas sociais, questionar suas causas e efeitos, bem como reivindicar soluções e propor mudanças.

Portanto, é na arena desses espaços sociais e políticos – no diálogo permanente, contínuo, dinâmico e conflituoso entre passado, presente e futuro – que a juventude engajada na militância ambientalista amplia, também, suas possibilidades de sujeitos sociais e políticos; aceitam e refutam determinados tipos de posturas e ideologias; criam, fazem e constroem seus percursos de jovens que se engajam e militam por causas que acreditam e consideram legítimas e necessárias para a construção de um mundo melhor, diga-se de passagem, mais sustentável.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas dos jovens – sujeitos dessa pesquisa – explicitam e reforçam as relações entre suas vivências, experiências e processos de socialização com seus percursos e repertórios de identificação e pré-disposições ao engajamento militante em grupos, coletivos, movimentos ou organizações ambientalistas. Esse cruzamento das linhas de suas trajetórias de vida particular com as linhas da vida pública oxigena os processos de formação dos sujeitos sociais, políticos e ecológicos juvenis (BRENNER, 2014). Interessante foi perceber que muito dos processos de socialização que levaram os jovens ao engajamento na militância ambiental passaram a serem melhores percebidos pelos jovens a partir do momento em que imergiram no roteiro da entrevista, bem como eles trouxeram suas percepções quanto às representatividades do que é ser jovem na atualidade, sobretudo, jovem ambientalista.

Por meio das entrevistas, os jovens visitaram suas histórias e, articulando passado, presente e futuro, utilizaram a memória e a linguagem como ferramentas à elaboração de suas narrativas orais, através das quais filtraram o que queriam e o que não queriam relatar ao pesquisador/entrevistador e, desse modo, construíram suas versões narrativas sobre seus processos pessoais de socialização que serviram de base às suas disposições ao engajamento na militância ambientalista, conforme pode ser percebido na apresentação dos conjuntos de situações, experiências e motivações que dão singularidade ao percurso militante de cada jovem, de acordo com os processos de socialização que incidiram e marcaram suas vidas com maior intensidade.

Dada à natureza plural, histórica, social e singular da ideia de juventudes – porque cada jovem é produto e sujeito de determinados contextos históricos, sociais e políticos (CASTRO, 2011) –, o passado e presente nas narrativas dos jovens entrevistados assumem a condição de uma espécie de “espelho retrovisor”, onde professores, pais, amigos, paisagens, determinados lugares, certas emoções, certos referenciais, lembranças da infância e realidades sociopolíticas aparecem em suas narrativas como constituintes do mosaico de possibilidades e tendências de suas inclinações ao engajamento e militância nas questões ambientais. Portanto, chegar aos processos de socialização que subsidiam as disposições juvenis ao engajamento na militância ambiental é estar atento ao conjunto de fatores e

contextos que compõem a esteira onde tais disposições são fomentadas, bem como às representações que os jovens ambientalistas constroem de si e os significados que atribuem à sua modalidade e percurso de engajamento, que não se dá no vazio histórico, cultural, social e político.

Assim, segundo as semelhanças e diferenças que aparecem nas narrativas dos jovens quanto aos seus processos de socialização como disposição ao engajamento militante juvenil a formação de grupos por especificidades de aproximação com as questões ambientais; como os jovens oriundos de famílias com alguma preocupação com o meio ambiente; o jovem oriundo de família sem interesses com as problemáticas ambientais; os jovens de famílias engajadas e jovens com experiências escolares/acadêmicas que socializaram ou não para as problemáticas ambientais, representam tanto as relações dos jovens com os contextos em que estão inseridos – especialmente as famílias e as escolas como agências socializadoras que exercem grande poder nos referenciais de posturas e comportamentos adotados pelos jovens, por serem elas as primeiras agências de maior prevalência no ritual de socialização de gerações – quanto o reflexo das relações internas e individuais construídas pelos jovens a partir da socialização exercida sobre eles, onde podem imprimir seus próprios desejos, ideias, visões e emoções.

Desse modo, aproximar-se e compreender as vias de socialização que potencializam a entrada dos jovens no engajamento militante ambientalista significou traçar um percurso de pesquisa capaz de levar aos cenários de socialização que dão abrigo ao engajamento juvenil na militância ambientalista. Por esse caminho, percebe-se que os cenários de onde os sujeitos da pesquisa falam estão situados no campo familiar, escolar, acadêmico, profissional, político, econômico, social, ético e cultural.

Importante sinalizar que os processos de socialização não são mecanismos de encaminhamento passivo dos jovens a determinadas disposições de engajamento, como se os jovens estivessem destinados a atuar nesta ou naquela militância. Os relatos dos jovens apontam que o engajamento militante em questões ambientais não está situado no plano do “destino traçado”, o que ocorre é que, a depender do tipo de socialização de maior incidência, ter-se-á a formação de sujeitos mais ou menos ecológicos, mais ou menos imbricados com as

problemáticas e lutas ambientais. Isso reforça que ninguém nasce engajado, ninguém nasce militante. Os indivíduos são sujeitos potenciais a atuarem em determinadas esferas de engajamento e militância, conforme os efeitos produzidos pelos mecanismos socialização que os mobilizam.

As narrativas levam também a perceber que, por vezes, os percursos juvenis de engajamento na militância ambientalista estão associados a questionamentos e formas “reversas” de compreender a relação ser humano e meio ambiente, diferentemente, do modo como foram socializados. Ou seja, não existe um determinismo de que filhos de pais engajados na militância ambiental serão, necessariamente, engajados ou vice-versa. No entanto, de uma forma ou de outra, seja pela afirmação ou negação dos processos de aprendizagens, posturas e comportamentos tidos como esperados para os jovens construírem suas trajetórias, os processos de socialização – em especial política – atuam como fortes dispositivos capazes de oportunizar às juventudes se posicionarem diante do mundo, refletirem sobre sua conjuntura sócio-política, autoconhecerem e construírem seus repertórios de vida no engajamento militante ambientalista.

Os relatos dos jovens entrevistados dão pistas de que entre os seus processos de socialização e o engajamento na militância ambiental existe a marca identitária de como cada jovem internaliza e externaliza a transmissão de aprendizagens, condutas, posturas e percepções adquiridas por meio da família, escola, faculdade e grupos de amigos. É nessa construção entre o mundo interior e o exterior que os jovens ambientalistas recriam, reinventam, redimensionam e “repolitizam” a conjuntura e dinâmica social, política, cultural, tecnológica, ambiental e econômica. Isso, por sua vez, faz com que a socialização e o engajamento sejam categorias flexíveis e maleáveis à medida que são vivenciados e construídos pelos sujeitos de diferentes formas e perspectivas.

As interrelações entre as categorias socialização política e engajamento militante podem ser percebidas nas narrativas dos jovens como fatores estruturantes da construção e legitimidade dos “eus ecológicos juvenis” oriundos dos efeitos dos múltiplos processos de socialização que os motivaram a militarem em formas de atuação diferenciadas de engajamento nos grupos, movimentos, coletivos ou organizações ambientalistas.

Por conseguinte, têm-se jovens que se identificam com os movimentos de rua, outros com ações de conscientização em espaços formais de educação, outros com protestos contra empresas, outros se engajam nas intervenções contra propostas governamentais e outros com as melhorias da agricultura no campo; de maneira que os jovens estabelecem conexões entre seus engajamentos na militância ambientalista e as socializações que atravessam seus percursos às disposições para tal engajamento, como as relações familiares, escolares, atividades acadêmicas, grupos de amigos e participação em eventos, que os constituíram como sujeitos ecológicos.

A constituição dos sujeitos ecológicos figura nas narrativas dos jovens como o resultado dos diferentes fatores e aspectos de socialização que, em seu conjunto, concorrem e corroboram para a aquisição de valores ao mesmo tempo em que solicitam dos jovens novas posturas, comportamentos e práticas, tendo em vista o próprio dinamismo das sociedades que conferem certa plasticidade à atuação juvenil nas várias facetas que interceptam seus cenários sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.

Desse modo, a análise acerca dos processos de socialização que ritualizam as disposições seminais da juventude ao engajamento na militância ambientalista trazem à tona aspectos pertinentes à própria condição juvenil nos movimentos ambientalistas como aqueles relacionados à construção de identidades, sentimento de pertença ao grupo, produção de sentidos e significados atribuídos aos seus repertórios de vida dentro dos movimentos, formação de grupos de sociabilidades que, além de fortalecer os laços e vínculos de participação social, têm como finalidade a concretização de ideais, perspectivas, ideias e estratégias de participação política na vida pública.

Os processos de socialização pelos quais transitaram e transitam os jovens ambientalistas não apenas se configuram como espaços de transmissão de valores, posturas e conhecimentos que podem influenciar nas escolhas e decisões juvenis, como também possibilitam a sua efetiva participação na vida pública, onde se constroem enquanto sujeitos políticos, sociais, de direitos e deveres, e ao mesmo protestam a favor dos mecanismos de inclusão que, historicamente, lhes são sonogados. Por isso, em virtude da proximidade entre suas trajetórias de socialização e o engajamento em questões ambientais, é possível perceber nas

narrativas dos jovens o quanto as organizações e movimentos ambientalistas são para os jovens espaços e tempos de convívio e construção de sociabilidades, onde produzem e trocam conhecimentos, informações, ideias, saberes e colocam em prática estratégias de atuação ambientalista, visando a efetividade da justiça e sustentabilidade ambientais, bem como a legitimidade dos sentidos da luta ambientalista no terreno do engajamento militante juvenil.

Importante destacar que, na concepção dos jovens, os grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas exercem um papel fundamental no reforço, estímulos e estruturação das suas disposições ao engajamento militante, uma vez que esses espaços se constituem como comunidades de práticas, onde os jovens formam suas identidades e produzem significados para suas vidas na esfera individual e coletiva, na atuação da vida privada e da vida pública (GONÇALVES, 2010).

Desse modo, entende-se que os processos de socialização pelos quais os jovens passaram são matriciais nas disposições aos seus percursos no engajamento militante ambientalista, desde as interações e aprendizagens advindas do meio familiar e escolar àqueles ocorridos pelos contatos com grupos ambientalistas, bem como pela via das relações de sociabilidades construídas com outros jovens ambientalistas que fomentaram as primeiras aproximações com o universo do engajamento na militância ambiental.

Nas narrativas juvenis percebe-se que os processos de socialização que maior incidiram nas suas disposições ao engajamento se constituem, também, como portas de entrada aos processos de sociabilidades e de atuação política, visto que meio ambiente é compreendido como campo de lutas, desafios, interesses, conflitos e representações que expressam sua natureza política, social, ética, cultural e econômica.

Partindo dessa premissa é que, durante toda a dissertação, buscou-se trazer os relatos dos jovens a fim de perceber que elementos de socialização estimulam e, ao mesmo tempo, atuam como dispositivos promotores do engajamento juvenil na militância ambiental, compreendendo esses jovens como sujeitos em potencial para o engajamento militante. Os percursos dos jovens entrevistados reforçam a relevância do debruçar sobre suas experiências enquanto campo propício à compreensão de como através do engajamento e da militância, a partir da bandeira

ambientalista, os jovens constroem ações e estratégias políticas, assim como se autoconstroem como sujeitos políticos, sociais e ecológicos.

Neste sentido, observa-se que socializar politicamente não é uma ação que se encerra na simples ou complexa transmissão de condutas, saberes, experiências e comportamentos, visto que seus efeitos não são estáticos, fixos e imutáveis. É preciso refletir que sentidos e significados têm os processos de socialização nos movimentos e dinâmicas sociopolíticas criadas a partir do momento em que os jovens entram em cena na vida pública.

No tocante às impressões adquiridas e construídas antes, durante e depois da trajetória teórico-metodológica que estrutura este trabalho, é preciso dizer que o processo de pesquisa – especialmente quando se fundamenta em narrativas – se constitui como experiência e construção de sentidos e significados para a minha vida de pesquisador; sendo assim, conforme salienta Larrosa (2011), a experiência é o que nos passa, nos atravessa e nos toca. E esse processo de experiência não se dá de maneira diferente quando nos referimos ao percurso de realização de uma pesquisa acadêmica, visto que – desde os primeiros contatos – sujeitos e pesquisadores são impelidos a revisitarem seus conceitos, pré-conceitos, concepções e formas de ver o mundo em suas múltiplas relações, leituras e interpretações.

Essa percepção leva-nos a acreditar que pesquisa, experiência e trajetórias de vida estão, constantemente, interligadas e dialogam, que constroem e reconstroem pesquisadores e sujeitos da pesquisa. Por questões metodológicas e temporais, pode-se findar uma pesquisa. Mas, ela se prolonga pelos novos questionamentos, saberes e provocações que dinamiza a intensidade e o pulsar da vida por outros caminhos e novos horizontes.

Por isso, torna-se importante destacar que o envolvimento com os sujeitos desta pesquisa e o debruçar sobre as narrativas juvenis na busca pelos processos de socialização que, em linhas gerais, atuam como dispositivos ao engajamento juvenil na militância ambiental implicaram, também, na percepção de que há necessidade de maior reflexão e discussão sobre o engajamento juvenil de natureza política. Ou seja, embora a centralidade dessa pesquisa esteja nos processos de socialização política presentes nas linhas das narrativas orais, as entrelinhas – por sua vez – trazem à tona a necessidade de refletir sobre o engajamento político

juvenil, visto que nos relatos da maioria dos jovens aparece a ideia de engajamento muito mais voltada para ações como limpeza de praias e ruas, conscientização via palestras sobre educação ambiental, ações de captação de recursos para as organizações ambientais, relação entre economia financeira e meio ambiente.

Muitos dos relatos levam ao entendimento de que apenas as ações realizadas em suas comunidades são suficientes para reverter e amenizar as problemáticas ambientais. Elas são importantes, mas não são suficientes, porque não dependem apenas das ações humanas no dia-a-dia. As problemáticas ambientais estão inseridas num contexto complexo e a reversão desse cenário depende, também, de uma atuação mais incisiva no campo político institucionalizado.

Por outro lado, e de igual importância, os aspectos de enfrentamento político institucional no que tange à atuação dentro dos espaços governamentais, a fim de questionar a construção de políticas públicas para as problemáticas ambientais, enquanto questões de ordem coletiva e de compromisso das esferas sociais aparecem raríssimas vezes nos relatos dos jovens. De um modo geral e não menos importante, o engajamento político dos jovens ambientalistas está mais centrado no mundo local, ou seja, os jovens estão mais engajados em ações desenvolvidas dentro das suas comunidades por meio das organizações, grupos, coletivos e movimentos ambientalistas.

Essas ações são interessantes e plausíveis, no entanto há que se pensar na continuidade e ampliação delas no campo do engajamento político-institucional, a fim de que as estruturas das políticas públicas – muitas vezes, contrárias às lutas juvenis em suas comunidades – sejam questionadas e colocadas em xeque para que as lutas dos jovens ambientalistas ganhem visibilidade e legitimidade, tornando-se canais de transformações locais e globais.

Para se pensar a natureza política do engajamento juvenil, a princípio desenvolvido apenas nos espaços das comunidades e do engajamento numa perspectiva institucionalizada, pode-se citar a história de Chico Mendes, cuja juventude foi engajada pelas problemáticas ambientais, passando a ser considerado um dos ambientalistas mais influentes da sua época, principalmente pelo fato de que rompeu com as lutas fechadas à realidade da comunidade em que vivia e deu seguimento à sua militância nos debates e projetos internacionais, deixando um legado que serve de inspiração ao engajamento político não limitado às pequenas

ações e ao entorno das lutas locais (MILANEZ, 2013). A história de Chico Mendes chama a atenção que é preciso colocar na agenda dos movimentos ambientalistas a natureza e poder presente no engajamento político institucionalizado, capaz de trazer às pautas nacionais e internacionais a função social, política, cultural, econômica e ideológica do meio ambiente.

Grosso modo, percebe-se o engajamento político como característica marcante nas narrativas dos jovens membros do Engajamundo. Para eles, o engajamento militante ambiental está além da ideia de jogar o lixo no local adequado, de fazer palestras nas escolas sobre educação ambiental, de desenvolver projetos ou campanhas sem dar o enfoque maior nas questões políticas e governamentais que sustentam e, por vezes, delas dependem para que os objetivos das organizações, coletivos, grupos e movimentos ambientalistas sejam alcançados e sejam ampliados da perspectiva local para a global.

As narrativas dos jovens participantes, especialmente do Greenpeace, GAASB, GAAJE e Partido Verde, por exemplo, colocam em evidência que, apesar de estarem engajados na militância ambiental, a maioria dos jovens se sente limitada quando se trata de engajar-se politicamente, em especial – segundo eles – pelo fato de muitas organizações, coletivos, grupos e movimentos ambientalistas terem se rendido à lógica capitalista e, além disso, muitos coordenadores (geralmente, adultos) de organizações ambientalistas foram cooptados por empresas e sistemas governamentais que, na maioria das vezes, “compram” o silêncio das organizações e, conseqüentemente, reverbera-se no movimento, liberdade, participação e direito de fala dos jovens.

Por isso, presumo que pelo fato do Engajamundo ser constituído de jovens para jovens e se pautar – até o presente momento – como uma organização que possui maior liberdade e participação nos debates com as esferas públicas e privadas (governos e empresas) sobre as problemáticas ambientais, o engajamento político seja uma categoria mais fortemente percebida nas narrativas dos jovens do Engajamundo.

Portanto, a experiência oriunda do contato com os sujeitos desta pesquisa e a partir da problemática que a tece, chega-se ao indicativo de que, dentro da ramificação de engajamentos, é importante refletir sobre o engajamento político juvenil no sentido de transpor a superficialidade da sua natureza ou não confundi-la



como presença de estratégias e ações deslocadas do universo ideológico e do enfrentamento governamental no que tange às questões ambientais. Além disso, a devida e profunda análise dessa categoria, especialmente atrelada ao engajamento militante juvenil nos movimentos ambientalistas, pode ser uma ponte de reforço para reconhecer tanto o potencial quanto o caráter mobilizador e transformador da juventude, deslocando-se do engajamento militante desenvolvido em suas comunidades (que não deixa de ser um ato político) para a inserção mais ativa e efetiva no engajamento político institucionalizado; visto que os jovens ambientalistas não são sujeitos passivos e imunes às políticas institucionais.

## REFERÊNCIAS

ABAD, José Miguel. Crise de gerações. In: **Onda jovem**. Sujeito de direitos: em busca da afirmação de sua identidade e de seus direitos, os jovens experimentam novas formas de participação social, ano I, n. 3, nov. 2005, p. 28-29.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 73-90. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&category\\_slug=documentos-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 04 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude**. Brasília: SNJ, 2014.

ALMEIDA, Renato Souza de. **Participação política, quando o jovem entra em cena**. 2008. Disponível em: <<http://www.conteudoseducar.com.br/conteudos/arquivos/3951.pdf>> Acesso em: 02 set. 2016

ALVES, Henrique Eduardo. **Estatuto da juventude: Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

ÀRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nassetti. 2007.

AZEVEDO, Fausto A. Ainda uma vez a ética e a ética ambiental. In: **Revista Intertox de toxicologia, risco ambiental e sociedade**, vol. 3, n. 2, mar./jun., 2010. Disponível em: <<http://www.intertox.com.br/documentos/v3n2/rev-v03-n02-01.pdf>> Acesso em: 15 ago. 2016.

BATTESTIN, Cláudia. **Ética e educação ambiental: considerações filosóficas**. 2008. 44 p. Monografia (Especialização em Educação Ambiental). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM- RS).

BATISTA, Natália Lampert; BECKER, Léia Spode Becker; CASSOL, Roberto Cassol. Um breve olhar sobre o Programa Nacional de Juventude e Meio Ambiente. In: **GeoTextos**, vol. 11, n. 1, julho 2015, p. 167-192.

BENEVIDES, Patrícia. **Sustentabilidade muda o mundo**. 2010. Disponível em: <<http://cienciaparaavida.blogspot.com.br/2010/09/feira-de-ciencias-da-epom-210.html>> Acesso em: 15 mar. 2016.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOLÍVAR, Antonia Botia. “¿De nobis ipsis silemus?”: epistemología de la investigación biográfica co-narrativa en educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, México, v. 4, n. 1, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é uma palavra. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, 2012.

\_\_\_\_\_. **Juventude, cidadania e meio ambiente**: subsídios para elaboração de políticas públicas. Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. Brasília: Unesco, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)> Acesso em: 16 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Educação ambiental – Política Nacional de Educação. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm)> Acesso em: 12 mar. 2016.

BRENNER, Ana Karina. Jovens e militância política. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.

\_\_\_\_\_. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários. 2011. 307 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação.

BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CANANÉA, F. A. Gestão Educacional e Protagonismo juvenil: participação e identidade na escola que deseja reencantar. In: CANANÉA, Fernando Abath (Org.). **Diálogos Educacionais Contemporâneos**. João Pessoa, PB: Inprell, 2012.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CARR, Nicholas. **Os superficiais**: que a internet está fazendo com os nossos cérebros? São Paulo: Ediouro, 2011.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (Orgs.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. In: **O social em questão**. Ano XV, n. 27, p. 83-100. 2012.

Disponível em: <[http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27\\_Carrano1.pdf](http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27_Carrano1.pdf)> Acesso em: 25 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. In: VIEIRA, Maria Manuel et al (Orgs.). **Habitar a escola e as suas margens: geografias plurais em confronto**. Porto Alegre: Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Educação, 2013.

CARRANO, Paulo. BRENNER, Ana Karina. Formas e conteúdos da participação de jovens na vida pública. In: **Revista Proposta – Fase**. Juventude: a arte de poder, jan./mar. 2008, ano 32, n. 115, p. 66-71. Disponível em: <<http://fase.org.br/wp-content/uploads/2008/03/proposta-115-final.pdf>> Acesso em: 04 ago. 2016

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

\_\_\_\_\_. Ambientalismo e juventude. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 53-74.

CASTRO, Lucia Rabello de. Juventude e Socialização Política: Atualizando o Debate. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, out./dez. 2009, Vol. 25 n. 4, p. 479-487. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n4/a03v25n4.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2016

\_\_\_\_\_. Os jovens podem falar? Sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Moreira (Orgs.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011, p. 299-324.

\_\_\_\_\_. **Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum**. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v16n30/15.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2016.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas**. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CRUZ, Daniel; SILVA, Fabiano. Geração Sustentável. In: **Jornal Iene Acontece: geração sustentável – conceito de sustentabilidade ganha força**. Ano I, 2. ed., out./nov. 2010.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 19 ago. 2016

\_\_\_\_\_. A juventude e suas escolhas: as relações entre projeto de vida e escola. In: VIEIRA, Maria Manuel et al (Orgs.). **Habitar a escola e as suas margens**: geografias plurais em confronto. Porto Alegre: Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Educação, 2013.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. In: **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 155-176. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&category\\_slug=documentos-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 04 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Por uma pedagogia da juventude**. 2013. Disponível em: <[http://aic.org.br/wp-content/uploads/2013/11/por-uma-pedagogia-da-juventude\\_juarez-dayrell.pdf](http://aic.org.br/wp-content/uploads/2013/11/por-uma-pedagogia-da-juventude_juarez-dayrell.pdf)> Acesso em: 01 dez. 2015.

DAYRELL, Juarez; CARROCHANO, Maria Carla. Juventude, socialização e transição para a vida adulta. In: GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; SOUSA, Sônia M. Gomes (Org.). **Juventude e contemporaneidade**: desafios e perspectivas. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos; Goiânia: Ed. UCG; Cênone Editorial, 2009, p. 119-136.

DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Moreira (Orgs.). **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana Costa, da. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Revista Paidéia**, 2007, p. 21-32.

DIAS, Michael; CALLAHAN, Brendan. Youth Activism: Considering Higher Ground. In: MULLER, Michael P.; TIPPINS, Deborah J. (Eds.). **EcoJustice, Citizen Science and Youth Activism**: Situated Tensions for Science Education. Springer, 2014.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Trad. Andrea Stahel da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Felipe da Silva. Do “jovem problema” ao “sujeitos de direitos”:  
apontamentos sobre a relação entre juventude e políticas públicas de segurança (2003 – 2013). In: MINGARDI, Guaracy (Org.). **Política de segurança**: os desafios de uma reforma. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2013, p. 57 – 70.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. **Sociologia dos movimentos sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

- GONÇALVES, Paulo Marco de Campos. “**Anticorpos de Gaia no encontro das águas**”: trajetórias de aprendizagens de jovens nas trilhas do ambientalismo. 2010. 274 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação.
- GONZALES, Zuleika Köhler. **Protagonismo**: formas de governo da população juvenil. 2007. 91 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Faculdade de Psicologia, Porto Alegre.
- GOODSON, Ivor; GILL, Scherto. Métodos de história de vida e narrativa. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (Orgs.). **Teoria e Métodos de Pesquisa Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- GRÜN, Mauro. A Pesquisa em Ética na Educação Ambiental. In: **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 2, n. 1, p. 185-206, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pea/article/viewFile/30025/31912>> Acesso em: 07 ago. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Ética e educação ambiental**: a conexão necessária. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- HARVEY, David et al. Os rebeldes na rua. **Movimentos de protestos que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, mar. 2003, p.189-205. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2016.
- \_\_\_\_\_. Educar na sociedade de risco: o desafio de construir alternativas. In: **Pesquisa em educação ambiental**. UFSCar – São Carlos e Sorocaba, UNESP – Rio Claro e USP – Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 49-65, jul./dez. 2007.
- JANKE, Nadja; TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Produção coletiva de conhecimentos sobre qualidade de vida: por uma educação ambiental participativa e emancipatória. In: **Ciência e Educação**, Bauru: UNESP, v. 14, n. 1, p. 147-157, jan./abr. 2008.
- JUNGES, José Roque. **(Bio)Ética Ambiental**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2010.
- KONDRAT, Hebert; MACIEL, Maria Delourdes Maciel. Educação ambiental para a escola básica: contribuições para o desenvolvimento da cidadania e da sustentabilidade. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 55 out.-dez. 2013, p. 825-1058.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. In: **Reflexão & Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011.
- LEÃO, Geraldo. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Moreira (Orgs.). **Juventudes**

**contemporâneas:** um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011, p. 99-116.

LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura:** a territorialização da racionalidade ambiental. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia ambiental.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Racionalidade ambiental:** a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. **Saber Ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens:** da antiguidade à era moderna. V. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Educação ambiental no Brasil:** formação, identidades e desafios. Campinas, SP: Papirus, 2011.

LOPES, Jorge Antônio; COSTA, Elisson Pereira da. **Ética e educação ambiental.** 2014. Disponível em:

<<http://www.esdc.com.br/seer/index.php/rbdc/article/viewFile/18/19>> Acesso em: 10 ago. 2016.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 131-152, jan./abr. 2006.

MACHADO, Carlos José Saldanha. **Desenvolvimento sustentável para o antropoceno:** um olhar panorâmico. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2014.

MARÇAL, Cristiane Ramos de Matos. **Um estudo de socialização política:** jovens e suas noções de democracia e cidadania. 2004, 51 p. Monografia (Bacharel em Psicologia). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.

MAURER, Sophie. **Ecole, famille et politique:** socialisations politiques et apprentissage de la citoyenneté. Bilan de recherches em science politique. Dossier d'Etude n° 16, 2000. Disponível em:

<[https://www.caf.fr/sites/default/files/cnaf/dossier\\_16\\_-\\_socialisation.pdf](https://www.caf.fr/sites/default/files/cnaf/dossier_16_-_socialisation.pdf)> Acesso em: 12 jan. 2016

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente:** movimentos sociais nas sociedades complexas. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O jogo do Eu:** a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2004.

MILANEZ, Felipe. 25 anos sem Chico Mendes. In: Carta Capital, dez./2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-milanez/25-anos-sem-chico-mendes-1140.html>> Acesso em: 17 ago. 2016

NALINI, José Renato. **Ética ambiental**. 3. ed. Campinas: Millenium, 2010.

NAZZARI, Rosana Katia. **Capital social e socialização política dos jovens no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/21003674-Capital-social-e-socializacao-politica-dos-jovens-no-brasil.html>> Acesso em: 05 set. 2016

NOVAES, Regina. **A juventude de hoje:** (re) invenções da participação social. 2005. Disponível em: <[http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/a\\_juventude\\_hoje.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/a_juventude_hoje.pdf)> Acesso em: 12 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **As juventudes e a luta por direitos**. 2012. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1285>> Acesso em: 05 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Juventude e sociedade:** jogos de espelhos – sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. 2011. Disponível em: <<http://antropologia.com.br/arti/colab/a38-rnovaes.pdf>> Acesso em: 31 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Juventudes urbanas: o que podemos fazer juntos?. In: **Le Monde Diplomatique Brasil**. 100. ed., edição especial, nov. 2015. Disponível em: <[http://www.diplomatique.org.br/edicoes\\_especiais\\_artigo.php?id=134](http://www.diplomatique.org.br/edicoes_especiais_artigo.php?id=134)> Acesso em: 28 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Nada será como antes:** notícias das juventudes sul-americanas. 2007. Disponível em: <[http://www.inesc.org.br/biblioteca/publicacoes/outras-publicacoes/social-watch-2007/Social%20Watch%20%202007%20nada%20-%20Regina%20Novaes.pdf/at\\_download/file](http://www.inesc.org.br/biblioteca/publicacoes/outras-publicacoes/social-watch-2007/Social%20Watch%20%202007%20nada%20-%20Regina%20Novaes.pdf/at_download/file)> Acesso em: 17 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens:** novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PAIS, José Machado. A Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.18, n.3, p.371-381, 2009.

\_\_\_\_\_. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999.

\_\_\_\_\_. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens:** novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PAIVA, Angela Randolpho (Org.). **Juventude, cultura cívica e cidadania**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.



- PELIZZOLI, Marcelo L. **A emergência do paradigma ecológico: reflexões ético-filosóficas para o século XXI**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 13-28. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&category\\_slug=documentos-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 04 nov. 2015.
- PERONDI, Maurício. Experiências de participação social de jovens e sentidos atribuídos às suas vidas. In: **37ª Reunião Nacional da ANPEd**. 2015. UFSC, Florianópolis. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/pastoral/downloads/formacao/observatorio/perondi\\_1.pdf](http://www.pucrs.br/pastoral/downloads/formacao/observatorio/perondi_1.pdf)> Acesso em: 24 mai. 2016.
- RABELO, Amanda Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, jan./mar. 2011.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Territórios jovens: técnica e modos de vida. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. **Levante juventude, juventude é prá lutar: a relação entre esferas de vida e identidade na construção do engajamento juvenil**. 2009, 76 p. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre.
- SALEM, Tânia. Filhos do milagre. In: **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, v. 5, n. 25, jul.-ago. 1986, p. 30-36.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. O caos da desordem. In: **Folha de São Paulo**, ago./2011, Caderno Opinião, p. 03.
- SARTI, Cynthia Andersen. A Família como ordem simbólica. In: **Rev. Psicologia USP**, 2004, p. 11-28.
- SARTORI, Simone; Latrônico, Fernanda; CAMPOS, Lucila. **Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma taxonomia no campo da literatura**. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n1/v17n1a02.pdf>> Acesso em: 04 ago. 2016.
- SCHMIDT, João Pedro. Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.
- SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. In: **Proposições**, Campinas, v. 20, n. 02, p. 21-39, mai./ago. 2009.

\_\_\_\_\_. Engajamento e investimentos militantes: elementos para discussão. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.2 8, n.1, p. 107-116, jan./jun. 2002.

SILVA, Roselani Sodr e da; SILVA, Vini Rabassa da. Política nacional de juventude: trajetória e desafios. In: **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011.

SILVA, Sandro Luiz da. A  tica das virtudes de Aristóteles. 2008, 78 p. Disserta o (Mestrado em Filosofia). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

SIQUEIRA, Josaf  Carlos de. ** tica e meio ambiente**. 2. ed. São Paulo: Edi es Loyola, 2002.

SOBRINHO, André Luiz da Silva. **“Jovens de projetos” nas ONGs: olhares e vivências entre o engajamento político e o trabalho no “social”**. 2012, 115 p. Disserta o (Mestrado em Educa o). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel. Políticas de Educa o Ambiental do  rg o Gestor. In: MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educa o ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educa o, Coordena o Geral de Educa o Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educa o Ambiental: UNESCO, 2007.

SOUSA, Cirlene; LEÃO, Geraldo; PINTO, Manuel. A tessitura do processo de midiataza o: a intera o entre juventude, m dia e escola. In: Pinto-Coelho, Z. & Fidalgo, J. (eds) (2013) **Comunica o e Cultura: II Jornada de Doutorandos em Ciências da Comunica o e Estudos Culturais**. Centro de Estudos de Comunica o e Sociedade, Universidade do Minho.

SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil. **Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites**.  ltima década. [online]. 2004, vol.12, n.20, pp. 47-69. ISSN 0718-2236.

SOUZA, Patrícia L nes Araújo de. Jovens e participa o no Brasil: para além das políticas públicas. In: FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Jorge Atilio Silva (Orgs.). **O tempo real dos jovens: juventude como experiência acumulada**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. 2006. 351 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SOUZA, Vanessa Marcondes. Para o mercado ou para a cidadania? A educa o ambiental nas institui es públicas de ensino superior no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educa o**, v. 21, n. 64, jan./mar 2016, p. 121-142.

SPOSITO, Marília Pontes (Org). **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/Inep/ Comped, 2002. Disponível em:  
<[http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/juventude\\_escolarizacao\\_n7\\_0.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/juventude_escolarizacao_n7_0.pdf)>  
Acesso em: 09 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Ação coletiva, jovens e engajamento militante. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**, Set /Out /Nov /Dez 2003, n. 24, p. 16-39.

TEIXEIRA, Ana Cláudia. Até onde vai a participação cidadã?. In: **Le Monde Diplomatique Brasil**, ano 2, n. 7, fev. 2008. Disponível em:  
<<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=132>> Acesso em: 22 abr. 2016.

TOMMASI, Livia de. Jovens brasileiros, espaços e tempos de participação política. In: **Debate – juventudes em rede: jovens produzindo educação, trabalho e cultura**. 2007, p. 12-19. Disponível em:  
<<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/155927juventudesemred.pdf>> Acesso em: 28 ago. 2016

TOURAINÉ, Alain. **Pensar outramente o discurso interpretativo dominante**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRISTÃO, Martha. Uma abordagem filosófica da pesquisa em educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 55, out.-dez. 2013, p. 847-1059. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n55/03.pdf>> Acesso em: 26 fev. 2016.

VIANA, Nildo. Juventude e identidade. In: **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 1/2, p. 145-154, jan./fev. 2009.

WOLKMER, Maria de Fátima Schumacher; PAULITSCH, Nicole da Silva. **Ética ambiental e crise ecológica: reflexões necessárias em busca da sustentabilidade**. 2011. Disponível em:  
<<http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/222>> Acesso em: 06 ago. 2016.

## APÊNDICES



## APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS**  
Departamento de Educação – DEDU  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você para participar da Pesquisa de Mestrado *“Juventude e Meio Ambiente: narrativas de jovens ambientalistas do estado da Bahia”*, sob a responsabilidade do pesquisador Hélio Souza de Cristo, a qual pretende conhecer e analisar narrativas de jovens baianos engajados em movimentos ambientalistas, levando em consideração as motivações que os impulsionam a se envolverem com questões e ações ambientalistas.

Sua participação é voluntária e se dará em duas etapas: primeiro, por meio da aplicação de questionários do perfil socioeconômico e segundo, por meio da realização de entrevistas. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a produção de pesquisa acadêmica, numa perspectiva teórico-prática, das relações entre juventude e meio ambiente – em especial no que se refere ao engajamento de jovens em grupos, coletivos, movimentos ou organizações ambientalistas.

Se depois de consentir em sua participação, você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da produção dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo, caso não autorize o uso do seu nome na pesquisa e, desse modo, será utilizado nomes fictícios. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço eletrônico [helio-87@hotmail.com](mailto:helio-87@hotmail.com), pelo telefone (75) 99921-8611, ou poderá entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, UEFS, na Avenida Transnordestina, s/n, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana-Bahia-Brasil, tel.: (75) 3161- 8871

## **Consentimento Pós-Informação**

Eu, \_\_\_\_\_,  
fui informado/a sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha  
colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da  
pesquisa, sabendo que minha participação é voluntária e que posso sair quando  
quiser. Além disso, ( ) autorizo ( ) não autorizo o uso e a divulgação do meu nome  
no trabalho escrito. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas  
assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável

## APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DE PERFIL SOCIOECONÔMICO



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS**

Departamento de Educação – DEDU

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

### QUESTIONÁRIO DE PERFIL SOCIOECONÔMICO

**ATENÇÃO:** Prezado (a), este questionário tem como objetivo conhecer os aspectos socioeconômicos que caracterizam os sujeitos engajados em questões ambientais tem como objetivo a obtenção de informações para a pesquisa de Mestrado do estudante Hélio Souza de Cristo - “Juventude e Meio Ambiente: narrativas de jovens ambientalistas do estado da Bahia”. Por isso, a veracidade das respostas e a devolução deste questionário são necessárias e indispensáveis para o levantamento de dados, execução e qualidade da pesquisa em curso.

#### DADOS PESSOAIS

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

3. Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

4. Idade: \_\_\_\_\_

5. Endereço: \_\_\_\_\_

6. Como você se considera:

( ) Branco(a) ( ) Pardo(a) ( ) Mulato (a) ( ) Negro(a) ( ) Amarelo (a)

( ) Indígena ( ) Outro: \_\_\_\_\_

7. Qual seu estado civil?

( ) Solteiro (a)

( ) Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a)

( ) União estável

( ) Separado (a) / divorciado (a)/ Desquitado (a)

( ) Viúvo (a)

( ) União estável

8. Escolaridade:

( ) Ensino Fundamental Incompleto

( ) Ensino Superior Incompleto

( ) Ensino Fundamental Completo

( ) Ensino Superior Completo

( ) Ensino Médio Incompleto

( ) Pós-Graduação

( ) Ensino Médio Completo

Se curso de graduação, qual? \_\_\_\_\_

9. Onde você nasceu? \_\_\_\_\_



**10.** Onde e como você mora atualmente?

- Em casa ou apartamento, com sua família.
- Em casa ou apartamento, sozinho(a).
- Em casa ou apartamento, com cônjuge/companheiro(a).
- Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a).
- Em casa de outros familiares.
- Em casa de amigos.
- Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, república, etc.
- Outra situação, \_\_\_\_\_

**11.** A casa ou apt.º em que você reside é:

- Emprestada (o) ou cedida (o)
- Própria (o) em pagamento
- Alugada (o)
- Própria (o) já quitada (o)

**12.** Quem mora com você?

- Moro sozinho(a)
- Pai
- Mãe
- Esposa / marido / companheiro(a)
- Filho (a)
- Irmãos (ãs)
- Outros parentes
- Amigos (as) ou colegas

**13.** Você tem filhos?

- Sim
- Não

Em caso afirmativo, quantos filhos você tem? \_\_\_\_\_

**14.** Qual sua renda mensal individual?

- menos de um salário mínimo (menos de R\$ 880,00)
- entre 01 e 02 salários mínimos (até R\$ 1.760,00)
- de 02 até 03 salários mínimos (até R\$ 2.640,00)
- superior a 03 salários mínimos (superior a R\$ 2.640,00)

**15.** Qual o principal meio de transporte que você mais utiliza?

- a pé/carona/bicicleta
- transporte coletivo
- transporte escolar
- transporte próprio(carro/moto)

**16.** Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?

- Você trabalha e é independente financeiramente.
- Você trabalha, mas não é independente financeiramente.
- Você trabalha e é responsável pelo sustento da família.

**17.** Qualifique seu interesse pelos assuntos relacionados com o meio ambiente:

- a) Muito interessado
- b) Razoavelmente interessado
- c) Pouco interessado
- d) Nenhum interesse

**18.** A solução dos problemas ambientais, a seu ver, depende mais:

- a) Das pequenas ações de todos, no seu dia-a-dia
- b) Das decisões dos governos e das grandes empresas
- c) Não sei

**19.** Para você, ambientalismo é um movimento social?

- ( ) Sim            ( ) Não

**20.** Você participa de algum movimento ambientalista?

- ( ) Sim            ( ) Não

Em caso afirmativo, qual (ais)? \_\_\_\_\_

**21.** Você já participou/participa de alguma organização não-governamental (ONG)?

- ( ) Sim            ( ) Não

Em caso afirmativo, responda:

Qual? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo? \_\_\_\_\_ Onde? \_\_\_\_\_

**22.** Com qual idade você começou a participar de movimentos ambientalistas?

\_\_\_\_\_

**23.** De que maneira você participa desses movimentos?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**24.** Como você avalia a situação de degradação ambiental no Brasil e no mundo?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**25.** Para você, quais são os principais problemas ambientais da atualidade?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**26.** Você procura se informar sobre o que está acontecendo no mundo em relação ao meio ambiente? Se não, por quê? Se sim, de que maneira?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**27.** Desejaria continuar participando da pesquisa, no momento da entrevista?

- ( ) Sim            ( ) Não

**28.** Telefone: ( ) \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE C: TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS**  
Departamento de Educação – DEDU  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ**

Eu, \_\_\_\_\_,  
fui devidamente informado/a sobre os objetivos da pesquisa acadêmica desenvolvida por Hélio Souza de Cristo, tendo como foco o engajamento de jovens em movimentos ambientalistas. Estou ciente que a pesquisa “Juventude e Meio Ambiente: narrativas de jovens ambientalistas do estado da Bahia” faz parte do seu curso de mestrado na Universidade Estadual de Feira de Santana, iniciado em 2015 e com previsão para término em 2017.

Concordo em participar de entrevistas com gravação de voz, tendo ciência que minha fala abordará questões pertinentes à minha história de vida, a ideias pessoais e ao engajamento no movimento ou grupo ambientalistas.

Sei que tenho o direito de recusar esta permissão, assim como interromper a participação neste trabalho a qualquer tempo, sem prejuízos para mim. Fui informado que posso perguntar ao pesquisador sobre quaisquer questões acerca do projeto que fundamenta esta pesquisa e que tenho total liberdade para não responder a qualquer questão que desejar.

Portanto, quanto à privacidade das informações prestadas por meio das entrevistas, escolho (favor, assinalar uma alternativa):

- não permitir que a minha voz seja apresentada nos produtos dessa pesquisa.  
 permitir que a minha voz seja apresentada nos produtos dessa pesquisa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_  
(local) (dia) (mês) (ano)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante/declarante

## APÊNDICE D: ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS**

Departamento de Educação – DEDU

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Essa entrevista se constitui como parte da pesquisa acadêmica que está em andamento na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE. A entrevista tem como objetivo compreender questões relacionadas ao engajamento juvenil nos movimentos ambientalistas através da escuta, análise e estudo de suas narrativas correlacionadas às suas histórias de vida e suas visões sobre a imbricação da juventude na dinâmica dos movimentos ambientalistas.

1. Lembrando da sua vida desde a infância, quais os eventos/experiências você acha que motivaram a sua aproximação junto aos movimento ambientalistas? (Quando aconteceu? Qual significado teve para você? Que paisagens, ideias, pessoas, livros, filmes, aulas... estão relacionadas às suas experiências no movimento ambientalista?)
2. Qual sua história no movimento ambientalista?
3. Qual sua visão sobre os movimentos ambientalistas?
4. De que maneira você vê o engajamento e a militância juvenil nos movimentos ambientalistas? (relação entre os jovens/jovens e adultos)
5. Fale um pouco sobre o grupo ou movimento ambientalista que você faz parte.
6. Descreva uma experiência que você teve no movimento ambientalista que marcou sua vida. Por que marcou?
7. Com quais tipos de ações você mais se engaja dentro dos movimentos ambientalistas? Por quê?
8. Você se considera um jovem engajado? Por quê?
9. O que é ser jovem e ambientalista na atualidade?
10. Partindo de sua realidade, quais as principais dificuldades encontradas por um jovem ambientalista?
11. Existe relação entre o engajamento nos movimentos ambientalistas e seu projeto de vida? Se sim, qual? Se não, por quê?
12. Você acha que a participação política, o engajamento e a questão do exercício da cidadania têm reflexos na vida acadêmica, universitária e profissional do jovem? Quais?
13. Existe algo que gostaria de falar que não foi contemplado nas perguntas?